



# UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

## ***Colecionar na periferia.***

*Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana  
(1920-1996)*

**Maria Manuel Velásquez Ribeiro**

**Angra do Heroísmo**

**Dezembro de 2012**



# UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

## *Colecionar na periferia.*

*Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana  
(1920-1996)*

**Maria Manuel Velásquez Ribeiro**

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para obtenção do grau de Mestre em Museologia, Desenvolvimento e Património sob a orientação das Professoras Doutoradas Alice Semedo e Susana Goulart Costa

Angra do Heroísmo

Dezembro de 2012

Catálogo proposto

RIBEIRO, Maria Manuel Velásquez

Colecionar na periferia: Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana / Maria Manuel Velásquez Ribeiro; Alice Semedo (orientação); Susana Goulart Costa (co-orientação). – Ponta Delgada, Universidade dos Açores / Departamento de Filosofia, História e Ciências Sociais, 2012. – p. [dissertação de mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento]

Museologia / Património / Açores / Manuel Coelho Baptista de Lima / Museu de Angra do Heroísmo / Coleccionismo

CDU 069.8 (043)

## **Resumo**

A génese e as condições da formação de coleções privadas e o modo como foram /são documentadas e disponibilizadas ao público, no segundo e terceiro quartel de Novecentos, nos Açores, é o assunto desta dissertação.

O estudo do caso de Manuel Coelho Baptista de Lima, colecionador e diretor do Museu de Angra do Heroísmo durante mais de três décadas permitiu acompanhar os vários “andamentos” de um processo colecionístico: desde o contexto e o perfil do colecionador, às condições e características da coleção que constituiu; das práticas de incorporação de coleções privadas em organismos públicos às vicissitudes da gestão integrada de bens.

Na óptica do estudo do colecionismo privado assinala-se a modalidade das ligações à construção de um discurso identitário e à intenção de construção de uma memória regional dissonante do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, enquanto no âmbito da gestão dos acervos museológicos se propõe o tratamento de coleções complexas com valências tridimensionais, arquivísticas e bibliográficas à luz de um sistema de documentação e informação integrado e global assumindo o museu como centro produtor e propiciador da construção de conhecimento.

## **Palavras-chave**

Colecionismo/ Coleções e arquivos privados / Açores /  
Manuel Coelho Baptista de Lima / Sistemas de gestão da informação  
museológica

## **Abstrat**

The subject of this dissertation is the genesis and conditions of private collections constitution and how they were / are documented and exhibited to the public in the second half of the 19th century in the Azores.

The research on Manuel Coelho Baptista de Lima, collector and director of the Angra do Heroísmo Museum for more than three decades allowed to follow the different stages of a collecting process: from the collector’s context and profile, to the conditions and the nature of his collection; from the practices of private collections integration in public institutions to the difficulties of general management of patrimonial assets.

Through private collecting study, a regional identity and memory are shown as a dissonant regional ethnographic idea of the early twentieth century. As for museum management, a tridimensional treatment of complex collections is proposed, according to an integrated system of documentation and information, where the museum should have the role of the main producer, the knowledge build provider.

### **Keywords**

Colectionism / Private collections and archieves / Azores /  
Manuel Coelho Baptista de Lima / Integrated system of documentation in LAM

### **Résumé**

La genèse et les conditions de formation de collections privées et la façon dont ils étaient / sont documentés et accessibles au public dans la première moitié du 20ème, au Açores, est le sujet de cette dissertation.

L'étude du cas de Manuel Coelho Baptista de Lima, collectionneur et directeur du Musée d'Angra do Heroísmo pendant plus de trois décennies, a permis d'accompagner les différents mesures d'un procédé de collecte: d'après le contexte et le profil du collecteur, jusqu'à les conditions et les caractéristiques de la collection ; depuis les pratiques de l'intégration de collections privées dans les musées jusqu'à les difficultés de la gestion intégré de biens du patrimoine .

Du point de vue du collectionisme privée il est à notes l'intention de construire un certain discours de la mémoire régional mémoire régionale dans la première moitié du XXe siècle, alors que dans la gestion des collections des musées est proposé le traitement des collections complexes (avec des objects, biens archivistiques et bibliographiques) à la lumière d'un système de documentation et d'information intégré et en supposant le musée en tant que facilitateur de la construction des connaissances.

### **Mots- Clées**

Collectionisme / Collections et archives privées / Açores /  
Manuel Baptista Coelho de Lima / Systèmes de gestion d'information  
muséologique

## Agradecimentos

Embora um ato isolado e solitário cujo resultado é da nossa inteira responsabilidade, o investigar obriga-nos a construir cumplicidades, a estabelecer interações, a criar uma rede de recursos a quem, no fim, é imperioso que se agradeça.

Primeiro, ao próprio objeto desta dissertação, o Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima que, na sua existência controversa, paradoxal, tortuosa e sedutoramente tirânica soube ter a capacidade de sonhar e a tenacidade para construir o sonhado – que é para nós, atualmente, a grandiosa realidade que está à espera de novos sonhos.

À Professora Doutora Alice Semedo, orientadora científica desta tese que, sem me conhecer, se disponibilizou de imediato para me iniciar e orientar, com o seu imenso saber, por opções temáticas e metodológicas adequadas ao meu objeto de estudo.

À Professora Doutora Susana Costa, coorientadora, a quem sempre recorri e me guiou nos árduos caminhos da burocracia académica, e revisora atenta dos conteúdos específicos relativos à história açoriana.

A todos os funcionários do Museu de Angra do Heroísmo, antigos e atuais, que me disponibilizaram tempo, informação e comentários, ou simplesmente me ouviram, particularmente Mariana Pinheiro, Maria Emília da Luz, Maria José Costa, Odete Brasil, Francisco Lima, Francisco Maduro-Dias, Heriberto Brasil, Norberto Bettencourt, Olívio Rocha e Paulo Lobão.

Aos diversos informantes a quem devo preciosa e generosa informação que me permitiu ter uma visão sobre aspetos impossíveis de obter por outra via:

Professores Doutores José Guilherme Reis Leite e  
José Manuel Machado Pires,  
Engenheiros Marcelo Bettencout e José Leal Armas,  
D. Conceição Silva, Srs. Carlos Oliveira e Luís de Melo.

Aos meus pais e à minha irmã,  
ao Eduardo, ao Guilherme e ao Manuel  
por tantas coisas indizíveis.

## Acrónimos e siglas utilizados

<b>AAQ</b>	Association des Archivistes du Québec
<b>APOM</b>	Associação Portuguesa de Museologia
<b>BAD</b>	Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
<b>BL</b>	Baptista de Lima (Dr. Manuel Coelho)
<b>BPARAH</b>	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo
<b>BPARPDI</b>	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
<b>CECRA</b>	Centro de Estudos, Conservação e Restauro dos Açores
<b>CECROA</b>	Centro de Estudo, Conservação e Restauro de Obras de Arte dos Açores
<b>CIDOC</b>	International Committee for Documentation
<b>CMAH</b>	Câmara Municipal de Angra do Heroísmo
<b>DGEMN</b>	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
<b>DGESBA</b>	Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes
<b>FCG</b>	Fundação Calouste Gulbenkian
<b>IAC</b>	Instituto de Alta Cultura
<b>IAC (2)</b>	Instituto Açoriano de Cultura
<b>ICOM</b>	International Council of Museums
<b>ICOMOS</b>	International Council on Monuments and Sites
<b>ICPDI</b>	Instituto Cultural de Ponta Delgada
<b>IFLA</b>	International Federation of Library Associations and Institutions
<b>IPPC</b>	Instituto Português do Património Cultural
<b>IHIT</b>	Instituto Histórico da Ilha Terceira
<b>LAM</b>	Libraries, Archives and Museums
<b>MAH</b>	Museu de Angra do Heroísmo
<b>MCM</b>	Museu Carlos Machado (Ponta Delgada)
<b>SAA</b>	Society of American Archivists
<b>SE</b>	Serviço Educativo
<b>SREC / DRAC</b>	Secretaria Regional da Educação e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais
<b>UAç</b>	Universidade dos Açores

*Mais n'espère rien de l'homme  
s'il travaille pour sa propre vie  
et non pour son éternité.*

Antoine de Saint-Exupéry. *Citadelle* – VI. 1948

## INDICE

<b>Índice de figuras</b> .....	12
<b>Índice de quadros</b> .....	14
<b>Prólogo</b> .....	15
<b>Introdução</b> .....	17
<b>Capítulo I</b>	
<b>Um retrato de grupo: colecionismo e colecionadores na 1ª metade do século XX açoriano</b> .....	33
1. O ambiente insular e as condições da defesa patrimonial .....	34
2. Colecionismo e colecionadores açorianos .....	41
3. Colecionadores, <i>marchands</i> e <i>connoisseurs</i> na Terceira .....	45
<b>Capítulo II</b>	
<b>Um retrato individual: Manuel Coelho Baptista de Lima</b> .....	48
4. Manuel Coelho Baptista de Lima : uma biografia incompleta .....	49
5. A produção escrita .....	83
<b>Capítulo III</b>	
<b>Sobrevivências e memórias de um processo colecionístico</b> .....	89
6. Do colecionado.....	90
7. Da forma de colecionar .....	97
<b>Capítulo IV</b>	
<b>Uma coleção privada no museu: o caso BL e o MAH</b> .....	113
6. A Coleção BL no MAH: peregrinações .....	114
7. Os museus como sistema de informação .....	117
<b>Considerações finais</b> .....	125
<b>Quadros</b> .....	128
<b>Apêndices</b> .....	143
Apêndice 1: Manuel Coelho Baptista de Lima: dados biográficos (1920-1996) .....	144
Apêndice 2: Composição da delegação portuguesa à Conferência Geral do ICOM/1974.....	156

Apêndice 3: Manuel Coelho Baptista de Lima: produção escrita (1944 - 1996).....	157
Apêndice 4: Roteiro da coleção Baptista de Lima e dos seus espaços.....	168
Apêndice 5: Sistema de classificação de coleções do MAH (1966 – 1982)...	179
Apêndice 6: Bens doados por Manuel Baptista de Lima ao MAH .....	180
Apêndice 7: Bens depositados por Manuel Baptista de Lima no MAH.....	182
Apêndice 8: Guião de entrevistas .....	183
Apêndice 9: Ficha de identificação de informantes.....	185
Apêndice 10: Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista .....	193
Apêndice 11: CD contendo gravação de entrevistas.....	200
Apêndice 12: Proposta de Programa Museológico para o núcleo de História Militar Dr. Baptista de Lima.....	201
<b>Anexos</b> .....	216
Anexo 1 – Transcrição do Inquérito do IHIT .....	217
Anexo 2 - Documentação do Curso de História de Arte.....	220
<b>Fontes e Bibliografia</b> .....	221



## Índice de figuras

Figuras 1- Carta – resposta das professoras da vila de S. Sebastião ao inquérito do IHIT .....	19
Figura 2 – Caderno “ Relação dos objectos do museu Etnográfico e seus possuidores” .....	20
Figura 3 e 4 - Aspeto de algumas salas do MAH na inauguração da primeira exposição, 1957.....	21
Figura 5 – Relatório apresentado por Luís Ribeiro à Junta Geral em 1940, com a planificação e o regulamento para um museu em Angra do Heroísmo .....	39
Figura 6 – Anúncio de compra de antiguidades em Angra do Heroísmo.....	46
Figura 7 - Fachada do edifício do convento de S. Francisco, em Angra, quando Liceu de Angra do Heroísmo .....	50
Figura 8 – Baptista de Lima a bordo do “ <i>Carvalho Araújo</i> ” .....	51
Figura 9 – “Dia de S. Vapor” no cais de Angra .....	52
Figura 10 – Baptista de Lima na Queima das Fitas de 1943, em Coimbra.....	54
Figura 11 – Baptista de Lima com os funcionários da Biblioteca Pública de Évora.....	56
Figura 12 – Inauguração da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, em 1957.....	63
Figura 13 e 14 – <i>Stage Techniques d’Archives</i> em Paris, em 1958.....	67
Figura 15 – Primeira página do rascunho da entrevista publicada no <i>Diário Insular</i> a propósito da estadia em Paris.....	68
Figura 16 – Caderno de notas do <i>Stage au laboratoire du Musée du Louvre</i> ..	72
Figuras 17 e 18 – Aspetos da montagem e das vitrinas da secção de Etnografia do MAH, em 1971.....	75
Figura 19 – Documentação da IX Conferência Geral do ICOM/1971.....	76
Figura 20 – Evolução do número total de bens do acervo do MAH, por coleção (1949-1979).....	77

Figuras 21 e 22 – Oficina de Estudo e Restauro de Obras de Arte do MAH, em 1978.....	79
Figura 23 - Planta do MAH em 1979 (R/c) .....	93
Figura 24 - Planta do MAH em 1979 (Piso Intermédio).....	94
Figura 25 – Planta do MAH em 1979 (1º andar).....	94
Figura 26 – Sistema de interações significantes das coleções BL.....	96
Figura 27 – Rascunho manuscrito para um anúncio de jornal .....	106
Figura 28 – Listagens manuscritas de peças da coleção pessoal BL .....	106
Figura 29 – Relação de peças cedidas em 1984 ao Comando Militar dos Açores .....	107
Figura 30 – Os corredores do MAH como local de acomodação e depósito de peças .....	109
Figura 31 – Modalidades de proveniência de bens (coleção privada e institucional).....	110
Figuras 32 e 33 – Ermida da Boa Nova em 2005 .....	115
Figuras 34, 35 e 36 – Planta e imagens da Reserva de Têxteis II do MAH, em Agosto de 2012.....	116



## Índice de quadros

Quadro 1- Governadores Civis do distrito de Angra do Heroísmo (1940-1974). Percursos .....	129
Quadro 2 - Presidentes da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo (1939-1973). Percursos .....	130
Quadro 3 - Colecionadores ativos na Terceira nos anos 20/60 do século XX e respectivas temáticas.....	131
Quadro 4 – Reuniões dos Diretores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais .....	135
Quadro 5 – Espólio Baptista de Lima no MAH: um universo aproximado.....	138
Quadro 6 – Fornecedores da coleção Baptista de Lima.....	143
Quadro 7 – Espólio Baptista de Lima no MAH: Tipologias .....	141



## Prólogo

Conhecer o Museu de Angra do Heroísmo implica uma atitude de espanto.

Quando ingressei no seu quadro de pessoal, em meados da década de 90, e tive oportunidade de percorrer as suas salas, reservas e armazéns, abrir os seus armários, arcas e gavetas e me deparei com uma complexa e extensa rede de coleções recolhidas e guardadas no que me pareceu uma avidez colecionista, onde cada fundo de gaveta guardava sempre mais um “segredo”, achei-o surpreendente!

Tal acumulação de testemunhos materiais de múltiplas vidas, técnicas e contextos, num museu que fora regional mas cujo acervo não refletia só a comunidade da região em que estava inserida, e numa tal quantidade que poderia dar azo, em certas áreas, a pequenos museus temáticos, provocou-me o intenso desejo de o conhecer melhor, e decifrar a personalidade complexa, por vezes ambígua mas sempre surpreendente, de Manuel Coelho Baptista de Lima, primeiro e duradouro diretor, referência onírica e constante nas memórias do Museu de Angra do Heroísmo, e que nos acompanha em todos os quadros de atuação que se proponham porque são muito abundantes os relatos com que convivemos, as referências que lhe fazemos, a herança material, às vezes muito pesada, com que trabalhamos e que se consubstancia, no essencial, num museu de coleções vastas e muito heterogéneas que, ao fim de cerca de 25 anos após o seu abandono da direção do museu, ainda não se conhecem totalmente.

A minha curiosidade foi reforçada com a suspeita, depois confirmada, da dimensão da sua coleção pessoal pelo que os motivos não faltaram para o meu interesse neste estudo ao qual confiro, também, um estatuto de “*relação primordialmente empática*” que me envolve e fascina há vários anos e determinou, em boa medida, o que sou profissionalmente, e o qual sei que não

se esgotará na conclusão desta dissertação: será antes o motivador e impulsor de outros trabalhos na área da museologia.<sup>1</sup>

Por outro lado, mas não menos importante, a constatação do desconhecimento pela comunidade museal desde caso paradigmático do colecionismo, da museologia e da defesa patrimonial açoriana e nacional, cimentaram a minha intenção em levá-lo a bom termo devolvendo à comunidade, e apresentando às gerações mais novas, esta figura incontornável do meio cultural português no século XX.

Porém, nem sempre as disponibilidades profissionais e familiares se compadecem com o interesse e o empenho razão pela qual os ritmos de pesquisa e de reflexão e redação se estenderam, preocupante e desanimadoramente. Resta esperar que o esforço se traduza em contribuições pontuais para o acréscimo de conhecimento da temática, e agradecer os estímulos e a paciência.



---

<sup>1</sup> Sobre o envolvimento e a relação do investigador com o investigado, cf. o interessante texto do Prof. Amado Mendes “Produtor e produção histórica: a inevitável cumplicidade” in *Revista Portuguesa de História*. Vol. XXXII, 1997-1998, p. 525-542; e o documento web *Quando envolvimento está em causa* acedido em <http://blog.joseeduardomartins.com/index.php/2011/01/21/reflexoes-sobre-teses-academicas-2/>

## Introdução

A reflexão e a produção teórica sobre o pensamento e a ação em torno da proteção e salvaguarda dos bens da cultura material (quer numa vertente de colecionismo privado quer museológico) produzida nos e sobre os Açores têm sido escassa. A existente tem, geralmente, um carácter descritivo de onde estão ausentes as análises de síntese ou que, diacronicamente, questionem períodos, personalidades, experiências e tendências, e reflitam sobre os modos, as estratégias e as redes - informais e institucionais - deliberadas ou inconscientemente interpretadas, e os objetivos e processos da recolha e patrimonialização dos bens da cultura material e, acessoriamente, do seu contributo para a construção da memória e da identidade desta periferia insular.

De facto, além dos trabalhos monográficos que caracterizam sumariamente os processos individuais de alguns museus e/ou das suas redes tutelares<sup>2</sup> e da génese das suas coleções, pouco se tem escrito sobre o interesse que os objetos têm exercido nas pessoas e da sua, eventual,

---

<sup>2</sup> A primeira obra de conjunto sobre as coleções os museus açorianos resultou de um projeto de investigação da *Caminus - Organizações Culturais* que se dedicou, exclusivamente, à caracterização dos acervos etnográficos (*Roteiro dos Museus (coleções etnográficas). Açores e Madeira*. 1999. Lisboa, Olhapim Edições). A rede pública de museus, tutelada pela Direção Regional da Cultura, publicou dois roteiros que descrevem, sumariamente, a história e as coleções dos oito museus integrantes e onde se alude, pontualmente, à participação de coleções privadas na constituição dos respetivos acervos: *Açores. Roteiro dos Museus dos Açores*. s/d. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais / Direcção Regional dos Assuntos Culturais e o *Roteiro dos Museus dos Açores*. 2005. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direcção Regional da Cultura.

Quanto ao colecionismo e às coleções privadas, além dos artigos de Jácome de Bruges Bettencourt sobre coleções faialenses (Bettencourt: 1984, 2002, 2006 e 2010), das alusões de Luís Bernardo Leite Ataíde à coleção de António Borges (Ataíde: 1974,160), da referência de Frederico Lopes à coleção de Virgílio Rosa (Lopes: 1966, 298) e da de José Guilherme Reis Leite à coleção Francisco Ernesto de Oliveira Martins (Leite:2009), todos enfatizando percursos individuais, assinala-se a interessante série de pequenos artigos não assinados saídos no periódico angrense *Diário Insular* no ano de 1965 que, porém, repetem o carácter pessoal, descritivo e sumário das coleções que apresenta.

Num âmbito académico, refira-se a dissertação de mestrado de Sílvia Fonseca e Sousa apresentada na Universidade dos Açores que, abordando o fenómeno da constituição de museus na ilha de S. Miguel, alude aos motivos e processos de constituição de diversas coleções privadas que, posteriormente, transitaram para a tutela de entidades públicas, nomeadamente, autarquias locais (SOUSA, 2011). Para uma visão de conjunto sobre o colecionismo privado açoriano cf. RIBEIRO, 2012a.

necessidade de os colecionar , as temáticas privilegiadas, os processos e as redes de fornecedores e informantes que se organizaram em torno desse interesse pelos objectos, as motivações e os objetivos que se pretenderam atingir ao constituir coleções, e as biografias e percursos de colecionadores privados e/ou institucionais. Apesar dessa ausência, a constituição de coleções tem sido uma constante no arquipélago desde a segunda metade do século XIX até à atualidade, mesmo nas ilhas mais periféricas, e de o colecionismo privado ter sido, em grande medida, a matriz de parte dos acervos dos museus públicos regionais (ROTEIRO,2006 e RIBEIRO, 2012). No mesmo sentido, a inexistência de estudos (*biografias* na aceção que lhe confere Kopytoff (KOPITOFF, 1986 citado por PEREIRA, 2012:2) dessas coleções e dos seus mentores, e o seu papel (mais ou menos valorizado) nas instituições públicas que integraram não tem sido avaliado e por isso, não tem contribuído para a (re)construção das respectivas identidades e missões.

Este conjunto de razões aplica-se ao caso do Museu de Angra do Heroísmo. A génese do acervo do Museu de Angra do Heroísmo resulta do empenhado esforço de um grupo de intelectuais angrenses que, na década de 40 do século XX, em torno de Luís da Silva Ribeiro<sup>3</sup>, mentor e líder do então criado *Instituto Histórico da Ilha Terceira – IHIT-* (1942), arquiteta um ambicioso plano de ação cultural que procura agir em face das lacunas apresentadas no recém-publicado *Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes*<sup>4</sup>. Daí, desde logo, a ideia da salvaguarda dos bens patrimoniais do distrito consubstanciada na criação de um arquivo e de um museu que, efetivamente, se concretizou: o primeiro em 1948 e o segundo em 1949<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Luís da Silva Ribeiro (1882-1955), jurista e etnógrafo angrense, fundador e primeiro presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT). Sobre a figura de LSR cf. Enes, Carlos. (1996). “Vida e obra de Luís Ribeiro – Biografia” in *Obras IV – escritos político-administrativos* (estudo introdutório e organização). Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira/Secretaria Regional da Educação e Cultura: 15-31; *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro* (1982). Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

<sup>4</sup> Na sequência da aprovação da *Constituição da República Portuguesa* em 1933, e da publicação da lei de bases respetiva, a Lei n.º 1967, de 30 de Abril de 1938 (*Diário do Governo*, 1ª Série, n.º 99, de 30 de Abril de 1938), o diploma que a regulamenta, o Decreto-lei n.º 37501, de 31 de Dezembro de 1940, aprova o *Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes* (*Diário do Governo* n.º 214, de 31 de Dezembro de 1940).

<sup>5</sup> Decreto-Lei n.º. 36842 in *Diário do Governo*, 1ª Série, n.º 91, de 20 de Abril de 1948 e

A principal preocupação do plano dos fundadores delineava-se unicamente em torno do campo disciplinar da etnografia (ORMONDE, 2000:9) motivo pelo qual sinalizam e recolhem peças nos meios rurais da ilha e onde também procedem, com a ajuda dos párcos e professores das localidades, a

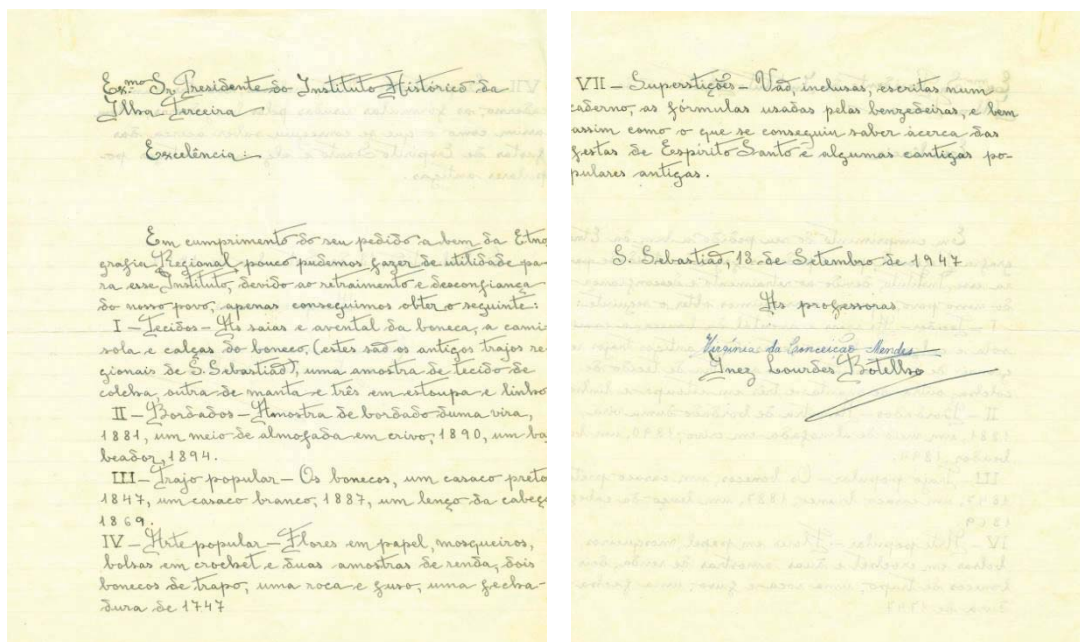


Fig. 1 – Carta /resposta das professoras da vila de S. Sebastião ao inquérito do IHIT. Set. de 1947  
MAH. Espólio BL: Pasta *Primórdios do MAH*

inquéritos e levantamentos de saberes e tradições locais (Anexo 1).

Em constante crescimento, as ações em torno da constituição da coleção são delegadas em Frederico Lopes<sup>6</sup> (outro dos fundadores do Instituto Histórico) que para isso estabelece relação com Leite de Vasconcelos, do Museu Etnológico Português. Durante a década de 40 a acumulação das recolhas e a falta de espaço obrigam-no a manter um espaço da sua própria

---

Decreto-Lei n.º. 37358 in *Diário do Governo*, 1ª Série, n.º 65/49, de 30 de Março.

<sup>6</sup> Frederico Lopes (1896-1979), militar e investigador terceirense cuja obra no campo da etnografia, fundamental para o conhecimento do regionalismo açoriano da primeira metade do século XX, se encontra reunida no volume *Notas Etnográficas*.

casa dedicado ao projeto do museu sem que, contudo, haja qualquer preocupação de carácter museográfico e de exposição pública<sup>7</sup>.

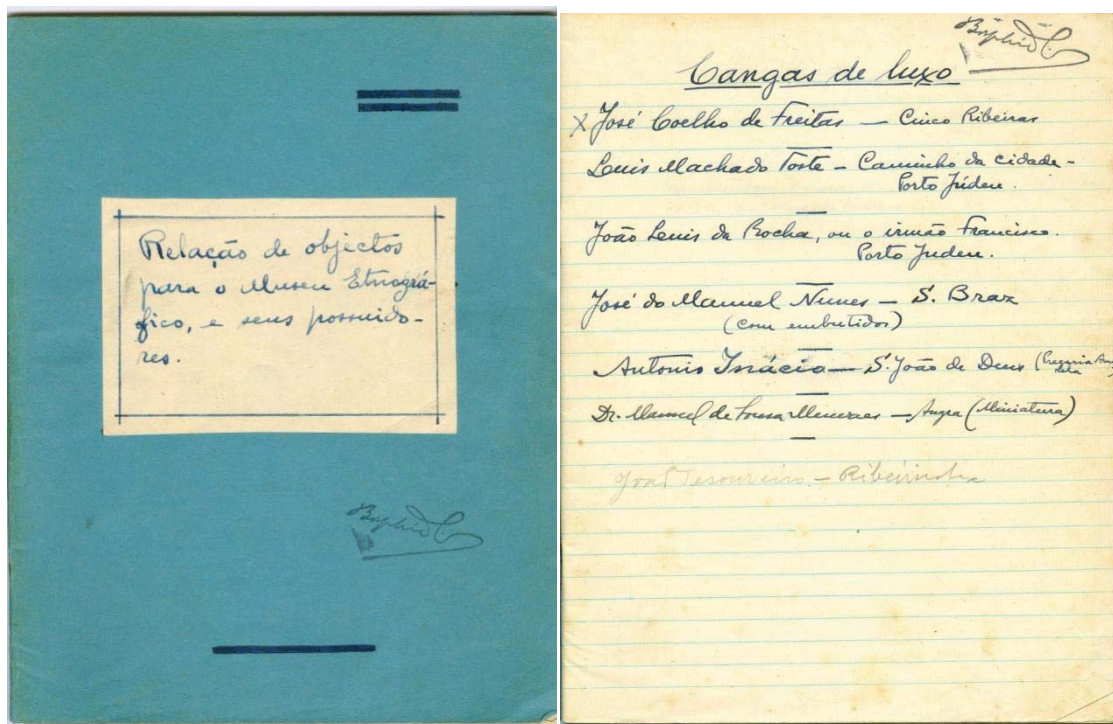


Fig. 2 – Caderno “Relação de objectos para o Museu Etnográfico e seus possuidores”  
MAH. Espólio BL: Pasta Primórdios do MAH

Porém, a primeira exposição permanente do museu refletirá o equilíbrio entre essa e as coleções que entretanto foram sendo incorporadas e que davam conta do campo disciplinar da História: o *Roteiro do Museu de Angra do Heroísmo* (MAH, 1969), que a retrata, apresenta essa distribuição em onze salas, duas galerias e um pátio cuja ocupação era a seguinte:

- sala I – Escultura e mobiliário artístico
- salas II e III – Etnografia
- salas IV a VIII – Pintura, escultura, desenho, mobiliário, relógios e pianos, artes ornamentais e cerâmica artística
- sala IX – História, numismática e gravura
- sala X – História, armaria, gravura, desenho e cartografia
- sala XI – História, armaria, uniformes, pintura, desenho e gravura
- sala XII – História, armaria, marinha e diversos objectos
- galeria I – Azulejaria, coleção lapidar, elementos arquiteturais e

<sup>7</sup> “Acta da primeira reunião extraordinária de 1945”, *Boletim do IHIT*, vol. III, Angra do Heroísmo: IHIT, 1945, pp. 319-320; e LEITE, 1982.

escultura popular

- galeria II – Artilharia, viaturas, arreios, embarcações
- pátio – Artilharia, secção



Fig. 3 e 4. Aspeto de algumas salas do MAH na inauguração da primeira exposição permanente em 1957: na primeira, uma das salas da exposição dedicada à história de arte, na segunda, uma das salas dedicada à etnografia.  
MAH. Coleção de Fotografia

lapidar, elementos arquiteturais

Depois, a partir de 1970, há o “apagamento” da Etnografia em termos expositivos e a valorização da História e, dentro dela, a imposição da coleção militar quer do ponto de vista da área expositiva ocupada (MAH, 1983)<sup>8</sup>, quer do ponto de vista dos ritmos e valores percentuais das incorporações no acervo (MAH, *Relatórios*)<sup>9</sup>. Por isso, todo o conjunto predominante de memórias que o Museu de Angra suscita, atualmente, nos angrenses em geral prende-se com a ideia de um museu cuja ordenação obedecia a um arranjo hierarquizado de coleções onde a coleção militar era predominante e onde a etnografia assumia uma expressão residual.

Foi este panorama de inversão programática e, simultaneamente, do enorme peso de incorporações de temática militar que suscitou o interesse inicial deste estudo. O seu responsável foi o primeiro diretor do museu, o Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima que durante trinta e dois anos, e acumulando com a direção da Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, instalou, geriu e orientou as duas instituições.

<sup>8</sup> No ponto 6 do capítulo III desta dissertação apresenta-se a distribuição espacial das coleções pelas salas de exposição do MAH nos anos 70 com base nas descrições dos *Relatórios* anuais da instituição.

<sup>9</sup> Cf. Gráfico na página 70 elaborado com base nos dados apresentados nos *Relatórios* anuais do MAH.

Personalidade complexa, por vezes ambígua mas sempre surpreendente, Baptista de Lima surge constantemente como referência em todos os quadros de atuação na defesa patrimonial que se proponham; e são muito abundantes os relatos com que convivemos, as referências que lhe fazemos, a sua herança material, às vezes muito pesada, com que trabalhamos e que se consubstancia, no essencial, num museu de coleções vastas e muito heterogêneas de onde se infere todo um pano de fundo informativo e de conhecimentos colhidos nos principais meios museológicos e colecionistas internacionais.

A narrativa de uma biografia proporcionou o enunciar de uma faceta praticamente desconhecida mas dominante na própria existência quotidiana de Baptista de Lima: o conservador era, também, um colecionador de quem só a morte fez conhecer a extensão do colecionado. A avalanche material e documental ocasionada pela incorporação do seu espólio no MAH foi, sem dúvida, o ingrediente que veio confirmar essa faceta.

Problematizando o homem e as coleções a que deu corpo, pretendeu-se refletir sobre questões inerentes ao interesse colecionista local e às suas diversas motivações e contextualizações na primeira metade do século XX angrénsis: uma periferia territorial, administrativa, económica e cultural povoada por memórias de pujança e centralidade construtoras de uma autorrepresentação baseada na ideia de que Angra fora a *universal escala do mar do poente*<sup>10</sup> e, por vezes, a *única parcela do território português*<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> A expressão *Universal escala do mar poente*, epíteto da cidade de Angra, deve a sua paternidade ao primeiro historiador açoriano, Gaspar Frutuoso, autor das *Saudades da Terra* narrativa que descreve o povoamento dos arquipélagos atlânticos até aos finais do século XVI, período contemporâneo ao da vida do autor. Com essa feliz expressão, consagrou o papel central de Angra e da sua baía na estratégia de domínio português do Atlântico Norte. Baptista de Lima retomá-la-á no colóquio internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 13 de Agosto de 1983 dedicado ao tema *Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV-XVII)* organizado pelo IHIT de que então era presidente como título da comunicação que apresentou: *Angra universal escala do poente: no século XVI*. Cf. Boletim do IHIT, XLI, 1983, pp.859-875.

<sup>11</sup> A exaltação da nacionalidade e a defesa do correspondente sentimento de pertença teve particular expressão na historiografia terceirense das primeiras décadas do século XX onde historiadores como Gervásio Lima “fixam” mitos constitutivos do imaginário coletivo terceirense. Tal é o caso da expressão “Angra foi capital de Portugal por duas vezes: durante o domínio filipino e durante o período das Lutas Liberais”. Sobre o assunto cf. LEAL, 1995 e LEITE, 2001.



## Os objetivos

A escolha do tema desta dissertação está estreitamente ligada à atividade profissional exercida como técnica do MAH cujo corpo técnico é, também, co-herdeiro do legado material e imaterial, institucional e pessoal, de Baptista de Lima.

Paradoxalmente, a figura e a ação de Baptista de Lima tem sido objeto de um apagamento constrangedor<sup>12</sup> tornando-se pertinente que se conheça e perceba esta personalidade, o seu perfil e a sua forma particular de se relacionar com os objectos, com os bens, onde dificilmente se distingue a fronteira entre o privado e o institucional e, decorrentemente, se questione como se constituiu esta coleção privada, qual era o seu universo e a sua estrutura, quais as condições e as vicissitudes do seu processo de constituição e que relações mantinha com a coleção pública. Paralelamente, pretendeu-se abordar o estudo do colecionismo privado açoriano no século XX através de um caso, e com ele contribuir para a caracterização de um tempo em que se estruturava um discurso identitário e de saber como é que o colecionismo privado se organizava como prática auxiliar, alargada e extensível a diferentes grupos da sociedade terceirense, e que redes e que grupos se constituíram nesse âmbito para apoiar a sua prática /discussão.

Ao narrar o processo de colecionar de um grande colecionador (que era também um conservador empenhado em constituir uma coleção museológica),

---

<sup>12</sup> Tal apagamento, visível, teve como corolário a recente cerimónia de atribuição de medalhas de mérito municipal, pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, a individualidades locais incontornáveis no processo de classificação de Angra do Heroísmo a Património da Humanidade. Baptista de Lima, que redigiu o texto base da proposta de classificação, foi completamente esquecido. Sobre o assunto cf. LIMA, Manuel C. B. de. "Apontamentos para uma proposta destinada à inclusão da zona central da cidade de Angra do Heroísmo na lista do Património Mundial" in *Boletim do IHIT*, n.º40, 1982, pp.705-720; RIBEIRO, 2012b.

procurou-se identificar a relação entre os processos de colecionar e as visões sociais que lhe foram contemporâneas (SEMEDO, 2010:305), e contribuir para incentivar o estudo e a documentação de coleções do MAH e identificar processos pelos quais os objectos ganharam (ou perderam) significado (PEARCE, 1992 e KOPYTOFF, 1986 citado por PEREIRA, 2012;3).

Acontece que, embora se pretenda centrar a pesquisa no *coleccionador*, *no seu contexto e nos seus processos*, sentiu-se como fundamental inverter a situação da documentação da coleção, até agora paupérrima e, conseqüentemente, de pouca utilidade que dela se pode retirar (SEMEDO, 2012:296) em face do desafio que se põe, presentemente, ao MAH: a constituição de um novo núcleo que albergará a coleção privada constituída por Baptista de Lima.

Ora essa coleção de objectos é uma parte de um todo – é um espólio<sup>13</sup> – composto por uma multiplicidade de bens: tridimensionais, bibliográficos, arquivísticos. A incorporação no museu procurou garantir a unidade do conjunto a que, agora, se colocam quotidianamente questões de acondicionamento, tratamento documental e recuperação da respetiva informação através de uma percepção sistémica de todo o conjunto.

A natureza complexa do conjunto esbarra com a tradicional separação de funções e conteúdos dos organismos que guardam a memória (bibliotecas, arquivos e museus). Esta compartimentação conduz a uma dificuldade prática: a incorporação de uma coleção como a de Baptista de Lima – que integra um conjunto de peças mas também uma biblioteca e um arquivo pessoal – que tipo de tratamento lhe deverá ser dispensado para que todos os seus componentes contribuam articulada e integradamente, para o conhecimento da coleção, do colecionador, e com esses dados se produza mais saber do que aquele que a soma das suas partes isoladas nos permitiria obter?

---

<sup>13</sup> *Espólio* entendido como o conjunto dos bens que ficaram por morte de alguém.

Assim, os objetivos desta dissertação procuram:

- Contribuir para o conhecimento e estudo do colecionismo privado nos Açores no século XX;
- Investigar a natureza das coleções e os processos de colecionar interpretados por Manuel Coelho Baptista de Lima quer na sua vertente privada, quer pública e compreender a sua acção no âmbito das práticas que lhe foram contemporâneas;
- Contribuir para práticas de gestão de coleções e bens centradas na documentação e gestão integrada e na garantia da sua acessibilidade e utilidade social;
- E, acima de tudo, proporcionar que o museu reflita sobre as formas de gestão das coleções (ou a sua ausência) e procure encontrar modelos de significação, inter-operacionalização e recuperação da informação proporcionada pelas coleções.



### **A metodologia e a construção de um quadro conceptual**

Assumindo um carácter exploratório e procurando *documentar uma vida* esta dissertação deparou-se com diversas limitações. Desde logo, a escassez bibliográfica relativa quer ao tema do colecionismo açoriano, quer sobre a figura de Baptista de Lima e à sua coleção, quer sobre os processos de integração/ incorporação de coleções complexas e diversificadas como a de Baptista de Lima num museu. Por essa razão, o compulsar de dados dispersos e avulsos foram fundamentais para a construção de todo o trabalho a par da pesquisa bibliográfica.

A investigação foi apoiada pela realização de entrevistas semi-conduzidas com dois propósitos: por um lado iniciar um levantamento dos colecionadores e coleções existentes na Terceira entre 1900 e 1976 e, por

outro lado, recolher informações sobre o colecionador Manuel Coelho Baptista de Lima. Os guiões inspiraram-se na proposta de Ruth Formanek (FORMANEK, 1994:327-335) e aplicaram-se respectivamente a dois universos de informantes: o primeiro inquérito foi realizado a quatro historiadores e colecionadores locais<sup>14</sup> enquanto o segundo foi realizado a indivíduos selecionados entre os que tivessem mantido uma proximidade com Baptista de Lima que lhes permitisse ter conhecimento quer da forma como colecionava, quer da forma como dispunha daquilo que colecionava. Por essa razão, para a realização do segundo inquérito constituíram-se duas esferas de conhecimentos<sup>15</sup>: os relacionamentos profissionais (onde se incluíram quer subordinados quer superiores hierárquicos), e os relacionamentos de amizade (onde se incluíram vizinhos e amigos). De todos foi registada a informação prestada em suporte audiovisual e colhida a respetiva autorização para utilização de dados (Apêndices 8, 9 e 10).

Dessa ferramenta beneficiou a descrição apresentada no ponto 3 do capítulo I, a abordagem biográfica adotada no ponto 4 do capítulo II que assumiu a forma de narrativa cronológica pontuando os acontecimentos e o percurso individual com marcos temporais da história coletiva já que narrar uma vida em torno de acontecimentos coletivos permite que as singularidades e especificidades do indivíduo tenham uma leitura social<sup>16</sup>. Pela riqueza de dados assim obtidos todo o capítulo III foi, também, construído com base nesses relatos (cf. nota 108).

Outro dos principais contributos informativos para a investigação foi o próprio arquivo e biblioteca de Baptista de Lima no qual se procedeu a um

---

<sup>14</sup> Doutor José Guilherme Reis Leite, Dr. Francisco Maduro-Dias, Dr. Jorge Forjaz e Sr. Jácome de Bruges Bettencourt.

<sup>15</sup> No primeiro grupo foram recolhidos os depoimentos de: Dr. Maduro-Dias, Dr. Olívio Rocha, Norberto Bettencourt, D. Mariana Pinheiro, D. M<sup>a</sup> José Dutra, Sr. Luís de Melo, Sr. Carlos Oliveira e Eng. Marcelo Bettencourt. No segundo grupo foram ouvidos os Sr. Dr. Álvaro Monjardino, Professor Doutor J.M. Machado Pires e Tenente Coronel Faria.

<sup>16</sup> Sobre o assunto cf. Le GOFF, Jacques. 1989. "La biographie historique" In *Le Débat*, nº 54, pp.48-53; WOLIKOW, Serge. 1994. "Ecrire des vies. Biographie et mouvement ouvrier, XIXe – XXe siècles" In *Territoires Contemporains Cahiers de l'IHC* nº 1, Dijon, pp. 9-10; BALAN, Jorge e JELIN, Elizabeth. 1980. "La Structure sociale dans la biographie personnelle" In *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, 1980.

levantamento preliminar e onde se colheu muitíssima informação de carácter pessoal mas, também, dados relativos aos ritmos, contextos e vicissitudes da defesa patrimonial em Portugal, e das organizações e entidades que atuaram em seu nome.

Os domínios de abordagem propostos - o colecionismo e os colecionadores na realidade açoriana / terceirense das primeiras décadas do século XX e, particularmente, a figura de Baptista de Lima, a relação do *coleccionar* com a construção da memória coletiva e da identidade, e as problemáticas da gestão integrada dos recursos dos acervos – implica que a produção de conhecimento que se pretende se tenha apoiado em estudos de referência.

A assustadora heterogeneidade do que, internamente, se designa como *coleção Baptista de Lima* e a constatação da ausência de reflexão sobre a(s) modalidade(s) do seu tratamento integrado (e integral) implicou uma reflexão sobre a definição do que é o objeto de uma coleção e o que é uma coleção.

A prudência aconselhada por Pearce (PEARCE, 1992 e 1995) na construção de definições lembra o reducionismo a que o enfatismo atribuído ora ao objeto, ora à ação, ora ao sujeito pode conduzir o estudo de coleções. Não obstante, a natureza dos objectos de uma coleção é refletida por K. Pomian<sup>17</sup> que distingue *objectos úteis* (os que apenas têm como função ajudar o Homem na transformação da Natureza) dos *semióforos* (os que representam o invisível, o passado, e são portadores de significado) dos quais realça a capacidade de mediação, condição que determina a pertença do objeto à coleção. Todavia, a consciência dessa condição não deixa de ser uma

---

<sup>17</sup> Krzysztof Pomian (1934-), historiador e ensaísta polaco e director do Museu da Europa, em Bruxelas, desde 2001 tem-se interessado sobre as questões da história das coleções e dos museus tendo, a esse propósito, escrito a entrada “Coleção” para a primeira edição da *Enciclopédia Einaudi* [ (Turim, 1978: 331-364) e depois editada em Portugal pela Imprensa Nacional- Casa da Moeda (Lisboa, 1984:51-86)] e dez anos mais tarde, em 1994, o artigo “The collection: between the visible and the invisible” para a obra coordenada e editada por Susan Pearce *Interpreting objects and collections*. Adequadamente, faz parte da comissão científica do *Journal of the history of collections*, edição digital editada pela Universidade de Oxford. Outros textos do autor sobre o assunto são *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris-Venise, XVIe-XVIIIe siècle*. Paris, Gallimard, 1987; *L’Anticomanie. La collection d’antiquités aux XVIIIe et XIXe siècle*. Paris, EHESS, 1992.

construção diferentemente percebida se num contexto institucional ou num contexto privado. Em ambos os universos constituem-se argumentos justificativos de pertença cujas motivações, por vezes paradoxais, não deixem de ser salientadas por autores como Anthony Shelton que assinala os valores fundamentais de representação coletiva associados aos objectos colecionados pelos museus e ao *processo profissional* da sua recolha assinalado por Barbro Bursell (BURSELL, 1994), diferentemente das coleções privadas que admitiriam, também, objectos com um relativo valor de referência, um mais variado leque de *fornecedores* baseado no comércio de antiguidades, e processos de recolha baseados na emoção (SHELTON, 2001:11-12).

É, talvez, por essa razão que a Lei-Quadro dos Museus Portugueses<sup>18</sup> (Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto) adota uma definição ampla dos objectos de uma coleção (visitável) admitindo todo “o conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou coletiva, pública ou privada...” (n.º 1 do art.º 4º) enquanto o ICOM acrescenta que “*une collection peut être définie comme un ensemble d’objets matériels ou immatériels (oeuvres, artefacts, mentefacts, specimens, documents d’archives, témoignages, etc qu’un individu ou un établissement a pris soin de rassembler, de classer, de sélectionner, de conserver*” (DESVALLÉ, 2010).

De qualquer forma, a ideia de que a coleção implica um conjunto e um sentido comum é defendida por autores como Durost – um pioneiro – para quem “a coleção é determinada pela natureza do valor atribuído aos objectos” (PEARCE, 1992:48), por Pomian que define coleção como “*qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitas a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim e expostos ao olhar do público*” (POMIAN, 1984:53) e Luís Alonso Fernández que a define como “*um conjunto de coisas análogas ou da mesma classe reunidas para constituir um objetivo concreto*” (FERNANDEZ, 1999:177).

---

<sup>18</sup> [http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao\\_Relevante/lei\\_dos\\_museus.pdf](http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf), [Acedido em 18 de Março de 2012].

Extrapolando o valor da aparência e/ou da função como condição de pertença ao conjunto, o contributo de Mary Case alarga o conceito para “a *group of objects or an amount of material accumulated for some purpose or as a result of some process*” e que caracteriza em duas dimensões “*the physical collections (works of art, artefacts, antiquities and specimens) and the intellectual collection (publications, intellectual property rights, documents and data) which relate to the physical collection*” (CASE, 1993:25).

Conjunto de materiais, análogos ou não mas relacionados, quer com uma dimensão física ou intelectual, a coleção é reunida pelo critério de um colecionador e é esse processo que é objeto dos estudos de Susan Pearce<sup>19</sup> e Russel Belk<sup>20</sup> que reposicionaram o colecionismo numa perspectiva semiótico-estruturalista que vê os objectos como signos e símbolos portadores de mensagens a decodificar, e para quem o processo de colecionar (seletivo e prolongado) se cumpre pela “*possessing and disposition of an interrelated set of differentiated objects*” que é revelador das dinâmicas do passado, das tentativas da construção da sua reconstrução / representação por parte dos indivíduos e dos processos cognitivos implicados no ato de colecionar tão bem ilustrados por Walter Benjamim.

Jean Baudrillard<sup>21</sup>, refletiu sobre a relação que os indivíduos estabelecem com os objectos e explora as implicações psicanalíticas da

---

<sup>19</sup> Susan M. Pearce, depois de estudar história e arqueologia na Universidade de Oxford, trabalhou nos Museus Nacionais de Merseyside e Exeter City Museum. Ingressou na Universidade de Leicester em 1984, vindo a ser sua Professora de Museologia em 1992 e Pró-reitora em 2000. Foi, ainda, presidente da Associação dos Museus Britânicos entre 1992-1994. Os seus interesses de pesquisa centram-se na cultura material e no universo das relações humanas com o mundo dos artefactos e da natureza e processo da sua recolha. (informação obtida em <http://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/people/professor-Emerita-susan-pearce>).

<sup>20</sup> Russel Belk é Professor de marketing na Universidade de York (Canadá) e o seu interesse de pesquisa centra-se no significado da posse, troca e colecionismo de bens nas sociedades de consumo e da sua generalização (informação obtida em <http://www.schulich.yorku.ca/SSB-Extra/Faculty.nsf/faculty/Belk+Russell>).

<sup>21</sup> Jean Baudrillard (1929-2007), sociólogo e filósofo francês. Em 1968, publicou uma das obras mais significativas para a Teoria da Comunicação e a Semiologia, *Le Système des Objets*. Nesta obra dedica um capítulo ao estudo das coleções abordando o comportamento colecionista, a relação entre os seres humanos e as coisas e a semiologia dos objetos.

motivação para colecionar e do papel refletor, de espelho, desempenhado pela coleção relativamente ao próprio colecionador. De igual modo, reflete sobre a função de mecanismo de compensação atribuível à coleção, enquanto as coadjuvantes ações de pesquisa, categorização, reunião e ordenação, completam e tornam perceptível o processo de sacralização a que os objectos *coleccionados* vão sendo submetidos por parte do colecionador.

Neste ponto, os conceitos de *memória coletiva* e *identidade* tornaram-se operativamente essenciais à construção da própria dissertação. O primeiro define-o Pierre Nora (1990:451) como “*a recordação ou o conjunto de recordações conscientes ou não, de uma experiência coletiva (...) vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado.*” É, por outras palavras “*aquilo que fica do passado na vivência dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do passado.*” Memória verdadeira (a que se baseia no concreto, na vida e nos gestos diários transmitidos pelos grupos vivos que os praticam) ou memória transformada (a que nos chega por via da História e, portanto, do documento) a memória é uma construção do presente em constante processo de estruturação sujeita à dinâmica social que assegura e coesão dos grupos. É a consciência da sua perda que nos leva à acumulação “*de vestiges, témoignages, documents, images, discours, signes visibles de ce qui fut*” (NORA, 1984:XXVII) e legitima a existência de museus como *lugares de memória* e, dentro deles, a construção das suas coleções e apresentações.

Quanto ao conceito de *identidade*<sup>22</sup>, é entendido como “*aquilo pelo qual uma pessoa, um grupo familiar, profissional ou cultural se reconhece a si próprio e é reconhecido pelos outros*” (CARREIRA, 1996:324) cujos processos de construção passam quer pela acumulação de indicadores ou testemunhos, quer pela construção de representações coletivas. É nesse sentido que museus e coleções podem assumir o papel de projetos coletivos de reapropriação do passado e construção e/ou reforço identitário.

---

<sup>22</sup> Sobre os processos de construção da identidade cf. Chevallier, Denis e Morel, Alain. 1985. “Identité culturelle et appartenance regionale: quelques orientations de recherche.” In *Terrain*, n.º 5, pp.3-5, Paris, Ministère de la Culture.

Por ultimo, o entendimento dos museus como sistemas produtores de informação e, conseqüentemente, de conhecimento. Este é um tema recente na museologia e os estudiosos que têm vindo a refletir sobre ele entendem que *everything may be regarded as a museum object* (SOLA, 1987:45-49) pelo que as tradicionais fronteiras entre museus, bibliotecas e arquivos e os respectivos procedimentos técnicos são, antes do mais, inibidores do acesso à informação. É neste enquadramento que o nicho temático da integração, gestão e tratamento articulado de coleções privadas complexas e do contributo de uma visão sistémica que responda aos paradoxos criados pela sua incorporação em museus, assume uma expressão residual. Por essa razão foi, mais uma vez, a pesquisa bibliográfica a metodologia adotada onde realço os contributos dos teóricos das Ciências da Informação e dos textos normativos e de reflexão, e guias de boas práticas produzidos pela Society of American Archivists (SAA), pela Association des Archivistes du Québec (AAQ), pelo International Committee for Documentation (CIDOC), pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) quanto ao papel e situação da documentação nos museus.



### **A estrutura da dissertação**

No crescente interesse pelo estudo do colecionismo são, ainda, dominantes os trabalhos centrados no produto (a coleção) e nos seus componentes (o objeto), mas é assinalável uma menor atenção ao produtor (o colecionador) e a dois processos fundamentais e inerentes ao *coleccionar*: o do destino dos objectos *post mortem*, e o da sua desagregação/dispersão e eventual incorporação numa outra coleção (pública ou privada).

Por essa razão, esta dissertação desenvolve-se em *andamentos* que procuraram contextualizar e acompanhar uma vida, os momentos em que essa vida construiu um sentido e se rodeou de objectos, e o destino desses objectos quando a vida que lhes deu sentido se extinguiu. Assim,

- o primeiro capítulo procura caracterizar o ambiente e os colecionadores terceirenses das primeiras décadas do século XX iniciando o seu levantamento;
- o segundo capítulo apresenta um registo biográfico do colecionador/conservador/bibliotecário-arquivista Manuel Coelho Baptista de Lima. As particularidades da sua vida intensamente envolvida na defesa do património açoriano, as redes em que se envolveu com vista à constituição das “suas coleções” e o processo formativo de que beneficiou e que o aproximou e ampliou a sua rede de contactos;
- o terceiro capítulo dedica-se à análise do processo de relacionamento de Baptista de Lima com os bens móveis e as modalidades de uso que lhes atribuiu no âmbito de um discurso identitário; por último,
- o quarto capítulo, descreve e reflete sobre a incorporação de coleções privadas em museus e os desafios para que a sua documentação se traduza num meio ativo de construção de conhecimento propondo uma modalidade de tratamento da coleção Baptista de Lima no Museu de Angra do Heroísmo. Por essa razão, o Apêndice 12 constitui-se como um contributo para a criação de um *Programa Museológico* para o núcleo de História Militar Baptista de Lima que se projeta instalar no antigo edifício do Hospital Militar da Boa Nova onde se concentrará o que foi a sua coleção.



*Our collected possessions lie close to our hearts and, like our hearts they remain, in the last analysis, mysterious.”.”*

Susan Pearce. *On collecting: an introduction into collecting in the European tradition.* 1995

**Capítulo I - Retrato de grupo com colecionadores na primeira metade do século XX açoriano**

## 1. O ambiente insular e as condições para a defesa patrimonial

A administração dos Açores, desde sempre condicionada pela dispersão do território distribuído por nove ilhas, e dificultada pela distância relativamente à capital foi, desde o povoamento, no século XV, vinculada a um sistema de capitánias descentralizadoras e redutoras da ação do poder central.

É só na sequência da legislação liberal de Mouzinho da Silveira que será reestruturado, à semelhança do todo nacional, o figurino político administrativo instituindo *distritos administrativos* cuja operacionalidade assentava nas *Juntas Gerais* e nos *Governos Civis*, organismos que tinham como competências a estruturação dos serviços distritais na área da pecuária, da agronomia, das obras públicas e no apoio à saúde.

Recorrentemente anémicos financeiramente apesar do acréscimo sucessivo de competências que lhes iam sendo vinculadas na gestão dos territórios, a sua ação viu-se dificultada e limitada. É nesse contexto que o primeiro movimento autonomista açoriano (1894-95), comumente identificado como expressão do descontentamento de setores da burguesia micaelense face a uma conjuntura de crise ligada ao fim dos ciclos económicos suportados pela cultura da laranja e pela baleação, perante um quadro de reivindicações não atendidas pelo poder central, fará da autonomia político-administrativa a argumentação central do seu discurso mas onde, apesar de tudo, a reflexão em torno da especificidade da identidade açoriana ensaiará os primeiros passos<sup>23</sup>.

O contributo do terceirense Luís da Silva Ribeiro, já nos anos 20 do século XX<sup>24</sup>, veio recentrar o discurso numa tónica regionalista inserida numa cultura do nacionalismo característico do período da Iª República (RAMOS,

---

<sup>23</sup> Sobre o assunto cf. a elucidativa tese de doutoramento do Prof. Carlos Cordeiro *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a Iª República*, 1999, Lisboa, Edições Salamandra.

<sup>24</sup> Sobre a geração cultural açoriana da terceira década do século XX cf. CORDEIRO, Carlos. "Regionalismo e Identidade Açoriana. O debate nos anos 20" in *A Autonomia no Plano Histórico. Actas do Congresso do 1º Centenário da Autonomia dos Açores*. Ponta Delgada, Jornal de Cultura, pp. 277-287.

1994 citado por LEAL, 1997:199) distanciando-o das iniciais reivindicações particularistas e individuais. Ao fazê-lo, releva o espírito da unidade açoriana<sup>25</sup> como base para a reflexão dos problemas do conjunto do arquipélago, tese que converge na realização de várias visitas inter-ilhas de confraternização e reconhecimento mútuo<sup>26</sup> coadjuvadas pela ação das Casas Regionais dos Açores que, desde 1920, *incrementavam o espírito açoriano, vivificando e uniformizando, de fora, os nove retalhos insulares* (ALMEIDA, 2007:157). Desta ação conjunta resultaria a realização do Iº Congresso Açoriano que teve lugar em Lisboa, entre 8 e 15 de Maio de 1938.

Das teses que então foi possível apresentar no congresso (porque dentro de um quadro de Ditadura, entenda-se), combinadas com a visita que o Prof. Marcelo Caetano fizera aos Açores nesse mesmo ano de 1938<sup>27</sup>, quando se projetava um novo modelo de administração do território insular que a Constituição de 1933 anunciara e consagrara<sup>28</sup> e da qual decorreu a lei de bases respetiva - a Lei n.º 1967, de 30 de Abril de 1938<sup>29</sup> - resultará um diploma regulamentador, o Decreto-lei n.º 37501, de 31 de Dezembro de 1940<sup>30</sup>, que aprova o *Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes*. É nele que se estabelecem as novas Juntas Gerais dos Distritos Autónomos e a

---

<sup>25</sup> O princípio da unidade como categoria essencial da ordem política, se bem que contrariado pela prática distritalista que o ordenamento político administrativo mantinha, seria expresso, inicialmente, por Vitorino Nemésio na conferência que proferiu em Coimbra *O açoriano e os Açores* publicada em 1932 na obra *Os signos de Agora*, e continuado por Luís da Silva Ribeiro numa série de artigos publicados em 1936 e intitulados "*Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade*". Tal postura estava em sintonia com o princípio da unidade política da qual resultaria a aprovação do Ato Colonial, de 1930.

<sup>26</sup> Sobre o assunto cf. Carreiro da Costa. 1940. "Como nasceu o Iº Congresso Açoriano" in *Livro do Primeiro Congresso Açoriano*. 8 a 15 de Maio de 1938, Grémio dos Açores, Lisboa [1ª edição da Casa dos Açores, 1940].

<sup>27</sup> Para conhecimento da visão do Prof. Marcelo Caetano sobre os distritos e a ação das respectivas Juntas Gerais, cf. dois relatórios enviados ao Ministro do Interior depositados no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Ministério da Administração Interna, Gabinete do Ministro, maço 506) e que Carlos Enes analisa e publica em <http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch14/n14-7.html>. Acedido em 15.09.2012.

<sup>28</sup> A *Constituição Portuguesa* de 1933 estabelecia no §2.º do seu artigo 124.º que: *A divisão do território das Ilhas Adjacentes e a respetiva organização administrativa serão reguladas em lei especial*.

<sup>29</sup> *Diário do Governo*, Iª série, n.º 99, de 30 de Abril de 1938.

<sup>30</sup> *Diário do Governo*, Iª série, n.º 214, de 31 de Dezembro de 1940.

composição e forma de constituição dos seus corpos administrativos<sup>31</sup> num quadro que incorporará uma acentuada carga política corporativa na sua formação.

As atribuições das Juntas Gerais eram vastas e abrangiam o fomento agrário, florestal e pecuário, a coordenação económica, as obras públicas, a fiscalização industrial e viação, a saúde pública, a assistência, a educação e cultura e a polícia, para cuja execução tinha os seus próprios serviços: a secretaria, a tesouraria, os serviços agrícolas, os serviços pecuários, os serviços de saúde, os serviços de obras públicas, os serviços industriais e elétricos, os serviços de viação e o laboratório. Contudo, o orçamento das novas Juntas Gerais - apenas alimentado pelas contribuições predial, rústica e urbana, a contribuição industrial e outras, e um adicional de 20% das coletas das contribuições e impostos pertencentes às Juntas Gerais - continuava a ser insuficiente para executar todas as competências que lhe eram atribuídas. Tendo em conta o panorama de penúria estrutural das Juntas Gerais, e embora com dinâmicas distintas, no campo da Ação Cultural as Juntas Gerais não montaram serviços próprios e serviram-se de institutos culturais, na Terceira e S. Miguel, para o exercício dessa sua atribuição.

O caso terceirense gira, então, em torno do Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT), associação privada criada em 1942 com Estatutos aprovados por Alvará do Governo Civil do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo de 9 de Dezembro desse ano<sup>32</sup>, e que tinha como líder incontestado o já referido Luís da Silva Ribeiro. Nos anos de 1949 a 1954, o organismo foi dotado

---

<sup>31</sup> “As Juntas Gerais dos Distritos Autónomos, serão compostas por sete procuradores, dos quais três natos e quatro eleitos trienalmente pelas Câmaras Municipais e organismos corporativos do distrito em lista completa e por escrutínio secreto. A Junta Geral elegerá anualmente dois procuradores para a Comissão Executiva, cujo presidente será escolhido pelo governador civil de entre os restantes procuradores ou, excepcionalmente, de entre pessoas que tenham prestado relevantes serviços ao Estado, mas não pertencentes à Junta e que, neste caso acrescia aos procuradores.”

Sobre o assunto cf. Leite, José Guilherme Reis. “Junta Geral dos Distritos Autónomicos “ in *Enciclopédia Açoriana* [on line]. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx>. Acedido a 20 de Agosto de 2012.

<sup>32</sup> Informação obtida no site do Instituto no endereço <http://www.ihit.pt/new/estatutos.php#Preambulo>, acedido em 30.08.2012.

anualmente com 15.000\$00<sup>33</sup> e a “delegação de competências” na área da cultura de que beneficiava era, na prática, uma extensão do poder oficial (LEITE, 2001:537) que desenvolve uma marcada ação historiográfica com estudos de referência sobre os descobrimentos e o enaltecimento dos feitos e da prioridade de ação dos portugueses. Não deixa de ser curioso de assinalar, porém, o particular interesse que a elite dirigente responsável pelos dois órgãos representantes do poder central no distrito – o Governo Civil e a Junta Geral – no período entre 1940 e 1974 demonstrava pelas temáticas da cultura e, designadamente, pela História interpretando, justamente, a ação historiográfica do IHIT (cf. Quadros 1 e 2)

De facto, nas chefias de topo de ambos os organismos é significativa a presença de figuras ligadas ao IHIT <sup>34</sup> e, além disso, com percurso assinalável no âmbito da historiografia<sup>35</sup> nacionalista. A rotatividade e alternância de algumas destas personalidades nas esferas do poder (a que também estavam associados secretários igualmente ligados ao Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT) e historiadores – veja-se o caso de Francisco Lourenço Valadão Júnior, Secretário Geral do Governo Civil entre 1919 e o final dos anos 40) permite identificar a dominância de uma geração de intelectuais nascida e formada no final da Monarquia e ideologicamente vinculada ao Estado Novo que estabelece factos e argumentos suscetíveis de fundar os Açores como *um espaço marcado pela*

---

<sup>33</sup> As verbas distribuídas pela Junta Geral destinadas à Ação Cultural beneficiavam além de diversas filarmónicas, o Rádio Clube de Angra, o Sport Club Angrense, o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros de Angra do Heroísmo, o Clube Náutico, e o Grupo dos Amigos da Terceira. Os dados apresentados correspondem, apenas, aos anos de 1949-54 e foram compulsados nos *Anuários da Junta Geral* de que só se publicaram duas séries: a primeira, com dois números, correspondentes à gerência de 1929-30 e 1930-31; e a segunda série correspondente aos anos de 1949 a 1953, sendo duplo o último dos quatro números saídos.

<sup>34</sup> “Os 20 sócios fundadores eram personalidades de referência da ilha Terceira de pelo menos duas gerações, uma dos finais do século XIX e a outra das primeiras décadas do século XX, com percursos e opções políticas, sociais e culturais diferentes mas todas irmanadas no interesse do engrandecimento de uma identidade açoriana. Saíam estes homens do alto funcionalismo, das profissões liberais, dos altos dignitários da Igreja e do professorado do liceu e do seminário episcopal” (Reis Leite, José Guilherme “Instituto Histórico da Ilha Terceira” in *Enciclopédia Açoriana* [on line] Consultável em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx>. Acedido em 20.09.2012.

<sup>35</sup> Para análise de biobibliografias cf. verbetes onomásticos na *Enciclopédia Açoriana*.

*peculiaridade e pela diferença através da sucessão de vários “mitos” que gradualmente vão “inventando” (HOBBSAWN e RANGER, 1983) ou “imaginando” (ANDERSON, 1991)<sup>36</sup> a identidade açoriana (LEAL, 1992: 192).*

É a par dessa propensão historiográfica oficial matizada pelo ensaio de narrativas de carácter identitário que Luís da Silva Ribeiro submete à Junta Geral, em Novembro de 1940, o plano para um museu (um programa museológico, numa terminologia atual) e o respetivo *Regulamento Interno* (RIBEIRO, 1940) onde preconiza que “*um museu, distrital ou regional, deve unir todos os elementos plásticos que possam dar ideia da vida passada e presente do carácter e civilização do povo do distrito ou região, demonstrar as suas aptidões, documentar as suas atividades, mas deve, concomitantemente, fornecer a estas meios de aperfeiçoamento práticos e imediatamente utilizáveis*”.

Filia a sua proposta no modelo oitocentista dos museus como organismos indispensáveis ao desenvolvimento da indústria, do comércio e da agricultura nacionais (GOUVEIA, 1997:29-91) que inspirara, anteriormente, a primeira experiência museológica açoriana - o *Museu Terceirense* - criado por Alvará de 17 de Março de 1877. Embora de existência efémera, foi o primeiro museu açoriano e para ele contribuiu o empenho de naturalistas amadores locais e a iniciativa de emigrantes terceirenses no Rio de Janeiro encabeçados por António José da Silva Sarmiento Júnior que alimentam a constituição do acervo inicial do museu com espécies da flora e fauna brasileira e já antes ligados à constituição de um acervo de História Natural no Gabinete de Física do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo. Ambos os projetos decorrem do interesse naturalista comum ao ambiente intelectual da época<sup>37</sup> e testemunham a integração nas redes internacional e intercontinental de troca e circulação de

---

<sup>36</sup> Sobre o conceito de “tradição” cf. o clássico e incontornável Hobsbawm, E. e Ranger, T. (Ed.). *Invention of Tradition*. 1983, Cambridge University Press que reflete e questiona o significado da “tradição” e os processos da sua construção, por vezes muito recente, pelas comunidades. Na mesma óptica de análise cf. Anderson, Benedict. 1991. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London, Verso que analisa o conceito e a evolução do nacionalismo enquanto construção exógena aos territórios.

<sup>37</sup> Sobre o assunto cf. *Ilhas & História Natural. Catálogo da Exposição*. Ponta Delgada, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada / Museu Carlos Machado, 2010.

espécie de história natural que tinha como parceiro principal o Museu Nacional do Rio de Janeiro “*que incrementava as coleções dos museus e patrocinava a criação de novos estabelecimentos, garantindo a reprodução do sistema.*” (MARTINS, 2003:351).

Quando, em 1878, se pretendeu articular a instalação do Museu com a criação de um *Passeio Público* e viveiro experimental, pareceu natural que a exposição incluísse maquinaria moderna capaz de inspirar e motivar o desenvolvimento agrícola do distrito: na sessão de 3 de Janeiro de 1878 da Sociedade Agrícola do distrito de Angra do Heroísmo [entidade responsável pela instalação do jardim público] propôs-se “ *a criação de um jardim [...] e, igualmente, a concessão [pela Câmara Municipal] dos granéis da Travessa da Saúde para no pavimento superior se estabelecer o museu angrense, e no inferior, depósito d’instrumentos e machinas agrícolas pertencentes a esta sociedade, para ali se conservarem em exposição quando não estejam em serviço ficando assim incorporado em um só prédio estabelecimentos de tanta*

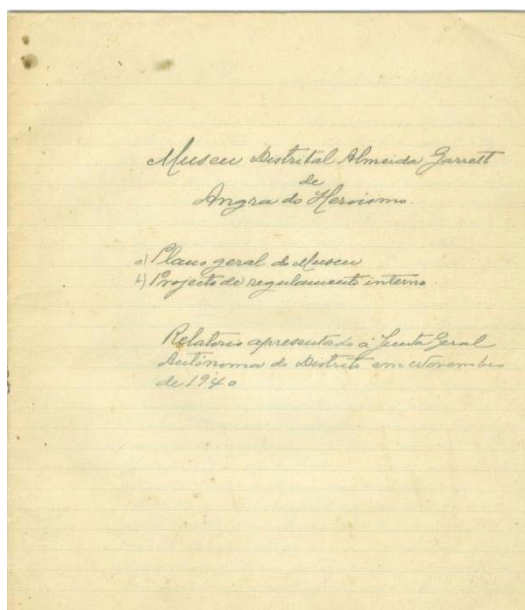


Fig. 5. Relatório apresentado por Luís Ribeiro à Junta Geral, em 1940, com a planificação e o regulamento de um museu em Angra do Heroísmo  
MAH. Espólio BL: Pasta *Primórdios do MAH*

*importância para o distrito* “ (O *Angrense*, de 21 de março de 1878 citado por MARTINS, 2003:353, nota 61).

Com a sua proposta, Luís Ribeiro abre caminho à instalação do primeiro museu regional nos Açores que então denomina *Museu Regional de Almeida Garrett* numa associação nominal a valores de testemunho histórico e, na sua natureza, entendido como instrumento de cultura: “ [Os museus] são instrumentos de cultura, verdadeiros organismos vivos com uma alta função social a desempenhar. Se assim não for, nada justifica a sua existência. (...) Para cabalmente desempenhar a sua função o museu deve reunir tudo o que, não estando no seu lugar próprio ou não fazendo parte de outras coleções, seja susceptível de documentar o passado e fazer progredir o presente.”<sup>38</sup>

Em 1947, as atas das reuniões do IHIT que o mencionam já o designam como *Museu de Arte Regional*<sup>39</sup> e denotam a valorização *do objeto arcaico, ou rústico* vinculada à interpretação do território do distrito de Angra (ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa) já que o museu deveria reunir elementos de comparação “*pois só uma visão de conjunto no arquipélago pode dar justa apreciação da cultura popular de cada ilha*” (RIBEIRO, 1949: 233-235). Tal posição procurava contribuir para a construção do gosto e, gradualmente, para a definição da matriz material da identidade açoriana e para a construção dos emblemas geradores da sua autorrepresentação posterior (LEAL, 1997) importando salientar o papel da historiografia no estudo da cultura material: refira-se o pioneirismo dos estudos de Luís Bernardo Leite d’ Athaíde no campo da História da Arte, popular e erudita, ainda que só se tenha dedicado aos fenómenos artísticos da ilha de S. Miguel mas cujo interesse pelas artes decorativas tentou valorizar os aspetos originais da arte açoriana<sup>40</sup> e estiveram na génese da construção da exposição da secção de Etnografia do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada.

---

<sup>38</sup> *Museu Distrital de Almeida Garrett de Angra do Heroísmo: Relatório apresentado à Junta Geral ...* . 1940.pp.1-2.

<sup>39</sup> “Acta da sessão extraordinária realizada em 16 de Agosto de 1947” in *Boletim do IHIT*, vol. V, Angra do Heroísmo: IHIT, 1947, p.277

<sup>40</sup> Sobre o assunto cf. os diversos artigos que publicou na *Revista Michaelense*, nomeadamente, “Novos subsídios para a Etnografia e para a História da Arte Portuguesa” in *Revista Michaelense*, n.º 2 e n.º 4, Ano 2, Ponta Delgada, 1919, pp. 179-183 e 426-430; *Etnografia Artística*. 1918. Ponta Delgada, Ed. do Autor; *Notas sobre Arte*. 1915. Ponta Delgada, Oficinas da Papelaria Micaelense; *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*. 1974. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.



## 2. Colecionismo e colecionadores açorianos

Os casos do colecionismo privado nos Açores estão ainda pouco estudados embora se reconheça que coleções privadas foram o embrião de coleções públicas e coleções públicas incorporaram ou receberam em depósito coleções, ou parte de coleções, privadas de que a diversidade temática cobre vários campos, não se resumindo ao colecionismo de arte. Aliás, a oscilação do gosto do colecionar local evoluiu de uma predominância em torno dos objetos das Artes Decorativas para a diversificação tipológica dos bens objeto de interesse e, simultaneamente, do ecletismo de cada colecionador à especialização dos respectivos conjuntos conforme dados obtidos no levantamento apresentado seguidamente.

A geografia do colecionismo privado açoriano assinalado identifica as antigas capitais de distrito como intérpretes das experiências colecionísticas mais recuadas, certamente justificadas pela maior concentração de elites letradas e com capitais disponíveis, fatores fundamentais – saberes e teres – à aquisição de objetos e seu acondicionamento doméstico. Porém, a ecletização e diversificação do gosto em colecionar permite identificar importantes coleções que, já no decurso do século XX, se constituíram em espaços periféricos e que contribuíram para a recolha local e a valorização de diferentes tipos de patrimónios.

Excluindo as referências ao colecionismo açoriano oitocentista, que manifestam uma pujança centrada na ilha de S. Miguel, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX a tendência do colecionismo privado açoriano parece rever-se numa maior diversidade da tipologia de objetos de interesse e no abandono da exclusividade das coleções de arte.

A numismática parece constituir-se como um dos principais focos de interesse colecionístico como salienta Rui Martins *“A doação de moedas (...) ilustra o gosto pelo colecionismo numismático cultivado por membros da elite*

*insular*” (MARTINS, 2003: 356) ideia que se apoia na pesquisa de João Carlos Brigola para o século XVII e que refere: “ *As moedas e as medalhas antigas são neste período, pelas suas características documentais, consideradas como fonte primordial na construção do discurso histórico.*” (BRIGOLA, 2000:47-47) que, por sua vez, se socorre da definição de Bluteau para o termo “Medalha” : “ *He pois medalha hum bocado de metal batido, ou cunhado, em que se vê a affigie de alguma pessoa illustre, & no revez della alguma figura, ou emblema. (...) A observação, & notícia das medalhas tem occupado a curiosidade de grandes engenhos, & com grande razão, porque nenhua cousa conserva tanto a memoria da Antiguidade, como as medalhas.*” (BLUTEAU, 1716: tomo V, 382-383).

A relevância disciplinar como documento histórico que à numismática será conferida pelos académicos da Academia Real da História Portuguesa contribui para o entusiasmo da sua recolha (MARTINS, idem). Neste sentido, as moedas também se constituem como objeto de doação com destino à composição do acervo inicial do *Museu Terceirense*<sup>41</sup> e intérprete central de algumas coleções de referência como a de João Carlos da Silva, o Visconde da Aqualva, (Angra do Heroísmo, 1842-1930), numismata reputado que reúne uma coleção de espécies portuguesas e brasileiras que o especialista Teixeira de Aragão referencia mas que, posteriormente, se dispersou.

Em bibliografia dispersa é possível compulsar ainda Duarte de Andrade Albuquerque (Ponta Delgada, 1856 - 1932) colecionador de antiguidades, em particular mobiliário que é, também, numismata, reunindo uma coleção de moedas portuguesas, hoje no Museu Numismático Nacional (*Enciclopédia Açoriana*, verbete Numismática); Francisco Augusto da Costa Martins (Angra do Heroísmo, 1858 – Horta, 1938), pioneiro na numismática e filatelia, diversificou o seu interesse colecionista que abrangeu desde o mobiliário açoriano, a medalhística, a imaginária religiosa, gravuras e cartografia (BETTENCOURT, 1984); ilustrando a diversificação de temáticas assinala-se,

---

<sup>41</sup> Das ofertas locais, além dos produtos naturais, refiram-se “*as moedas de cobre, bronze e prata*” (MARTINS, 2003: 356) certamente ligadas ao universo simbólico do passado e da sua valorização. Sobre o assunto cf. Martins, 2003:341-386.

no âmbito da *Naturalia*, Manuel Dionísio (Pico, 1886 - Horta, 1954) e Caetano Augusto Moniz (Ribeira Grande, 1861 - Horta, 1946) que se destacam como colecionadores de espécies naturais locais e, o primeiro igualmente de modelos em miniatura de alfaías agrícolas e reproduções de cenas da vida popular, que constrói. Ambas as coleções integraram, posteriormente, acervos públicos dado que os bens de Manuel Dionísio integram o Museu da Horta e as de Caetano Moniz se distribuíram pelo Museu Carlos Machado, Museu da Horta e Museu da Casa do Povo dos Cedros, no Faial (ROTEIRO, 2006 e *Enciclopédia Açoriana*, verbetes homónimos); Augusto de Ataíde Corte Real Soares de Albergaria (Ponta Delgada, 1912 – Lisboa, 1965) empresário e filho de Luís Bernardo Leite Ataíde, seguindo a tradição familiar, foi conhecedor e colecionador de mobiliário português; Carlos Vidinha (?) capitão da marinha mercante, recolheu, especialmente na ilha das Flores, um importante conjunto de scrimshaws, temática que também interessou o médico veterinário José Mouzinho de Figueiredo (Lisboa, 1913-1962) levando-o a reunir um elevado número de peças antigas (VIEIRA, 2003); Raul Diniz Forjaz (Angra do Heroísmo, 1916-1982) dedicou-se à recolha de fotografias antigas, cuja coleção legou à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (página virtual da BPARAH consultada em agosto de 2012).

A partir dos anos 30 do século XX, o interesse colecionista, além de acentuar a diversidade temática e tipológica dos acervos reunidos, partilha o interesse no (re)conhecimento e legitimação das especificidades da componente material da açorianidade e, conseqüentemente, do reforço da construção de uma narrativa e de um discurso identitário que vinha sendo incentivado pelas Juntas Gerais através dos institutos culturais como se viu no capítulo anterior e consonante com a estratégia político cultural do Estado Novo de uma certa idealização valorizadora do mundo rural (GOUVEIA, 1985: 174).

É esse espírito regionalista “emblemizador” que também anima Luís da Silva Ribeiro (Angra do Heroísmo, 1882 - 1955) e Frederico Lopes (Angra do Heroísmo, 1896 -1979) a recolher objetos da cultura material tradicional

local que virão a ser, posteriormente, o embrião do Museu de Angra<sup>42</sup>. Mas, numa visão menos ambiciosa e pública, é nesse mesmo contexto que Francisco Joaquim Martins de Bettencourt (Horta, 1919 - 2006), seguindo um gosto familiar, constitui o que será a maior coleção faialense que integra, essencialmente, mobiliário açoriano e imaginária religiosa e que se compõe de espécies herdadas e adquiridas, mas, também, algumas provenientes de uma outra coleção faialense, a do *Comendador Eduardo de Laemmert Bulcão* (Horta, 1870 – Lisboa, 1947); o *Padre Júlio da Rosa* (Horta, 1924) que congrega na Horta um conjunto de imaginária religiosa predominantemente de origem local que virá a dar origem ao Museu de Arte Sacra da Horta de que, agora, parte se encontra exposto no Museu da Horta; Francisco Ernesto de Oliveira Martins (Angra do Heroísmo, 1930), talvez o mais conhecido de todos os colecionadores açorianos, reúne um extenso acervo onde se salienta a imaginária, a numismática, a cerâmica e o mobiliário açoriano (RIBEIRO, 2012); João Gomes Vieira (Santa Cruz das Flores, 1939) reúne um vasto conjunto de bens relativos à tradição baleeira açoriana e de instrumentos náuticos e “salvados” que atualmente se encontra depositado no Museu das Flores, constituindo o núcleo principal das suas coleções (DRAC, Autos de Depósito de Bens no Museu das Flores, documento interno); os padres João Caetano Flores (Fajã dos Vimes, 1930 - Ribeira Chã, 1998), na Ribeira Chã - ilha de S. Miguel-, e José Maria Amaral<sup>43</sup> na freguesia de Santo Espírito, na ilha de Santa Maria, cujas recolhas locais de carácter etnográfico dariam origem, nos anos setenta, à criação dos museus da Ribeira Chã, e Etnográfico de Santo Espírito, hoje Museu de Santa Maria; e, por último, Tomaz Duarte Júnior (Madalena do Pico, 1926 – Ponta Delgada, 2003) que se concentra na recolha de artefactos ligados ao processo produtivo da vitivinicultura picarota alguns dos quais, hoje, na coleção do Museu do Vinho, na ilha do Pico.

---

<sup>42</sup> Sobre o assunto cf. ORMONDE, Helena. 2000. *Sob o Signo da Etnografia: as origens de um museu regional*. Catálogo da exposição. Museu de Angra do Heroísmo.

<sup>43</sup> Apesar de várias tentativas, não foi possível obter confirmação sobre as datas de nascimento e falecimento do Padre José Maria Amaral.



### 3. Colecionadores, *marchands* e *connoisseurs* – as redes na Terceira

O levantamento efetuado sobre os colecionadores e as coleções existentes na Terceira na primeira metade do século XX no âmbito desta dissertação compulsou um conjunto de dados e de informações que permitem esboçar uma caracterização do colecionismo terceirense no período (cf. Quadro 3).

Nos processos constitutivos das coleções apresentadas assinala-se a transferência de bens por via de heranças e doações familiares como forma principal de acumulação de bens. Eram, portanto, recolhas locais de proximidade, ou seja, na própria ilha. O mercado de antiguidades, nos Açores, só tardiamente e com pouco sucesso seria praticado profissionalmente porém, dois acontecimentos parece terem proporcionado, e até despoletado, diversas trocas: a venda dos bens do 2º Conde da Praia<sup>44</sup>, quer móveis quer imóveis, amplamente divulgados na imprensa local durante toda a década de 90 do século XIX, ocasionou um leilão do recheio do Palácio de S<sup>a</sup> Luzia, realizado em 1892/93 e que terá sido a primeira venda publicitada fotograficamente: um conjunto de cerca de treze imagens terá sido remetido para a ilha vizinha de S. Miguel com destino a colecionadores que ficaram com alguns móveis<sup>45</sup>. Todavia, os bens dos Condes da Praia terão alimentado vários colecionadores e *marchands* constituindo-se quase como um selo de garantia sobre a qualidade da peça.

---

<sup>44</sup> O título de Conde da Praia da Vitória foi criado por decreto de D. Luís de 28 de Julho de 1863 a favor de Teotónio de Ornelas Bruges Paim da Câmara (1807-1870), aristocrata terceirense suporte da defesa da causa liberal e de D. Pedro IV e D. Maria. É a morte do filho, Jácome de Ornelas Bruges de Ávila Paim da Câmara (1833-1889), 2.º conde da Vila da Praia da Vitória, que ocasiona a extinção do título, a venda do Palácio de S<sup>a</sup> Luzia e da maior parte dos bens.

Sobre o assunto cf. LEITE, 2007.

<sup>45</sup> Agradeço a informação ao Dr. Pedro Pascoal, do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que localizou em S. Miguel treze provas fotográficas sobre papel, das quais dez albuminas e de fotógrafo da Rua de S. Catarina, no Porto. O envelope onde se encontravam apresentava uma inscrição que referia serem peças do Palácio de S<sup>a</sup> Luzia para o leilão, e a identificação dos compradores: Francisco do Canto Bettencourt e José Jácome Correia, colecionadores micaelenses.

O outro acontecimento foi o leilão dos bens do Barão do Ramalho<sup>46</sup> realizado em 1914 e que também terá redistribuído, novamente, bens oriundos da casa dos Condes da Praia além dos bens do próprio barão. Aliás, um dos seus herdeiros, Emídio Lino da Silva Júnior, na sua dupla faceta de colecionador e *marchant* terá contribuído para essa dispersão junto de colecionadores com menos posses ao selecionar e categorizar, segundo o seu critério, o que integrava na sua coleção e o que vendia.

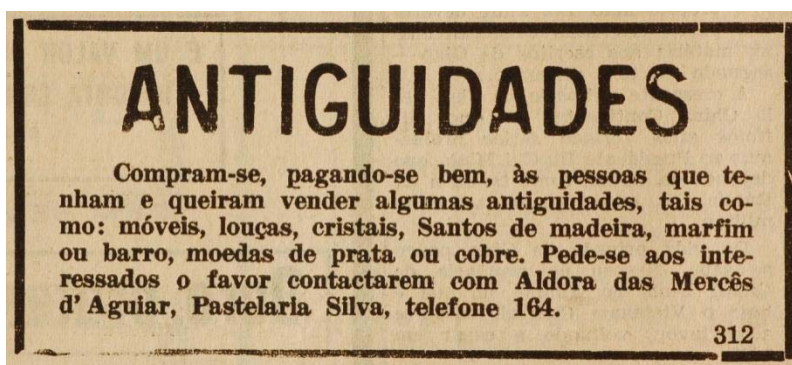


Fig. 6. Anúncio de compra de antiguidades em Angra do Heroísmo  
In Jornal *A União*, de 20 de maio de 1960

De qualquer forma, um volume significativo dos bens colecionados é oriundo dos equipamentos domésticos de habitações do meio rural local por onde tinham sido dispersos por intermédio da aristocracia decadente de final de oitocentos (MARTINS, 1980), ou em resultado das produções artesanais locais. Por isso, é só nos anos 50 do século XX que se deteta a compra de bens por estes colecionadores em antiquários continentais.

Outro aspeto que caracterizou o ambiente colecionista terceirense da primeira metade do século XX foi o da presença de alguns colecionadores (nacionais, ingleses e, depois, americanos) que “descobrem” o espaço insular, aquando da permanência nas ilhas de contingentes militares no período do 2º

---

<sup>46</sup> O título de Barão do Ramalho foi criado por decreto de 13 de Maio de 1836 da rainha D. Maria II, a favor de António da Fonseca Carvão Paim da Câmara (1765-1838), morgado e membro da nobreza de Angra que se distinguiu no apoio à causa liberal durante a Guerra Civil. O título foi transmitido ao neto homónimo (1836-1907) cujos descendentes procederam ao leilão mencionado.

conflito mundial (1939-1945). Trazem ao arquipélago *connoisseurs* e pessoas com ligações aos meios do antiquariato lisboeta que começam a adquirir peças, sobretudo nas freguesias rurais da ilha (BETTENCOURT, 2010), constatação que lembra um processo idêntico relatado pelo também colecionador João Gomes Vieira sobre a ilha das Flores onde a permanência de um contingente militar francês teve o mesmo tipo de comportamento relativamente à recolha de antiguidades locais (VIEIRA, 2003). Ambas as situações identificam no processo de colecionar local o abandono progressivo de uma sociedade rural e tradicional em favor da lenta integração da economia local numa sociedade de consumo, produtora de mais e diferentes bens que suscitou a necessidade de colecionar para memorializar o passado através dos seus objetos representativos entretanto retirados do circuito dos *objets úteis* (BELK, 1995).

As coleções constituídas compunham os interiores domésticos: eram sobretudo compostas por peças de mobiliário dos séculos XVII, XVIII e XIX, cerâmicas dos séculos XVIII e XIX e pratas (MARTINS, 1980) e que não denunciavam programas de recolha sistemáticos: cumpriam, essencialmente, uma função decorativista e de valorização familiar. A exceção à aleatoriedade das recolhas centra-se em Frederico Lopes que, desde os anos 40, colecionava com vista à constituição do acervo do museu.

Mercado desde logo limitado pela própria geografia da ilha, as interações entre colecionadores estabeleciam-se com base na horizontalidade dos grupos sociais dentro dos quais se proporcionavam as trocas (heranças, doações e vendas), as oportunidades de apreciação e convívio, e a partilha de conhecimentos. A função de *marchand* que alguns destes colecionadores exerciam garantia também a redistribuição vertical dos bens possuídos pelas elites aristocráticas e alienados quando em decadência.



*“Every collection has an inherent and illustrative subjective element that can be traced to the time and society from which the collector came.”*

Kelly Yasaitis. *Collecting culture and the British Museum*. 2006

## **Capítulo II – Um retrato individual: Manuel Coelho Baptista de Lima**

#### 4. Manuel Coelho Baptista de Lima - biografia incompleta <sup>47</sup>

À sombra do Castelo de S. João Baptista<sup>48</sup>, na linha de casas mais próximas do Monte Brasil, nasce a 22 de Agosto de 1920, Manuel Coelho Baptista de Lima, filho de Emília do Livramento Coelho Baptista de Lima e do então Sargento da guarnição do Castelo, João Baptista de Lima. De uma reduzida família terceirense pelo lado da mãe era, pela linha paterna, de origem graciosense com uma rede de tios e primos com quem se irá relacionar ao longo da infância e juventude.

Os Coelho Baptista de Lima demonstram uma clara capacidade de ascensão social: o avô materno, sapateiro de profissão com banca na Rua do Rego, deixa aos dois filhos - Emília e António - a casa e os terrenos da rua da Boa Nova e enquanto a filha casa com o então Sargento João Baptista e ocupa a casa de família, o filho ingressa na carreira militar radicando-se em Braga onde chega a major. Pelo lado paterno, BL é neto de lavradores pequenos proprietários. O pai, que cedo se alista no exército (o espólio possui várias fotografias datadas de 1915 quando se encontrava na Escola de Artilheiros) parte, logo após o casamento em Angra, para o Ultramar onde participa em campanhas africanas. Ao longo de toda a vida manterá correspondência com um irmão e outros parentes na Graciosa a propósito de rendas e heranças.

Filho único do casal, concluída a instrução primária *com o Professor Joaquim de Meneses* (DANTAS,1984), frequenta o Liceu Nacional de Angra (1931-1938), então a funcionar no edifício do extinto convento franciscano de Angra<sup>49</sup> onde evidencia um claro interesse nas áreas de Letras. A sua explicadora, D. Alice Vieira, com quem mais tarde, já em Lisboa, se corresponderá em francês, aprecia a sua inteligência e incentiva-o a continuar os seus estudos. Com um círculo não muito alargado de amigos, onde se

---

<sup>47</sup> Para consulta da biografia detalhada de Manuel Coelho Baptista de Lima cf. Apêndice 1.

<sup>48</sup> A imponente fortificação terceirense construída pelos espanhóis no início da centúria de seiscentos, no istmo do Monte Brasil, e desde então sempre ocupada militarmente.

<sup>49</sup> O Convento de S. Francisco, ampla construção seiscentista com igreja e cerca anexa, é extinto em 1834 e ocupado pelo então criado Liceu Nacional de Angra em 1846 e de onde só sairá em 1969. Desde cedo BL conhece muito bem a história e complexidade do edifício tendo sido consultado durante as obras de recuperação e adaptação (1989-1998).

salientavam os irmãos Julião e Manuel Soares de Azevedo, que irão ser seus



Fig. 7. Fachada do edifício do convento de S. Francisco nos anos 30 quando ali funcionava o Liceu Nacional de Angra e que virá a ser, a partir de 1970, o MAH  
MAH. Espólio Baptista de Lima

companheiros na ida para a Universidade, Baptista de Lima parece demonstrar uma firme determinação nos objetivos a atingir.

Terminado o 7º ano com distinção, em 1938 (...), e obtido aprovação no exame de aptidão à primeira matrícula na Universidade”<sup>50</sup> parte em Setembro de 1938 para Lisboa na companhia de mais alguns colegas e amigos angrenses, entre os quais os irmãos Azevedo<sup>51</sup>. O destino é a Faculdade de

---

<sup>50</sup> Referido no “*Curriculum Vitae e trabalhos publicados pelo licenciado Manuel Coelho Baptista de Lima, Director do Arquivo Distrital e do Museu Regional de Angra*”. MAH. Espólio BL: “Documentos pessoais”.

<sup>51</sup> Julião Soares de Azevedo (Lajes do Pico, 1920 - Lisboa, 1953) licenciou-se em Ciências Histórico-filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa ingressando, logo após, na carreira docente. Bolseiro do Instituto de Alta Cultura permanecerá em Paris onde se aproxima das correntes historiográficas dos *Annales* razão pela qual introduz em Portugal as temáticas da história económica. No *Boletim do Arquivo Distrital de Angra* (n.º4 do vol.II do ano de 1954) virá a ser publicado um artigo de sua autoria (“*Os Açores e o comércio do Norte no final do século XVII*”) o que demonstra a continuada admiração e o relacionamento dos dois antigos colegas. Sendo uma publicação póstuma, a esposa relembra insistentemente, por carta, a BL a necessidade da sua integração na publicação dado que o seu envio já havia ocorrido há cerca de dois anos. (MAH. Espólio BL: Correspondência).

Letras de Lisboa onde faz o exame de admissão e se matricula no curso de Ciências Históricas e Filosóficas. Os tempos lisboetas do estudante da Rua da Cruz dos Poiais estão mal documentados e no espólio não há correspondência dirigida aos pais relativa a esse período.



Fig. 8 – Baptista de Lima, ao centro, de regresso à ilha, nas férias, a bordo do “Carvalho Araújo”. MAH. Espólio Baptista de Lima

Em 1938 a ilha Terceira sofria ainda as consequências da repressão da Revolta de 1931, movimento que em Angra apoiara a Revolta da Madeira contra a Ditadura Militar. Nesse contexto, e até 1940, a aplicação do Estatuto Administrativo dos Distritos Autónómicos das Ilhas Adjacentes favorece a estruturação de um novo edifício político onde um novo quadro de pessoal, mais próximo da ideologia do Estado Novo (como se viu no capítulo anterior), assume a chefia dos órgãos do poder enquanto a cidade assiste à chegada de deportados continentais já que o velho Castelo de S. João Baptista é transformado na prisão atlântica dos presos políticos opositores do regime (LEITE, 2012:169).

A ditadura militar dera lugar ao Estado Novo e a Guerra Civil espanhola impunha racionamentos e as dificuldades económicas refletiam-se na vida do jovem estudante que, segundo instruções do pai, registava em folhas de despesa toda a contabilidade mensal (existem no espólio as de Março, Abril e

---

Para a vida e obra de Julião Soares de Azevedo cf. o artigo com o mesmo nome in *Enciclopédia Açoriana* e a Necrologia inserida no Boletim do IHIT n.º 11, p.243.

Maior). Sozinho num meio desconhecido, os pais estimulam-no a tomar conhecimento com pessoas colocadas que o possam ajudar posteriormente: “*não te esqueças de ires procurar o Dr. Ornelas, sempre é bom uns pedidinhos, os professores ficam a olhar bem os seus alunos quando eles têm protecção.*”<sup>52</sup>

Sinal dos tempos, a protecção de um militar: o General Pedro de Paula Pinheiro Machado<sup>53</sup>, angrense amigo do pai BL que fora comandante militar e depois governador militar dos Açores entre 1923-1930, é o guia do jovem Baptista por Lisboa. Esta amizade prolongar-se-á por toda a permanência de BL no continente com provas de mútua amizade. Apesar da falta de informações é, provavelmente, por esta altura que estabelece relação de amizade com o então já Professor Vitorino Nemésio, terceirense da Praia da



Fig. 9 – Dia de S. Vapor no cais de Angra. Anos 40 do século XX  
Cliché Foto Lilaz  
Coleção Mabel Santos

Vitória e professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

Aos Açores dos anos 30, distantes e mal conhecidos pelos continentais, ainda só se chegava de barco. O “*Carvalho Araújo*” e o “*Lima*” que estabeleciam carreiras regulares com passagem pelo Funchal, eram os mensageiros ansiosamente esperados com cartas, encomendas e passageiros

---

<sup>52</sup> MAH. Espólio BL: Correspondência. Carta da mãe datada de 1 de Junho de 1939.

<sup>53</sup> É também o General Pinheiro Machado que assina o requerimento ao reitor da Universidade de Lisboa de pedido de admissão ao exame para ingresso no curso de Ciências Histórico-Filosóficas. Rectoria da Universidade de Lisboa. Secretaria. Processo do Aluno: Requerimento datado de 14 de Setembro de 1938.

de tal forma que ao dia da chegada se chamava o “*dia de S. Vapor*”<sup>54</sup>. Inibidos pelo preço e pela demora da viagem, os estudantes só regressavam de férias no Verão tal como acontece com Manuel Coelho. Num tempo em que a comunicação escrita era essencial para a manutenção de contactos, no arquivo pessoal de BL a ausência de correspondência relativa aos anos de 1939 a 1942 não permite conhecer as razões da transferência de BL para a Universidade de Coimbra porém, pela análise do processo do aluno depositado na Secretaria da Reitoria da Universidade de Lisboa, regista-se que o requerimento solicitando transferência para Coimbra está datado de 18 de Setembro de 1940 e, ainda, em nota marginal no registo das disciplinas concluídas que no 2º ano “*o aluno perdeu por faltas na cadeira de Paleografia e Diplomática*”<sup>55</sup>. Não obstante, nesse verão, em Junho de 1940 portanto, a pedido do presidente da secção de “*História das Navegações Portuguesas dos séculos XV e XVI*” do *Congresso do Mundo Português*<sup>56</sup>, Comandante Fontoura da Costa, elabora a crítica à comunicação do Professor Samuel Eliot Morison sobre o povoamento dos Açores: a temática de interesse, dentro dos parâmetros da historiografia oficial da época, estava determinada para a vida e,

---

<sup>54</sup> O vapor *Carvalho Araújo* tinha uma lotação de 10 passageiros em camarote de luxo, 68 passageiros em 1.ª classe, 78 passageiros em 2.ª e 100 passageiros em 3.ª. Efetuava viagens para os Açores que partiam de Lisboa no dia 23 de cada mês e em 1937, a passagem entre Lisboa e o Corvo (escala mais afastada do percurso) custava 1.300 ou 1.400\$00 (consoante o tipo de camarote), no *Carvalho Araújo*, e 1.080\$00, no *Lima*, incluindo imposto de selo e sobretaxa para bagagem. Estes preços sofreram um agravamento de 10% a partir de Janeiro de 1938.

<sup>55</sup> Reitoria da Universidade de Lisboa. Secretaria. Processo do Aluno: Registo de Disciplinas e Classificações.

<sup>56</sup> Para celebrar as comemorações do "Duplo Centenário da Nacionalidade" (Fundação da Nacionalidade em 1140 e Restauração de 1640) foi constituída uma *Comissão Nacional dos Centenários* em Outubro de 1938 sendo nomeado seu presidente, Diretor da Secção de Congressos e Presidente do *Congresso do Mundo Português*, Júlio Dantas. O programa oficial das Comemorações tinha como objetivo constituir uma "síntese da civilização portuguesa" e foi dividido em três épocas: Medieval, Imperial e Brigantina nas quais os eventos principais se basearam para organizar os respectivos programas. Desses eventos destacaram-se a Exposição do Mundo Português, a Exposição Cartográfica, a Exposição Etnográfica do Douro Litoral, a Exposição Bibliográfica da Restauração, a inauguração do Museu da Restauração e o Congresso do Mundo Português, entre outros.

Sobre o assunto cf SANTOS, Ana Maria Fonseca Lopes Vaz dos. *Comissão Nacional dos Centenários: inventário* [Impresso]. 2002. Acessível na Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. (L 651).

Informação obtida em <http://digitalq.dgarq.gov.pt/details?id=4161624>. Acedido em 20 de Outubro de 2012.

se bem que sem novidade, insere-se na corrente regionalista de valorização da prioridade portuguesa na exploração do Atlântico<sup>57</sup>.

A partir de Janeiro de 1943 as cartas trocadas são abundantes, quase mensais, e começam com a participação de casamento de Manuel Baptista de Lima com Maria Luiza Forjaz de Sampaio, médica já então possuidora do curso de Bibliotecária-Arquivista e integrada no funcionalismo público como 3ª Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, filha do ilustre Albino Forjaz de Sampaio<sup>58</sup> e doze anos mais velha do que o então ainda



Fig.10 - Baptista de Lima na segunda fila, ao centro, na Queima das Fitas.  
Coimbra, 1943  
MAH. Espólio Baptista de Lima

estudante Manuel Coelho.

Até Julho desse ano trabalhará “*furiosamente*” na tese de licenciatura que conclui, e a 8 de Dezembro, quando informa os pais do nascimento das filhas gémeas Maria Luiza e Maria Manuela, assina no remetente do postal

<sup>57</sup> A crítica teve um comentário ácido por parte da Professora Virgínia Rau razão pela qual, certamente, BL só voltará a abordar o assunto então discutido (a data da viagem de Pero de Barcelos e João Fernandes Lavrador, fixada por Ernesto do Canto em 1492 e que era questionada pelo professor norte-americano) num texto de 1961 que apresenta no *Congresso Internacional dos Descobrimentos*, 1960. Vide Anexo 2.

BL descreve este episódio na separata do boletim do IHIT intitulado “*Instituições culturais devidas à acção do Instituto Histórico da Ilha Terceira (Projecção do Pensamento do Dr. Luís da Silva Ribeiro)*”. Agradeço ao Professor Doutor José Guilherme Reis Leite a informação prestada.

<sup>58</sup> Albino Forjaz Sampaio, jornalista e ensaísta republicano, bibliotecário e bibliófilo (1884 – 1949).

telegráfico como *Professor Manuel Coelho Baptista*, informação confirmada na carta datada do mesmo dia<sup>59</sup>.

Concluída a licenciatura, matricula-se no Curso de Bibliotecário Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cujo estágio termina em Janeiro de 1945<sup>60</sup> obtendo a classificação final de 17 valores, a mais elevada até então atribuída.<sup>61</sup> Entretanto, solicita ao Instituto de Alta Cultura uma bolsa para investigar “*um dos abaixo mencionados trabalhos de investigação histórica, cuja escolha deixo ao arbítrio do Instituto*” mas que não viria a concretizar-se.

As propostas então apresentadas eram as seguintes<sup>62</sup>:

1. Estudo biobibliográfico sobre D. Marcos da Cruz e publicação da sua obra “*Crónica da Fundação e catálogo dos Piores do Mosteiro de S. Vicente de Fora da Cidade de Lisboa*”;
2. Estudo sobre a livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra publicando o catálogo manuscrito de D. Pedro da Encarnação;
3. Contribuição para o estudo das relações entre Portugal e a Santa Sé no 1º quartel do século XVIII;
4. Estudo sobre o Mosteiro de Arouca e o seu termo.

No ano letivo de 1944/45, além de lecionar em três colégios de Coimbra, cataloga, a convite do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a biblioteca do então falecido historiador Henrique da Gama Barros e que fora incorporada por aquele instituto<sup>63</sup>.

---

<sup>59</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 8 de Dezembro de 1943.

<sup>60</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 19 de Outubro de 1944.

<sup>61</sup> Referido no documento “*Curriculum Vitae e trabalhos publicados pelo licenciado Manuel Coelho Baptista de Lima, Director do Arquivo Distrital e do Museu Regional de Angra*”. MAH. Espólio BL: Documentos Pessoais. O relatório de estágio é um documento em cópia manuscrita ainda com emendas e que se encontra no Espólio. Nele, relata o trabalho que executou na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra a pedido do então diretor.

<sup>62</sup> MAH. Espólio BL: Arquivo Pessoal – Rascunho de requerimento manuscrito assinado e datado de 16 de Janeiro de 1944).

<sup>63</sup> MAH. Espólio BL. Correspondência: carta aos pais datada de 19 de Outubro de 1944; e

Concluída a licenciatura e o curso de Bibliotecário Arquivista, não é, todavia, apenas o casamento que o mantêm no continente já que as aspirações intelectuais de Baptista de Lima impunham que não se afastasse dos centros intelectuais, das pessoas e das relações que ia conhecendo, e “coleccionando”, e que o poderiam promover, sem demonstrar qualquer interesse em voltar às ilhas.

Inicialmente ambiciona um lugar na Faculdade de Letras - “*Estou trabalhando furiosamente para ver se vou este ano à licenciatura pois há agora muita falta de professores e assistentes de História e, amanhã pode haver até abundância*”<sup>64</sup> mas que lamenta não ter conseguido “*Se não fosse refilão estava agora assistente. A minha licenciatura foi uma lição que ficará para a*



Fig. 11 - Baptista de Lima, à esquerda, com os funcionários da Biblioteca Pública de Évora em Novembro de 1946  
MAH: Espólio Baptista de Lima

---

MAH. Espólio BL. Maço Documentos Pessoais: “*Curriculum Vitae e trabalhos publicados pelo licenciado Manuel Coelho Baptista de Lima, Director do Arquivo Distrital e do Museu Regional de Angra*”.

<sup>64</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 8 de Fevereiro de 1943.

*vida*<sup>65</sup>, enquanto três anos mais tarde, e já integrado no funcionalismo público, manifesta a seguinte ambição: “*Não desisti ainda de me doutorar. Embora trabalhando em vários assuntos, toda a minha preparação visa esse fim. Não esqueço porém que, depois de doutorado posso ser ou não convidado ao exercício do magistério. Isso não me interessa, o que me importa é demonstrar que também posso chegar onde quero e obter os graus que os professores universitários obtiveram.*”<sup>66</sup>

É nessa circunstância que, através de concurso, obtém colocação como 2º Bibliotecário na Biblioteca Pública de Évora, cargo de que toma posse em Outubro de 1946.

Os tempos de Évora são marcados por um intenso labor de investigação, produção escrita e organização documental: “*Estou a concluir à pressa os trabalhos que tinha entre mãos sobre a história de Évora, um dos quais foi comprado por uma livraria desta cidade, o outro destina-se a ser publicado numa revista da Câmara Municipal (...) Agora a Fundação da Casa de Bragança pediu-me um artigo. Será qualquer coisa sobre as campanhas da Restauração. Cá pela Biblioteca isto tem ido bem. Organizei, ordenei, fiz encadernar e restaurar alguns milhares de livros. Um conjunto de cerca de 10.000 que há cerca de 20 anos estavam à morte, estão agora por ordem nas suas estantes, limpos e desinfectados. Pus a funcionar duas oficinas de encadernação. (...) Estou ainda a rever a minha bibliografia sobre os descobrimentos para ver se começo a impressão. O meu estudo sobre a Guiné está quase impresso.*”<sup>67</sup>

O título académico que agora possuí, a integração no funcionalismo público, as mais frequentes deslocações a Lisboa e a participação em congressos, proporcionam-lhe o cultivar das relações sociais que se lhe oferecem e que promove. Em quase todas as cartas aos pais menciona

---

<sup>65</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 8 de Dezembro de 1943.

<sup>66</sup> Espólio: Carta aos pais datada de 30 de Setembro de 1946.

<sup>67</sup> Espólio: Carta aos pais datada de 14 de Novembro de 1946.

militares que conheceu em Angra e com quem se relaciona, e outras figuras destacadas como Júlio Dantas (então Diretor-Geral das Bibliotecas e Arquivos) e João Couto (Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga). “No dia 21 inaugurou-se aqui uma exposição (...) pelo Ministro da Educação Nacional, que fiquei conhecendo pessoalmente. Hoje passei o dia com o Director do Museu das Janelas Verdes que é certamente quem leva esta carta para Lisboa.”<sup>68</sup>

João Couto era, na época, uma figura incontornável do meio museológico nacional. Diretor do MNAA desde 1938 ali desenvolve uma intensa atividade iniciando a edição regular de exposições temporárias e itinerantes, e iniciativas como cursos, aulas, conferências com especialistas nacionais e estrangeiros e projeção de filmes, além de instalar uma Oficina de Beneficiação de Obras de Arte e um inovador Serviço de Extensão Escolar com uma área própria (COSTA, 2011:16). A sua acentuada formação anglo saxónica privilegia a função educativa dos museus através da arte num período em que os museus então criados assumiam uma componente etnológico-etnográfica.

Apesar dessa proximidade, o investimento profissional de Baptista de Lima é na área dos arquivos e das bibliotecas e, apesar de apreciar a cidade de Évora e ver na sua biblioteca um desafio - “encontrei tantas riquezas documentais que dariam ensejo a milhares de estudos de erudição”<sup>69</sup> - continua a averiguar hipóteses de promoção e a candidatar-se a outros lugares - o de Bibliotecário do Ministério das Obras Públicas, lugar deixado vago pelo sogro, é um deles -, “já que ali [em Évora] estaria condenado a morrer como 2º Bibliotecário”.

Em 21 de Dezembro de 1946, após novo concurso que o coloca em primeiro lugar, toma posse do cargo de 1º Bibliotecário-Arquivista da Secretaria da Assembleia Nacional em cuja tomada de posse refere terem estado várias individualidades que o elogiaram e se interessaram pela sua colocação salientando que “o meu lugar não é político — foi alcançado mediante concurso

---

<sup>68</sup> Espólio: Carta aos pais datada de 22 de Julho de 1946.

<sup>69</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 12 de Janeiro de 1947.

*documental. Para chegar a 1º Bibliotecário tenho trabalhado muito e, sem vaidade, tenho uma folha de serviço em Évora que poucos talvez se possam orgulhar (...) tecnicamente sou consultado por todos os colegas para todas as coisas.”*<sup>70</sup>

De facto, a sua progressão é rápida. A 12 de Janeiro de 1947 informa os pais de ter travado conhecimento com alguns deputados açorianos entre os quais o Dr. Teotónio Machado Pires com quem repetidamente se encontrará *“para falarmos do projectado Arquivo Distrital de Angra”*.<sup>71</sup>

A ideia de criar um arquivo e um museu, recuperada das propostas do Instituto Histórico da Ilha Terceira, previa a incorporação da biblioteca já existente na Câmara Municipal<sup>72</sup> concentrando sob a tutela da Junta Geral do distrito e, conseqüentemente, na esfera da administração central, todos os organismos culturais mas, dada a interferência de tal projeto na esfera de atuação do município, apenas se dedicam à criação do arquivo e museu redigindo as minutas dos decretos de criação daqueles organismos.

Em Março de 1947 a perspetiva de ocupar a sua direção atraí-o e desde logo pede a opinião do pai. O regresso a Angra desagrada-lhe *“principalmente para quem se dedica a trabalhos de investigação histórica”* e não desiste do doutoramento. Além disso, *“as relações que adquiri aos 26 anos são raras e preciosas para deixá-las estiolar com esse degredo”*. Mas, no essencial, a ideia sedu-lo: *“Aí há uma coisa que me atraí! A grande obra a fazer na criação de um arquivo e museu! Isto é compensador de facto, pois além de director seria o iniciador, lançaria as bases dessas importantes instituições segundo o meu critério. Não teria superiores a quem dar satisfações pois o meu superior ficaria*

---

<sup>70</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada 9 de Março de 1947.

<sup>71</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 12 de Janeiro de 1947.  
Sobre a figura de Teotónio Machado Pires cf. o capítulo I.1 desta dissertação.

<sup>72</sup> A Biblioteca Municipal de Angra do Heroísmo foi inaugurada a 1 de Dezembro de 1873 e permaneceu no edifício da Câmara Municipal até à sua integração na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo, em 1956. Sobre o assunto cf. AFONSO, João. 1951. “A Biblioteca Municipal de Angra do Heroísmo” in *Boletim do IHIT*, vol. I, pp.248-280.

*em Lisboa e seria o Inspector das Bibliotecas onde estou muito bem conceituado*".<sup>73</sup>

Do ponto de vista do funcionalismo público o regresso de Baptista de Lima à ilha compaginava-se com o desiderato da Junta Geral no âmbito da especialização técnica dos recursos humanos cujo perfil e empenhamento não escapam ao IHIT que vê em Baptista de Lima um instrumento para a concretização dos seus projetos de proteção patrimonial aliado à vantagem axial da "renovação", por acréscimo, da intelectualidade angrense. Importa, a este propósito, transcrever a opinião de Luís da Silva Ribeiro em carta ao amigo e colaborador Frederico Lopes:

*"Angra, 3 de Outubro de 1948*

*Meu caro Amigo*

*Não calcula a alegria que me causou a sua carta.*

*O Baptista foi ... um presente do céu ao Instituto, e estimei muitíssimo saber que abundava nas mesmas ideias.*

*Quando penso em nós desejo que por cá fique. O problema da direcção do Arquivo e do Museu é caso de vida ou morte da instituição. Nesta fase inicial serão ambos o que for o director, que poderá ser também preciosíssimo colaborador do Instituto, ou uma inquietação.*

*Quando, porém, penso no Baptista desejo que se vá embora e se não mate neste meio. Quasi um pequeno e é já 1º Conservador. No seu quadro pouco pode já subir, mas, com as suas excepcionais qualidades, poderá transitar para serviço congénere e melhorar-se muito. Para isso é preciso estar ao pé da fonte. Aqui, ainda que pelo seu trabalho muito se valorize, esquecerá. Mesmo com os aviões, isto será sempre uma estrumeira onde se apodrece mais ou menos tranquilamente. Um homem como o Baptista ou foge ou se suicida.*

*Por isso não lhe digo nada. Dizer-lhe que fuja vai contra o meu interesse e o meu desejo; dizer-lhe que fique parece-me uma má acção.*

---

<sup>73</sup> MAH. Espólio BL: Carta aos pais datada de 17 de Março de 1947.

*Depois, lá fora, se quizer, poderá prestar-nos ótimos serviços, descobrindo manuscritos, promovendo estudos de outros, auxiliando-nos por mil modos, como já tem feito. Obrigação de momento é manifestar-lhe o nosso reconhecimento, dar-lhe a ideia de que apreciamos o seu esforço e desejamos a sua colaboração. (...)* ” (LEITE, 1982: 315-316).

Um ano depois, com os decretos aprovados, Baptista de Lima deslocase à Terceira numa comissão de serviço nos meses de verão a fim de montar o Arquivo. A intenção de se radicar na ilha estava tomada e, depois de um breve regresso a Lisboa, instala-se definitivamente em Angra do Heroísmo após tomar posse do cargo de Diretor do Arquivo, a 12 de Março de 1949.

A “construção” da imagem do profissional de excelência assinala-se desde logo na extensa entrevista que o jornalista, e também bibliotecário, João Afonso<sup>74</sup> conduzirá e publicará no jornal local *Diário Insular* de 24 de Outubro de 1948 e que dará o mote para a frequente presença de BL e dos organismos que dirige na imprensa angrense: feliz casamento entre um espírito tenaz e uma tutela interessada em divulgar as suas realizações na área da cultura. Nos anos seguintes diversos artigos relatarão “a extraordinária experiência de visitar o Arquivo e o Museu de Angra e falar com o seu diretor”: *Diário Insular* de 1 de Abril de 1953, com artigo da autoria de Costa Júnior; *Diário Insular* de 13 de Julho de 1965, com artigo da autoria de Oliveira San-Bento, entre outros.

Os anos que se seguirão absorvem-no totalmente. Logo no ano da sua tomada de posse dá início à publicação do *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, publicação anual onde, além do Relatório do próprio Arquivo, é Baptista de Lima que assina as secções de “Manifestações Culturais” e “Vária” e na nota de abertura define-o destinado à “*publicação de trabalhos que de algum modo possam contribuir para o progresso das ciências bibliotecárias e*

---

<sup>74</sup> João Dias Afonso (1923 -) era, na altura, diretor da Biblioteca Municipal de Angra do Heroísmo organismo que virá a unir-se ao Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo constituindo-se, então, a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo. Neste processo de transição J. Afonso manter-se-á, até à sua reforma, como Técnico Superior da BPARAH e substituto de Baptista de Lima nos períodos do seu impedimento. Como jornalista assegurará durante 30 anos (1946-78) a publicação do suplemento “Artes e Letras” do jornal *Diário Insular*.

*arquivísticas ou tornem conhecidos os núcleos documentais que constituem as diversas secções deste estabelecimento”. E ao excluir trabalhos de carácter histórico, acrescenta, procura “enriquecer a bibliografia nacional com mais uma publicação especializada, duma especialidade aliás, de que só conhecemos no nosso país, em rigor, duas outras publicações — os Anais das Bibliotecas e Arquivos e o Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.”<sup>75</sup>*

Esta edição, cuja publicação se prolonga até 1955 (correspondendo, portanto, a 6 anos) reflete o intensíssimo trabalho então efetuado e que se traduz numa ciclópica atividade de incorporação, inventariação, catalogação, e acondicionamento de documentos só possível com a tenaz persistência e autoridade do seu diretor que contava com um quadro de pessoal reduzido.

Desde a sua abertura ao público, o Arquivo Distrital ensaia programas inovadores: a microfilmagem de documentos e sua disponibilização aos leitores, serviço noturno da sala de leitura, “cursos de aperfeiçoamento técnico” dos funcionários cuja realização, “em face da aglomeração de serviço urgente”, compensa antecipando a hora de início dos trabalhos no Arquivo Distrital<sup>76</sup>, a publicação do Boletim. Intensa atividade a que não deve ser estranha a sua preocupação de atualização, as primeiras viagens a França e à frequência do *Stage Technique des Archives*, em 1958, em Paris.

Coexistindo espacialmente com o Arquivo mas com existência legal posterior, o museu permanecia encerrado ao público embora manifestasse uma intensíssima atividade de recolha e incorporação de bens expressa no primeiro relatório apresentado por BL à Junta Geral, em Setembro de 1949: “...tomámos as necessárias providências para a recolha de todos os objectos que nos termos da lei deveriam ser recolhidos (...) e sugerimos a algumas entidades a conveniência que haveria em depositarem no museu os objectos de valor artístico ou histórico que possuíssem no que tivemos o melhor acolhimento e por vezes caloroso aplauso. Logo nos primeiros meses de

---

<sup>75</sup> *Boletim do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo*, nº2:p.207.

<sup>76</sup> *Idem*

*diligente pesquisa e activa recolha conseguimos fazer entrar nos depósitos deste museu mais de mil objectos...”<sup>77</sup>.*

De facto, se entre 1949 e 1951 os dois organismos ainda estão instalados num edifício provisório enquanto no Palácio Bettencourt se ultimavam as sumárias obras necessárias, no período entre 1951 e 1957 todo o esforço se concentra em constituir um fundo: a incorporação de bens arquivísticos está na ordem do dia enquanto no plano museológico as modalidades de entrada de bens no museu são as doações e os depósitos numa ação concertada com a Junta Geral do Distrito coadjuvada pelos Párcos das freguesias locais.

É na sequência desse crescimento, e já com o argumento da falta de espaço que, em 1954, BL leva a Junta Geral a iniciar obras de adaptação e ampliação do edifício do Palácio Bettencourt. De facto, o Museu contava já com numeroso acervo que ocupava duas salas que não evidenciavam qualquer preocupação museográfica ou de arrumação: eram, assumidamente, áreas de acumulação de espécies e, embora haja registo de várias visitas oficiais (do Ministro das Obras Públicas, do Sub - Secretário de Estado da Educação) essa situação manter-se-á até à inauguração da primeira exposição permanente, em



Fig. 12 – Baptista de Lima e o presidente da república General Craveiro Lopes, na inauguração do MAH no Palácio Bettencourt em 28 de Julho de 1957  
MAH: Espólio Baptista de Lima

<sup>77</sup> “O Museu de Angra do Heroísmo: organização, instalação, programa a considerar no plano de atividades para o próximo ano” in *Boletim da Junta Geral de Angra do Heroísmo*. 1950.

em 1957.

Contudo, embora inaugurado a 28 de Julho, durante a visita presidencial de Craveiro Lopes, o museu ainda estará encerrado ao público até 1959 quando abre definitivamente com uma exposição de bibliografia e cartografia, desta vez integrado nas Comemorações Henriquinas de que Baptista de Lima é o promotor em Angra.<sup>78</sup>

A este intervalo devem estar associadas as sucessivas ausências do diretor:

- o em 1957 em Comissão de Serviço no Governo Civil da Horta e outra de três meses em Lisboa, na Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos;
- o em 1958 como Bolseiro do Instituto de Alta Cultura durante três meses em França;
- o em 1959 (Maio) início da Comissão de Serviço no Ministério do Interior como Presidente da Câmara de Angra que se prolongará até Abril de 1965.

Simultaneamente desempenha, desde 1955, o cargo de vogal correspondente da 4ª subsecção (Literatura, Bibliotecas e Arquivos) da 6ª secção (Belas Artes) da Junta Nacional da Educação<sup>79</sup> onde tinha como interlocutores o Inspetor Superior das Bibliotecas e Arquivos, os presidentes da

---

<sup>78</sup> Sobre o assunto cf. RODRIGUES, José Damião, e RILEY, Carlos. 1995. *O infante, os Açores e a memória local no contexto das comemorações henriquinas*. Ponta Delgada, Nova Gráfica.

<sup>79</sup> A Junta Nacional de Educação foi instituída pela Lei nº 1:941, de 11 de Abril de 1936 como órgão consultivo do Ministro da Educação Nacional. O seu regimento (Dec- Lei n.º 26611, de 19 de maio de 1936) determinava uma constituição composta por sete secções: **1.ª secção**: Educação Moral e Cívica; **2.ª secção**: Ensino primário; **3.ª secção**: Ensino secundário; **4.ª secção**: Ensino Superior; **5.ª secção**: Ensino Técnico; **6.ª secção**: Belas Arte; **7.ª secção**: Investigação Científica e Relações Culturais.

A orgânica da *Junta* foi revista pelo Decreto-Lei n.º 46348, de 22 de Maio de 1965 passando então a ser constituída pelas seguintes secções e subsecções: **1.ª secção** - Ensino superior; **2.ª secção** - Antiguidades e Belas-Artes, com as seguintes subsecções: 1.ª subsecção - Arqueologia; 2.ª subsecção - Artes plásticas; 3.ª subsecção - Museus e coleções de arte; 4.ª subsecção - Proteção e conservação de monumentos e obras de arte; 5.ª subsecção - Música e teatro; **3.ª secção** - Bibliotecas e arquivos; **4.ª secção** - Ensino liceal; **5.ª secção** - Ensino técnico profissional, com as seguintes subsecções: 1.ª subsecção - Ensino agrícola; 2.ª subsecção - Ensino industrial; 3.ª subsecção - Ensino comercial; **6.ª secção** - Ensino primário; **7.ª secção** - Educação física e desportos; 8.ª secção - Educação moral e cívica.

Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História e representantes de todos os municípios que possuíssem bibliotecas-arquivos organizadas.

O círculo de pessoas afetas à *Junta* permitia garantir a proximidade com os centros de decisão mas, também, manter vivas redes de contacto fundamentais para a prossecução de projetos impossíveis de realizar apenas com os apoios locais. Desse grupo assinala-se o Professor António Ferrão, Inspetor Superior das Bibliotecas e Arquivos entre 1946 e 1954, e o Dr. Luís Silveira, seu sucessor e Inspetor Superior entre 1954 -1969 após ter sido diretor da Biblioteca Pública de Évora durante a permanência de Baptista de Lima naquela biblioteca e com os quais manterá correspondência. Das relações com a Academia Portuguesa de História (cujos presidentes entre 1945 e os anos 80 foram José Caeiro da Mata [1945-1963], Possidónio Mateus Laranjo Coelho [1964-1966], Manuel Lopes de Almeida [1966-1972], António da Silva Rego [1972-1975] e Joaquim Veríssimo Serrão [1975-2006], Baptista de Lima manterá especial relação de amizade com o Professor Veríssimo Serrão visto terem como objeto de interesse comum a figura de D. António, Prior do Crato e a sua permanência na Terceira.

No mesmo período foi ainda Delegado Regional e responsável para os Açores das Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, além de secretário do Instituto Histórico da Ilha Terceira eleito em 4 Abril de 1955 e reeleito a 6 de Dezembro de 1959.

De qualquer forma, o final dos anos cinquenta parece poder caracterizar-se como um período de transição perante uma certa monotonia do esquema ilhéu e o início do apelo ao alargamento de horizontes. Em Abril de 1959 requere o estatuto de bolseiro por um ano<sup>80</sup> justificado pelo convite da Comissão Executiva das Comemorações do Vº Centenário da Morte do Infante D. Henrique para preparar os documentos açorianos a incluir na *Monumenta Henricina*. A resposta a este requerimento é desconhecida, assim como o

---

<sup>80</sup> MAH. Arquivo Morto: Processo do funcionário Manuel Coelho Baptista de Lima. Requerimento datado de 20 de Abril de 1959.

andamento que este assunto teve. Porém, inesperadamente, cinco meses depois é nomeado Presidente da Câmara de Angra do Heroísmo.

A permanência na Câmara Municipal garante-lhe meios de ação e acesso às altas esferas da política nacional quando parece corporizar o espírito do IIº Plano de Fomento (1959-1964) quanto à estratégia para dotar o país das condições necessárias para o crescimento industrial e, implicitamente, o progresso económico<sup>81</sup>: empreende e inaugura grandes obras públicas - o Tribunal Judicial, escolas primárias em freguesias rurais, todo o traçado viário da zona litoral da ilha entre o Porto Judeu e Porto Martins, a primeira circular da cidade de Angra, o alargamento dos bairros periféricos e o primeiro grande impulso para a eletrificação das freguesias rurais do concelho<sup>82</sup>.

A este pragmatismo revela-se axial a preocupação patrimonial que permanece uma das suas prioridades razão pela qual empreende uma longa demanda com o objetivo de patrimonializar e classificar a linha de fortificações costeiras da ilha Terceira e vários imóveis do concelho para o que promove a constituição da *Comissão Municipal de Arte e Arqueologia* cujo enquadramento legal estava previsto desde 1932 mas nunca acionado em Angra do Heroísmo<sup>83</sup>. Dentre elas, a mais significativa: a cedência do antigo Convento de S. Francisco ao Museu Regional apenas um mês depois de ter sido nomeado.

De regresso ao Museu e à Biblioteca e Arquivo, em meados de 1965, continua a sua preparação técnica na área da Arquivística e Biblioteconomia

---

<sup>81</sup> Sobre a economia portuguesa no período entre 1950 e 1970 cf. LAINS, Pedro. "O Estado e a industrialização em Portugal" in *Análise Social*, vol. XXIX, (128), 1994 (4º), pp.923-958. Especificamente sobre o IIº Plano de Fomento consultar a documentação preparatório e os relatórios sectoriais disponíveis na página do Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território disponível em <http://www.dpp.pt/pt/base-de-dados/Arquivo-historico/Paginas/II-Plano-de-Fomento.aspx> Acedido em 1 Outubro de 2012.

<sup>82</sup> Sobre o assunto cf. CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO. Relatórios de Gerência 1959-1965.

<sup>83</sup> As Comissões Municipais de Arte e Arqueologia eram organismos dependentes das câmaras municipais e haviam sido instituídas por decreto, em 1932, mas a de Angra do Heroísmo só será constituída e instalada em 1960, durante o mandato de Baptista de Lima como Presidente da Câmara. Tendo como âmbito "a defesa dos interesses artísticos e facilitar a organização do inventário (...) de móveis ou imóveis que (...) possuam valor artístico, histórico, arqueológico ou numismático", as comissões poderiam ser organizadas nos concelhos em que existissem monumentos nacionais. Logo na primeira reunião da comissão de Angra (a 4 de Maio de 1960) são apresentadas 30 propostas de classificação de imóveis.

frequentando, no ano seguinte e como bolseiro novamente em Paris, um novo *Stage Technique Internationale d'Archives* e um *Curso de História de Arte*, na *L'École du Louvre*<sup>84</sup>. Com uma duração de 3 anos os cursos podiam ser frequentados por Alunos e Auditores. Tendo em conta o tempo de permanência de Baptista de Lima em Paris nesta ocasião, frequentou, apenas, as aulas que desse curso estavam a ser lecionadas nessa altura.



Fig. 13 e 14 – Stage Technique d'Archieve. Paris, 1958  
MAH. Espólio Baptista de Lima

Nessa sequência de interesse formativo frequente, entre Novembro de 1967 e Março de 1968, o *Curso de Museologia da École du Louvre* onde terá contacto com modernas reflexões em torno da museologia e dos museus<sup>85</sup>. Com a duração de seis meses o curso distribuía-se pelas seguintes disciplinas:

- I) *Le Musée d'Art et d'Histoire. Principe, definition, histoire et techniques.*  
(disciplina lecionada pelo Conservador Chefe Germain Bazin<sup>86</sup>);
- II) *Principes d'organisation et régles de gestion des Musées de France.*  
(disciplina lecionada pelo director dos Museus de França Jean Chatelain<sup>87</sup>);

<sup>84</sup> Documentação de *L'École du Louvre* existente no espólio e que se apresenta em anexo. Cf Anexo 2.

<sup>85</sup> Informação obtida in *L'École du Louvre: quatre-vingt-sixieme annee. 1967-1968.* Paris, Ministère dês Affaire Culturelles/ Direction des Musees de France, pp. 11-15.

<sup>86</sup> Germain Bazin (1901-1990) historiador de Arte formado em museologia pela École du Louvre integra o seu corpo docente em 1941 como responsável pela disciplina de Estudos Museológicos. Em 1937 é nomeado curador do departamento de desenho e pinturas do Museu do Louvre e entre 1951 e 1961 é curador - chefe daquele museu sendo responsável pela reorganização das salas de exposição.

III) lições técnicas dedicadas a :

- . Serviços Educativos nos Museus, lecionada por Madame Cart,
- . Restauro de Pintura, lecionada pelo Sr. Rouillet,
- . Restauro de Escultura, lecionada pelo Sr. Thirion,
- . Técnicas de Cerâmica, Esmaltes e Bronzes, lecionada pelos Srs. Landais e Gaborit,
- . Exame científico de Obras de Arte por Madame Hours.

No âmbito do curso era proporcionada aos participantes a frequência de visitas a museus e participação em conferências e ateliers. Na entrevista que concede ao jornal *Diário Insular* a esse propósito, referirá:

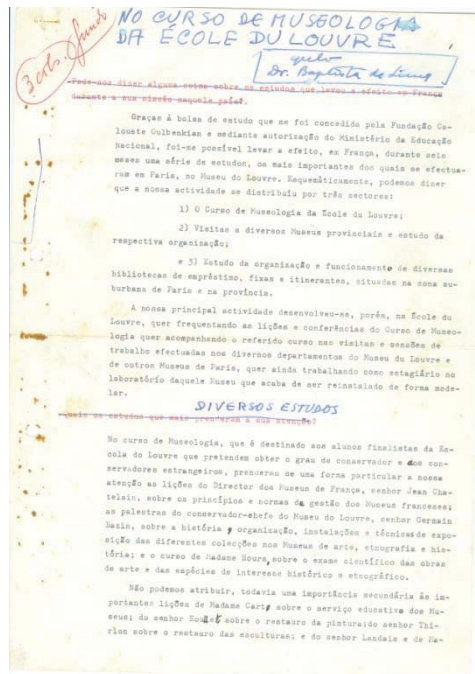


Fig. 15 – Primeira página do rascunho da entrevista publicada no *Diário Insular* a propósito da estadia em Paris MAH. Espólio Baptista de Lima: Pasta Formação

*“Graças à bolsa de estudos que me foi concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian [...] foi-me possível levar a efeito, em França, durante seis meses uma série de estudos, os mas importantes dos quais se efetuaram em Paris, no museu do Louvre. Esquemáticamente, podemos dizer que a nossa atividade:*

- 1) *O curso de museologia da École du Louvre;*

<sup>87</sup> Jean Chatelain (1916-1994) professor na Sorbonne foi Diretor dos Museus de França (1967-?) durante o período do exercício de André Malraux como Ministro dos Assuntos Culturais.

2) *Visitas a diversos museus provinciais e estudo da respectiva organização;*

3) *Estudo da organização e funcionamento de diversas bibliotecas de empréstimo [...]*

*A nossa principal atividade desenvolveu-se, porém, na École du Louvre, quer frequentando as lições e conferências do Curso de museologia quer acompanhando o referido curso nas visitas e sessões de trabalho efetuadas nos diversos departamentos do Museu do Louvre e de outros museus de Paris, quer ainda trabalhando como estagiário no laboratório daquele museu que acaba de ser reinstalado de forma modelar.*

*No curso de Museologia, que é destinado aos alunos finalistas da École du Louvre que pretendem obter o grau de conservador e aos conservadores estrangeiros, prendera de forma particular a nossa atenção as lições do diretor dos Museus De França, Sr. Jean Chatelain, sobre os princípios e normas de gestão dos museus franceses, as palestras do conservador-chefe do museu do Louvre, Sr. Germain Bazin, sobre a história, organização, instalações e técnicas de exposição das diferentes coleções nos musus de arte, etnografia e história; e o curso de Mme Hours, sobre o exame científico das obras de arte e das espécies de interesse histórico e etnográfico (...).*

*De fundamental importância foi o estágio efetuado no laboratório do museu do Louvre durante o qual tomámos conhecimento dos métodos utilizados no estudo científico da pintura, da escultura e das espécies de interesse histórico e arqueológico. (...).*

*Dentre as visitas guiadas e sessões de trabalho levadas a efeito neste capítulo da nossa atividade, destacarei as visitas guiadas ao departamento de pintura do museu do Louvre, sob a orientação de Mlle Thibaut, e as sessões de trabalho efetuadas nas manufacturas de tapeçarias Des Gobelins, de La savonnerie e de Beauvais, no atelier de moldagens do serviço de Monumentos Históricos, no museu Nacional de Arte Contemporânea, nos Museus do Jeu de Paume e de L'Orangeri, no Museu Guimet e no museu de Cluny.*

*Uma outra fase da nossa atividade foi com efeito preenchida pelas visitas aos museus de diferentes cidades francesas com o objetivo de estudar a respetiva organização, funcionamento e técnicas de exposição.*

*Dentre os museus visitados destacaremos os museus de Belas-Artes e Dauphinois, de Grenoble, os Museus de Belas-Artes, da Imprensa,*

*dos Tecidos e das Artes Decorativas, de Lyon, os Museus de Belas-Artes, Arqueológico e do Porto, de Marselha, os Museus de Toulouse, Tours, Rennes e do Havre.(...).*

*Dentre os conhecimentos adquiridos avultam os que se referem aos atuais critérios e técnicas de instalação e organização de museus e à exposição dos diferentes tipos de espécies, sua conservação e valorização. O que vimos recentemente realizado em França, tanto no Museu de rennes como no Museu Dauphinois de Grenoble, que acaba de ser instalado com pleno êxito no Mosteiro de Sainte-Marie-d'en-Haut, mostrou-nos bem o que é possível fazer-se quanto ao aproveitamento e adaptação criteriosa de um antigo edifício a museu de belas-Artes, etnografia ou História, como entre nós terá que suceder em futuro mais ou menos próximo, dada a reconhecida falta de espaço que se está verificando no Palácio Bettencourt, que apenas apresenta, atualmente, a quinta parte das espécies de que dispõe o nosso museu.*

*A utilização de alguns aparelhos simples e pouco dispendiosos mostrou-nos também a possibilidade de poderem ser levados a efeito entre nós pequenos estudos e trabalhos de prospecção, principalmente no que se refere ao conhecimento da pintura antiga, uma vez que se possa dispor da indispensável aparelhagem e de instalações suficientes para a sua montagem. (...) Estes aspetos duma atividade cultural francamente progressiva foram levados à consideração de quem de direito e oxalá possam contribuir para que este tipo de centro de cultura, em que a burocracia está reduzida a mínimo e a projecção cultural é levada ao máximo, se possa também radicar entre nós, com inestimável benefício para os diversos centros populacionais. “*

Ainda nesse ano frequenta um *Seminário de Estudos* promovido pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM) realizado na sala de conferências do Museu Nacional de Arte Antiga entre 29 e 30 de Maio. Subordinado ao tema *Museus e Educação* o seminário apresentou o seguinte programa de conferências<sup>88</sup>:

Tema I) *O museu como auxiliar do ensino*

Dr. Alfredo Betâmio de Almeida, metodólogo do Liceu Pedro Nunes

---

<sup>88</sup> As palavras de introdução, os textos das comunicações e as conclusões do *Seminário* foram publicadas em 1971 pela APOM de onde foi compulsada esta informação.

Dra. Maria José de Mendonça, presidente da APOM e diretora do Museu Nacional dos Coches

Tema II) Os museus portugueses – diferentes tipos e possibilidades de aproveitamento

Professor Doutor Germano Sacarrão, diretor da Fac. Ciências de Lisboa

Dra. Maria Emília A. Teixeira, diretora do Museu Nac. Soares dos Reis

Tema III) Serviço Educativo dos museus

Dr. Rui Grácio, do Liceu Charles Lepierre e Centro de Investigação Pedagógica da FCG

Pintora Madalena Cabral, Serviço de Extensão Escolar do MNAA

Tema IV) Os museus e os meios de comunicação

Prof. José Baptista Martins, Serviços de Rádio e TV do Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino

Eng. João Miguel Santos Simões, conservador do MNAA

Comunicações extraprograma:

*Museus e escolas*, pelo Dr. Carlos de Azevedo, Secretário da Comissão Cultural Luso-americana

*Museus e Educação – A Universidade*, pela Dra. Maria João Rodrigues, Diretora do Museu de Arte Sacra de S. Roque

*Sobre a ação educativa do museu de Etnologia do Ultramar*, por Fernando Galhano, Investigador da Junta de Investigação do Ultramar

*A extensão escolar dos museus no Museu José Malhoa*, por Helena Coimbra, Conservadora-ajudante

*O Museu dos CTT e a colaboração que poderá prestar às escolas*, por Maria da Glória Firmino, conservadora-chefe

*Problemas das visitas de estudo aos museus*, pelo Dr. Manuel Rio-Carvalho, Assistente da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

*O Serviço Infantil do Museu Nacional dos Coches*, por Maria do Carmo Monteiro, monitora do SI

*O museu e os meios de comunicação com os deficientes visuais*, pelos Profs. Augusto Silva, José Marques e António Santos, do Instituto de Cegos Branco Rodrigues

No ano seguinte, um estágio nos laboratórios do Louvre entre 18 e 29 de Março, e a “*visita aos museus franceses das províncias de mais recente e aperfeiçoada organização: Havre, Cannes, Marselha, Lyon e Grenoble*” (MAH, 1967: 33)

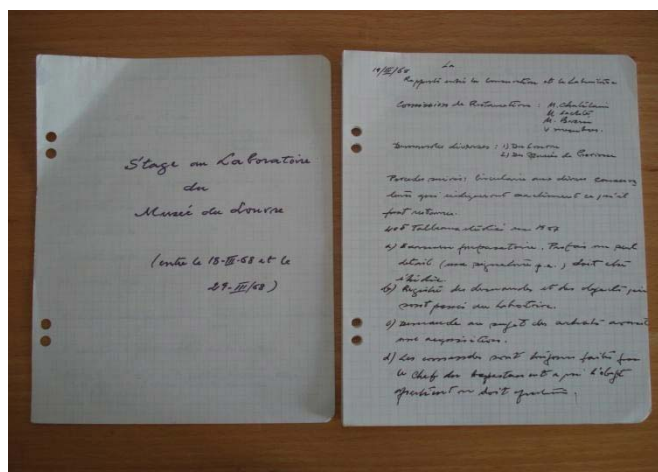


Fig. 16 – Caderno de notas do *Stage au Laboratoire du Musée du Louvre* MAH. Espólio Baptista de Lima: Pasta Formação

Estes episódios formativos são, porém, curiosos. Se bem que a opção parisiense possa ter uma justificação afetiva, não é insignificante a constatação de que com ela Baptista de Lima descobre a museologia francófona, que aparentemente adota, apesar de o seu antigo amigo e interlocutor frequente – o Dr. João Couto, diretor do MNAA desde 1938 – corporizar, por formação, a escola anglo-saxónica e ser o responsável nacional pela orientação dos estágios dos conservadores de museus competência que incumbia ao Museu Nacional de Arte Antiga desde 1934/35. Mesmo após a aprovação da Lei n.º 39116, de 27 de Fevereiro de 1953<sup>89</sup>, que reorganizava o estágio de preparação para ingresso nos lugares de conservadores dos museus, dos palácios e monumentos nacionais, João Couto manter-se-á como uma figura central no processo de formação de conservadores já que passa a presidir ao Conselho do Estágio para Conservadores, cargo que exercerá até 1962. E é nessa mesma linha de orientação que João Couto promove, desde 1960, as *Reuniões dos diretores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais* que se tornam momentos de partilha e formação<sup>90</sup> nas quais Baptista de Lima não estará presente certamente devido à sua permanência na Câmara de Angra

<sup>89</sup> *Diário do Governo*, 1ª Série, n.º 38 de 27 de Fevereiro de 1953.

<sup>90</sup> No mesmo sentido João Couto implementa, no MNA, o *Arquivo Museológico* vasto conjunto de documentação fotográfica “de quase todos os museus do mundo (...) sobre a) tipos de edifícios; b) apresentação de espécies c) critérios de arrumação d) soluções climatéricas e) tipos de iluminação f) arrecadações g) atividades”.

Sobre o assunto cf. *Boletim do Museu de Arte Antiga*, Ano 1964, vol. V, n.º 1, pp. 22-30 e o artigo de Belarmina Ribeiro “O arquivo museológico: sua fundação e história” in *Boletim do Museu de Arte Antiga*, Ano 1962, vol. IV, n.º 3, pp. 29-31.

(1959-1965) mas que acompanha pelos escritos deixados: quer na biblioteca do MAH, quer na biblioteca pessoal encontram-se os números dos boletins dos museus onde se realizaram as reuniões e onde figuram os textos das comunicações apresentadas e os respectivos relatórios (cf. Quadro 4 sobre as reuniões dos Conservadores dos Museus).

O depoimento recolhido junto do sucessor de Baptista de Lima na direção do MAH, Olívio Rocha, confirma as preferências formativas do primeiro por Paris<sup>91</sup> para onde enviará o técnico do museu Emanuel Félix, entre Janeiro e Julho 1979, que cumpre um estágio intensivo no *Institut Français de Restauration des Oeuvres d'Art* e estágios de aperfeiçoamento no Laboratório do Musée du Louvre, no Museu Rodin e *Institut Royal du Patrimoine Artistique*, em Bruxelas (LIMA, 1984:69).

No final de 1969 inicia-se a mudança do MAH do Palácio Bettencourt para o Convento de S. Francisco e, em consequência, são abertas ao público 8 salas de exposição que davam conta das seguintes temáticas<sup>92</sup>:

- 1) Sala da Bateria de Artilharia Schneider-Cannet;
- 2) Sala “*De Profundis*” com peças de artilharia de campanha e de montanha;
- 3) Sala da antiga cozinha conventual com viaturas de infantaria;
- 4) Pátio norte com peças de artilharia de sítio;
- 5) Sala do Antigo refeitório conventual com a coleção de Navegação;
- 6) Sobreloja do Claustro com equipamentos, uniformes e armas

---

<sup>91</sup> Não deixa de ser interessante assinalar as obras sobre museologia existentes na biblioteca do MAH que deram entrada até ao final dos anos 70 do século XX (sem contabilizar catálogos de exposições e roteiros de museus): BAZIN, Germain. *Le Temps des Musées*, Bruxelles, Desoer Ed., 1967; MENKES, Diana (ed.). *La Sécurité dans les musées*. Paris, ICOM, 1977; EVELYN, Hugh. *La formation du personnel des musées*. ICOM, 1970; LES EXPOSITIONS TEMPORAIRES ET ITINERANTES. UNESCO, 1965; BARNAUD, Germaine. *Répertoire des musées de France et de la Communauté*. Paris, Institut Pédagogique National, 1959; PROBLEMES DE CONSERVATION DANS LES MUSÉES. Paris/London, ICOM, 1969; PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUES: CARENCIAS E POTENCIALIDADES. Lisboa, APOM, 1979; LE MUSÉE AU SERVICE DES HOMMES AUJOURD'HUI ET DEMAIN: LE RÔLE EDUCATIF DES MUSÉES. Paris, ICOM, 1972; COLLOQUE SUR LE RÔLE DES MUSÉES DANS L'EDUCATION ET L'ACTION CULTURELLES: MOSCOW-1968. Great Britain, ICOM, 1969; LA PROTECTION DU PATRIMOINE CULTUREL MOBILIER: RECUEIL DE TEXTES LÉGISLATIFS. PARIS, UNESCO, 1981; BURNHAM, Bonnie. *La protection du patrimoine culturel: manuel des législations nationales*. Paris, ICOM, 1974; PRESENTATION DE COSTUMES. DOSSIER TECHNIQUE n.º1. Paris, ICOM, s/d; MUSEUM. Paris, UNESCO, coleção ininterrupta desde o volume I, de 1948, até 1980.

<sup>92</sup> MAH, *Relatório de 1970*: pp.28-31.

portáteis;

7) Salas pequenas do r/c com arreios de sela;

8) Sala do “Capítulo” com transportes de tração animal.

A proposta museográfica para as novas salas, que apresenta no *Relatório de 1971*, revelava-se prometedora e inovadora: a etnografia teria um papel fundamental e as representações viveriam de grandes conjuntos e reconstituições que explicariam a relação do homem com o meio e os seus recursos:

*“A sala de entrada é constituída por peças de mobiliário artístico dos séculos XVII e XVIII, algumas delas de madeiras do Brasil (...).*

*Os trabalhos de montagem prosseguiram na segunda sala que comunica com aquela por um amplo arco de cantaria regional, tendo ali ficado instalada uma notícia ou informação corográfica, orográfica, batimétrica e geológica das ilhas do distrito de Angra do Heroísmo constituída pelas plantas corográficas e plantas de relevo das três ilhas, uma carta batimétrica de todo o arquipélago, por uma colecção mineralógica das principais rochas das ilhas, incluindo as de deformação eruptiva, por vezes de surpreendente efeito estético, uma colecção de diferentes minerais e outra de fósseis de diferentes épocas e períodos geológicos. Completa a informação que esta sala oferece uma colecção das magníficas gravuras do geólogo Hartung que mostram os perfis de algumas costas e depressões interiores das ilhas do distrito acentuando, de forma evidente, a respectiva estratigrafia e ainda outras do tipo águas-tintas, que revelam belezas naturais designadamente grutas e que além do seu interesse geológico constituem trabalho artístico de elevado nível.*

*Foram ainda iniciados os trabalhos de montagem na sala três, que comunica igualmente com a anterior por um belo arco de cantaria e que deverá ser compartimentada, mediante divisórias apropriadas, amovíveis, em três recintos, o primeiro dos quais se destina a dar uma informação geo-humana do habitat das três ilhas do distrito,*

*quando do respectivo povoamento. Neste momento, encontra-se em vias de montagem a vitrina destinada à apresentação das principais madeiras indígenas e sua mais corrente utilização e emprego para os diversos fins da vida quotidiana, com exposição de alguns objectos para cuja manufatura foram utilizadas, bem como fotografias de outras peças de maior porte para cuja construção eram normalmente empregadas. Neste recinto ficará igualmente uma vitrina consagrada à exposição dos diferentes tipos de cantaria regional, do seu corte e diversos tipos de trabalho, expondo-se, além das peças trabalhadas, fotografias elucidativas da forma como se processava o referido trabalho.*

*Completarão esta secção fotografias do fâcies das pequenas reservas da flora primitiva e das áreas onde se estabeleceram os primeiros povoados das diferentes ilhas e ainda de povoações existentes que apresentam, actualmente, aspecto mais primitivo, desejando-se que estas últimas sejam fotografias aéreas.” (MAH, 1971:32-34).*



Figs. 17 e 18 - Aspetos da montagem e das vitrinas da secção de Etnografia no MAH, em 1971  
MAH. Coleção de Fotografia

Paradoxalmente, e justificando-se com a morosidade das obras necessárias no convento que iam sendo executadas pelos próprios funcionários, a Etnografia como eixo central do discurso expositivo do MAH vai sendo adiada embora durante toda a década se vão abrindo novas salas de exposição dedicadas à História Militar, à Arqueologia, à Navegação, aos Transportes e às Belas-Artes. Mas é também nesta década, e em quatro anos

consecutivos (1971, 1972, 73 e 74) que visita o *Musée des Arts et Traditions Populaires* (o conhecido ATP de Georges Henri Riviere).



Fig. 19 – Documentação da IXª Conferência Geral do ICOM/1971 MAH. Espólio Baptista de Lima: Pasta ICOM

O testemunho de alguns contemporâneos explica a reduzida expressão etnográfica com o receio de Baptista de Lima em se aventurar em terrenos que não lhe eram familiares<sup>93</sup>. De qualquer forma, resultante de um recurso ou de uma opção temática ausente na cartografia museológica regional é nesse período que se assiste a um investimento exponencial na coleção militar em

<sup>93</sup> Segundo o depoimento do Dr. Maduro-Dias, o principal colaborador de BL para a área da Etnografia seria uma pessoa difícil e envolvida noutros projetos que nunca terá correspondido ao investimento e expectativas de BL razão pela qual este optou pelo caminho seguro da sua área de interesse e formação: a História Militar.

termos de valores absolutos do acervo contrariando a heterogeneidade, liderada pela etnografia, até aí mantida.

Os levantamentos e as recolhas locais deixam de ser expressivos: considera essa fase do trabalho terminada e abandona-as quase totalmente. É dessa forma que permite que um colecionador local constitua uma fabulosa coleção de cerâmica inglesa e imaginária recolhida na ilha pelo colecionador terceirense Francisco Ernesto de Oliveira Martins de quem parte da coleção de cerâmica inglesa, cerca de 600 peças, virá a ser adquirida pela Fundação Calouste Gulbenkian e a ser depositada no Museu de Angra do Heroísmo em 1970<sup>94</sup>, e não dê relevância a um projeto de constituição de um *Museu da Etnografia Baleeira* elaborado pelo antigo colaborador e, entre 1959-65, diretor interino do MAH João Afonso (ORMONDE, 2000:2).

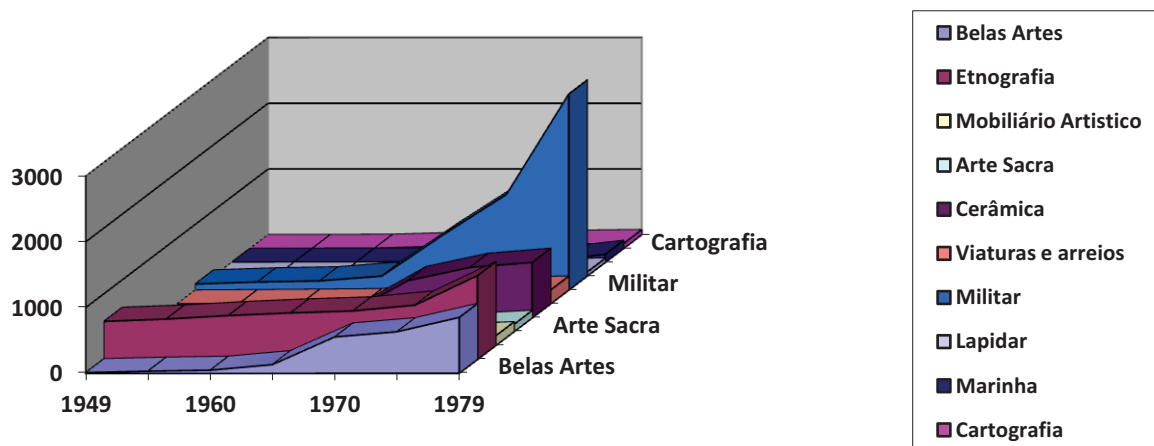


Fig. 20 - Evolução do número total de bens do acervo do MAH, por coleção (1949-1979)

Fonte: Relatórios do MAH, 1949 – 1970

A controversa orientação da vocação do MAH não apaga dois factos essenciais na vida do museu e vinculados ao pensamento de João Couto se bem que respondendo a diferentes necessidades de legitimação por parte de Baptista de Lima.

O primeiro facto, de menor alcance mas certamente paradigmático, refere-se à criação de um Serviço Educativo (SE) no museu angrense em 1967. O Relatório desse ano referirá: “*Foi possível dar início ao funcionamento do Serviço Educativo a exemplo do que se verifica em outros museus do país.*”

<sup>94</sup> Sobre o assunto cf. Ribeiro, Maria Manuel Velásquez. 2012. “ Francisco Ernesto de Oliveira Martins: a invenção de uma coleção” in *História da Arte nos Açores*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura.

*Primeiro o serviço constou de pequenas visitas guiadas às diferentes secções do museu. As visitas foram acompanhadas pelos conservadores-ajudantes, enquanto o técnico Emanuel Félix orientou sessões de pintura e desenho para crianças aos sábados à tarde.*” (MAH, 1967:28). Mesmo no período em que o museu esteve encerrado para transferência e a falta da dotação habitual do Plano de Fomento, o SE garantiu visitas de estudo apesar da *“insuficiência numérica do pessoal (...) ou mesmo da paralisação de outros trabalhos importantes de carácter urgente”* (MAH, 1971:35).

Este benefício não deixou de ser coadjuvado pela adequada formação com participação do director no seminário *“Museus e educação”* realizado no MNAA entre 22 Maio e 7 Junho numa organização da APOM. Aí *“foi possível trocar impressões de grande interesse para o SE do MAH com directores e conservadores dos principais museus portugueses bem como com outras pessoas ligadas à acção educativa dos museus”*.

O segundo facto prende-se com a criação de oficinas de restauro de bens no MAH. A atenção ao processo de degradação física dos bens parece ter sido uma preocupação do museu desde a sua fundação, certamente por via da preparação arquivística. Ainda no Palácio Bettencourt a planta de localização das salas do museu assinala a existência de uma carpintaria sobre a qual vários relatórios anuais listam as intervenções efetuadas. Todavia, este serviço garantia a execução de intervenções com um carácter limitado (porque apenas nos bens em suporte de madeira) e polivalente já que assegurava quer a construção de vitrinas e suportes museográficos, a *“reparação”* de mobiliário do acervo: *“Foram reparadas (restauradas) sete cadeiras e um sofá de diferentes estilos e épocas, um piano vertical do século XIX e uma caixa de música.”* (MAH, *Relatório de 1966*:5), e a execução de cópias: *“ Foi também construída uma miniatura de arca regional do século XVIII, com madeiras do Brasil, destinada a guardar um pouco de terra de Ibiapaba...”* (MAH, *Relatório de 1969*:5).

No Relatório do ano de 1966 refere-se que o restauro de bens do acervo ainda é executado por uma entidade singular “a oficina do MAH” (MAH, *Relatório de 1966*:4) embora acrescente que “a conservação das obras de arte e demais espécies que constituem os recheios das diferentes secções só tem sido possível graças ao esforço e dedicação do pessoal” (MAH, *Relatório de 1966*:31).



Fig. 21 e 22 - Oficina de Estudo e Restauro de Obras de Arte do MAH. 1978  
Visita do então Presidente do Governo Regional dos Açores, Dr. Mota Amaral, e do Secretário Regional da Educação e Cultura, Dr. Reis Leite  
Oficina de pintura instalada no espaço da antiga biblioteca conventual  
MAH. Espólio Baptista de Lima

É em 1968 que uma entidade plural passa a designar “as oficinas do museu” certamente porque, entretanto, as áreas de intervenção se haviam alargado à marcenaria, carpintaria e serralharia de modo que a sua transferência para o edifício do convento de S. Francisco, em 1970, permite que sejam “montadas em instalações condignas” (MAH, *Relatório de 1970*:5) e ainda manifestar a intenção de “... conveniente instalação (...) de um pequeno laboratório com que desejaríamos dotar este estabelecimento, destinado apenas a fotografia e ao exame sumário das espécies, segundo o seu tipo e natureza” (MAH, 1969: 39).

O Relatório de 1976 dá conta, pela primeira vez, de intervenções de conservação e restauro em espécies têxteis (“limpeza, conservação e beneficiação de...” como refere o próprio texto), bem como em pinturas a óleo s/ tela, gravuras e esculturas, além das habituais peças de mobiliário, instrumentos musicais e armamento diverso. Num total de 491 intervenções, número bastante elevado relativamente aos números muito mais modestos dos anos anteriores (MAH, *Relatório de 1976*:30-33). Coadjuvando o argumento

irrefutável dos números, o relatório dá conta do ofício dirigido à Direcção Geral do Património Cultural em que se propõe e solicita a criação “*nos Açores, e anexa a este Museu, duma oficina de restauro, destinada ao tratamento de obras de arte e de espécies de arte ornamental, etnografia e interesse histórico*” (idem, *ibidem*:65-66) não sem, antes, salientar a quantidade de bens de coleções públicas carenciados de restauro, das dificuldades e periculosidade das deslocações entre os Açores e o continente, e da morosidade das intervenções nos organismos nacionais da área.

Desta iniciativa resultará, efetivamente, a institucionalização, nos últimos meses de 1977, da Oficina de Estudo e Restauro de Obras de Arte do Museu de Angra não sem que antes o museu tenha garantido estágios que quatro funcionários realizaram no Instituto José de Figueiredo, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, no Serviço de Restauro da Fundação Calouste Gulbenkian (MAH, *Relatório de 1977*: 21), e no Museu do Traje<sup>95</sup>, e no ano de 1978 no centro de Formação Acelerada, no Museu Militar e no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (MAH, *Relatório de 1978*: 35) num percurso muito semelhante ao que João Couto percorreu no Museu Nacional de Arte Antiga<sup>96</sup>.

Na década de 70 uma outra vertente de atuação prende-se com o pioneirismo na participação e relacionamento com instâncias internacionais dedicadas ao património. Num contexto de grande isolamento internacional de Portugal e desconhecimento dos Açores, em 1971 integra a delegação portuguesa que participa na Iª Conferência Geral do ICOM, delegação composta, maioritariamente, por diretores e técnicos dos maiores museus nacionais (Arte Antiga, Soares dos Reis, Machado de Castro e Gulbenkian) representantes do eixo Lisboa/Coimbra/Porto, e pelo grupo formado pelo Museu Grão Vasco, de Viseu, o Museu de Bragança e o Museu de Angra do Heroísmo (o único insular) o trio minoritário dos museus representativos da

---

<sup>95</sup> Informação oral obtida através do Sr. Dr. Maduro-Dias a 15.04.2012.

<sup>96</sup> Sobre o assunto cf. Flor, Pedro. “João Couto” ; e Curvelo, Alexandra. “ Da oficina de restauro de Luciano Freire ao Instituto José de Figueiredo” ambos in *Portugal 1910-2010. 100 anos de Património : memória e identidade*. Lisboa, IGESPAR: pp. 212-214 e 175-180.

museologia portuguesa das periferias emergentes<sup>97</sup>. Repete a participação nas assembleias-gerais do ICOM de 1974, 1977, 1978 e 1979, e em 1981 na Assembleia Geral do ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios), apresenta o caso de Angra do Heroísmo (então recém sinistrada pelo Sismo de 1980) e da necessidade da proteção dos seus bens. Aí, o assunto é discutido como *case study* na perspectiva da proteção e intervenção em bens móveis e sítios históricos atingidos por calamidades naturais.

A ligação à Fundação Gulbenkian como inspetor das bibliotecas itinerantes, que introduziu nos Açores, alcançada por intermédio do Prof. David Mourão Ferreira, discípulo do Prof. Vitorino Nemésio e amigo de ambos, permitia-lhe fazer, pelo menos duas vezes por ano, uma ronda a todas as ilhas do arquipélago. Tal assiduidade, permitiu-lhe exercer com mais acuidade a sua função de vogal da subsecção da Junta de Educação Nacional cujas funções se prendiam com a proteção e classificação de bens do património construído.

A ação de Baptista de Lima nesse campo não se limitou a Angra nem à Terceira: estendeu-se a todas as ilhas, como se infere dos relatórios que enviava para a Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, de quem dependia, e para a DGMEN (Direcção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais) entidade responsável pela classificação de imóveis nacionais e pelas intervenções de conservação e/ou restauro aprovadas com base nos relatórios locais. Foi, aliás, nessa posição de relator/proponente que Baptista de Lima teve um papel fundamental na classificação e nas intervenções levadas a cabo na Igreja de S. Sebastião (classificada em 1951 e depois intervencionada) e no Castelo de S. João Baptista (classificado em 1943 – sem a intervenção de BL – e intervencionado nos anos 60 do século XX) só para nomear dois exemplos paradigmáticos na área geográfica do concelho de Angra e cujas obras acompanhou sistematicamente. Mas nesse conjunto também figuram as ermidas da Boa Nova e de Santo Espírito, o Convento de S. Francisco, o Forte de S. Sebastião, o Convento de S. Gonçalo, a igreja e

---

<sup>97</sup> A integração de BL na delegação portuguesa resultou de convite que lhe foi endereçado pela comissão de preparação da Comissão Nacional Sobre a participação portuguesa nas Conferências Gerais do ICOM e ICOMOS. Sobre o assunto cf. Apêndice 2.

Colégio dos Jesuítas, a igreja da Misericórdia, os paços do concelho da Praia da Vitória, entre outros.

Numa breve e muito preliminar estatística da inventariação das propostas de classificação e classificação de imóveis em todo o arquipélago, e em que se envolveu e de que redigiu extensos relatórios contam-se: a igreja de S. Francisco da Horta; a igreja de Santo Espírito, a Casa do Capitão e a igreja de S. Francisco de Vila do Porto, em S<sup>a</sup> Maria; a igreja das Manadas, em S. Jorge; a igreja do Colégio dos Jesuítas, o Convento da Esperança, as igrejas e colégios de Santo André, S. José e S. Sebastião e o forte de S. Brás, em Ponta Delgada; a igreja de Nossa Senhora da Estrela e da Misericórdia, na Ribeira Grande; a igreja de S. Pedro, em Vila Franca do Campo...

O ano de 1980, porém, assinala um momento de viragem. Ocorrido o Sismo de 1 de Janeiro a devastação da cidade e o encerramento parcial do museu induz BL a dirigir-se diretamente aos responsáveis do ICOMOS em Paris, enviando relatórios e imagens da cidade e solicitando todo e qualquer apoio para a recuperação e proteção do património existente<sup>98</sup>. É nessa

---

<sup>98</sup> MAH. Arquivo Morto. Correspondência enviada: ofício de 21 de Julho de 1980 dirigido a M. Grison. Neste ofício BL informa que estará em Paris entre 15 e 30 de Setembro ocasião em que se deslocará pessoalmente à sede do ICOMOS para apresentar relatórios e fotografias da cidade e dos seus monumentos destruídos, e solicita: *Je vous pris aussi, cher Monsieur de, par entremise de l'ICOMOS, me faire la connaissance, si possible, d'une entité qui puisse subventionner la restauration du Musée et même des monuments qui lui sont attachés: Chapelle de La Bonne Nouvelle, Forteresse de Saint Catherine, Forteresse de Saint Pierre, Empire du Saint-Esprit, maison du moulin à eau.*

É neste contexto de urgência na resolução da ameaça de destruição do património da ilha que BL propõe à DGMN, no âmbito da qual funcionava a Comissão Provisória encarregada de elaborar os Estatutos e restantes acções com vista à constituição da Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS, a criação de uma Sub-Comissão dos Açores com autonomia financeira, administrativa e científica que lhe permitisse uma acção rápida e eficaz. Contudo, a aprovação do então recente Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma dos Açores, que consagrara a autonomia regional, era, à época interpretado com algum mal-estar pela administração central facto que terá suscitado a resposta de que “*dado o carácter da Associação, não se nos afigura fundamental a autonomia pretendida*” e remetendo para o ICOMOS a decisão quanto à inclusão nos Estatutos da figura das Comissões Regionais.

Sobre o assunto cf. Ofício do MAH 64/80, de 25 de Março dirigido à DGEMN; ofício da DGEMN n.º1744, de 16 de Abril de 1980 dirigido ao MAH; Ofício do MAH 188/80, de 19 de Agosto dirigido ao Secrétaire General du ICOMOS e o texto de Miguel Brito Correia “*História da Comissão Nacional Portuguesa*” disponível na página do ICOMOS ([www.icomos.fa.utl.pt/documentos/historia%20icomos%20portugal.pdf](http://www.icomos.fa.utl.pt/documentos/historia%20icomos%20portugal.pdf) acedida em 20.09.2012) e que repete a visão centralista do Estado português nesta matéria.

Dentro do mesmo espírito encontrou-se no espólio um documento com datação manuscrita de Junho de 1982 e denominado “*Estatutos do Centro Regional Açoriano de Museologia*” e que

sequência que redige, em 1983, a proposta de candidatura da zona central de Angra do Heroísmo à lista do Património Mundial da UNESCO<sup>99</sup>, no que foi a primeira candidatura portuguesa a uma distinção da UNESCO para um projeto de intervenção num centro urbano histórico.

Mas o cansaço e as oposições vencem-no. Depois de um primeiro acidente cardiovascular reforma-se em 1985 e nos onze anos seguintes dedica-se, intensamente, à sua coleção e a ordenar o material para o que seria a obra da sua vida: *O Livro das fortalezas dos Açores*.

Embora reunido o material que acumulara durante toda a vida, não o chega a redigir: morre em Lisboa, em Junho de 1996.



## 5. A produção escrita<sup>100</sup>

Fazendo jus à sua formação historiográfica e arquivística nos primeiros anos, quando a investigação parece ser o centro da sua vida, a escrita surge com a urgência de romper a invisibilidade e construir um espaço.

Com a conclusão da licenciatura, informa os pais de que pretende imprimir a tese: *“Desejava imprimir a tese mas como ainda não sei se a acabo no prazo indicado, não peço ao pai auxílio monetário, o qual pedirei por*

---

traduz uma nova tentativa de constituição de uma associação de profissionais de museologia nos Açores com maior capacidade de autonomia.

<sup>99</sup> *Apontamentos para uma proposta destinada à inclusão da zona central da cidade de Angra do Heroísmo na Lista do Património Mundial*, in Boletim do IHIT, vol. X, 1982, pp. 705-720.

<sup>100</sup> Para análise da produção escrita de BL foi efetuado um levantamento biobibliográfico a partir dos dados do arquivo pessoal e cujo resultado, em quadro, se apresenta no Apêndice 3 desta dissertação.

*telegrama uma vez que tudo esteja aplanado e resolvido (...) Segundo me informei não me fazem por menos de dois mil escudos*<sup>101</sup>.

Coadjuvando os intensos esforços para se firmar no meio historiográfico português e propor-se ao doutoramento, elabora uma extensa bibliografia sobre os descobrimentos portugueses <sup>102</sup> cuja existência descreve na já mencionada e extensa entrevista que João Afonso lhe fará para o periódico *Diário Insular* e cuja futura publicação anuncia na obra *Deux voyages portugais de découverte...*<sup>103</sup>, editada em 1946: “*Depuis quelques annés nous travaillons à dresser une Bibliografia sobre os Descobrimentos Portugueses, dont le premier volume sera imprime dans quelque temps par la Faculté des Lettres de l’Université de Coimbra,*”. Todavia, tal intensão não se concretiza restando no arquivo pessoal o volumoso apócrifo não datado.

Apesar disso, os anos seguintes são intensos e favorecidos pelo seu ingresso no funcionalismo público e pela nomeação como 2º bibliotecário da Biblioteca Pública de Évora onde permanece pouco mais de um ano. A cidade alentejana oferece-lhe pois, dois bons degraus para a projecção: um arquivo repleto de documentação inexplorada e inspiradora de textos de carácter historiográfico, e um editor erudito e requintado, sequioso de material adequado à sua missão.

Túlio Espanca é o seu interlocutor no respeitante à edição de textos n’ *A Cidade de Évora*, boletim editado pela Comissão de Turismo eborense e onde BL se estreia com a publicação dos artigos “*Um filho de D. Pedro II na Universidade de Évora*” e “*Um incunábulo colombiano da Biblioteca de Évora*”.

---

<sup>101</sup> MAH. Espólio BL: Correspondência, carta aos pais datada de Julho de 1943.

<sup>102</sup> MAH. Espólio BL: Armário 2.

O documento é composto por um maço que contém:

- pasta de papel com IX + 207 páginas dactilografadas muitas das quais apresentam correções e notas manuscritas; pasta de papel intitulada *Para intercalar* e que contém três páginas dactilografadas e sete verbetes de obras a integrar; pasta de papel intitulada *2º suplemento. Já copiadas* que contém 28 páginas dactilografadas, algumas com notas manuscritas; duas pastas de papel contendo duas cópias dactilografadas designadas, respectivamente, *original*, e *duplicado*.

<sup>103</sup> LIMA, Manuel Coelho Baptista de. *Deux voyages portugais de découverte dans l’Atlantique Occidental*. Separata do *Bulletin des Etudes Portugaises*, 1946, p.1, nota 1.

O agrado da comissão manifesta-se na correspondência trocada e onde Túlio Espanca assegura, em carta de 12 de Maio de 1947 “*que faremos um dos melhores números d’ “A Cidade de Évora”*, ideia que reforça em carta de 30 de Julho. Em Fevereiro do ano seguinte alude a um novo texto, desta vez sobre a história da Universidade de Évora: “*sobre o precioso e desejado estudo acerca da história da Universidade de Évora, muito e muito obrigado pela sua conclusão e, quando estiver terminado queira remetê-lo para nós...*”<sup>104</sup>.

Os textos sobre questões do património arquivístico surgem logo em 1944, no que se supõe ser o Relatório de Estágio do Curso de Bibliotecário Arquivista (*Notas para a História Legal dos Arquivos e Bibliotecas portuguesas*) seguido, em 1947, d’ *A Riqueza Documental da Nação* e de várias informações e relatórios sobre a organização dos espaços arquivísticos.

Entre 1948 e 49 surgem os primeiros textos de carácter patrimonial em que revela o abandono e a necessidade de proteção do património construído particularmente as construções militares defensivas da Terceira, igrejas, capelas e antigos conventos. Este interesse assumir-se-á como uma constante ao longo de toda a vida se bem que se expresse, essencialmente, na intensa correspondência oficial que trocará com os organismos tutelares. De facto, os extensos relatórios que redige a propósito das propostas de classificação de imóveis aliam a pesquisa historiográfica à defesa patrimonial e dão origem a verdadeiras monografias descritivas que compilam informação bibliográfica dispersa, reúnem dados de observação direta e incluem levantamentos fotográficos exaustivos<sup>105</sup>. No âmbito do IHIT levará a cabo uma persistente defesa da linha de fortificações costeiras da ilha tema que abordará em diversas comunicações em encontros dedicados à arquitetura militar e cujo estudo de síntese pretendia redigir sob o título *História das Fortificações dos Açores* mas de que apenas publica o *Esboço Preliminar e Plano de Publicação*

---

<sup>104</sup> MAH. Espólio BL: Correspondência. Carta de Túlio Espanca datada de 16 de Fevereiro de 1948.

<sup>105</sup> Estes levantamentos não foram considerados na listagem de obras apresentada no Apêndice 4 mas numa sumária pesquisa efetuada no arquivo Baptista de Lima detectou-se um *Levantamento dos Fortes da Ilha Terceira; Levantamento das Fortificações dos Açores, Levantamento dos bens das igrejas da ilha Terceira, Levantamento de Bens Móveis das igrejas dos Açores com Interesse* apenas para referir os mais volumosos.

da *Obra Intitulada Livro das Fortalezas dos Açores (vol. I) Livro das Fortalezas da Ilha Terceira*<sup>106</sup>.

De qualquer forma, a produção historiográfica manter-se-á até 1969, espaçada e subordinada às solicitações de congressos e conferências, enquanto a preocupação com os bens móveis, as coleções e os museus só surgirá nesse mesmo ano de 1969, e a propósito de uma peça do MAH: *Uma notável peça de artilharia portuguesa do século XVI*. No mesmo ano publica-se o primeiro *Roteiro* da exposição do museu e só passados dez anos surge uma descrição exaustiva da coleção militar em *The military section of the Angra do Heroísmo Museum*. Em conjunto com a “*Lista das peças mais notáveis que se guardam neste museu...*”<sup>107</sup>, de 1966, estes são, todavia, textos em que se procura colmatar a falta de informação escrita sobre o acervo do MAH e de um inventário que o fixasse. Na modalidade essencialmente descritiva que apresentam vislumbra-se o interesse do autor pela evolução técnica dos equipamentos enquanto promotora do desenvolvimento e da transformação da sociedade, óptica que desenvolve no seu único escrito de carácter museográfico, *Le message visuel des collections d'armes, armures et artillerie du XVI siecle d'un musée d'histoire militaire*, texto da comunicação que apresenta no Symposium da International Association of Museum of Arms and Military History (IAMAM), em 1983<sup>108</sup>, e editado nas respectivas actas.

Alusões de carácter autobiográfico surgem na publicação de homenagem a Luís da Silva Ribeiro<sup>109</sup>. Aí, a pretexto da descrição do nascimento e formação das instituições culturais devidas à ação do IHIT (Museu, Biblioteca e Arquivo, Centro de Restauro) e a que Baptista de Lima se

---

<sup>106</sup> in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. XL, 1982, pp.729-734.

<sup>107</sup> Documento elaborado nos termos do determinado pelo despacho do Ministro da Educação Nacional de 11 de Outubro de 1968.

<sup>108</sup> A IAMAM, criada em 1957, foi a antecessora do atual comité do ICOM para os Museus Militares – o ICOMAM. Atualmente conta apenas um membro português – a Fundação da Casa de Bragança – embora BL tenha sido o primeiro e durante muitos anos, o único.

<sup>109</sup> “Instituições culturais devidas à ação do Instituto Histórico da Ilha Terceira” in *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*. 19--., Angra do Heroísmo, IHIT.

dedicou refere muito do seu posicionamento perante a proteção e gestão do património regional. A “*recolha de um património disperso e que se estava degradando*” (idem, 55) foi a ação fundamental, e a sua proteção sob a tutela de organismos públicos com dimensão equiparada aos melhores do país foi a sua sequência: a Biblioteca e Arquivo recolhe importantes núcleos bibliográficos (de Luís da Silva Ribeiro, Vitorino Nemésio, Pedro da Silveira, Francisco de Lacerda, Frederico Lopes...) e arquivísticos (cartórios notariais e paroquiais, arquivo da capitania Geral dos Açores...) enquanto “... *nos domínios da Pintura, Escultura, Artes Ornamentais e Militar, foram inúmeras as espécies entradas ao longo das décadas de 60 e 70, quer por compra, doação, ou, simplesmente, transferência patrimonial (...) o que coloca este museu a par das melhores instituições congéneres do país.*” (idem, p.63).

Para a gestão adequada destes recursos preconizava o correspondente tratamento e restauro pelo que na Biblioteca e Arquivo, deixa preparado um “*centro de tratamento de papel (...) como se torna indispensável, beneficiando não só as espécies desta Biblioteca e Arquivo, mas também outras, pertencentes ao património público destas ilhas.*” (idem, p.44) enquanto sobre os bens móveis refere: “*A partir desta data [1957, quando preparava a primeira exposição do MAH e incorporou muitas peças em avançado estado de degradação] não mais nos deixou o desejo de fazer tratar devidamente e por pessoal especializado, não só algumas das obras de arte que, então, se expuseram, mas também e principalmente, aquelas que, dado o seu estado de degradação não fora possível apresentar nas salas do museu.*”

O pensamento museológico não o ocupou ao nível da escrita embora a sua prática museológica traduza um universo de conhecimentos e informações atualizadas e inovadoras que não se coibia de tentar pôr em prática. Quanto ao interesse pelos objectos não teve grande expressão escrita, embora demonstrasse grande apetência para explicar a sua morfologia, o seu funcionamento, a sua evolução histórica. É desse gosto o testemunho de muitos funcionários do MAH que referem a frequência com que “*o director levava horas a explicar a história de uma peça [armamento militar, geralmente]*

*e como ela funcionava, chegando a desmontá-las e montá-las para nós vermos.”<sup>110</sup>*

Em nenhum texto alude ao seu interesse colecionista e ao papel que atribuía à sua coleção (ou às coleções privadas) no âmbito da construção de uma representação dos Açores. Talvez por isso ensaia, no fim da vida, e com o apoio de um funcionário do MAH, escrever as suas memórias manuscrito que não termina e se perdeu.<sup>111</sup>



---

<sup>110</sup> Depoimento da funcionária do MAH D. Maria José Costa cujas informações agradeço.

<sup>111</sup> Depoimento do ex-funcionário do MAH Sr. Heriberto Brasil cujas informações agradeço.

*“ Every passion borders on the chaotic, but the collector’s passion borders on the chaos of memories. More than that: the chance, the fate that suffuse the past before my eyes are conspicuously present in the accustomed confusion of these books.”*

Walter Benjamin. *Unpacking my library: a talk about book collecting*. 1931

### **Capítulo III - Sobrevivências e memórias de um processo colecionístico**

## 6. Do colecionado

Ao longo da vida, quer num âmbito privado quer profissional, BL dedicou-se a rodear-se de bens reconhecendo-lhes o sentido de dar sentido à sua própria existência e, desse modo, construiu um vasto agrupamento de objectos e documentos ligados por uma determinada lógica própria e que se completavam mutuamente.

A aquisição, após a morte do proprietário, daquilo que se designou o *Espólio Baptista de Lima* corresponde ao que foi a sua coleção privada de bens, à sua biblioteca e ao seu arquivo pessoal. Todo o conjunto, depositado desde 1998 no MAH, encontrava-se distribuído pelas suas casas de Angra do Heroísmo (predominantemente), onde vivia habitualmente, e Cacém-Lisboa (residualmente) onde se deslocava em períodos de férias.

Mas o essencial é a invisibilidade que, ainda hoje, envolve (e envolveu) a coleção privada. De facto, só a partir dos anos 90 há registo de menções à coleção então já precedida e perfeccionada com uma aura de grandiosidade e raridade mas de que ninguém sabia, exatamente, de que era composta e que dimensão física e simbólica assumia. Não há registos escritos do próprio colecionador, nem relatos, e muito poucos foram os que a viram no seu contexto doméstico. O colecionador não falou de si nem da sua obra privada: apenas da pública. Uma aproximação ao seu conhecimento, implica um *processo arqueológico* quer nas memórias dos seus próximos, quer nas instalações do próprio MAH, onde agora está.

Após a sua aquisição procedeu-se a um levantamento, ainda na casa do colecionador, como base para o processo de transferência para as instalações do museu. Esse levantamento sumário além de não ter contemplado um registo fotográfico, apenas assumiu a forma de uma listagem manuscrita, em papel, que identificava quantitativos de bens e a sua localização espacial; e uma listagem das monografias e publicações periódicas que, entretanto, desapareceu. Relativamente à documentação do arquivo pessoal não foi efetuado nenhum registo nem o conjunto foi objeto de qualquer tratamento

arquivístico que garantisse a unidade de fundos<sup>112</sup> e/ou de outro qualquer sistema de organização.

O primeiro nível do *resgate arqueológico* consistiu na demanda do pré-inventário de artefactos e, depois, na sua transcrição<sup>113</sup> (cf. Apêndice 4). A sua leitura denuncia, imediatamente, a imensa exclusividade de um universo temático inspirado na história militar e balizado entre os séculos XVIII e XX. Classificando-o, poderá considerar-se o seguinte modelo<sup>114</sup>:

**Armas** – defensivas – proteção do corpo  
proteção da cabeça  
ofensivas – armas brancas  
armas de choque  
armas de haste  
armamento ligeiro  
artilharia pirobalística

**Traje militar e acessórios** - fardas completas de diversas patentes (General a Praça), armas (Exército, Armada e Força Aérea), tipos (de gala, de combate...) e nacionalidades (Portugal, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, União Soviética), elementos isolados de fardas e acessórios (cinturões, charlateiras, calçado, coberturas de cabeça...)

**Falerística** – ordens honoríficas, condecorações e medalhas

**Vexilologia** – bandeiras, estandartes e guiões

**Equipamentos e instrumentos** – instrumentos de apoio médico cirúrgico, equipamentos de campanha (tendas, marmitas e utensílios

---

<sup>112</sup> O conceito de *Fundo* é aqui entendido como o conjunto de documentos unidos pela sua proveniência e que respeitam a estrutura orgânica em que foram produzidos. Sobre o assunto cf. FARIA e PERICÃO, 1999: 133.

<sup>113</sup> O levantamento compreende as duas casas de BL e organiza-se por divisões: quarto, sala, escritório... A transcrição corresponde, na íntegra, à cerca de 204 páginas manuscritas e consta do APÊNDICE 4 - "Roteiro da coleção Baptista de Lima e dos seus espaços".

<sup>114</sup> Classificação inspirada nas descrições de acervos museológicos militares referidas por TEIXEIRA, 2011: 33-57.

de cozinha).

O apuramento de valores unitários não está feito já que só uma pequena percentagem dos bens foi objeto de inventário museológico. Porém, e apenas no âmbito deste trabalho, foi ensaiada uma contabilização manual aproximada (cf. Quadro 5).

A lógica do conjunto assenta na ideia da caracterização e documentação sistemática da estrutura da hierarquia militar portuguesa visível pela existência de séries completas de fardamentos consoante as épocas e os regulamentos aprovados e publicados, e onde os subtemas das duas guerras mundiais abrem nichos sobre as realidades extra nacionais.

Se esta constatação nos remete para o problema do processo de colecionar e do seu instrumento – o colecionador - (que abordaremos no ponto seguinte desta dissertação) obriga, antes do mais, à reflexão sobre a surpreendente verificação de que a natureza da coleção privada de BL é uma extensão da coleção pública.

A documentada evolução do crescimento do acervo do MAH já referida e a expressão que nele assumiu a coleção militar, revê-se no esquema organizativo da classificação de coleções e subcoleções que o museu foi adotando (cf. Apêndice 5) e, também, na estruturação das subsecções da coleção militar, e no arranjo museográfico dominante em torno dessa mesma coleção. De facto, no artigo *The military section of the Angra do Heroísmo Museum* Baptista de Lima estrutura a coleção do seguinte modo

### **Secção militar do MAH**

- A- Armaduras e espadas
- B- Pequenas armas de Fogo
- C- Artilharia e Carros Blindados
- D- Veículos e Material de Apoio
- E- Uniformes, equipamento e arreios

- F- Fortificações, comunicações, saúde, subsistência e transporte
- G- Bandeiras, estandartes, emblemas e galhardetes
- H- Instrumentos marciais e de música
- I- Armas de caça: equipamento de arqueiros, armas de lâmina, lanças e armas de fogo
- J- Armas civis: armas de lâmina, armas de fogo e outras

enquanto essa mesma coleção assumia um peso maioritário no arranjo museográfico do museu que assumia a seguinte disposição, segundo os relatos dos *Relatórios de Actividades do MAH* :

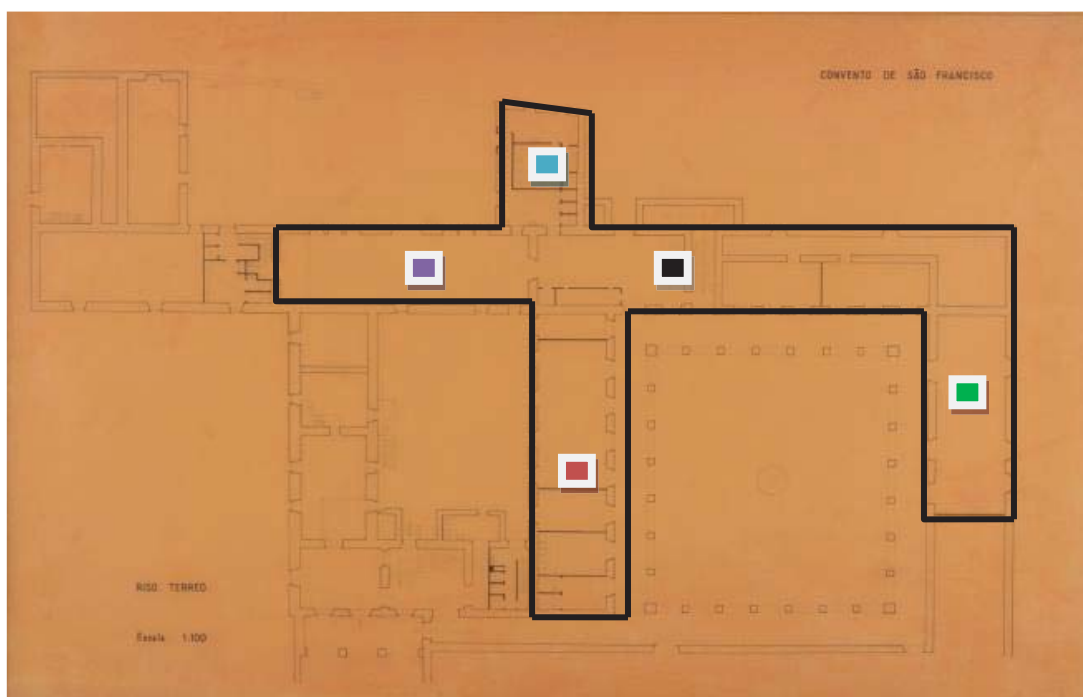


Fig. 23 - Planta do MAH em 1979 – área expositiva do Rés-do-chão

*Legenda:*

- Sala de equipamentos e acessórios de Infantaria ■ Sala da Navegação e Transportes ■
- Sala da Bateria de Artilharia Schneider-Cannet ■ As armas através dos tempos ■
- Sala de peças e acessórios de Artilharia ■

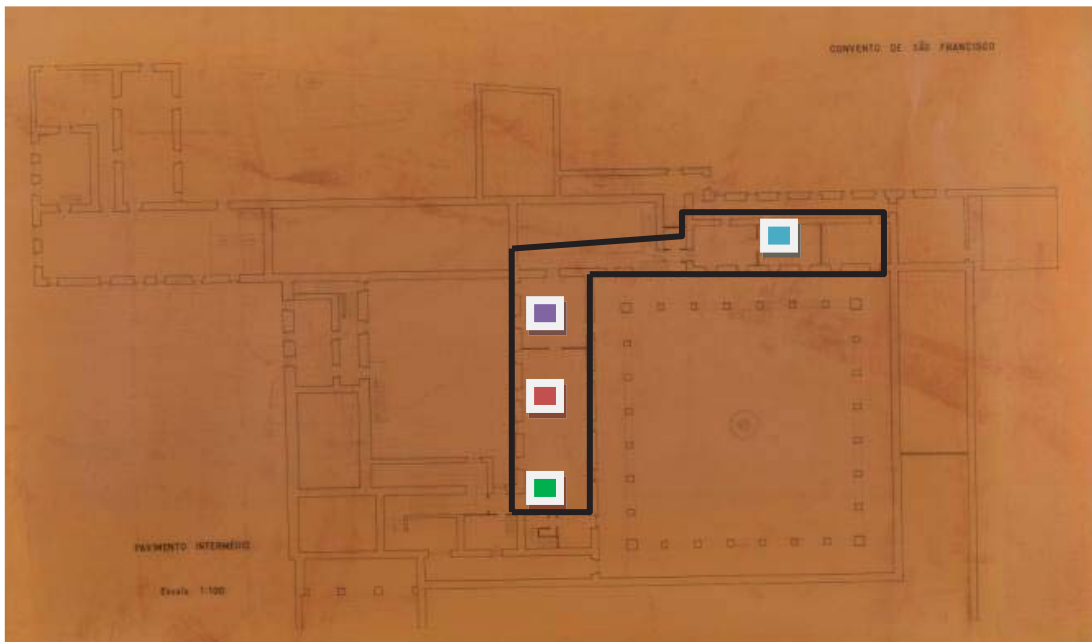


Fig. 24 - Planta do MAH em 1979 – área expositiva do Piso Intermédio

Legenda:

Sala de Armaria



Sala de arreios militares de transporte e tracção



Sala de arreios de montada e acessórios



Sala dos Arreios de Gala

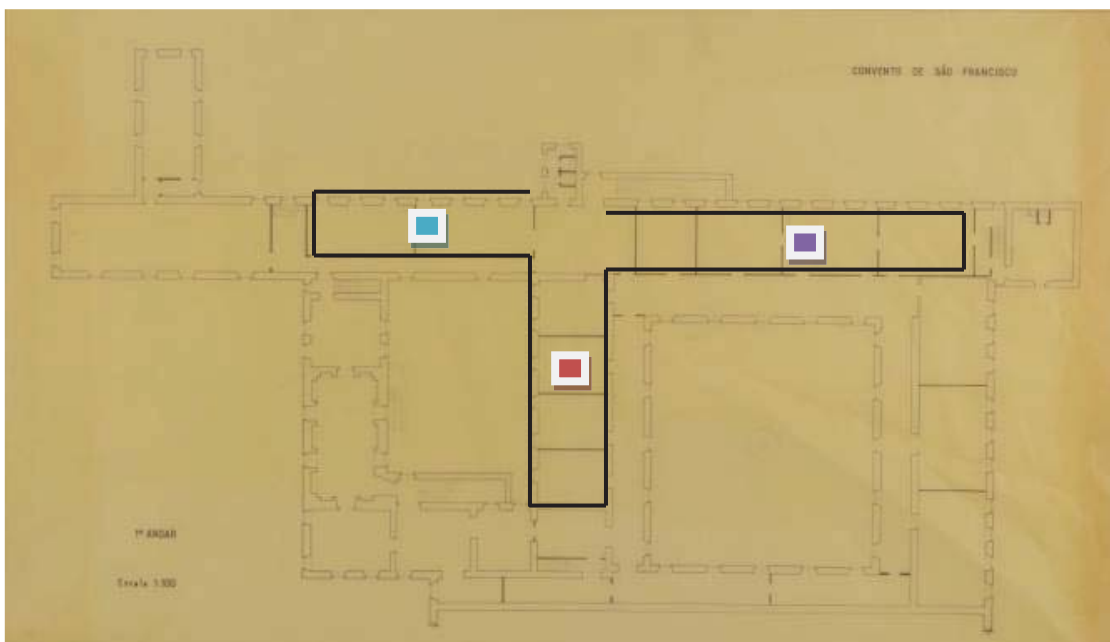


Fig. 25 - Planta do MAH em 1979 – área expositiva do 1º Piso

Legenda:

Sala da coleção de cerâmica



Sala de arreios militares de transporte e tracção



Salas de Etnografia (em montagem)



Ora, todo este conjunto “casa-se” perfeitamente com o conjunto da coleção privada já que os constituintes desta integram-se e completam a classificação estabelecida para aquela.

A harmonia temática dos dois conjuntos admite que a sua perceção seja global, indistinta, como se, desde sempre, a vertente pessoal e a institucional fossem, apenas, dois núcleos de uma mesma coisa, dois segmentos de uma mesma coleção com a qual se pretendia construir uma representação social dos Açores e inventar uma centralidade, no âmbito do património militar, na Terceira, justificada pela sua história<sup>115</sup>.

Desta harmonia resultou uma promiscuidade recorrente e uma complementaridade entre ambas as coleções e os serviços satélite que lhe davam suporte.

---

<sup>115</sup> Desde muito cedo que Baptista de Lima “colecciona” documentação sobre a hierarquia militar: a proximidade familiar com o mundo dos quartéis e, depois, o interesse que Albino Forjaz de Sampaio, o sogro, lhe dedica não o deverão ter deixado indiferente e estimulado a sua intuição em musealizar algo que poderia ter uma grande dimensão e ainda inexplorado. De facto, a musealização do património militar em Portugal dera passos significativos mas com grandes interregnos, e sempre subordinados à tutela militar: em 1851 o Decreto n.º 296, de 10 de Dezembro, instituiu o Museu de Artilharia a que se seguiu, em 27 de Setembro de 1910 a inauguração do Museu-Bibliotheca comemorativo da Batalha do Bussaco. É só em 1926 que, através do Decreto do Ministro da Guerra n.º 12161, de 21 de Agosto, o Museu de Artilharia passa a designar-se Museu Militar, alargando desse modo a natureza das suas coleções às outras armas das Forças Armadas. Em 1929 é criado o Museu Regimental de Bragança museu que virá a ser gerido até final da década de 30 pelo regimento e, a partir dessa altura e até 1958, pelo Batalhão de Caçadores n.º 3 cuja saída de Bragança determinará o encerramento do museu e a transferência do seu acervo para o Museu Militar, em Lisboa. Em 1957 é criada uma delegação do Museu Militar de Lisboa, no Porto mas que se manterá praticamente inativa até 1970 quando, finalmente, é aberta ao público a Sala de Armas do Porto de que resultará, em 1977 (Lei n.º 242/77, de 8 de Junho) a criação do Museu Militar do Porto que só virá a abrir ao público a 21 de Março de 1980. Finalmente, em 1983 é reativado e inaugurado o Museu de Bragança e, em 1985, é criado o Museu Militar de Coimbra através do Despacho do Chefe do Estado-maior do Exército n.º 103/85, de 5 de Dezembro. (Dados obtidos em (TEIXEIRA, 2011: 18- 21).

Por outro lado, no período entre o final da Monarquia e o 25 de Abril de 1974, alguns museus possuíam nos seus acervos artefactos de carácter militar sem que, no entanto, se constituíssem em coleções centrais desses museus: museus de tutela autárquica – Museu Municipal Leonel Trindade, em Torres Vedras; Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz; Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em Cascais; Museu Municipal de Santarém, Museu Convento dos Loios, em Santa Maria da Feira. Museus públicos - Museu da Guarda, Museu dos Coches, Museu de Alberto Sampaio (Dados obtidos na base de dados on line da Rede Portuguesa de Museus consultada em Outubro de 2012).

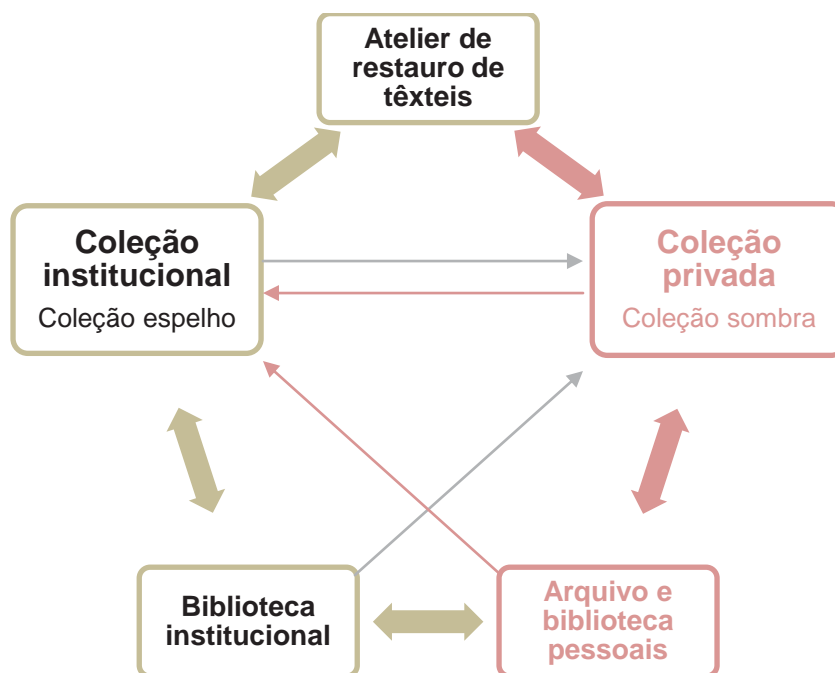


Fig. 26 - Sistema de interações significativas das coleções B. L.

De facto, os recursos existentes são usados em proveito da construção de conhecimento e o local onde essa amálgama mais parece fazer sentido é a casa do próprio colecionador, o espaço primordial da coleção que compunha um interior doméstico *sui generis* e a que o colecionador não parecia atribuir peso com vista à consolidação do seu prestígio social (MATEO, 2010:355). De facto, à exceção do escritório principal, à entrada da casa e no corredor, onde algumas armas decoravam as paredes, toda a restante coleção invadia as outras divisões da casa sem qualquer preocupação expositiva. Os bens acumulavam-se em malas de viagem, arcas, guarda-fatos e caixas de cartão enquanto a biblioteca e o arquivo ocupava os dois escritórios e a totalidade da cave, distribuição espacial que se intui através do levantamento manuscrito da coleção efetuado pelo museu após a aquisição quando foram elaboradas listas das peças presentes em cada divisão das duas habitações do colecionador (cf. Apêndice 4 e nota 113).

Essa parece ser a antecâmara do museu/local enigmático no interior do qual se processa a legitimação da transferência dos objectos da sua quotidianidade para uma dimensão reconstruída da sua natureza, agora distinguida socialmente.



## 5. Da forma de colecionar

Para Susan Pearce (1999: 18) a importância do estudo das coleções, dos colecionadores e das formas de colecionar radica nos dois tipos de informação a que nos permite aceder: os dados materiais, visíveis e tangíveis que os próprios objectos contêm e nos transmitem – os produtos - e, por outro lado, os dados dos processos do colecionar enquanto prática social de um determinado contexto, necessariamente intangíveis e invisíveis. Ambos, todavia, discerníveis à luz da metáfora do iceberg: a parte visível, a própria coleção e os seus objectos que podem ser medidos, comparados, fotografados, mostrados em oposição à parte submersa que suporta difusamente essas mesmas ações sobre si mesma, e extensível ao sujeito da própria coleção, ao colecionador e à história da sua própria prática social e da eventual “imoralidade” subconsciente que lhe subjaz.

Se o primeiro conjunto de dados nos conduz aos estudos da cultura material (de que se deve assinalar a pouca atenção de que tem sido objeto comparativamente a outros aspetos relativos à preservação das coleções)<sup>116</sup>, a segunda fonte de dados dá acesso ao estudo dos indivíduos e das suas biografias individuais. Por isso, “... *collections, like icebergs, inhabit both elements and the end results is an intrinsic whole, which has followed its own growth pattern and taken its characteristics shape whatever this may have turned out to be. In other words, to understand any collection, we have to study both its outer importance and its inner significance, realize how these are the same substance, and see how meanings are made among them.*” (idem, 19).

Independentemente da óptica de abordagem ao estudo do colecionismo a constatação primordial sobre as práticas de colecionar seria a da dominância das posturas determinadas pela variável *género* em detrimento da variável

---

<sup>116</sup> Susan Pearce apresenta um modelo para o estudo dos artefactos. Sobre o assunto cf. PEARCE, 1995: 17.

*classe social*, como poderia ser expectável. É que o *género*, condicionado socialmente na infância, predisporia o sexo masculino a colecionar bens com valor de troca enquanto o sexo feminino se concentraria em objectos decorativos “*Women across the social scene collect the same things in the same ways, and men do the same, but the things and the ways are opposite. (...) Men have mechanical things and military things, women have personal things like jewellery, household things like spice jars, and ornaments. Men collect in order to organize their material, and do so at special places. Women collect in order to remember, and have their material in the home around them all the time.* (PEARCE, 1999: 20)

Vistos numa perspetiva semiótico-estruturalista os objectos são signos e símbolos portadores de mensagens. A sua reunião “*em coleção*” implica a respetiva *consagração* por serem objectos sujeitos à desincorporação do conjunto dos objectos úteis e que vão permitir a aproximação dos indivíduos do mundo invisível do passado “*In spite of their apparent disparity, all [...] collections consisted of objects which were in certain respects homogeneous. This homogeneity sprang from their involvement in the exchange process which took place between the visible and invisible worlds* (POMIAN, 1994:173). É nesse sentido que o processo de colecionar é revelador das dinâmicas do passado e das tentativas da construção da sua reconstrução / representação por parte dos indivíduos que lhes conferem um valor de troca e estimulam a criação de um mercado e da sua procura. São essas tentativas as responsáveis pela existência de espaços de memória e pela formulação de narrativas de carácter identitário.

O efeito refletor da coleção sobre o seu colecionador salientado por Baudrillard sugere que os processos cognitivos implicados no ato de colecionar podem ser interpretáveis não só com base na noção freudiana de que colecionar resulta de um impulso erótico-anal da libido mas, também, como uma expressão de impulsos de agressividade e competição cujos troféus são os próprios objectos nela existentes “*In many respects collecting resembles hunting: one locates the prey, plans for the attack, acquires the prey in the presence of real or imagined competition for it, and feels elated. The prey*

*becomes a trophy – a symbol of one’s aggression and prowess.”* (FORMANEK, 1994: 328-9).

Aliás, a componente de competitividade – se não do colecionador consigo próprio (quando compete contra um autoimposto padrão de excelência), mas com os outros (numa competição estimulada pela perspectiva de um estatuto a alcançar e do reconhecimento do sucesso), (JACKSON, 1976; McCLELLAND, 1962 citados por BELK, 1995:68) - é inerente ao processo, geralmente individual, de consumo de objectos. O consumo colecionista que se distingue do consumo ordinário pela consciência, por parte do colecionador, de formar conjuntos de coisas onde se seleciona o adequado e o inadequado, é um processo que permite que o conjunto não se torne uma mera acumulação de bens possuídos. *“Collecting is the process of actively, selectively, and passionately acquiring and possessing things removed from ordinary use and perceived as part of a set of non-identical objects or experiences”* (BELK, 1995:67).

A compreensão da paixão que move o colecionador implica, ainda, numa perspetiva psicanalítica, que o impulso de colecionar estaria biologicamente programado dada a capacidade para classificar e distinguir coisas adquiridas ao longo do processo de sobrevivência humana. Daí que surja em quase todas as crianças por volta dos 7 anos como forma de exercer o seu controle sobre o mundo exterior e possa reaparecer mais tarde, por volta dos 40 anos, de forma mais complexa e motivado por desejos mais ambiciosos de gratificação, controle e reconhecimento. O objeto da coleção tornar-se-ia, assim, uma espécie de antídoto para essa frustração conferindo à coleção a capacidade de saciar desejos, reduzir tensões e restabelecer um sentimento de assertividade <sup>117</sup>.

---

<sup>117</sup> Sobre o assunto cf. BAL, Mieke. 1994. “Telling Objects: a Narrative perspective on collecting” in ELSNER, John e CARDINAL, Roger (ed.). *The culture of collecting*. London, Reaction Books, p.103; MUENSTERBERGER, Werner. 1996. *Collecting: an unruly passion*, New York .

Autores como Ruth Formanek (FORMANEK, 1994:327 - 335) tem vindo a rever as teorias psicanalíticas sobre a motivação dos colecionadores que evoluíram desde a proposta erótico-anal decorrente do pensamento de Freud e do papel da libido no impulso colecionista, passando pela proposta de Loewenstein valorizadora do papel da agressividade e da raiva na imaginada e/ou real competição pela obtenção de troféus a que se assiste a propósito do ato de colecionar. Em concordância com a psicologia relacional mais recente a autora sugere que colecionar representa, então, a necessidade do indivíduo em estar em contacto com os outros e de, explorando, adquirir estabilidade.

Com vista ao estudo das motivações do colecionar a autora elaborou o questionário de um inquérito dirigido aos colecionadores e no qual teve em conta a proximidade que muitos colecionadores demonstram para com a literatura sobre *o colecionar* causadora de alguma ambiguidade nas respostas. Por isso, os itens questionados abrangiam perguntas objetivas relativas à coleção, outras relativas a aspetos mais íntimos e, por último, perguntas genéricas sobre o colecionismo:

- . como incorpora peças à coleção
- . como é que a coleção é disponibilizada
- . que tema / assunto coleciona
- . quanto dinheiro gasta anualmente com a coleção
- . o que começou por colecionar
- . quantas coleções diferentes possui
- . o que sente quando incorpora uma nova peça
- . que reação tem quando mostra a coleção
- . quando se dedica à coleção
- . quando pensa em obter uma nova peça
- . que sentimento manifesta pelo tempo / dinheiro que dedica à coleção como pensa, ou não pensa, na disposição da coleção
- . quão importante é a sua coleção para o próprio
- . porque pensa que as pessoas colecionam e quais as suas motivações
- . porque coleciona.

Em resultado deste trabalho a autora apurou um conjunto de motivações explicativas da paixão de colecionar:

1. Colecionar enquanto propósito do próprio Eu - que agregaria
  - a) aqueles para quem colecionar é uma defesa contra estados depressivos;
  - b) aqueles para quem colecionar é uma troca, uma aquisição de uma competência de conhecimento;
  - c) aqueles para quem colecionar é uma função narcísica essencial para a manutenção da sua auto estima;
2. Colecionar enquanto propósito para com o Outro, que agregaria
  - a) aqueles que pretendem reforçar o seu sentimento de pertença a um grupo e, dentro dele, alcançar um estatuto;
3. Colecionar enquanto preservação, restauração, história e sentido de continuidade, que agrega
  - a) aqueles que pretendem “salvar as coisas antigas e guardá-las para o futuro. Os construtores da *memorabilia* como um serviço para o país.
4. Colecionar como investimento financeiro
5. Colecionar enquanto processo aditivo onde os termos “obsessão” e “compulsão” são frequentemente referidos e respeitam à aquisição incontrolada de bens e ao processo “excitante” da descoberta.
6. Miscelânea de motivações

Com base nesta arquitetura teórica, e tendo em conta a carência de dados objetivos que permitissem averiguar das motivações e das formas de colecionar de Baptista de Lima, elaborou-se um questionário que serviu de guião a entrevistas efetuadas a um conjunto de informantes próximos do colecionador (cf. Apêndices 8, 9 e 10)<sup>118</sup>. Foi do conjunto das informações

---

<sup>118</sup> A lista de informantes procurou integrar indivíduos em dois níveis diferentes de proximidade: relacionamentos de carácter profissional e relacionamentos de amizade (o círculo familiar não foi considerado uma vez que não existem, nos Açores, familiares diretos vivos. Os descendentes diretos (filhas e netos) vivem em Lisboa e, embora contactados telefonicamente, revelaram possuir muito poucos conhecimentos sobre a vida profissional do seu ascendente.

obtidas, cruzadas com os dados biográficos conhecidos que se (re) (des)construiu uma aproximação ao universo colecionista de BL.

A sua análise suscita, de imediato, a constatação de uma simbiose entre as motivações nº 2 e nº3 da listagem sugerida por Formanek em consonância com Russel Belk para quem “*our self-definition is often highly dependent upon our possessions*”. Nesse sentido, a coleção enquanto extensão do Eu consubstancia-se em que é “*visible and undeniably represents the collector’s judgements and taste*” e porque “*... the time and effort spent in assembling a collection means that the collector has literally put a part of self into the collection. Sometimes collections involve a particular theme that is symbolic of one’s occupation, family heritage or appearance.*” (BELK, 1994:321).

De facto, se há relato de vida que se pautou pela busca da demonstração da capacidade de “*pertencer*” foi a de BL e os seus instrumentos foram a posse de conhecimentos, de objectos e de relações. Em qualquer desses campos, Baptista de Lima “esmaga” pela quantidade e qualidade.

É a negada pertença à Academia por incompatibilidades várias, que potencia a determinação em demonstrar “*que também pode chegar onde os outros chegaram*” e que se traduz numa obsessiva e monumental compilação de dados, informações e conhecimentos que se consubstancia na extensa bibliografia que elabora sobre os descobrimentos portugueses e que seria de esperar num investigador mais velho e experiente<sup>119</sup>.

---

O grupo das relações profissionais integrou funcionários de vários organismos onde BL trabalhou: no MAH foram entrevistados os Drs. Maduro Dias e Olívio Rocha, D. Maria José Dutra, D. Mariana Pinheiro e Sr. Norberto Bettencourt; da CMAH foram entrevistados os Srs. Eng. Marcelo Bettencourt, Sr. Luís de Melo e Sr. Carlos Oliveira; na BPARAH foi entrevistada a Sra D. Maria Emília da Luz. No grupo dos amigos e conhecidos foram entrevistados os Srs Professores José Manuel Machado Pires e José Guilherme Reis Leite. De todos os entrevistados foi elaborada ficha de caracterização e solicitada autorização de utilização e divulgação dos dados fornecidos.

<sup>119</sup> Sobre a *Bibliografia sobre os descobrimentos portugueses – ensaio- (até 1900)* cf. nota 97 e Apêndice 3.

O seu interesse pelos objetos é assinalável ainda em Coimbra, quando revela que já anteriormente iniciara uma coleção e definira áreas de interesse: “O Dr. Forjaz de Sampaio ofereceu-me algumas moedas valiosas (...) mandei fazer uma estante alta para escrever (...) e envidraçada à frente e pelos lados tendo algumas prateleiras onde colocarei as minhas moedas que se elevam já a algumas dezenas”<sup>120</sup> e mais tarde: “vou já levar todos os livros que me interessam e as minhas coleções de armas, moedas, mapas, gravuras etc.”<sup>121</sup>. A esposa enumera peças por diversas vezes a propósito do seu transporte a quando das transferências de Baptista de Lima para Évora e, depois, para Lisboa: “... como não és gastador a não ser em espingardas, pistolas e espadas...”<sup>122</sup>; “... as espadas e a panóplia já cá podiam estar!”<sup>123</sup> e aludindo ao carácter desse conjunto de peças: “Recebi a tua carta e as pedras. Fiquei admirada de mas enviases, tencionando tu aí instalares o teu museu! Mas, enfim, lá as meti no armário”<sup>124</sup>

Nessa época é um bibliófilo e um comprador compulsivo sendo provável que alguns dos objectos que possuía tivessem sido o resultado de ofertas e de aquisições em leilões<sup>125</sup>. Durante toda a sua estadia no continente como estudante acusa nas suas “Contas Correntes” a aquisição de livros pelo prazer de os ter e recomenda constantemente aos pais que não desistam de assinaturas de jornais e revistas que colecionam religiosamente para lhe enviar, situação que se mantém após o casamento. Os fornecedores são os livreiros e alfarrabistas de Lisboa e Porto que lhe enviam periodicamente as

---

<sup>120</sup> MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta aos pais datada de 24 de Abril de 1943.

<sup>121</sup> MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta aos pais datada de 27 de Dezembro de 1948.

<sup>122</sup> MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta de Maria Luiza Forjaz de Sampaio datada de 8 de Outubro de 1946.

<sup>123</sup> MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta de Maria Luiza Forjaz de Sampaio datada de 28 de Janeiro de 1948.

<sup>124</sup> MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta de Maria Luiza Forjaz de Sampaio datada de 21 de Fevereiro de 1948.

<sup>125</sup> Embora sem serem designados há várias referências na correspondência da esposa como “...se fizeres economias para gastares nos teus leilões...”. MAH. Espólio Baptista de Lima: Correspondência. Carta de Maria Luiza Forjaz de Sampaio datada de 28 de Outubro de 1946.

novidades editoriais e listas de raridades ou oportunidades surgidas no mercado. De qualquer forma, a relação é amistosa, quase de amizade, dada a frequência com que é estabelecida e a visível cumplicidade no prazer pela descoberta de exemplares valiosos.

É, porém, uma aditividade onerosa, e nem sempre satisfeita prontamente que excede, em muito, as possibilidades materiais do jovem casal provocando frequentes queixas da esposa mas aceite e compreendida pelos pais, e com paciência e resignação pelos fornecedores. O regresso à ilha e a sua instalação em Angra, e a conseqüente ausência de correspondência familiar, não permite conhecer com mais nitidez este período também desconhecido para os informantes consultados, todos demasiado novos para terem privado com BL nesse período. Daí a ausência de dados especificamente relativos ao que foi adquirido para a coleção pessoal neste período.

Mas a década de 50 foi a década da instalação de dois organismos com a dimensão da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e do museu da cidade que não lhe deixariam, certamente, muito tempo. Será um período de trabalho, de investimento formativo na área da arquivologia e biblioteconomia (com a frequência de estágios em França) e, também, o período da expectativa e da frustração: o divórcio, depois de vários anos de separação, um novo relacionamento francês onde, parece, havia intenções de conjugalidade mas que é frustrada e, aparentemente, redirecionada para um objetivo alternativo – a presidência da Câmara Municipal de Angra (vide capítulo I, ponto 3).

Ora, a explicação psicanalítica identifica a pulsão colecionista da fase adulta (por volta dos 40 anos) como uma reação a uma frustração o que parece encaixar no percurso de Baptista de Lima: de regresso ao museu após 5 anos na Câmara, inicia-se o período das grandes aquisições para o acervo do MAH e, também, para a sua própria coleção. É então que se pode estabelecer um paralelo entre a coleção privada e a coleção institucional relativamente ao processo de integração de bens em cada uma delas.

A sua dimensão pessoal de coletor / colecionador parece ser exportada, quer em termos metodológicos quer temáticos, para a sua dimensão profissional através da constituição da coleção do Museu. Os dois universos (o pessoal e o institucional) parece caminharem paralelamente, parece serem o complemento um do outro como se o próprio colecionador soubesse, à partida, que tudo não passaria de uma coleção única...

A coleção privada alimenta-se de aquisições cuja identidade dos fornecedores recuperamos através de um levantamento sumário da correspondência existente no arquivo pessoal. Pela sua análise verifica-se que nos anos iniciais os fornecedores comerciais eram os livreiros e os alfarrabistas e que outras tipologias de fornecedores (antiquários) só aparecem pelos anos de 1954 (cf. Quadro 6).

Verifica-se, também, que da inicial concentração em Lisboa e Porto se passa a uma diversificação geográfica que se estende ao Alentejo e, depois, a França e Inglaterra <sup>126</sup>. A diversificação, porém, não implicou a substituição mas sim o alargamento da rede de contactos já que, alguns, se estendem por largos períodos e, mesmo, até ao fim da vida.

Os processos de aquisição não se esgotavam com os fornecedores estabelecidos já que a pesquisa de bens dispersos na posse de privados fortuitos foi uma possibilidade também escrutinada e coadjuvada por uma rede de informantes que se incumbiam de mandar publicar nos jornais de Lisboa e Porto anúncios minutados pelo colecionador. Estes informantes eram familiares de BL em Lisboa (o primo Crispim, por exemplo), ou o Sr. Carvão, em Estremoz, talvez conhecido aquando da sua passagem por Évora.

---

<sup>126</sup> O arquivo pessoal de Baptista de Lima ainda não revelou comprovativos de aquisições no estrangeiro (faturas e/ou recibos) no entanto esta informação foi-nos transmitida pelo Dr. Maduro-Dias, que agradeço.

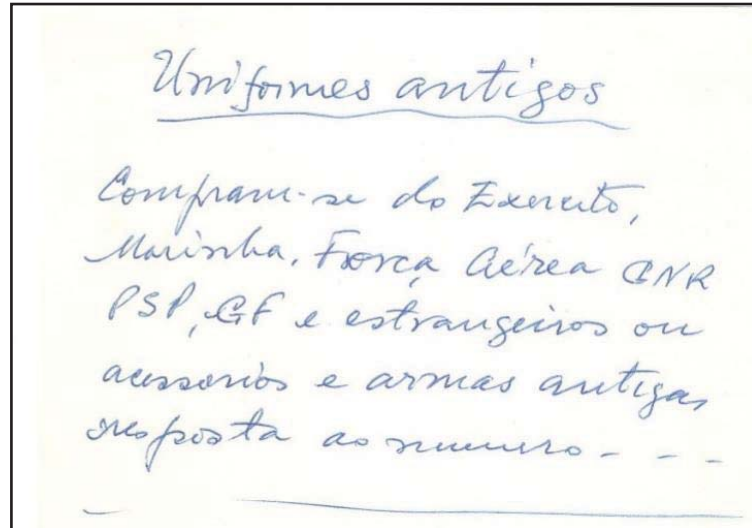


Fig. 27 - Rascunho manuscrito para um anúncio de jornal  
MAH. Espólio BL: Documentos pessoais

Além de a exposição no interior doméstico não fazer parte das preocupações de Baptista de Lima, como se viu, conta apenas com um parceiro para a sua manutenção e conservação – a esposa - enquanto para a sua inventariação conta apenas consigo próprio e que se manifesta de uma forma muito artesanal de listas rascunhadas em todos os papelinhos possíveis e não exaustivo. O seu resguardo e a reduzida interação com o exterior que a caracterizam apenas são alteradas em três circunstâncias: quando procede a depósitos no MAH, quando colabora na montagem de uma exposição em Lisboa e quando participa num programa de televisão regional.

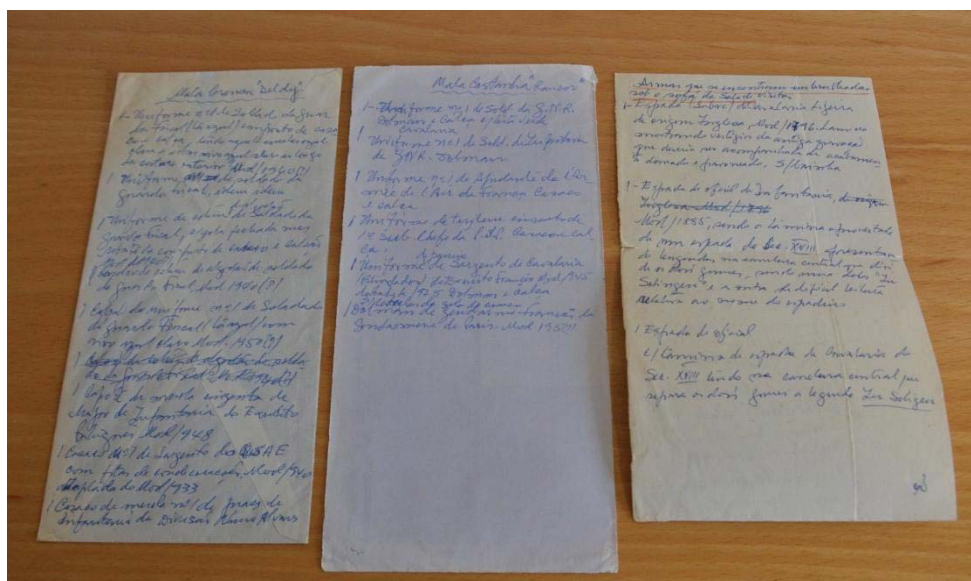


Fig. 28 – Listagem manuscrita de peças da coleção pessoal  
MAH. Espólio Baptista de Lima

Em 1957 deposita no museu, entre outros bens de natureza militar, o significativo conjunto de cerca de 223 moedas de onde só serão retiradas em 1983<sup>127</sup>, durante o atribulado processo de aposentação do proprietário; e em 1983 quando volta a depositar peças no MAH, agora de exclusiva natureza militar (cf. Apêndices 6 e 7).

Os outros momentos de visibilidade ocorreram em 1984, quando um conjunto de 45 peças é cedido ao Comando Militar dos Açores para integrar uma exposição no Castelo de S. Brás, em Ponta Delgada, e em 1993 quando um conjunto de peças militares é cedido para integrar a exposição sobre arquitetura militar patente no Panteão Nacional organizada pela Associação dos Amigos dos Castelos (APAC) no âmbito do IIº Congresso dos Monumentos Nacionais.

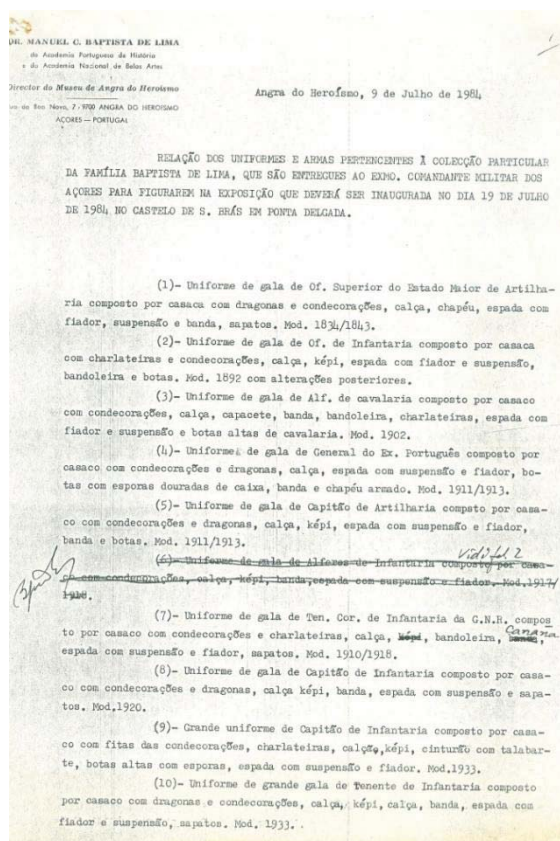


Fig. 29 – Relação das peças cedidas ao  
Comando Militar dos Açores em Julho de 1984  
MAH. Espólio Baptista de Lima

<sup>127</sup> Com base no cruzamento das informações obtidas na documentação do arquivo pessoal, no Arquivo de Correspondência do MAH e nos Relatórios do MAH foi possível estabelecer o quadros dos bens de BL doados e/ou depositados pelo próprio ao MAH. Cf. Apêndices 6 e 7.

Apesar dessa invisibilidade social e da ausência de documentos escritos que reflitam o cuidado com o destino da coleção, a existência dessa natural preocupação (PEARCE, 1992: 26; e 1995: 250) parece ser confirmada pela tentativa de constituição de um espaço visitável sob a tutela da Câmara Municipal no princípio dos anos 90<sup>128</sup> que não teve qualquer sequência.

Quanto ao acervo do museu foi objeto de quatro fontes essenciais de enriquecimento: por aquisição, por doação, por depósito e por “*cedência de organismos do Estado*” na expressão utilizada nos *Relatórios* da instituição<sup>129</sup>.

- Nas aquisições, num primeiro período de vida do MAH (1949-1960) pontuam as efetuadas a particulares do meio local enquanto depois (1960-1985) predominam as efetuadas no meio do antiquariato nacional (Lisboa e Porto) e daí se alimenta, predominantemente, a coleção de Artes Decorativas e Ornamentais;

---

<sup>128</sup> Agradeço esta informação ao Dr. José Olívio Rocha que a obteve do próprio Dr. Baptista de Lima. Na sua leitura essa tentativa traduz a impossibilidade de reunir as duas coleções BL, a institucional e a privada, dada a atribulada relação de BL com o diretor do MAH que lhe sucedeu.

<sup>129</sup> O decreto de fundação do Museu de Angra do Heroísmo, o Decreto-Lei n.º37358, de 30 de Março de 1949, redigido pelo próprio BL, apresenta três modalidades de entrada de peças no museu. Assim, esclarece que:

1. “Serão incorporados no museu todos os objetos nas condições previstas neste artigo que se encontrem em mosteiros ou conventos do distrito, desde que esses mosteiros ou conventos não tenham sido restituídos à Igreja ou adquiridos por particulares.” (art.º1, §1);
2. “As entidades oficiais ou particulares poderão depositar no museu objetos que pelo respectivo diretor forem considerados dignos de exposição.” (art.º, §2);
3. “Compete à Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, ouvido o diretor, aceitar as doações ou legados de objetos com destino ao museu.” (art.º1, §3);

A história das incorporações e depósitos no Museu de Angra do Heroísmo apoia-se na análise dos *Relatórios Anuais*, uma vez que o processo de inventariação sistemática e retrospectiva só foi iniciado em 1989 e não foi ainda concluído. Uma caracterização do acervo é sempre uma aproximação feita a partir da leitura daqueles documentos, mais concretamente dos “Mapas Estatísticos das Espécies Existentes” apresentados de 1966 a 1979, sem interrupções, em que os números das espécies aparecem distribuídos por coleções e secções categorias que, contudo, foram sendo alteradas ao longo do tempo. O registo dessas alterações de terminologia e, conseqüentemente, da valorização/desvalorização, surgimento e desaparecimento de “coleções” é apresentado no Apêndice 7.

O estudo dos processos de depósito de bens no MAH foi elaborado pela signatária num documento interno intitulado *Depositar ou Do Eu para o Outro: Uma visão sobre os bens em depósitos no Museu de Angra do Heroísmo (1949-2012). Relatório de execução do Livro de Tombo de Bens em Depósitos no MAH.*

- Nas doações beneficia-se da entrega de peças de artistas que expunham no MAH, além de se seguir uma estratégia de deteção e de posterior contacto de indivíduos, ou seus herdeiros, ligados à hierarquia militar quer fossem ou tivessem exercido funções nos Açores. Embora este procedimento não seja exclusivo relativamente à coleção militar é ela a principal beneficiária destas doações;
- Nas cedências de organismo dos Estado predominam as efetuadas pelo Estado Maior General do Exército<sup>130</sup> de material obsoleto que a Guerra Colonial remetia para o Depósito de Material de Guerra de Beirolas e que é composto, essencialmente, por equipamento de artilharia. Destas transferências beneficia exclusivamente a coleção Militar;
- O incentivo ao depósito de bens no MAH foi um instrumento fundamental na estratégia de BL para constituição de um acervo eclético imediatamente após a constituição do museu e em toda a sua primeira década de vida. Igrejas, clubes, escolas e organismos da administração foram os principais depositantes que enriqueceram, sobretudo, a coleção de Arte Sacra e Mobiliário



Fig. 30 - Os corredores do MAH como local de acomodação e depósito de espécies.  
Anos 70/80  
MAH. Reserva de Fotografia

<sup>130</sup> O Tenente-Coronel Frederico Lopes, sócio fundador do IHIT e amigo muito próximo de Luís da Silva Ribeiro é seu intermediário no estabelecimento dos processos de transferência de bens cedidos pelos Depósitos militares de Beirolas e do Entroncamento. Informação obtida através do Sr. Dr. Olívio Rocha que a obteve pessoalmente do Dr. Baptista de Lima.

A intensidade e o volume dessas incorporações acentua-se com o estabelecimento do Regime Autónimo nos Açores, em 1976, quando se vive uma conjuntura económica e ideológica extremamente favorável ao enriquecimento do acervo do MAH por via do estabelecimento de um discurso identitário. A receção desses bens produzia enormes concentrações de objetos guardados em todo o tipo de suportes, às vezes sem serem desempacotados, e guardados em depósitos e corredores. O mesmo acontecia na coleção sombra, que cresce proporcionalmente à do museu que constrói um interior doméstico caótico, claustrofóbico e inteiramente dedicado à coleção e onde está ausente a preocupação com o conforto pessoal e com a ostentação.

Dir-se-ia que a incorporação de bens, no todo dos bens colecionados, abrange um universo com todas as hipóteses, um universo construído por um processo profissional e sistemático; enquanto o produto dessas incorporações dá lugar, também, ao acumular sistemático de informação e documentação mas sem qualquer preocupação na sua organização sistemática.

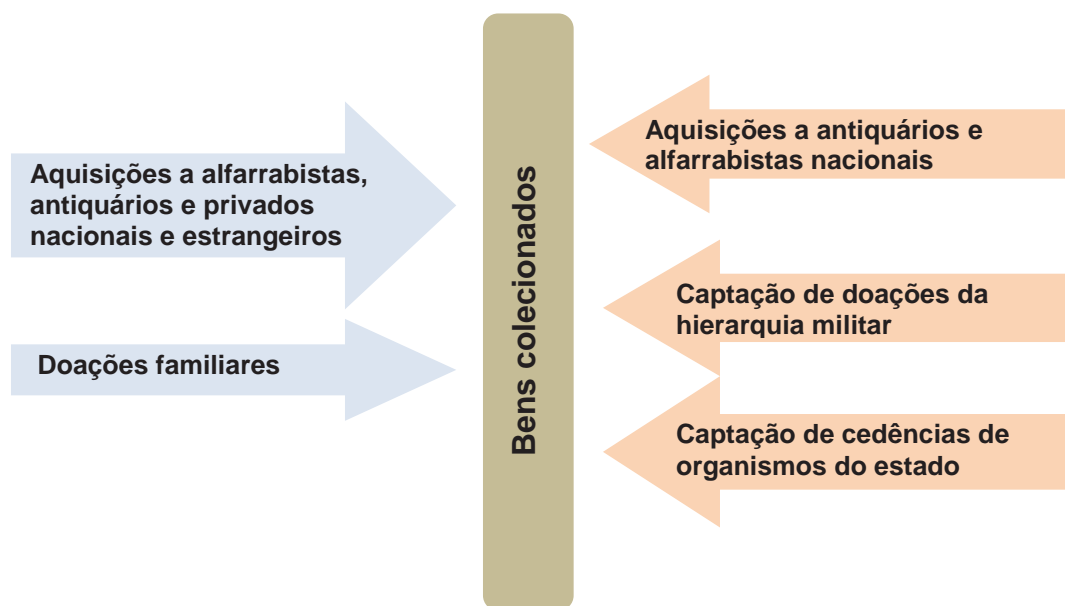


Fig. 31 - Modalidades de proveniência dos bens da coleção privada,  e da coleção do MAH

É, ainda, um modo de detetar patrimónios e de os incorporar que admite a promiscuidade entre a figura do indivíduo com a do conservador que é também o diretor do museu:

*“Tendo consultado particularmente a Secção de Contabilidade da Junta Geral no sentido de se oficializar e legalizar esta aquisição que, para maior facilidade e rapidez de transacção, foi efectuada com verbas pessoais do Director deste Estabelecimento, foi a mesma Secção de parecer que as facturas e recibo, a produzir, deveriam ser passadas em nome de V. Exa.”<sup>131</sup>*

Outro aspeto interessante do modo de colecionar refere-se à competitividade que imprime a todos os projetos a que se dedica. Esta postura é visível nos esforços desenvolvidos, e salientados por todos os informantes, de que Baptista de Lima procura não ter rival nas suas realizações comparando-se sempre com os melhores. É assim quando, no boletim do Arquivo Regional, diz só haver arquivos idênticos em Lisboa, Évora e Coimbra e no museu, quando procura constituir coleções que os outros não têm.

Em ofício dirigido ao Diretor da secção de Etnografia do MCM, então ainda um museu municipal, a propósito de uma peça daquele museu e que o MAH estaria interessado em adquirir, afirma: *“Como já tive ensejo de pessoalmente comunicar a V. Exa é grande desejo e firme propósito desta Direcção criar e desenvolver no Museu Regional a seu cargo secções, subsecções e colecções que nos outros museus do Açores não existam ou se encontrem fracamente representadas. Esta orientação visa, principalmente, evitar duplicações escusadas, aproveitar melhor o espaço disponível e fomentar maior interesse cultural, quer no estudioso, quer no simples visitante.”<sup>132</sup>* Ideia que repete na sua aposta no património militar, como atrás foi referido, e que conduz ao estabelecimento e reforço das interações e ligação a entidades/personalidades de maior relevo na matéria: o Arsenal de Paris, o War British Museum e, por último, o comité do ICOM para o património militar, o IAMAM.

É que por detrás das motivações do colecionador estão as *poéticas do seu Eu* expressão de Pearce (1995:25-31) que consagra a forma como o

---

<sup>131</sup> MAH. Arquivo Morto: Proc. A. Ofício datado de 30 de Maio de 1957.

<sup>132</sup> MAH. Arquivo Morto. Proc. F: ofício datado de 4 de Dezembro de 1951 dirigido ao Diretor da Secção de Etnografia do Museu Regional de Ponta Delgada.

coleccionador experiencia o processo de coleccionar, se posiciona e se espelha no conjunto das suas coleções. Nesse sentido, BL configura o tipo de coleccionador sistemático e obsessivo (PEARCE, 1992, 81), sem remorsos ou sentimentos de culpa pelo investimento que o ocupava (financeiro, emocional e temporal) e emocionalmente alheio aos sacrifícios e obrigações impostas a familiares e colaboradores próximos “...*the time and effort spent in assembling a collectin means that the collector has literally put a part of self into the collection.*” (BELK, 1994:321).

Com as suas coleções, e a preocupação da sua permanência intacta na Terceira<sup>133</sup>, procurou projetar-se no futuro e garantir a continuação da memória de si, uma certa espécie de imortalidade por via da certeza em que os objectos que reunia eram fundamentais para a estruturação da identidade e da memória terceirense.

Era um coleccionador com uma missão.



---

<sup>133</sup> Os relatos sobre as diligências de final de vida de BL no sentido de manter a sua coleção privada sob a alçada da Câmara Municipal foram fornecidas pelo Dr. Olívio Rocha. Vide nota 118.

*(...) In fact everything may be regarded as a museum object.*

Tomislav Sola "The concept and nature of museology", 1987

#### **Capítulo IV - Uma coleção privada no museu: desafio para uma gestão global**

## 6. A Coleção Baptista de Lima no Museu de Angra: peregrinações

Com a aquisição do espólio Baptista de Lima o levantamento sumário do conjunto que foi feito não contemplou um registo fotográfico prévio. Apenas foi efetuada uma listagem manuscrita, em papel, que identifica quantitativos de bens e a sua localização espacial; uma listagem das monografias e publicações periódicas que, entretanto, desapareceu enquanto do arquivo pessoal não foi efetuado nenhum registo nem foi objeto de qualquer tratamento arquivístico.

Toda esta massa é, portanto, um misto de Arquivo Pessoal, Coleção e Biblioteca no sentido em que BL incorporou à segunda documentos da sua própria vida e da dos seus familiares, das suas atividades profissionais e todos os materiais relativos a projetos de investigação e/ou relativos a peças e temas de interesse, e acrescentou-lhe uma biblioteca de referência que incluía não só monografias temáticas mas também muitas obras fundamentais para a compreensão e o estudo da própria coleção e de cada uma das peças em si, como manuais de instruções de equipamentos, cédulas de armamento diverso e Ordens do Exército.

Nessa comunhão unitária a coleção fazia sentido – tinha um sentido – já que, como salienta Baudrillard, cada elemento perdeu a sua função primeira e torna-se um *objeto de Coleção*. Este entendimento torna-se por demais importante no plano da gestão da própria coleção. Contudo, a sua errância e fragmentação no próprio espaço do museu, a ausência do seu tratamento e disponibilização pública parecem confirmar o apagamento tendencial da memória do indivíduo e o esquecimento e a desarticulação das *conexões entre as coisas*.

Do processo da sua peregrinação e desarticulação imediatamente após a retirada da casa do colecionador assinalam-se as seguintes etapas:

a) 1998 - 2006

Instalação do arquivo, biblioteca e conjunto de caixotes de material solto numa secção da igreja anexa ao convento onde está situado o museu onde ocupava

cerca de metade do corpo da igreja; Instalação do conjunto de fardamentos numa ermida próxima – a ermida da Boa Nova;

b) 1999 à atualidade

Instalação de negativos em vidro e película, diapositivos e provas em papel na Reserva climatizada de Documentos Gráficos;

c) 2006-2007

Transferência do arquivo e biblioteca para um espaço do convento: a sala do Consistório;

d) 2006 à atualidade

Transferência dos fardamentos para uma casa de habitação situada próxima do edifício do museu – a Reserva da Rua do Galo

e) 2007 à atualidade

Transferência do arquivo e biblioteca para um novo espaço do museu: o antigo refeitório dos funcionários



Fig. 32 e 33 - Ermida da Boa Nova, em novembro de 2005 - exterior e interior  
(fot. da autora)



Fig. 34, 35 e 36 - Planta e imagens da Reserva de Têxteis II onde está localizada a coleção de fardamentos da coleção BL, em Agosto de 2012 (fot. da autora)

Estas sucessivas reinstalações não ocasionaram qualquer tipo de tratamento e estudo, e apenas se procedeu à inventariação de parte dos fardamentos militares e do armamento. O conjunto é um todo que se caracteriza pela diversidade de suportes, tipologias e formatos (cf. Quadro 7).

A heterogeneidade do conjunto parecia aconselhar a desagregação do espólio confiando cada conjunto de bens ao organismo cuja especificidade funcional lhe garantisse um tratamento adequado face aos argumentos dos teóricos que estabeleceram as fronteiras das funções e dos conteúdos dos organismos que guardam a memória (bibliotecas, arquivos e museus). Tal, porém, não aconteceu talvez por se intuir que era o conjunto (unitário e indissociado) que faria compreender o indivíduo e o seu projeto.

Qualquer que tenha sido a razão, tal facto veio colocar o problema da gestão, num museu, de um espólio complexo, composto por bens com diferentes necessidades e modalidades de tratamento muito embora a Lei - Quadro dos Museus Portugueses defina que

*“o museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:*

*a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;*

*b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.”<sup>134</sup>*

Deduz-se, portanto, não haver limite às tipologias de bens incorporáveis nos museus embora a ação de musealização de que são objeto deva estar em consonância com a missão definida pelo museu, e com a política de incorporações que pretende implementar, independentemente do tipo, do suporte e da função do bem. Se, na prática, a constatação deste princípio e a verificação da existência de um conjunto inter-explicável aconselhariam um tratamento integrado e global do espólio, na prática esta simples constatação levantou (e continua a levantar) problemas teóricos e práticos relevantes. Tal facto, por inércia ou falta de investimento, conduziu ao apagamento da coleção e ao abandono das suas partes.

## **7. Os museus como sistema integrado de informação**

A heterogeneidade de recursos da memória e do conhecimento albergados sob um mesmo teto, exemplificado pela biblioteca de Alexandria que agregava todo o conhecimento da Humanidade qualquer que fosse o seu suporte, ilustra o passado comum que museus, bibliotecas e arquivos tiveram e da relação de intrínseca inter-documentação estabelecida entre os bens que acumulava e possuía.

---

<sup>134</sup> Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto in *Diário da República*, Iª série - A, n.º 195.

A lenta e gradual especialização que, posteriormente, sofreram as bibliotecas por via da necessidade de salvaguardar e reproduzir informação – para isso serviam as bibliotecas conventuais –, os arquivos pela necessidade de justificar e legitimar o poder e os seus interpretes – para isso serviam os arquivos da administração real e senhorial -, e as coleções de objectos cujo valor simbólico determinava escalas de prestígio e o estatuto dos seus possuidores – para isso serviam as coleções de relíquias e os gabinetes de curiosidades – favorece o cartesianismo seiscentista e a sequente separação e taxonomia dos saberes que emprestou método à investigação inerente à construção do saber.

Até aí circunscritos a esferas privadas de consumo, a centúria de setecentos disponibiliza à utilização pública esses bens agora cumprindo o papel de legitimadores das histórias nacionais e de fundamentos dos Estados-Nação, princípios ideológicos do Iluminismo e do Liberalismo emergente. A institucionalização pública dos organismos da memória, no século XIX, admitiu o estabelecimento de relações privilegiadas entre eles embora assumindo especializações quanto à tutela /custódia dos bens segundo o seu formato físico e conteúdo: os objectos tridimensionais com valor patrimonial pertenciam aos museus, os livros às bibliotecas, e os manuscritos e documentos originais aos arquivos. O princípio da custódia patrimonial e da distinção institucional pela natureza e proveniência das coleções e de níveis distintos de preservação, conservação e organização dos objectos culturais é identificado por alguns autores como o responsável pelo afastamento entre museus, bibliotecas e arquivos (SILVA, 202:64 cit. por MARQUES, 43).

Esta fragmentação disciplinar, acompanhada da respetiva formação de profissionais especializados, é dominante até meados do século XX quando um novo paradigma de progressiva integração disciplinar anuncia abordagens pós-custodiais centradas nas relações com a comunidade e com o território num processo inevitável dada a escala de crescimento das coleções e da sua cada vez maior complexidade, e da necessidade de acesso aos objectos e à informação que lhes subjaz ser cada vez maior e mais exigente (SILVA, 2002:73 citado por Marques, 2010:44).

As características apresentadas sobre o novo paradigma são partilhadas por inúmeros teóricos e estudiosos da área das Ciências da Informação que, em anos recentes, têm debatido sobre um renovado modo de acesso à informação, sobre a mobilidade desta mesma informação e a prioridade ao seu acesso tendencialmente universal e integrado, preocupações centradas no utilizador e que vão ao encontro da era informacional que vivemos (MARQUES, 2010: 47). Nesta linha de pensamento, o conceito de *documento* muitas vezes apenas associado ao suporte em papel, é redefinido por David Levy na feliz expressão de *talking things* e, nesta perspetiva, a fronteira entre museu, biblioteca e arquivo desaparece dada a igual existência de *documentos* em todos eles (MARQUES, 2010: 54).

Ora, dentro dos museus vive-se de há muito uma situação paradoxal: frequentemente os museus comportam na sua estrutura orgânica a existência de um arquivo e de uma biblioteca como sistemas de informação auxiliares do trabalho dos seus profissionais<sup>135</sup> apesar de não reconhecidos (ou reconhecidos insuficientemente) nas dotações financeiras e nos quadros de pessoal afeto. Os bens que os integram raramente dispõem de sistemas de catalogação e inventariação informatizados (por vezes nem em papel) nem da adoção de linguagens documentais normalizadas<sup>136</sup> que permitam a recuperação da informação e o seu cruzamento com outros sistemas de inventariação de bens. Na maior parte dos museus, a documentação, por si, não é tida como prioridade variando o investimento no seu tratamento de acordo com os interesses profissionais e institucionais. O resultado é que a documentação de museu é, geralmente, muito desigual e raramente integrada

---

<sup>135</sup> Em 1803 o primeiro diretor do Louvre, Dominique Vivant-Denon, requisitou livros para documentar as coleções dando início à necessidade de os museus possuírem bibliotecas. (PICOT, 1999:18 citado por MARQUES, 2010:18).

<sup>136</sup> No âmbito da sua dissertação de mestrado Maria João Santos procedeu a um inquérito de avaliação da documentação enquanto processo nos museus portugueses. Relativamente ao controlo de terminologias os resultados obtidos indicam a inexistência de normalização, sobretudo no que se refere às linguagens documentais, designadamente, thesaurus, indexação e recuperação de informação (SANTOS, 2005: 172-73).

num sistema completo (ORNA e PETTITT, 1998 citado por MARQUES, 2012: 62).

Complexificando o panorama, verifica-se que não é inédita a incorporação de bens nos museus caracterizados pela diversidade de forma, suporte e proveniência mas quando não pertencem à categoria dos objectos tridimensionais não integram o inventário do acervo e permanecem numa situação de não tratamento e, conseqüentemente, de impossibilidade de utilização da informação que contêm.

Exemplifico com duas ações de incorporação levadas a efeito no Museu de Angra do Heroísmo e que suscitaram (e continuam a suscitar) dúvidas quanto à forma de tratamento a dispensar a cada um dos “documentos”.

- Em 1977 é incorporado por doação o espólio do maestro jorgense Francisco de Lacerda numa ação desenvolvida pelo próprio diretor, Dr. Baptista de Lima.

O conjunto integra correspondência, partituras, programas e cartazes, fotografias e publicações diversas, rascunhos e cadernos de notas, instrumentos musicais, peças de mobiliário e bens pessoais como óculos, batutas, condecorações...

Foi objeto de um processo de identificação e classificação de espécies no final dos anos 80 de que resultaram listagens manuscritas e em 2012 foi objeto de digitalização integral dos materiais em suporte papel.

Os documentos em suporte papel foram organizados em grandes categorias (correspondência, partituras manuscritas...) mas não foram incorporadas em nenhum sistema de classificação e/ou de inventariação. Os objectos tridimensionais foram integrados no sistema de inventariação informático do museu.

Não existe modalidade integrada de recuperação de informação relativa aos bens arquivístico e/ou bibliográficos.

- Em 1988 é incorporado por doação o espólio do etnomusicólogo Artur Santos que havia procedido a campanhas de recolha de património musical em algumas ilhas do arquipélago e em Angola.

O espólio integra notas de campo, correspondência, rascunhos diversos, recortes, fotografias, discos e matrizes, equipamento eletrónico de captação e reprodução de som e instrumentos musicais. Não tendo sido objeto de qualquer ação de documentação, só em 2003/4 foi objeto de um processo de identificação de espécies, classificação e inventariação parcial<sup>137</sup>. Então, para os documentos em suporte papel e película, discos e equipamentos diversos foi adotado um sistema de classificação e marcação próprio que não corresponde a nenhum outro utilizado no MAH. Paralelamente, os instrumentos musicais foram registados no sistema de inventariação informático do museu.

Não há qualquer modalidade de recuperação da informação contida no sistema de classificação próprio a não ser através da consulta de listagens impressas.

Perante as situações descritas o efetivo acesso à informação que se poderia pretender sobre qualquer dos indivíduos estaria limitada, amputada embora houvesse no museu *documentos* capazes de proporcionar uma informação global preenchida com contributos de diferentes suportes.

Entender o museu como um grande sistema de informação implicaria que todos os seus recursos (documentos) estivessem disponíveis e recuperáveis através de um *sistema de documentação normalizado* de todas as coleções independentemente do seu suporte, formato ou proveniência.

Sem enfatizar nenhum tipo de coleção Otília Lage (2002:33 citada por MARQUES, 2010: 54-55) adota o conceito de *fonte* para todo o dado ou bem procedente do passado distinguindo as fontes existentes em:

- . Fontes escritas (manuscritas e impressas) que inclui todo o tipo de documentos públicos e privados, imprensa científica, cartas e literatura
- . Fontes iconográficas que integra gráficos, medalhas, fotografias, pinturas, gravuras, mapas, vídeos

---

<sup>137</sup> Sobre o assunto cf. COSTA, Miguel. 2003. *Relatório final do processo de inventariação do espólio do Prof. Artur Santos no Museu de Angra do Heroísmo*. [doc. Interno]; *Semblantes e Rumores*. Direcção Regional da Cultura, 2007.

- . Fontes materiais entendidos que engloba todos os vestígios materiais relacionados com qualquer atividade humana: objetos científicos, técnicos, artísticos, artesanais e populares, casas, ruínas, paisagens trabalhadas, aplicações laboratoriais
- . Fontes orais resultantes da transmissão oral ou registos de observação direta

Adequadamente, Maria João Santos (2005: 173) inspirada em modelos espanhóis e ingleses<sup>138</sup> define cinco áreas sobre as quais o sistema de documentação dos museus deve incidir:

- . coleções de objectos musealizados
- . coleção documental e administrativa do arquivo do museu
- . coleção bibliográfica da biblioteca do museu
- . documentação gerada a partir das atividades do museu e que engloba documentação sobre restauro conservação e exposições e atividades educativas e de divulgação

Tal arquitetura permite sustentar que o tratamento de coleções privadas complexas incorporadas nos museus deve obedecer a critérios de documentação normalizada e transversal a todos os seus componentes. Tratamento esse respeitando, embora, as linguagem documentais e de descrição inerentes à especificidade de cada suporte, e à construção /adoção de thesaurus e termos de indexação compatíveis com o projeto cultural e a política de comunicação do organismo recetor. A transversalidade da normalização desse tratamento e a tendencial recuperação de informação global permitida pela adoção de sistemas tecnológicos que a tornam acessível, quer interna quer externamente, esbaterá as tradicionais fronteiras entre museus, bibliotecas e arquivos e /ou das áreas tradicionais de tratamento da sua competência. Como afirma Conceição Serôdio “ *A revolução tecnológica* ”

---

<sup>138</sup> *Normalización documental de museos: elementos para una aplicación informática de gestión museográfica* editado pelo Ministério da Educação e Ciência espanhol em 1998 e que destaca que “a documentação deve englobar a totalidade das coleções do museu, incluindo a coleção bibliográfica e arquivística, pois a sua leitura integral constitui-se como um conjunto documental”.

*info-comunicacional tem vindo a contribuir para que o paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista em que, desde o séc. XIX, se formaram e actuaram os profissionais ligados aos Arquivos, Bibliotecas e Museus seja não apenas questionado, mas superado através da emergência de um novo paradigma em que passe a ser dominante o acesso à informação, a sua partilha por todos os que dela precisem e novas formas de organização, descrição e recuperação, ou seja, um tipo diferente de mediação, claramente pós-custodial”.*<sup>139</sup>

Em Portugal são vários os sistemas informáticos que permitem o tratamento integrado dos bens e se centram na informação resultante das coleções e no acesso à sua difusão. São o resultado do debate que se vem desenrolando e que procura ampliar a capacidade informacional dos objectos dos museus apesar da carência de normalização quer de linguagens, quer de procedimentos de documentação<sup>140</sup>.

Neste enquadramento, e tendo em conta os instrumentos informáticos disponíveis no MAH, o tratamento da coleção Baptista de Lima implica a definição de planeamento para a estruturação dos *documentos* e da definição de termos de indexação que permitam a pesquisa transversal e se compaginem com as necessidades informacionais dos diferentes utilizadores internos e/ou externos. Por isso, a utilização do sistema de inventariação existente (programa Doc-Base Museus) deve ser otimizado com a utilização das diferentes bases de dados que o constituem (MUSA, IMAGEM e ISBD) com a integração de todos os bens que a integram (tridimensionais, em suporte papel e/ou outros) e a inscrição dos adequados Descritores (termos de indexação) de forma a garantir uma integradora e sistémica estruturação dos bens e da sua eficaz disponibilização pública.

---

<sup>139</sup> SERÔDIO, Conceição. 2012. “Os Desafios dos sistemas de documentação na missão museológica”. Comunicação apresentada pelo Grupo de Trabalho SIM no Congresso da BAD/2012.

<sup>140</sup> Para uma análise detalhada dos vários sistemas informáticos utilizados pelos museus portugueses cf. MATOS, 2007.

Constituindo-se a coleção Baptista de Lima como um conceito operatório seria o seu todo, e a necessidade/vantagem da sua disponibilização integral, a constituir-se como estruturante para a composição da missão, das funções e do arranjo expositivo do futuro núcleo de história militar que albergará a coleção de Baptista de Lima, e que se projeta instalar no antigo edifício do Hospital Militar da Boa Nova e cuja proposta de programa se apresenta (cf. Apêndice 12).

## Considerações Finais

O estudo de caso proporcionado pela figura de Manuel Coelho Baptista de Lima (1920-1996), diretor da Biblioteca Pública e Arquivo Regional e do Museu de Angra do Heroísmo entre 1949 e 1985, e que na esfera privada desenvolveu uma faceta de colecionador, mostrou-se fundamental para o conhecimento do colecionismo privado açoriano no século XX.

Na leitura panorâmica possível verificou-se uma variável do *modo de colecionar* interpretada pelas elites intelectuais da periferia açoriana em busca de uma forma de estruturar a construção e a representação da sua memória coletiva. Integrada nos valores do paradigma do Estado Novo essa elite ocupava, também, os altos cargos do funcionalismo público na administração local através dos quais teve a possibilidade de estruturar e implementar organismos para o fazer. O cruzamento de percursos pessoais com o bibliotecário /arquivista da Assembleia Nacional atribui a Baptista de Lima o papel principal no cumprimento dessa Missão. É porém, alguém que pretende construir um percurso próprio, uma memória pessoal no campo disciplinar da História.

Figura complexa, obsessiva e determinada que se relacionava muitíssimo bem quer com os atores locais, quer com as tutelas do centro constitui, em ambos os organismos onde trabalhou, volumosas coleções num processo de seleção e incorporação que se mostrou eficaz.

A coleção privada que reúne tem como objetivo não assumido a musealização e a atribuição de uma dimensão pública num claro propósito contemporâneo de, desde o primeiro momento, partilhar a coleção com o público não o fazendo, paradoxalmente, em vida.

Ambas, pública e privada, assumem a expressão do seu próprio *Eu*, reagem às frustrações e vicissitudes do colecionador que elege como temática única a documentação da realidade militar terceirense arquitetada numa modalidade bipolar materializada em duas (sub)coleções que se completam e

de que dificilmente se pode falar separadamente já que traduzem uma mesma forma e motivo de/para colecionar.

Com o colecionado recupera uma memória esquecida (a do papel defensivo exercido pela ilha desde o povoamento), e demonstra a intenção de investir num património material não valorizado a que confere uma dimensão de projeto global com projeção para a posteridade.

Até à instauração do regime autonómico (1976), num contexto regional de desarticuladas políticas culturais levadas a cabo pelas Juntas Gerais dos distritos em conjunto com os respectivos institutos culturais, e incipientes políticas museológicas públicas essencialmente da esfera municipal e local (além do MAH, apenas existiam nos Açores o Museu Carlos Machado, na dependência do município de Ponta Delgada e o Museu Etnográfico da Casa do Povo de Vila Franca do Campo, ambos em S. Miguel, o Museu Rural da Casa do Povo dos Cedros e o Museu de Arte Sacra e Etnografia Religiosa da Horta, ambos no Faial, todos da década de 50) BL revê-se como ator principal de uma ação patrimonial e curatorial com expressão regional e é o espírito europeu nas ilhas que difunde conceitos e práticas desconhecidas, mesmo da realidade nacional.

Os ritmos e o volume de incorporações lembram a compulsão obsessiva e aditiva confirmada pela progressiva incapacidade do seu tratamento e o surgimento de locais de acumulação sem preocupação expositiva (institucionalmente) ou de partilha (no âmbito privado). Paralelamente, não demonstra um pensamento museológico de *per si* ou com uma visão operativa, é, antes, uma prática museológica que se reveste, fundamentalmente, da acumulação e da conservação para resgate de uma memória. Aliás, parece que os seus esforços de atualização e inovação visam criar um ambiente favorável ao dispêndio de mais verbas e atribuição de espaços para as novas aquisições pois “*se não se comprar o museu estagna...*”

Adequadamente formado em História, bibliotecário e arquivista, e com propensão natural para o colecionismo Baptista de Lima ensaiou,

visionariamente, um sistema de informações composto por bens bibliográficos, arquivísticos e materiais capazes de documentar a memória terceirense. O trabalho de uma vida não chegou a ser unificado enquanto a memória do indivíduo e da sua ação perdura no museu cada vez mais fragmentada, selecionada e mitificada. Há, porém, um reduto de materialidade dessa memória de Baptista de Lima que se concentra no seu espólio cuja aquisição e incorporação no MAH repõe a ideia de que o museu é (deve ser) um sistema de acessibilização da informação reunida sobre os objectos e a cultura material da humanidade, e suscitada por esses mesmos objectos.

A gestão integrada de bens nos museus, particularmente aqueles que provêm de conjuntos complexos como os espólios pessoais e as coleções privadas, repletos de objectos de diferentes tipologias, suportes e funções aponta para uma rutura com a visão tradicional das coleções dos museus organizadas com base nas características formais dos objectos. Um novo paradigma relacional onde todos os recursos convergem para a construção de conhecimento é a proposta metodológica que deverá presidir ao tratamento e disponibilização da coleção Baptista de Lima.



### Quadro 1 – Governadores Civis do distrito de Angra do Heroísmo (1940-1974). Percursos

Governadores Civis	Percurso / Atividades culturais
(1941 - 1944) António de S. de G. Pestana da Silva	
1944 - 1952) Cândido Pamplona Forjaz	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Professor e Reitor do Liceu de Angra do Heroísmo</li> <li>. Deputado à Assembleia Nacional (1942-44)</li> <li>. Presidente da Junta Geral (1942-44)</li> <li>. <b>Sócio fundador do IHIT</b></li> <li>. <b>Escritor, historiador e jornalista</b></li> </ul>
(1952 - 1956) Manuel de Sousa Meneses	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Médico</li> <li>. Presidente da Junta Geral (1928-31 e 1949-53)</li> <li>. <b>Sócio fundador do IHIT</b></li> <li>. <b>Escritor e historiador</b></li> </ul>
(1957 - 1958) José Luís Abecassis	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Engenheiro</li> <li>. Secretário Provincial das Obras Públicas em Angola</li> </ul>
(1959 - 1973) Teotónio Machado Pires	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Licenciado em Direito, Chefe da Secretaria da Junta Geral</li> <li>. Vogal da Comissão administrativa da CMAH</li> <li>. Deputado à Assembleia Nacional (1945-49)</li> <li>. Presidente da Comissão Regional de Turismo</li> <li>. <b>Sócio fundador do IHIT</b></li> </ul>

### Quadro 2 – Presidentes da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo. Percurso

Período / Nome	Percurso / Atividades culturais
1939-1940 Elmiro Borges Costa Mendes	Professor de História e Filosofia no Liceu de Angra <b>Sócio fundador do IHIT</b> <b>Jornalista</b>
1040-1942 Ramiro Machado	Médico Presidente da Câmara da Praia da Vitória <b>Sócio fundador do IHIT</b>
1942-1944 Cândido Pamplona Forjaz	Professor de Francês no Liceu de Angra Governador Civil (vide quadro <b>Sócio fundador do IHIT</b> <b>Escritor, historiador e jornalista</b>
1945 -1948 António Feliciano Silva Leal	Militar Delegado Especial do Governo da República nos Açores
1949-1953 Manuel de Sousa Meneses	Médico Governador Civil <b>Sócio fundador do IHIT</b> <b>Escritor e historiador</b>
1953-1959 José Leal Armas	Médico veterinário
1965-1973 Agnelo Ornelas do Rego	Advogado Deputado (1953-57;1957-61;1961-65)

### Quadro 3 - Colecionadores ativos na Terceira nos anos 20/50 do século XX e respectivas temáticas

Colecionador	Observações
<p>1. <b>Emídio Lino da Silva Júnior</b> (1860-1936) e filha, <b>Maria Luiza Baldaya</b> R. do Palácio, Angra</p>	<p>Emídio Lino da Silva, Coronel do Exército e, entre 1896-1897 e 1900-1902, Governador Civil de Angra. É filho de um dos maiores comerciantes e capitalistas da Terceira ligado ao comércio de importação e exportação, e agente de navegação. Reunia mobiliário e cerâmica que adquiria aos aristocratas locais em decadência (entre os quais os Condes da Praia) que colecionava e/ou vendia.</p> <p>A filha continuou a coleção que herdou acrescentando-lhe aquisições nos antiquários continentais (<i>Fonte:</i> Depoimento do Dr. Reis Leite)</p>
<p>2. <b>Ilídio Mourato</b> Rua da Sé, Angra</p>	<p>Farmacêutico com estabelecimento na Rua da Sé, em Angra. Reunia mobiliário e cerâmica. Não tendo origem aristocrática os bens que possuía foram obtidos por aquisição. Assinava revistas estrangeiras de antiguidades, sobretudo francesas, e procurava tipologias idênticas. Amigo do Dr. Luís da Silva Ribeiro com quem se aconselhava e de <b>José Neto</b> (cf.), outro colecionador. Dizia-se que não comia para comprar alguma peça e adquiriu muitas provenientes do Palácio de S<sup>a</sup> Luzia (Conde da Praia). Documentava-se em publicações francesas que assinava e será em sua casa que um outro colecionador, Francisco Ernesto de Oliveira Martins, encontra motivação para iniciar uma coleção de cerâmicas inglesas. (<i>Fonte:</i> Depoimento do Dr. Reis Leite e BETTENCOURT, 2002, 2006 e 2010)</p>
<p>3. <b>Martins Balança</b> R. da Guarita, Angra</p>	<p>Funcionário da Câmara Municipal de Angra era, também, marchand. A sua atividade profissional permitia-lhe ter muitos contactos com gente das freguesias rurais a quem comprava peças sobretudo equipamento doméstico e imagens religiosas das</p>

sacristias que “os Srs. *padres queriam limpar*”. Era frequente trazer para Angra peças adquiridas em S. Jorge.

(Fonte: Depoimento dos Drs. Reis Leite e Maduro-Dias)

4.

**José Neto**

Ladeira de S<sup>a</sup> Luzia, Angra

Reunia mobiliário e cerâmica que adquiria aos *marchants* locais como Martins Balança. Amigo de Ilídio Mourato.

(Fonte: Depoimento do Dr. Reis Leite)

5.

**Henrique Brás Júnior e Margarida Parreira**

R. de S. João, Angra

Advogado e notário angrense, filho de outro do mesmo nome historiador e fundador do IHIT. Com a esposa constituiu uma coleção sobretudo de mobiliário inglês do século XIX de forma que a casa que ocupava foi “reconstruída” para se adequar à coleção.

(Fonte: Depoimento do Dr. Reis Leite)

6.

**António Silveira**

**Bettencourt** (1886 - 1964) e  
filha **Maria Adelaide**

**Machado Pires** (1911-2008)  
R. do Salinas, Angra

Militar e durante algum tempo Comandante do Regimento de Infantaria de Angra. Sogro do Dr. Teotónio Machado Pires e amigo dos Drs. Luís da Silva Ribeiro e Baptista de Lima com quem se aconselha. Interessado em peças em metal (candeeiros, castiçais, candelabros, perfumadores e algumas armas de lâmina) recolheu, também, peças de mobiliário e cerâmica regional. Adquiriu peças nas freguesias rurais da ilha, e num leilão realizado em Angra em 1952. Será continuado pela filha na recolha de peças de artes decorativas sobretudo mobiliário regional em madeira de cedro e jacarandá, mobiliário inglês em mogno, cerâmica oriental e inglesa, leques, caixinhas lacadas com incrustações em madrepérola e gravuras. Adquiriu peças em antiquários continentais e manifestava uma intenção decorativista.

(Fonte: Depoimento do Dr. Reis Leite e do Professor Doutor JM Machado Pires)

7.

**Manuel Menezes**

Rua Direita, Angra

Médico militar que exerceu vários cargos públicos como o de presidente da Junta Geral, reunia antiguidades em geral

(Fonte: informação verbal fornecida pelo Sr. Francisco E.O.Martins)

8.

**Henrique Henriques Flores**  
Rua Direita, Angra  
Imaginária

Médico local era um comprador obsessivo de tudo o que fosse antigo embora sem qualquer critério.

(Fonte: Depoimento do Dr. Álvaro Monjardino, BETTENCOURT, 2002, 2006 e 2010, e informação verbal fornecida pelo Sr. Francisco E.O.Martins)

9.

**João Afonso** (1923-  
Rua de Jesus, Angra

Reuniu bens da etnografia baleeira

Fonte: BETTENCOURT, 2002, 2006 e 2010, e informação verbal fornecida pelo Sr. Francisco E.O. Martins

10.

**Mateus José da Rosa Júnior**  
Angra

Aficionado pela tauromaquia e descendente de cavaleiros e toureiros, reuniu uma grande coleção de arreios que hoje se encontra no MAH

(Fonte: LOPES, Frederico. 1966. *Da praça às Covas*, pp. 298

11.

**Francisco Ernesto Soares**  
Angra

Filatelista.

(Fonte: *A União*, de 5 de Fevereiro de 1965)

12.

**José Rodrigues Ribeiro**  
(1918-2001)  
Angra

Militar de carreira com várias comissões no ultramar e gosto pelo jornalismo e história. Colecionador de Numismática e Filatelia

(Fonte: *A União*, de 5 de Fevereiro de 1965; *Enciclopédia Açoriana*)

13.

**Frederico Lopes** (1896-  
1979)  
R. de Jesus, Angra

Recolhia peças do mobiliário e das atividades do meio rural que guardava numa garagem ao lado de sua casa e tinha como objetivo a constituição do museu angrense. Sendo militar obtinha peças a troco de livrar os rapazes da tropa.

(Fonte: Depoimento do sobrinho neto Dr. Reis Leite e Informação verbal fornecida pelo Sr. Francisco E.O. Martins)

14.

**Francisco Ernesto de Oliveira Martins** (1930-2012)  
R. de S. Pedro, Angra

Funcionário administrativo da Junta Geral começou, ainda jovem, pela numismática concentrando-se depois no mobiliário, na cerâmica e na imaginária embora tivesse reunido muitas outras tipologias. Fez um

considerável levantamento e recolha de bens nas freguesias locais da Terceira, quer em casas de particulares quer em igrejas paróquias e ermidas. Por via da sua atividade profissional mantinha uma rede de informantes que lhe permitia ter acesso, em primeira mão a descobertas (sobretudo de achados feitos por mergulhadores locais) e de possíveis vendedores.

(*Fonte:* Depoimento dos Drs. Reis Leite e Maduro-Dias; RIBEIRO, 2012)

## Quadro 4 – Reuniões dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais

### **1ª Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais** Museu de Grão Vasco, 21 a 23 de Setembro de 1960

Da reunião foi elaborado um relatório enviado ao Diretor Geral do Ensino superior e belas Artes pelo Dr. João Couto e que consta da fonte mencionada

#### **Comissão Organizadora** **Dr. Russel Cortez**

#### **Assuntos propostos**

- . A extensão escolar dos museus
- . o diretor do museu e a defesa do património artístico nacional
- . O restauro de Obras de Arte dos museus de província
- . O fundo de apetrechamento dos museus.

#### **Oradores**

- A Missão do Conservador, por António Manuel Gonçalves
- Restauro de têxteis dos museus da província, por Maria José de Mendonça
- O restauro e a conservação das obras de arte, por Abel de Moura
- O Museu de Crianças de Brooklin - sua organização e programa, por Maria José de Mendonça
- Brigadas de restauradores, João Rodrigues da Silva Couto
- Reservas dos museus, por João Couto
- O serviço de extensão escolar do Museu Nacional de Arte Antiga, por Madalena Cabral

#### **Participantes**

- Museu de Arte Antiga - Dr. João Couto (dir.), Dra. Maria José de Mendonça e o Pintor Abel de Moura), D. Glória Guerreiro (Conservadora estagiária), D. Madalena Cabral (chefe do Serviço de extensão escolar);
- Museu do Porto - Dr. Manuel de Figueiredo (dir.), Dra. Clementina Quaresma, Dr. Xavier Coutinho, Dr. Manuel Rosas;
- Museu dos Coches - Sr. A. Cardoso Pinto (dir.);
- Museu de Viseu - Dr. Russell Cortez (dir.)
- Museu de Lamego - Dr. Montenegro Flórido (dir.)
- Museu de Aveiro - Dr. António Manuel Gonçalves (dir.)
- Museu de Guimarães – Dra. Maria Emília Amaral Teixeira (dir.)
- Museu de Angra do Heroísmo - Dr. Baptista de Lima (dir.)
  
- dois conservadores adjuntos dos Museus (Dra. Maria Alice Beaumont e Dr. Carlos de Azevedo)
- Director do Museu do Caramulo, Dr. João de Lacerda, assistiu à sessão de abertura

*Fontes:* MAH. Espólio Baptista de Lima: Documentação da Reunião Boletim *Viriatis* IV, Viseu, Museu Grão Vasco, Separata de 1960  
Couto, João. 1964. "As reuniões dos conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais" in *Boletim do Museu de Arte Antiga*, Ano 1964, vol. V, n.º 1

### **2ª Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais** Museu de Arte Antiga, 16 a 18 de Novembro de 1961

Da reunião foi elaborado um relatório enviado ao Diretor Geral do Ensino Superior e Belas Artes pelo Dr. João Couto e que consta da fonte mencionada

#### **Comissão Organizadora**

Dr. João Ferreira de Almeida,  
Dr. João Couto

Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes  
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga



<b>Comissão Organizadora</b>	
João Alexandre Ferreira de Almeida (Dr.)	Director-Geral do ESeBA
João Rodrigues da Silva Couto (Dr.)	Presidente honorário das reuniões
Mário Tavares Chicó (Prof. Dr.)	Director do Museu Regional de Évora
Luís Reis Santos (Prof.)	Director do Museu Machado de Castro
Manuel de Figueiredo (Dr)	Director do Museu Nacional de Soares dos Reis
Maria José de Mendonça (Dra)	Directora do Museu Nacional dos Coches
Fernando Augusto Barros Russel Cortez (Dr.)	Director do Museu de Grão Vasco
António Manuel Gonçalves (Dr.)	Director do Museu de Aveiro
<b>Participantes</b> ???????	

Fonte: MAH. Espólio Baptista de Lima: Documentação da Reunião  
*Arquivo de Aveiro*

Couto, João. 1964. "As reuniões dos conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais" in *Boletim do Museu de Arte Antiga*, 1964, vol. V, n.º 1, pp.7-9

<b>6ª Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais</b> Museu Regional de Aberto Sampaio, Guimarães, 12 a 15 de Novembro de 1965	
<b>Comissão Organizadora</b>	
Dr. João Ferreira de Almeida	Director-Geral do ESeBA
Manuel de Figueiredo (Dr)	Director do Museu Nacional de Soares dos Reis
Coronel Mário Cardoso	Presidente da Sociedade Martins Sarmento
Dr. Acácio Rodrigues de Azevedo	Conservador do Paço dos Duques
Dr. Carlos Silva Lopes	Conservador- Adjunto dos Museus Nacionais
Dra	Directora do Museu de Alberto Sampaio
<b>Assuntos propostos</b>	
- O museu como centro de informação artística	
- Problemas de restauro e conservação	
- O Museu Regional e a defesa do património	
<b>Oradores:</b>	
<i>Caricaturas inéditas do professor Abel Salazar no Museu de História da Medicina do Porto</i> , pelo Professor Doutor Luís de Pina	
<i>Organismos portugueses de museologia</i> , pela Dra. Maria José Mendonça	
<i>Os Museus Monográficos como Centros de Estudo</i> , pelo Dr. João dos Santos Simões	
<i>Panorama dos Serviços educativos nos museus portugueses</i> , pela pintora Madalena Cabral	
<i>Notícia sobre atividades do Museu da Fund. Gulbenkian</i> , pela Dra. Teresa Gomes Ferreira	
<i>Problemas da conservação e restauro de um coche do MN.dos Coches</i> ,	
<i>Restauro dos tecidos de um coche da coleção do MN dos Coches</i> ,	
<i>Notícia acerca de infestações de insetos no MN dos Coches</i> , pelo Eng. Eduardo Franco	
<i>Antrenus Verbasci Linnaeus</i> , pela Dra. Adília Alarcão	
<i>Recuperação e conservação de barcos submersos</i> , pelo Arq. Octávio Felgueiras	
<i>O problema da conservação e defesa dos mosaicos romanos em Portugal</i> , pelo Dr. Bairrão Oleiro	
<i>Problemas da defesa do património</i> , pela diretora do Museu de Guimarães	
<i>Notas sobre museus da Bulgária</i> , pela conservadora Maria Helena Mendes Pinto	
<i>Resenha sobre a conferência Mundial dos museus</i> , diretor do Museu de Aveiro	
<i>A defesa dos museus e a criação de zonas de proteção</i> , pelo conservador Abel de Moura	
<b>Participantes:</b> ???????	

Fonte: "VI Reunião de Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais" in *Boletim do Museu de Arte Antiga*, 1969, vol. V, n.º 3 e 4, pp.62-64

### Quadro 5: Espólio Baptista de Lima no MAH – um universo aproximado

Armas	. cerca de 200
Traje militar e acessórios	. cerca de 2500 fardamentos e peças soltas de fardamentos . número indeterminado de acessórios individuais como cinturões, charlateiras, dragonas, diversos tipos de calçado e coberturas de cabeça
Falerística	. número indeterminado
Vexologia	. número indeterminado
Equipamentos e instrumentos como tendas de campanha, marmitas e material cirúrgico militar, óculos, binóculos, teodolitos, ferragens diversas	. número indeterminado
Gravuras e cartografia	. cerca de 1400 ex.
Imagens	Provas em papel – 5564; Diapositivos – 4875; Negativos – n.º indeterminado que ocupa cerca de – caixas

**Quadro 6: Fornecedores da coleção Baptista de Lima**

Fornecedor		Datas extremas de contacto conhecidas
Livraria Barateira	Lisboa	1943. (4.10) - 1944. (8.03)
Livraria Eclética	Lisboa (Calçada do Combro)	1943. (3.02)
Livraria Arcádia		1944. 14.03/ 5,17,29.04/ 22.06/ 29.10
Livraria Sá da Costa	Lisboa	1944. 14.04
Portucalense Editora	Porto	1944. (16.09)
A. M.Teixeira & C <sup>a</sup>	?	1944. (14.02.)
Ismael d' Almeida Chaves (encadernador)	Lisboa (encadernador)	1944 (3.12.) – 1948 (21.10.)
Livraria Manuel dos Santos	Lisboa	1944 (26.12.) - 1957 (25.02.)
Rodrigo Baptista Gomes	Lisboa espingardeiro ?	1945. (17.12.)
Alfarrabista s/ nome	?	1945. (16.04.)
Livraria Portugália	Lisboa (L)	1946. (s/ data) – 1947. (Dez.)
Livraria Gonçalves	Lisboa (L)	1946. (5 e 8.07.)
Livraria Buchholz	Lisboa (L)	1946. (6.11.)
Livraria Civilização	Lisboa (L)	1947. (3.02.)
Nazareth & Filho, Lda	?	1947. (8.02.)
Hermínio Mendonça	Lisboa (LL)	1947. (Dez.)
Soares & Mendonça Lda	Lisboa (L)	1947. (Dez.) - 1948. (Dez.)
Biblarte Lda	Lisboa (AF e A)	1954. (26.12) - 1957. (10.09. e 20.12) 1978 (factura)
Livraria Camões	Lisboa (L)	1955. (17.08.)
Antiquário Xandi	Ponta Delgada (A)	1956. (30.10.) 1973 (Guias de entrega) 1985 (listas de faturas)

<b>Irmantino Albino Carvão</b>	Estremoz (A)	<b>1959.</b> (23.02.) – <b>1978.</b> (Fev.)
<b>Almeida, Bastos &amp; Piombino &amp; C<sup>a</sup> Lda</b>	Lisboa (AF)	<b>1959.</b> (25.92.)
<b>PortoCarrero Barganha, Lda</b>	Porto (A)	<b>1959.</b> (23.02.)
<b>Miquelina de Lacerda Machado</b>	Porto (A)	<b>1973.</b> (17.02. e 20.09) - ?
<b>Livraria Portugal</b>	Lisboa (R. do Carmo)	<b>1973.</b> (factura)
<b>Rainer Daehnhardt</b>	Belas - Sintra (A)	<b>1976.</b> (3.03.) - <b>1996</b>
<b>Militária</b>	Cascais – Lisboa (A)	<b>1976 – 1996</b>
<b>M<sup>a</sup> Alice Martins</b>		
<b>Casa Butuller</b> (artigos militares)	Lisboa (R. Barros Queiróz, 39) (A)	<b>1978</b> (factura) <b>1982</b> (envelope vazio)
<b>M<sup>a</sup> Manuela C. Machado Barcelos</b>	Sintra (A)	
<b>Armazém de Sucatas</b>	Lisboa <b>(Campo de S<sup>a</sup> Clara, 122)</b> (roupas e equipamentos militares)	<b>1963</b> (nota de encomenda) <b>(15.03.) Guia de Entrega</b>

Legenda: (L) - Livreiro; (AF) – Alfarrabista; (LL) - Leiloeiro; (A) - Antiquário

Fonte: MAH. Espólio BL: Correspondência

### Quadro 7: Espólio Baptista de Lima no MAH – tipologias

<b>Arquivo Pessoal</b>	
<b>Tipologia de bens</b>	<b>Valores aproximados</b>
Documentação manuscrita e/ou dactilografada e com notas manuscritas com datas extremas de 1938 – 1996, e que inclui: rascunhos manuscritos e/ou dactilografados com notas manuscritas de discursos e de artigos correspondência enviada e recebida agendas, cadernos de notas e apontamentos soltos	Indeterminado mas correspondente a 5 armários
Documentação de, para e sobre entidades com datas extremas de 1938 – 1996, e que inclui: ofícios, actas e relatórios de reuniões e congressos, textos de comunicações, correspondência de diversos níveis trocada no âmbito das entidades elencadas, literatura oficial e propostas	Indeterminado
Arquivo de imagens que inclui espécies em diapositivo, provas em papel e negativos	Provas em papel – 5564; Diapositivos – 4875; Negativos – n.º indeterminado que ocupa cerca de – caixas
Documentos pessoais diversos (Inclui facturas, certidões, escrituras, notas de encomenda, correspondência bancária e médica, recibos de vencimento) com datas extremas de 1938 – 1996 Documentos diversos – incluem catálogos, cadernos de recortes por temas, postais, roteiros turísticos,	Indeterminado  Indeterminado
<b>Biblioteca</b>	
<b>Tipologia de bens</b>	<b>Valores aproximados</b>
Monografias sobretudo de temas dos descobrimentos, militar e história açoriana	Total de 9391 títulos
Publicações Periódicas	Total de 164 títulos
<b>Coleção de objectos</b>	

<b>Tipologia de bens</b>	<b>Valores aproximados</b>
Fardamentos e acessórios militares individuais o que inclui : fardamentos completos; peças soltas de fardamento como cinturões, charlateiras, dragonas, diversos tipos de calçado, condecorações, coberturas de cabeça, cantis, mochilas, emblemas, crachats,	Cerca de 2500 fardamentos e peças de fardamentos e um número indeterminado de acessórios individuais
Material e equipamento de instalações militares como tendas de campanha, marmitas e material cirúrgico militar, óculos, binóculos, teodolitos, ferragens diversas (chaves, dobradiças, fechaduras)	Indeterminado
Armamento diverso	
Gravuras e cartografia:	Indeterminado

## **Apêndices**

**Apêndice 1 – Manuel Coelho Baptista de Lima: dados biográficos (1920-1996)**

	Fonte	Observações
<b>1920</b>		
(22 Agosto) Nasce em Angra do Heroísmo, freguesia da Sé, filho de João Baptista de Lima e de Emília do Livramento Coelho Baptista	Registo Biográfico	
<b>1938</b>		
(Setembro) Ingresso no curso de História e Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa	Requerimento ao Reitor	
<b>1940</b>		
(Junho) Apresentação de comunicação no “Congresso de História dos Descobrimentos” integrado nos “Congressos do Mundo Português” (cf. Apêndice 3)	<i>In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro</i> , p. 7 e Registo Biográfico	
(14 de Setembro) Transferência para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	UL/ FLL processo do aluno	
<b>1943</b>		
(4 Janeiro) Casamento, em Lisboa, com Maria Luísa Forjaz de Sampaio	Carta aos pais	
Junho Conclusão da licenciatura em Ciências Histórico-filosóficas na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra	Registo Biográfico	
(Verão) Fornece a LSR legislação respeitante à criação de Arquivos Distritais, sua constituição e organização	<i>In Memoriam</i> , p.18	
(20 Novembro) Nascimento das filhas	Carta aos pais	
<b>1945</b>		
(Fevereiro) Conclusão do curso de bibliotecário arquivista na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	Registo Biográfico	
(27 Junho) Nomeação como 2º Bibliotecário arquivista da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Évora	<i>Diário do Governo</i> nº 148/45, IIª série, de 27 de Junho	Toma posse a 21 de Julho

<b>1946</b>		
<p>(29 Outubro) Nomeação como Bibliotecário Arquivista da Secretaria da Assembleia Nacional</p> <p>(s.i.) Apresentação de comunicação no congresso do “Vº Centenário do descobrimento da Guiné portuguesa” (cf. Apêndice 3)</p>	<p><i>Diário do Governo</i> nº278/1946, IIª série, de 29 de Novembro</p> <p>Catálogo da Biblioteca Pública de Évora</p>	<p>Toma posse a 21 de Dezembro de 1946</p>
<b>1947</b>		
<p>(s.i.) Sócio da <i>Sociedade de Geografia de Lisboa</i></p> <p>(31 de Outubro) Sócio efetivo da <i>Sociedade Histórica da Independência de Portugal</i></p> <p>(s.i.) Sócio do <i>Instituto Cultural de Ponta Delgada</i></p>	<p>Ficheiro da SGL</p> <p>Ficheiro da SHIP</p> <p>Ficheiro do ICPDI</p>	
<b>1948</b>		
<p>(1 Agosto a 30 Outubro) Comissão de serviços em Angra para organização e instalação do Arquivo Distrital</p> <p>(16 de Novembro) Nomeação como sócio honorário do IHIT</p> <p>(17 de Novembro) Atribuição de Louvor pela Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos pelos trabalhos de reorganização no Arquivo Distrital de Angra</p>	<p><i>Diário do Governo</i> nº 164/48, IIª série, de 16 de Julho</p>	<p>Referido em <i>In Memoriam</i>, p.13</p>
<b>1949</b>		
<p>(3 de Fevereiro) Nomeação como diretor do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo</p> <p>(12 de Março) Nomeação como diretor do Museu de Angra do Heroísmo</p> <p>(30 de Março) Apresentação de comunicação no <i>Congresso Internacional de História de</i></p>	<p><i>Diário do Governo</i> nº 34/49, IIª série, de 11 de Fevereiro</p>	<p>Toma posse a 10 de Março</p> <p>Inicia funções a 14 de Abril de 1949</p>

Arte (cf. Apêndice 3)		
<b>1951</b>		
(s.i.) Apresentação de comunicação no <i>XXIII Congresso Luso - Espanhol para o Progresso das Ciências</i> , no Porto (cf. Apêndice 3)		
<b>1952</b>		
(s.i.) Separação e posterior divórcio		
(s.i.) Publicação do Iº volume do <i>Boletim do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo</i>		
<b>1954</b>		
(s.i.) A convite da <i>Ação Católica</i> e integrado nas comemorações do ano mariano, profere uma conferência no Grémio do Comércio com o título " <i>Nª Sª na História dos Açores</i> " (Cf. Apêndice 3)	<i>Boletim do Arquivo Distrital de Angra</i> , vol. II, nº 6, p.183	
(s.i.) Início das obras de ampliação no Palácio Bettencourt	<i>In Memoriam</i>	
<b>1955</b>		
(4 de Abril) Eleito Secretário do IHIT		
(16 de Maio) Nomeação como vogal correspondente da 3ª subsecção da Junta Nacional da Educação.	<i>In Memoriam</i>	
<b>1956</b>		
(16 de Abril) Nomeação como Diretor da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra	Decreto-lei n.º 40574, de 16 Abril de 1956	
<b>1957</b>		
(1 Dezembro) Comissão de serviços na Horta para estudo e reorganização do arquivo do Governo Civil da Horta		
(s.i.) Bolseiro do Instituto de Alta Cultura no país para colaboração na elaboração de uma <i>Bibliografia Histórica</i>	<i>Curriculum Vitae</i> , p.3	

<i>Portuguesa</i>		
<b>1958</b>		
(s.i.) Comissão de serviços na Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos para colaboração no <i>Catálogo Coletivo das Bibliotecas Portuguesas</i>	<i>Curriculum Vitae</i> , p.3	
(s.i.) Bolseiro do Instituto de Alta Cultura para frequentar o “ <i>Stage Technique Internationale d’Archives</i> ” nos Arquivos Nacionais de Paris	<i>Diário do Governo</i> n.º 28, IIª série, de 3 de Fevereiro de 1958	
<b>1959</b>		
(Maio) Início da comissão de Serviços como Presidente da Câmara de Angra do Heroísmo		
(6 Dezembro) Reeleito Secretário do IHIT		
<b>1960</b>		
(Verão) Visita a diversos arquivos da Alemanha e Bélgica		
(Julho) Agraciado com a medalha de prata do Infante D. Henrique pelo Ministério da Marinha. Comendador da Ordem do Infante D. Henrique		
(5 a 11 de Setembro) Participação no <i>Congresso Internacional de História dos Descobrimentos</i> , em Lisboa com apresentação de comunicação. Cf Apêndice 3	<i>Curriculum Vitae</i> , p.7	
<b>1963</b>		
(2 a 8 de Setembro) Participação no Vº <i>Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros</i> , em Coimbra	<i>Curriculum Vitae</i> , p.3 embora refira que foi em 1961	
(5 a 10 de Outubro) Participação no Iº <i>Colóquio dos Municípios Portugueses</i> , em Luanda		
<b>1964</b>		
(1 a 5 de Setembro) Participação no Vº <i>Congresso</i>	<i>Curriculum Vitae</i> , p.3	

<i>Internacional de Arquivos</i> , em Bruxelas		
<b>1965</b>		
(1 a 3 Abril) Participação no <i>1º Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses</i> , na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	<i>Curriculum Vitae</i> , p.3 embora refira que foi em 1961	
(30 Abril) Exonerado do cargo de Presidente da Câmara		
Atribuição de <i>Louvor</i> pelo Governo Civil de Angra do Heroísmo		
<b>1966</b>		
(1 de Fevereiro a 30 Abril) Bolseiro do Instituto de Alta Cultura para frequência do <i>Stage Technique Internationale d'Archives</i> , em Paris	<i>Relatório do MAH</i> , 1966, p. 28	<b>Visitou os seguintes museus:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Museu da Normandia</li> <li>. Museu de Arromanches</li> <li>. Museu de Bayeux</li> <li>. Museus de Arte e do Ferro, em Rouen</li> <li>. Museu de Viaturas e Museu da Miniatura Histórica, em Compiègne</li> <li>. Exposição histórica do Mont Saint Michelle instalada numa dependência da Saint Chapelle, em Paris</li> </ul>
Frequência no Museu do Louvre do <i>Curso de História da Arte</i>		
(7 a 13 de Setembro) Bolseiro do Instituto de Alta Cultura para participação no <i>VI Colóquio Internacional de Estudos Luso – Brasileiros</i> , em Boston e New York	Idem, p. 30	<b>Visitou os seguintes museus:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Whaling Museum, em New Bedford</li> <li>. Museu de Boston</li> <li>. Metropolitan Museum de New York</li> </ul>
<b>1967</b>		
(22 e 23 de maio) Frequência do seminário <i>Museus e Educação</i> , promovido pela APOM no MNAA	<i>Relatório do MAH</i> , 1967, p. 28	
(Novembro e Dezembro) Frequência do <i>Curso de Museologia na École du Louvre</i> .	<i>Relatório do MAH</i> , 1967, pp. 28 e 31 Espólio: Pasta Processo Pessoal	
<b>1968</b>		



<b>1970</b>		
<p>(Fevereiro e Outubro) Deslocação à Graciosa e S. Jorge e ao distrito da Horta para apreciar o estado dos edifícios classificados e recolher elementos de outros</p> <p>(Novembro) Deslocação a S. Miguel para apreciação dos achados arqueológicos da Matriz e fortificações existentes</p> <p>(Dezembro) Participação na 1ª Reunião Anual dos Diretores das Bibliotecas e Arquivos, em Lisboa</p> <p>(s.i.) Deslocação ao Pico, Faial e Flores para apreciação do património histórico e artístico</p>	<p><i>Relatório da BPADAH, 1970, pp.45</i></p>	
<b>1971</b>		
<p>(s.i.) Acompanhamento das obras no Castelo de S. João Baptista, e das igrejas de S. Sebastião e Colégio</p> <p>(s.i.) Apresentação de propostas à CMAH de aquisição de terrenos de acesso aos fortes da ilha Terceira</p> <p>(s.i.) Deslocação às ilhas Graciosa, S. Jorge e Faial distrito da Horta para apreciação dos edifícios classificados</p> <p>(29 Agosto a 10 de Setembro) Participação na <i>IXª Conferência Geral do ICOM</i>, em Paris e Grenoble</p>	<p><i>Curriculum Vitae, p.7 e Relatório do MAH, 1971, pp. 46</i></p>	<p>Visita aos ATP</p>
<b>1972</b>		
<p>(Agosto) Férias parisienses com visita a diversos museus</p> <p>(s.i.) Envolvimento em todo o processo das expedições de arqueologia subaquática de Sir Sydney Wignall nos mares da Terceira</p>		<p><b>Visitou os seguintes museus:</b> . Museu das ATP e Grand Palais, em Paris</p>





<b>1977</b>		
(s.i.) Participação na Vª Conferência do ICOM, em Leninegrado e Moscovo	Registo Biográfico	
<b>1978</b>		
(Maio) Participação no VIIIº Congresso Internacional do IAMAM - Associação Internacional dos Museus de Armas e História Militar” em Varsóvia / Cracóvia		<b>Visitou os seguintes museus:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Museu de Belas- Artes</li> <li>. Museu de Etnografia</li> <li>. Museu-Fortaleza de Malbork</li> </ul>
(2 a 7 de Outubro) Participação na Reunião do Comité Internacional de Segurança do ICOM, em Milão		<b>Visitou os seguintes museus:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Real Armaria de Turim</li> <li>. Museu da Viatura</li> <li>. Museu do Exército</li> <li>. Museu da Marinha, em Paris</li> <li>. Museu de Compiègne</li> </ul>
(s.i.) Deslocação a S. Jorge, S. Miguel, Sª Maria, Graciosa e distrito da Horta para apreciação dos edifícios classificados e das obras em curso		
<b>1979</b>		
(Janeiro) Participação numa reunião de Diretores de Museus por convocação do Diretor Geral do Património Cultural	Registo Biográfico	
(19 Junho) Participação, em Lisboa, na Reunião do Grupo de Trabalho dos Arquivos Distritais, a convite da Direcção Geral do Património Cultural	Registo Biográfico	
(1 a 7 Setembro) Participação na reunião do Comité de Segurança do ICOM, na Dinamarca	Registo Biográfico	
<b>1980</b>		
(16 Janeiro) Eleição como académico correspondente da Academia Nacional das Belas - Artes.		
(s.i.) Participação no “VI Congresso Geral do IIC”, em Viena		

<p>(s.i.) Nomeação para exercício, em acumulação, das funções de Diretor da BPAPD</p>		
<b>1981</b>		
<p>(s.i.) Participação na <i>VIª Assembleia-geral do ICOMOS</i>, em Roma e Florença</p> <p>(12 de Agosto) Agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada</p> <p>(30 Setembro) Exoneração da Direcção da BPAPD e da BPARAH</p>	<p>Alvará de 12 / 08 publicado no <i>Diário da República</i> nº230, IIª série de 7/10/1981</p>	<p>Noticiado no jornal local <i>A União</i> de 3 de Dezembro</p>
<b>1983</b>		
<p>(s.i.) Redacção da proposta de candidatura da zona central de Angra do Heroísmo à lista do Património Mundial da UNESCO</p> <p>(14 a 19 Junho) Apresentação de comunicação no <i>IIº Congresso sobre monumentos militares portugueses</i>, realizado no Teatro Municipal de S. Luís/ Colégio Militar, (cf. Apêndice 3)</p> <p>(14 a 16 Outubro) Participação nas <i>2ª Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares</i>, realizadas em Peniche, apresentando comunicação (cf. Apêndice 3)</p>		<p>Integra a Comissão Executiva das jornadas com Prof. Dr Bernardo Coutinho Ten. Cor. António L. Pires Nunes Arq. Kol de Carvalho Dra Matilde Tomás do Couto</p>
<b>1984</b>		
<p>(s.i.) Profere uma conferência na Academia Nacional das Belas - Artes com o tema : "<i>Breve Notícia das Fortificações da Cidade de Angra do Heroísmo (séc. XV a XX)</i>"</p> <p>(s.i.) Integra o Conselho Cultural da revista <i>Castrum</i></p>		
<b>1985</b>		

(1 de Abril) Passagem à reforma por limite de idade		
(13 a 15 de Junho) Participação nos <i>1º Encontros de História</i> , em Vila Nova da Barquinha / Almourol com apresentação de comunicação “ <i>A Ordem de Cristo, Almourol e os Açores</i> ” (cf. Apêndice 3)		
<b>1989</b>		
(26 a 29 Outubro) Apresentação de comunicação no <i>1º Symposium Internacional de Arquitectura Militar Abaluartada</i> (cf. Apêndice 3)		
<b>1996</b>		
(6 a 9 de Junho) Apresentação de comunicação no <i>1º Encontro Nacional sobre Fortificação</i> , realizado em Castelo de Vide (cf. Apêndice 3).		
(18 de Junho) Morre em Lisboa		



## Apêndice 2 – Composição da delegação portuguesa à reunião ICOM / 74

Jorge Alarcão	Museu Nacional Machado de Castro
Carlos de Azevedo	Comité Nacional Português do ICOM
Madalena Cabral	Museu de Arte Antiga
Maria Teresa Ferreira Gomes	Fundação Calouste Gulbenkian
Maria Natália Correia Guedes	Museu Nacional de Arte Antiga
Maria Isabel Guedes	Museu da Quinta da Macieirinha (Porto)
Manuel Coelho Baptista de Lima	Museu de Angra do Heroísmo
João Saavedra Machado	Museu José Malhoa (Caldas da Rainha)
Maria Helena Mendes Pinto	Museu Nacional de Arte Antiga
Maria José de Mendonça	Museu Nacional de Arte Antiga
Maria Antónia Mourisca Beaumont	Museu Nacional de Arte Antiga
Maria da Conceição de C. Quaresma	Museu Nacional de Soares do Reis
Maria da Graça Ribeiro Lima	Museu Nacional de Arte Antiga
Fernando Russel Cortez	Museu Grão Vasco (Viseu)
Maria dos Santos	Museu de Bragança
João Alfredo Sá Pessoa	Museu Condes de Castro Guimarães (Cascais)
Maria Helena Soares Costa	Museu Gulbenkian
Teresa Viana	Museu Nacional Soares dos Reis

Fonte: *Documentação da Conferência*  
in MAH. Espólio Baptista de Lima: Documentação do ICOM



### **Apêndice 3 - Manuel Coelho Baptista de Lima: Bibliografia produzida** **(1944 – 1996)**

#### **1944**

##### ***Notas para a História Legal dos Arquivos e Bibliotecas portuguesas***

Texto dactilografado em 56 páginas. Datado de “Coimbra, Maio de 44”.

Existe cópia no arquivo pessoal.

#### **1946**

##### ***Projecto para o Estabelecimento da Leitura Domiciliária na Biblioteca de Évora***

Texto assinado e datado de 15 de fevereiro de 1946.

Existe apenas na Biblioteca Pública de Évora [referido em <http://www.evora.net/bpe/cronologia.htm>].

##### ***Deux voyages portugaises de decouverte dans l'Atlantique occidentale***

Texto editado em separata do *Bulletin des Etudes Portugaises*, Lisboa, e no mesmo ano pela Coimbra Editora.

Existe no catálogo da Biblioteca Pública de Évora e no catálogo da Sociedade de Geografia de Lisboa.

##### ***O primeiro contacto entre os portugueses e os pretos da Guiné***

Texto de comunicação apresentada no Congresso Comemorativo do Vº Centenário do Descobrimento da Guiné e publicado em:

- a) Atas do Congresso Comemorativo do Centenário do Descobrimento da Guiné. Lisboa: Bertrand, 1946;
- b) Congresso Comemorativo do 5º Centenário do Descobrimento da Guiné. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1946, vol. II;
- e) Congresso Comemorativo do 5º Centenário do Descobrimento da Guiné. Lisboa: Bertrand & Irmãos, 1946;

Existe nos catálogos da Biblioteca Pública de Évora e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

##### ***Évora na História dos Descobrimentos e Conquistas***

Estudo referido duas vezes em carta aos pais (Junho e Julho de 1946) com o esclarecimento de ter sido adquirido por uma livraria de Évora.

Texto não localizado.

##### ***Bibliografia sobre os descobrimentos portugueses – ensaio- (até 1900)***

Documento em duas cópias (uma manuscrita e outra dactilografada) com muitas anotações e correções manuscritas. O manuscrito possui 207 páginas. O documento apenas existe no arquivo pessoal.

Na nota 1 da página 1 da obra *Deux voyages portugaises de decouverte dans l'Atlantique occidentale* refere-se a sua próxima publicação, em fascículos.

## 1947

### ***Informação sobre a reorganização da Biblioteca da Assembleia Nacional***

Texto dactilografado em 9 páginas, assinado e datado (Maio de 47).

Existe cópia no arquivo pessoal.

### ***Um Incunábulo Colombiano da Biblioteca de Évora***

Texto publicado na revista *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 12, 1947, pp. 77 – 101.

Em carta de 28 de Agosto de 1947 Túlio Espanca, responsável da revista, agradece os trabalhos oferecidos e refere que aguarda a chegada da separata deste texto da qual se mandaram fazer 60 exemplares de que, opina, “ faremos um dos melhores números d “*A Cidade de Évora*”.

### ***Um filho de D. Pedro II na Universidade de Évora***

Texto publicado da revista *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 12, 1947, pp. 163 – 182; e nº 13, 1947, pp. 49 – 94 e também numa brochura do mesmo ano impressa pela *Bertrand (Irmãos), Lda* talvez em edição de autor .

Referido no processo do funcionário.

Existe no catálogo da Biblioteca Pública de Évora.

### ***Alegrias de Portugal ou lágrimas dos castelhanos na feliz aclamação del-rei D. João IV, do padre Leonardo de Sá Soto Mayor (leitura, prefácio e notas)***

Texto publicado na *Revista Independência*. Lisboa, Sociedade Histórica da Independência, Ano 6/8, nº6/8, Dez.1947, pp.73-187.

A publicação da transcrição integral deste manuscrito por BL fez-se em Lisboa na Imprensa Portuguesa, neste mesmo ano (encadernação em pele com filetes e motivos florais domados).

Referido no Processo do funcionário.

Existe nos catálogos da Sociedade Histórica da Independência, da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca Pública de Angra do Heroísmo.

### ***A riqueza documental da Nação***

Texto dactilografado em 18 páginas, anónimo e sem data.

Provavelmente redigido entre 1947 e 1949 pois estava dentro de uma pasta com a legenda “Biblioteca e Arquivo da Assembleia Nacional (trabalhos que efetuei)” .

Existe cópia no arquivo pessoal

## 1948

### ***Relação dos documentos e livros do Cartório do Tribunal Judicial da Comarca de Angra do Heroísmo, incorporados no Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo,***

***nos termos do parágrafo 1º do Artº26º do decreto 19.952***

Texto dactilografado, assinado e datado (1 de Outubro de 1948).  
Existe cópia no arquivo pessoal.

***Relatório sobre a instalação e organização do Arquivo distrital de Angra do Heroísmo pelo Bibliotecário - Arquivista da Assembleia Nacional Manuel Coelho Baptista de Lima***

Texto dactilografado em 11 páginas, assinado e datado (30 de Outubro de 1948).  
Existe cópia no arquivo pessoal.

***O Forte de S. Benedito corre o risco de desaparecer***

*Diário Insular*, Ano II, nº799 de 4 de Novembro de 1948.  
Referido no processo do funcionário.

***Cartas de Filipe I e Filipe II ao Bispo D. Pedro de Castilho***

Texto publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 6, pp.199-226.  
Referido no processo do funcionário.

## **1949**

***O Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo. Memória sobre a sua instalação e organização. Problemas a considerar no plano de actividades para o próximo ano***

Texto dactilografado em 7 páginas, assinado e datado (10 de Setembro) existente no arquivo pessoal.  
Publicado no *Boletim da Junta Geral*.

***O Museu Regional de Angra do Heroísmo. Organização. Instalação. Problemas a considerar no plano de actividades para o próximo ano***

Texto dactilografado em 5 páginas, assinado e datado (10 de Setembro) existente no arquivo pessoal.  
Publicado no *Boletim da Junta Geral*.

***A Igreja de São Sebastião da ilha Terceira***

Texto de uma comunicação apresentada ao “Congresso Internacional de História de Arte” realizado em Lisboa em 1949 e publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 7, pp. 247-255.  
Existe cópia no arquivo pessoal com fotografias e desenhos originais.

## **1950**

***O Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo (sua constituição e organização)***

Texto de uma comunicação apresentada ao “13º Congresso Luso-Espanhol

para o progresso das Ciências”, dactilografado em 9 páginas, assinado e datado (10 de Maio) e publicado in

- a) Separata Ciências Históricas e Filológicas, tomo 8, 7ª secção;
- b) Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências: resumo das comunicações. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1950.

Existe nos catálogos da Biblioteca Nacional e Biblioteca Pública de Évora.

***Assim nasceu a cidade de Angra***

Texto dactilografado em 10 páginas, assinado e datado (22 de Junho).

Existe cópia no arquivo pessoal

***Assim nasceu a cidade de Angra***

Texto dactilografado em 9 páginas, anónimo e sem data (diferente do anterior).

Existe cópia no arquivo pessoal.

***A ilha Terceira na História de Portugal***

Texto publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 8, pp.1-21 e em Separata do mesmo Instituto em 1951.

Referido no processo do funcionário.

***A Fénix Angrense do Padre Manuel Luís Maldonado***

Texto publicado em:

- a) *Boletim do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo*, vol. 1, n.º 2, 1950, pp. 13-176;
- b) Prefácio à edição da *Fénix* do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1989, pp.1-72.

***Elementos para um guia turístico da Ilha Terceira***

Texto dactilografado em 13 páginas sem data nem assinatura.

[Depreende-se da leitura do texto que deverá ter sido redigido entre 1949 e 1956 pois refere que o MAH “foi constituído recentemente” e, mais à frente, menciona a existência da Biblioteca Municipal de Angra].

Existem 2 cópias idênticas no arquivo pessoal.

## **1952**

***Relatório sobre os trabalhos efectuados no Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo no ano de 1952***

Texto publicado no *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, vol. II, n.º4, 1952, pp.59-78.

## **1953**

***Relatório sobre os trabalhos efectuados no Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo no ano de 1953***

Texto publicado no *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, vol. II, nº 5, 1953, pp.79-92.

***Bases espirituais e económicas da unidade entre a Metrópole e o Ultramar***

Texto de palestra proferida no Comando Distrital da Legião Portuguesa em 9 de Maio de 1953 integrada na ***Semana do Ultramar*** organizada em colaboração com a Sociedade de Geografia.

Texto não localizado.

[Referido no *Relatório do Arquivo Distrital de AH de 1953*, pp.79-92].

## **1954**

***Relatório sobre os trabalhos efectuados no Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo no ano de 1954***

Texto publicado no *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, vol. II, nº6, 1954.

## **1955**

***Relatório sobre os trabalhos efectuados no Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo no ano de 1955***

Texto publicado no *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, vol. II, nº7, 1955, pp. 189-201.

## **1956**

***Relatório sobre os trabalhos efectuados na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo no ano de 1956***

Texto publicado no *Boletim do Arquivo Distrital de Angra*, vol. II, nº 8, 1956, p.222.

## **1957**

***Nossa Senhora na História Açoriana***

Texto de uma palestra proferida no Grémio do Comércio em 7 de Maio de 1955 a convite da Acção Católica e integrada nas comemorações do Ano Mariano Publicado na *Revista Atlântida*, n.º3 e 4 de 1957.

[Referido no processo do funcionário e no Relatório do Arquivo Distrital de AH de 1955, pp.189-201].

***A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo***

Texto editado na publicação impressa para a inauguração das instalações da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo, no Palácio Bettencourt .

## **1960**

***A ilha Terceira e a colonização do Nordeste do continente americano no século XVI***

Texto publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. 18, 1960, pp. 5-37.

Referido no processo do funcionário.

***Palavras de Abertura no Catálogo da Exposição Bibliográfica e Cartográfica comemorativa do Vº Centenário da morte do Infante D. Henrique***

Texto publicado em Angra do Heroísmo pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional, em 1960, pp. III – VII.

Existe no catálogo da Biblioteca Pública de Évora.

***O Infante D. Henrique na História Universal***

Texto publicado no *Diário Insular* de 14 de julho de 1960.

**1961**

***Uma tentativa açoriana de colonização da ilha denominada “Barcelona” no século XVI***

Texto de uma comunicação apresentada no “Congresso Internacional de História dos Descobrimentos” e publicado nas Actas do Congresso: Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Vº Centenário da Morte do Infante D. Henrique, vol. 5, parte 1, pp.161-177.

Existe no catálogo da Biblioteca Pública de Évora.

**1962**

***D. Frei Cristóvão da Silveira, Bispo Primaz de Goa, natural da Terceira***

Texto publicado na revista do Instituto Açoriano de Cultura *Atlântida*, Jan. Fev. de 1962, pp. 88-93.

**1966**

***Fontes para o estudo do imigrante português nos países americanos***

Comunicação apresentada ao VI Colóquio Internacional de estudos Luso-Brasileiros.

Texto dactilografado em 5 páginas, datado e assinado.

Existe cópia no arquivo pessoal.

***Núcleos documentais da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo com interesse para estudos Luso-Brasileiros***

Comunicação apresentada ao VI Colóquio Internacional de estudos Luso-Brasileiros.

Texto dactilografado em 9 páginas, datado e assinado.

Existe cópia no arquivo pessoal.

***A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital e o Museu Regional***

Texto publicado na revista *Portugal Maior: Revista de propaganda das actividades portuguesas e do trabalho dos portugueses no mundo: numero especial dedicado à Ilha Terceira*. Lisboa, 1966, pp.67-79.

**1969**

***A ilha Terceira e a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia***

Texto publicado na *Revista Panorama*, Lisboa, 4ª série, nº31 (Setembro), pp.

39 – 47.

Referido no processo do funcionário.

***Uma notável peça de artilharia portuguesa do século XVI***

Texto publicado no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 27/28, pp.520 -532.

Referido no processo do funcionário.

***Roteiro do Museu de Angra do Heroísmo***

Angra do Heroísmo: Museu Regional.

**1974**

***A formação do pessoal: introdução à discussão deste tema***

Texto dactilografado, assinado e datado (25 de Novembro) apresentado na Reunião dos Diretores das Bibliotecas, Arquivos e Museus dependentes da Direcção - Geral dos Assuntos Culturais.

Existe cópia no arquivo pessoal.

**1977**

***The military section of Angra do Heroísmo Museum - Diverse Military and Armory Equipment***

Texto publicado no

a) Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Vol. 35, pp.219-232;

b) Museu de Angra, 1979.

Referido no processo do funcionário.

Existe no catálogo da Biblioteca Pública de Évora.

**1979**

***Sugestões para o estabelecimento de um serviço de intercâmbio cultural entre a região e as comunidades açorianas no estrangeiro***

Texto publicado nas atas do 1º Congresso das Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, pp.81-84.

**1982**

***As fortalezas das Ilhas dos Açores: sua urgente conservação e restauro***

Texto publicado no Livro do 1º Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses, Vila Viçosa.

***Breve apontamento para a História da Artilharia nos Açores***

Texto dactilografado em 12 páginas, datado e assinado.

Existe cópia no arquivo pessoal.

***Uma fortaleza medieval nos Açores***

Texto publicado no Livro do 1º Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses. Vila Viçosa.

***Instituições culturais devidas à acção do Instituto Histórico da ilha Terceira  
(Projectação do Pensamento do Dr. Luís da Silva Ribeiro)***

Texto publicado em :

- a) *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*. Angra do Heroísmo: SREC, pp.7-93;
- b) *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. XL, 1982, pp. 7-93.

***Relatório do Presidente respeitante ao ano de 1981 e Plano de Actividades para 1982***

*Boletim do IHIT*, vol. 40, 1982, pp. 697-703.

***Capela de Nossa Senhora da Piedade: classificação como imóvel de interesse público: ofício do presidente do IHIT dirigido ao senhor Secretário Regional da Educação e Cultura***

*Boletim do IHIT*, vol. XL, 1982, p.704.

***Apontamentos para uma proposta destinada à inclusão da zona central da cidade de Angra do Heroísmo na Lista do Património Mundial***

*Boletim do IHIT*, vol. X, 1982, pp. 705-720.

***Esboço preliminar e plano de publicação da obra intitulada: Livro das fortalezas dos Açores: Vol. 1- Livro das fortalezas da ilha Terceira***

*Boletim do IHIT*, vol. XL, 1982, pp. 729-734.

**1983**

***Notícia sobre o Castelo de S. Braz de Ponta Delgada***

Texto dactilografado em 26 páginas + fotografias de comunicação apresentada no IIº Congresso sobre os Monumentos Militares Portugueses.

Existe cópia no arquivo pessoal.

***Texto do presidente do IHIT*** [Dr. Baptista de Lima] na sessão de abertura do Colóquio Internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 3 de Agosto de 1983 “Os Açores e o Atlântico. *Boletim do Instituto IHIT*, vol. 41, pp.11-13.

***Angra “Universal escala do mar do Poente” no século XVI***

Texto de uma comunicação apresentada ao colóquio “Os Açores e o Atlântico: Séc. XIV-XVII” publicado no

a) *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. 41 [1983], pp.143-146 e 859-875;

b) Actas do colóquio “ Os Açores e o Atlântico: séc. XIV/XVI” Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da ilha Terceira, 1984.

***Relatório do Presidente respeitante ao ano de 1982 e Plano de Actividades para 1983***

*Boletim do IHIT*, vol. 41, 1983, pp. 896-907.

**O Museu de Angra do Heroísmo e o terramoto de 1-1 -1980**  
Texto de uma comunicação apresentada na VIª Semana de Estudos do IAC e publicado nas respectivas atas. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 7-59.

***Le message visuel des collections d'armes, armures et artillerie du XVI siecle d'un musée d'histoire militaire***

Texto de uma comunicação apresentada no Symposium da IAMMAN (Outubro) e editado nas respectivas Actas. Paris: Musée de L'Armée, pp. 9 1-97.

***A fortaleza de Peniche e o Castelo de S. João Baptista de Angra do Heroísmo***

Texto não localizado de comunicação referida na documentação das 2º Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares, Peniche, 14-15 Outubro  
A documentação existe no arquivo pessoal.

**1984**

***Um castelo medieval nos Açores***

Texto publicado na revista *Castrum*. Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos. N.º1, Janeiro / Março, pp.27-29.

***Breve notícia das fortificações da cidade de Angra do Heroísmo (século XV a XX)***

Texto manuscrito em 5 páginas, datado, de uma comunicação apresentada na Academia Nacional de Belas - Artes - Sessão de 10 de Janeiro de 1984, pelo Académico Correspondente Manuel Coelho Baptista de Lima.  
Existe cópia no arquivo pessoal .

***Relatório do presidente: respeitante ao período decorrido entre 1 de Maio e 31 de Dezembro de 1969***

Boletim do IHIT, vol. 42, 1984, pp.420-423.

***Relatório de 1983: plano de actividades para 1984 e conta de gerência – 1983: apresentados pelo presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira na reunião de 9 de Fevereiro de 1984***

Boletim do IHIT, vol. 42, 1984, pp. 432-444.

**1985**

***A introdução do culto do Espírito Santo nos Açores e a sua influência na simbólica e arquitectura religiosa dos séculos XV e XVI***

Texto de uma comunicação apresentada no *Colóquio Internacional de Simbologia* e publicado no Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 43, pp.123 -167.

***O centro de estudo e restauro de obras de Arte dos Açores***

Texto dactilografado em 4 páginas havendo duas versões diferentes no espólio

das quais uma foi publicada no Boletim do Centro de Estudo Conservação e Restauro dos Açores.

Existe cópia no arquivo pessoal.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1970***

Boletim do IHIT, vol. 43 (II), 1985, pp. 833-836.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1971***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 837-842.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1972***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 843-847.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1973 e plano de actividades para 1974***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 847-853.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1974 e plano de actividades para 1975***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 853-858.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1975 e plano de actividades para 1976***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 858-862.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1976 e plano de actividades para 1977***

Boletim do IHIT, vol. 43, 1985, pp. 862-865.

***Relatório do presidente respeitante ao ano de 1977 e plano de actividades para 1978***

Boletim do IHIT, vol.43, 1985, pp. 865-868.

**1996**

***As fortificações de Angra do Heroísmo***

Texto não localizado de comunicação referida na documentação do 1º Encontro Nacional sobre Fortificação, Castelo de Vide, 6-9 Junho.

**Documentos não datados nem assinados**

***Museus nacionais e museus regionais***

Texto dactilografado em 5 páginas soltas numeradas e que não está concluído.

***O tratamento de alguns monumentos dos Açores e as normas internacionais para execução de trabalhos de conservação do património construído***

Texto manuscrito em 12 páginas soltas e que não está concluído. É de uma data posterior a 1987 pois, referindo-se a alguns edifícios, menciona que “...foram recentemente, em 1987, objeto de ...”.

***Reflexão sobre alguns monumentos dos Açores***

Texto manuscrito em 7 páginas soltas e não sequenciais, numeradas e de que existem apenas as páginas n.º 8, 18, 21, 24, 25, 26, 27.

***O catálogo da Livraria do colégio de Angra da Companhia de Jesus***

Texto manuscrito em 4 páginas de um bloco de apontamentos e que não está concluído.

***Paramentos ingleses dos séculos XIII a XVI existentes nos Açores***

Texto não datado nem localizado mas que BL refere deste modo nas *Instituições culturais devidas à acção do Instituto Histórico da Ilha Terceira*:

“O texto deste trabalho encontra-se concluído há alguns anos, bem como a coleção de slides por nós executada (...). Em virtude do terramoto de 1 de Janeiro de 1980 (...) perderam-se alguns slides que esperamos ainda encontrar (...). A obra incluirá, além do nosso texto, a tradução do estudo do Revº Fulford Williams e excertos de outros textos.” (LIMA, 1983:77).



## Apêndice 4 – Roteiro da coleção Baptista de Lima e dos seus espaços Casa de Angra do Heroísmo

### 1º andar: Escritório

Suporte	Conteúdo
<b>Móvel 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 capacetes e chapéus armados</li> <li>. 2 cálices</li> <li>. 1 par de dragonas</li> <li>. 2 cinturão com bandoleira (1 bordado a prata)</li> <li>. 2 miniaturas de capote e armadura</li> <li>. 1 freio</li> </ul>
<b>Móvel 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 30 coberturas de cabeça militares (chapéu armado, quépi, boné de pala, capacete)</li> <li>. 10 pares de charlateiras</li> <li>. 6 pares de dragonas e galões</li> <li>. 1 cinturão</li> <li>. 2 bandoleiras</li> <li>. 15 estatuetas miniatura de oficiais</li> <li>. 7 armas de lâmina (espadas, bainhas)</li> <li>. 2 símbolos</li> <li>. 3 polvorinhos</li> <li>. 1 pratinho com motivos militares</li> <li>. 1 molde para balas</li> <li>. 2 acessórios</li> </ul>
<b>Móvel 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 2 lotes de postais de batalhas famosas e de postais de uniformes</li> <li>. 4 caixas com cartuchos de bala</li> <li>. 1 saco com balas</li> <li>. 1 bússola</li> <li>. 7 revólveres e pistolas (algumas com estojos)</li> <li>. 2 carregadores de arma com estojo</li> <li>. 118 gravuras, aguarelas e litografias de temática militar</li> <li>. 3 gravuras e desenhos de monumentos</li> <li>. conjunto de cartas (geográficas da África oriental alemã, náuticas)</li> <li>. cartografia (plantas antigas de S. Paulo, mapa-múndi, planta de batalha, Cidade de Angra, Castelo S. João Baptista, reproduções de mapas)</li> </ul>
<b>Arca 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 22 capas, capotes e peliças militares</li> <li>. 1 gabardina militar</li> <li>. 1 gravura militar</li> </ul>
<b>Arca 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 22 capas, capotes e peliças</li> <li>. 1 gabardina</li> <li>. 2 camisas e calças de camuflado</li> <li>. 4 camisas, 1 casaco e 1 par de calções de exército diversos</li> </ul>

### 1º andar: Saleta de entrada

Suporte	Conteúdo
<b>Arca 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 14 pares de calças militares</li> <li>. 21 casacos militares de gala</li> <li>. 1 capote militar</li> </ul>
<b>Na parede</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Placa em madeira com 15 chaves antigas e um cadeado</li> <li>. Diversas gravuras, litografias e fotografias</li> </ul>

### 1º andar: Corredor de entrada

Suporte	Conteúdo
<b>Arca 1</b>	. 12 casacos e 20 pares de calças militares . 12 pares de botas militares e 1 descalçadeira em madeira
<b>Na parede</b>	. espadas

### 1º andar: Quarto 1

Suporte	Conteúdo
<b>Roupeiro 17</b>	. 30 casacas, túnicas e jaquetas militares de gala (algumas com medalhas e condecorações) sendo a maioria portuguesa, e do período da 1ª Guerra Mundial) . 1 par de sapatos e 1 par de polainas . 1 cantil . 4 pares de esporas . 26 pares de dragonas . 2 agulhetas . 3 colarinhos engomados . 1 camisa com peitilho em piqué . barbas para colarinho e caixas com colarinhos . 3 bandas de oficial, 1 cinturão c/ suspensão para espada, 2 suspensões sozinhas, 9 cintos e 4 faixas . 17 bonés e barretes militares e 1 bicórneo de oficial da marinha . 1 fiador para oficial . 3 peças de fazenda para fardamentos . 1 espadim . 1 bandoleira . 39 pares de charlateiras (infantaria, GNR)
<b>Arca pequena</b>	. 8 bandeiras pequenas (nacionais, da região e 1 inglesa) . 2 sacos militares
<b>Mala 3</b>	. 3 casacos e 1 sobretudo . 4 pares de calças . 1 par de polainas . 7 bivaques . 5 gravatas verdes
<b>Mala 10</b>	. 3 jaquetas militares . 2 camisolas militares . 8 casacos militares . 5 par de calças
<b>Mala 9</b>	. 6 casaco . 8 pares de calças . 1 lenço de assoar . 1 saco de lona militar
<b>Arca 2</b>	. 28 pares de calças . 25 casacos
<b>Mala 6</b>	. 2 sobretudos da GNR
<b>Mala 2</b>	. 1 capa cinzenta
<b>Mala 8</b>	. 6 casacos . 4 pares de calças
<b>Mala 7</b>	. 1 casaco com calças e bivaque . 2 casacos com 1 par de calças e um capote

### 1º andar: Salinha anexa à casa de jantar

Suporte	Conteúdo
<b>Roupeiro 13</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 11 fardas com calças</li> <li>. 12 túnicas com e sem calças</li> <li>. casaca com 2 pares de calças e cinto</li> <li>. sobretudo com calças</li> <li>. 4 bicórneos (alguns com estojo)</li> <li>. 3 cintos de diversos materiais</li> <li>. 1 estojo com binóculos</li> <li>. 8 pares de dragonas</li> <li>. 1 quépi</li> <li>. 2 chapéus armados</li> <li>. 4 cintos diversos</li> <li>. 6 chapéus</li> <li>. par de botas</li> <li>. 4 casacos</li> <li>. 9 camisas</li> <li>. 11 pares de calças</li> <li>. 1 capuz e 1 boné</li> <li>. 1 bata</li> </ul> <p><b>Caixote 1</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 cordões com agulhetas</li> <li>. 7 cintos e cinturões</li> <li>. 1 par de dragonas</li> <li>. 1 bivaque e 1 barrete</li> <li>. acessórios diversos para fardas e um bocado de cabedal para restaurar fardas</li> </ul>
<b>Roupeiro 14</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 capa</li> <li>. 3 jaquetas, 5 casacos 4 coletes</li> <li>. 7 pares de calças</li> <li>. 23 bonés, 1 gorro de pele e 2 chapéus tricórnios (italiano e francês)</li> <li>. 4 cinturões</li> <li>. dragonas</li> <li>. 1 bolsa de revolver</li> <li>. bornal de oficial</li> <li>. estojo de penacho</li> <li>. 1 bandoleira</li> <li>. saca de trincheira</li> <li>. 14 chapéus (de palha, de marinheiro, de oficial...)</li> <li>. 2 caixas vazias para chapéu armado</li> </ul> <p><b>Caixote 1</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. 4 pares de botas e 5 pares de sapatos</li> </ul> <p><b>Caixote 2</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. 4 quépis</li> </ul> <p><b>Caixote 3</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. 9 quépis</li> </ul>
<b>Roupeiro 15</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 22 fardas com dólmen ou casaco, com e sem calças</li> <li>. túnica</li> <li>. 2 peliças com calças</li> <li>. jaqueta</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>. forros de golas de casaco</li> <li>. 6 pares de botas com esporas</li> <li>. 2 pares de dragonas</li> <li>. 2 pares de esporas</li> <li>. 9 bonés de pala</li> <li>. 2 pares de calças</li> <li>. 2 cinturões e faixa</li> <li>. 1 quépi</li> </ul>
<b>Roupeiro 16</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 5 chapéus armados com e sem caixa, 1 Boina, 4 bonés, 1 penacho</li> <li>. 2 pares de dragonas</li> <li>. 3 casacas, 14 túnicas e 2 jaquetas</li> <li>. 8 farda com calças</li> <li>. 30 cinturões e cintos, 8 cordões de diversas cores com agulhetas, 10 faixas</li> <li>. Capa de espada em tecido</li> <li>. 19 bandoleiras</li> <li>. 13 pares de dragonas com e sem caixa</li> <li>. 6 pares de charlateira</li> <li>. 11 pares de luvas brancas</li> <li>. 3 bolsas com escudos</li> <li>. saco com acessórios para restauro de fardas (divisas, tecido...)</li> <li>. 5 camisas</li> <li>. capuz e barrete, calças, camisa e blusão camuflado</li> <li>. calças de camuflado</li> <li>. par de sapatos com fivela</li> <li>. 2 sacos com fotos militares</li> <li>. gravata</li> <li>. dólmen</li> <li>. 2 calças</li> <li>. Blusão</li> <li>. sacola e 1 cantil</li> <li>. cartucheiras</li> </ul>

### R/c: Escritório

Suporte	Conteúdo
<b>Roupeiro 21</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 cintos de cabedal</li> </ul>
<b>Toilete</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 11 casacas do século XVIII e 7 coletes da mesma época</li> <li>. 1 frontal de altar</li> <li>. 1 conjunto de calça e colete</li> </ul>
<b>Cómoda</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 3 golas de marinheiro</li> <li>. duas boinas e dois barretes da Marinha</li> <li>. 16 blusas de marinheiro</li> <li>. 10 pares de calças de várias patentes da Marinha</li> <li>. casaca da Marinha</li> <li>. 1 gola de marinheiro</li> <li>. 4 pares de calções da Marinha</li> <li>. 1 barrete e 1 bivaque da Marinha</li> <li>. 2 cintas, 1 cinta de cabedal</li> <li>. 3 camisas da Marinha</li> <li>. 27 bandeiras diversas, 8 galhardetes</li> <li>. miniaturas diversas</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 8 gravuras emolduradas representando militares e/ou vistas de cidades francesas</li> </ul>
<b>Caixote</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. caixa com 9 fotografias p/b de militares</li> <li>. caixa com vários sacos de botões de metal de fardamentos</li> <li>. 2 cabeças em cerâmica</li> <li>. conjunto de cartas de Portugal</li> <li>. caixa com a parte metálica de 3 machados e 1 nível militares</li> <li>. caixa com 1 teodolito militar</li> </ul>
<b>Escrivanha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 pares de esporas</li> <li>. 3 freios de metal</li> <li>. 4 culatras de espingarda</li> <li>. 3 cintos com cartucheiras, 10 cintos sóz, 1 cinto com bandoleira</li> <li>. 2 pares de binóculos militares</li> <li>. 7 pares de esporas de metal</li> <li>. 3 suspensões para espada</li> <li>. 1 cartucheira</li> <li>. 2 níveis militares num estojo de madeira e outro sem estojo</li> <li>. 3 suspensões de espada</li> <li>. várias correias de cabedal, algumas com fivelas metálicas</li> <li>. 1 esquadro em estojo</li> <li>. 1 bornal</li> <li>. 1 par de calças</li> <li>. 1 par de luvas</li> <li>. 4 cordões com agulhetas</li> <li>. 33 cintos e cintas de cabedal (1 com suspensão), 3 faixas e 2 bandas de tecido</li> <li>. 1 bivaque de feltro</li> <li>. 13 correias de cabedal</li> <li>. 1 par de esporas</li> <li>. 2 xairéis de feltro</li> </ul>

### R/c: Biblioteca

Suporte	Conteúdo
<b>Caixote 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 cantis, 1 marmita e 3 cintos do exército francês</li> </ul>
<b>Caixote 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 14 cartucheiras</li> <li>. 1 cinturão de oficial, 13 cinturões de praça, 5 suspensórios</li> <li>. 1 caixa de binóculos</li> <li>. 1 caneca oval</li> <li>. 1 bandoleira – tudo do exército francês</li> </ul>
<b>Caixote 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 mochilas (1855,1879,1915)</li> <li>. 1 pano de tenda - tudo do exército francês</li> </ul>
<b>Caixote 4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 marmita para 4 praças</li> <li>. 10 cinturões diversos</li> <li>. 4 suspensões para espada – tudo do exército francês</li> </ul>
<b>Caixote 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 cabeçadas</li> <li>. 3 pares de estribos</li> <li>. 1 escova metálica para cavalos</li> <li>. 1 saca para o cavalo comer</li> <li>. 8 silas</li> <li>. 1 cobrejão</li> </ul>

	. 1 colar com guizos - tudo do exército português
<b>Caixote 6</b>	. 1 máscara anti-gás . 3 bornais com peças diversas, 2 bornais pequenos e 1 cantil . 2 cinturões cm cartucheiras e 3 cintos - tudo do exército português
<b>Caixote 7</b>	. 5 bolsas de ferragens . 3 bolsas de limpeza . 1 cinturão e 1 cinto - tudo do exército português
<b>Caixote 8</b>	. 5 bolsas de roupa . 1 pano de tenda - tudo do exército português
<b>Caixote 9</b>	. 8 arreios diversos . 3 freios para cavalo . 1 bridão para cavalo - tudo do exército português
<b>Caixote 10</b>	. 9 sacos para ração de muares - do exército português
<b>Caixote 11</b>	. 5 pares de polainas para praças do exército português
<b>Caixote 12</b>	. 13 bandeiras
<b>Caixote 13</b>	. 9 bandeiras
<b>Caixote 14</b>	. 1 maca, 1 faca do mato, 1 catana do exército português usadas em Angola . 16 baionetas diversas . 3 suportes para baionetas
<b>Caixote 15</b>	. 7 bandeiras
<b>Caixote 16</b>	. 3 pares de sapatos de verniz . 1 uniforme completo para oficial modelo 33 . 4 pares de sapatos para oficial . 1 uniforme de passeio modelo 33/48 - tudo do exército português
<b>Caixote 17</b>	. 3 pares de sapatos para oficiais da Marinha . 1 uniforme nº1 de passeio modelo 48 . 4 pares de botas para praça modelo 40
<b>Caixote 18</b>	. 14 bandeiras
<b>Caixote 19</b>	. 8 marmitas com e sem capa (da IIª Guerra Mundial)
<b>Caixote 20</b>	. 16 marmitas modelo 1915-1933
<b>Caixote 21</b>	. 1 canhão de madeira com suspensão . 58 suportes para espada de vários modelos . 1 cinto de lona . 11 franqueletes de cabedal . 1 cinturão . 17 fiadores e 7 passadeiras e cabedal
<b>Caixote 22</b>	. 3 pares de esporas
<b>Caixote 23</b>	. 1 lanterna . 2 panos de tenda com acessórios . 4 sacos pequenos
<b>Caixote 24</b>	. 3 mochilas modelo 1902 . 2 sacos de roupa . 5 panos de tenda modelo 1902 com acessórios

	.1 saca de lona grande e 2 pequenas
<b>Caixote 25</b>	. 2 mochilas completas modelo 1853 e 1904 . 1 marmita – tudo do exército português
<b>Caixote 26</b>	. 1 arreio completo . 1 pano de limpeza . 3 suportes para espada . 5 cintas de tecido . 1 cabeçada para cavalo incompleta . 3 franqueletes . 1 saco de lona – tudo do exército português
<b>Caixote 27</b>	. 4 pares de botas de cano baixo . 1 par de sapatos . 5 cartucheiras para cinturão – tudo do exército francês
<b>Caixote 28</b>	. 30 suspensórios para mochilas várias . 19 franqueletes – tudo do exército português
<b>Caixote 29</b>	. 5 correias de emalar capotes . 9 suspensórios da GNR e GF– tudo do exército português
<b>Caixote 30</b>	. 47 cinturões para praça . 15 triângulos de cabedal – tudo do exército português
<b>Caixote 31</b>	. 36 cartucheiras de cabedal para espingarda kruptscheck modelo 1894 ou 1902

### R/c: Quarto 2

<b>Suporte</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>Mala 1</b>	. 3 dólman de uniforme de sargento de infantaria modelo 1949 – exército francês . 1 capote de sargento de infantaria modelo 1949 – exército francês . 1 casaco . 2 casacos azuis de fardas da SATA . 2 casacos e 3 pares de calças azuis de fardas da TAP . 2 gravatas pretas
<b>Cómoda 1</b>	. casaca do Conselheiro Dr. Jacinto Cândido da Silva . 10 casacas diversas . 2 boinas . 4 pares de calças, 7 dolmens, 4 camisas de patentes diversas do exército português . 1 bivaque e 2 gravatas de patentes diversas do exército português . 1 par de calças e 1 camisa de trabalho do exército português . 2 colchas com o escudo nacional . 1 xabraque de montada . 2 gravuras militares
<b>Roupeiro 18</b>	. 4 fardas de oficial do exército português . 3 fardas de trabalho do exército português . 16 dolmens e 14 casacos de várias patentes e modelo do exército português . 2 boinas e 2 gravatas . 50 quépis de várias patentes e modelo do exército português . 1 chapéu alto
<b>Roupeiro 19</b>	. 2 pares de polainas . 39 bonés e 7 bivaques de várias patentes e modelo do exército português . 23 pares de polainas e 1 par de botas de cano baixo

	<p>.45 fardas de oficial do exército português (algumas do C.E.P. e com condecorações)</p> <p><b>Caixas por cima do roupeiro</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. caixa com pedaços de tecido para uniformes</li> <li>. coldre com pistola</li> <li>. 3 sacos com esporas</li> <li>. caixa com diversos adereços de uniformes militares</li> </ul>
<b>Roupeiro 20</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 30 fardas e casacos de várias patentes e modelos da armada portuguesa</li> <li>.12 caixas em cartão com acessórios, pano, emblemas e distintivos bordados para uniformes de várias patentes do exército e da marinha portuguesa, e de outros países (incluindo soviéticos)</li> <li>. 1 caixa com 2 pares de luvas</li> <li>. 39 bonés e boinas</li> <li>. várias caixas com galões, carcelas, divisas, braçais e outros acessórios para uniformes portugueses</li> </ul>
<b>Roupeiro 21</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 30 fardas, casacos e jaquetas de oficial da Marinha portuguesa</li> <li>. 19 pares de dragonas da Marinha portuguesa</li> <li>. 5 chapéus de oficial da Marinha portuguesa</li> <li>. 15 fardas de praças do exército português</li> </ul>

**Sótão:**

<b>Suporte</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>Roupeiro 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 41 uniformes de diversas patentes de vários corpos militares portugueses (sobretudo PSP)</li> <li>. 42 chapéus, bonés, boinas, bivaques e tricórnios militares (sobretudo da GNR e PSP)</li> <li>. 5 cintos e 7 cordões, e uma caixa com aplicações em metal dourado</li> <li>. 2 pares de luvas brancas</li> <li>. 2 gravatas pretas</li> <li>. 1 cartucheira (?)</li> <li>. 1 par de sapatos, 2 pares de botas e 1 par de perneiras</li> </ul>
<b>Roupeiro 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 22 fardas de diversas patentes do exército francês</li> <li>. 5 quépis e 1 boina</li> <li>. 7 cintos, 3 cordões, 12 pares de dragonas</li> <li>. 2 pares de botas e 1 par de caneleiras</li> <li>. 1 casaco, 1 camisa e 1 par de calças de trabalho – tudo da primeira metade do século XX do exército francês</li> </ul>
<b>Roupeiro 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 27 fardas de diversas patentes, sobretudo dos serviços médicos do exército francês</li> <li>. 21 quépis, 2 barretes e 1 boina</li> <li>. 4 cinturões</li> <li>. 1 par de dragonas</li> <li>. 6 pares de perneiras, 1 par de botas</li> </ul>
<b>Roupeiro 4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 11 casacos e fardas de oficiais de artilharia do exército francês</li> <li>. 12 fardas, casacos e sobretudos de oficiais e sargentos de infantaria do exército francês</li> <li>. 18 quépis</li> <li>. 6 par de dragonas</li> <li>. 7 cinturões em couro</li> <li>. 3 par de polainas, 5 pares de perneiras, 2 par de caneleiras</li> </ul>
<b>Roupeiro 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 15 fardas e casacos de oficiais da Marinha francesa e portuguesa, e da Legião Estrangeira</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 fardas francesas da Força Aérea</li> <li>. 1 par de calças, 1 jaqueta, 7 casacos e 2 sobretudo da Força Aérea francesa</li> <li>. 3 pares de dragonas da Marinha francesa</li> <li>. 1 cinturão da Marinha francesa</li> <li>. 6 boinas, 10 bonés, 1 bicórneo e 1 bivaque da Marinha francesa</li> </ul>
<b>Roupeiro 6</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 30 fardas, casacos, dolmens e túnicas de várias patentes do Exército francês</li> <li>. 22 quépis</li> <li>. 2 cinturões e cordões</li> <li>. 1 par de dragonas</li> <li>. 1 par de botas</li> </ul>
<b>Roupeiro 7</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 35 fardas, jaquetas e túnicas de diversas patentes da Royal Air Force</li> <li>. 1 sobretudo do corpo de médicos do Royal Army</li> <li>. 1 par de calções</li> <li>. 32 bonés, chapéus, bivaques</li> <li>. 1 faixa, 4 cinturões</li> <li>. 1 par de botas</li> </ul>
<b>Roupeiro 8</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 22 fardas de diversas patentes de oficiais da Polícia Nacional de França e da GNR</li> <li>. 1 blusão e 1 sobretudo</li> <li>. 8 chapéus de uniformes franceses</li> <li>. 4 capacetes da GNR</li> <li>. 1 cinto, 12 cordões, 1 faixa</li> <li>. 11 pares de charlateiras</li> <li>. 1 par de botas</li> </ul>
<b>Roupeiro 9</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 31 casacas, jaquetas e túnicas</li> <li>. 1 farda da Legião Portuguesa</li> <li>. 6 fardas diversas</li> <li>. 1 par de calças de camuflado</li> <li>. 1 camisa</li> <li>. 6 bivaques, 31 bonés diversos, 1 boina e 2 chapéus</li> </ul>
<b>Roupeiro 10</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 2 pares de calças</li> <li>. 26 casacas de diversas patentes</li> <li>. 1 capote</li> <li>. 1 chapéu, 8 bonés, 1 chapéu alto, 1 gorro, 3 quépis,</li> <li>. 1 porta pistola</li> <li>. 2 pares de botas</li> </ul>
<b>Roupeiro 11</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 37 fardas e casacos diversas</li> <li>. 1 camisa</li> </ul>
<b>Roupeiro 12</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 sobretudo, 1 blusão</li> <li>. 18 casacos, 1 casaca, 4 jaquetas, 1 colete</li> <li>. 4 uniformes militares, 2 uniforme da TAP</li> <li>. 11 pares de calças</li> <li>. 8 camisas</li> <li>. 1 par de botas</li> <li>. 1. Barrete, 5 bonés, 7 chapéus, 1 boina, 2 bivaques</li> <li>. 1 par de meias</li> <li>. 1 cinto</li> </ul>
<b>Cavaletes</b>	. 7 selas incompletas (algumas incluem cabeçada, bernal e estribos)
<b>Caixote 1</b>	. 4 pares de botas de cabedal
<b>Caixote 2</b>	. 3 pares de sapatos
<b>Caixote 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 3 pares de botas militares</li> <li>. 1 par de sapatos militares</li> </ul>

## Casa de Lisboa (Cacém)

### Quarto 1

<b>Suporte</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>Roupeiro 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 23 casacos e fardas de gala de oficiais do exército português</li> <li>. 17 bonés (1 alemão de 1940), 1 quépi, 3 chapéu armado</li> <li>. caixa com acessórios militares</li> <li>. 1 cinto, 2 faixas, 2 cintas</li> </ul>
<b>Roupeiro 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 capa</li> <li>. 36 casacas, uniformes e jaquetas de gala da Marinha portuguesa, Força Aérea e Exército</li> <li>. 39 bonés, 5 quépi, 4 chapéus armado, 2 bivaque,</li> <li>. 3 cinturões, 3 cintos de gala, 6 cordões</li> <li>. 17 caixas com adereços militares</li> <li>. 1 par de luvas</li> <li>. 2 pares de botas, 3 pares de charlateiras, 1 par de esporas, 4 par de bandoleiras</li> <li>. 13 sacos com acessórios militares</li> <li>. 2 pares de botas</li> <li>. 2 bolsas de couro</li> <li>. 4 camisas</li> <li>. 5 bocais de instrumentos de sopro</li> </ul>
<b>Mala 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 6 casacos, jaquetas e pares de calças</li> <li>. 1 boina</li> </ul>
<b>Mala 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 2 pares de calças, 2 casacos, 1 camisa</li> <li>. 3 fardas do exército</li> <li>. 1 cinturão</li> </ul>
<b>Mala 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 manta para cavalo</li> <li>. 3 casacos, 1 túnica, 1 sobretudo</li> <li>. 6 pares de calças</li> <li>. 6 cabeções de uniforme da Marinha</li> <li>. conjunto de faixas</li> </ul>
<b>Mala 4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 casacos e casacas</li> <li>. conjunto de cordões</li> <li>. 1 camisa</li> </ul>
<b>Mala 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. capa de oficial do Exército</li> <li>. sobretudo de oficial do Exército</li> </ul>

### Escritório

<b>Suporte</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>Móvel 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 24 capacetes, chapéus armados, quépis</li> <li>. 1 penacho</li> <li>. 3 casaco, 5 fardas, 2 túnicas</li> <li>. 1 estatueta em porcelana representando um militar</li> <li>. 11 bandoleiras</li> <li>. 2 espada</li> <li>. 1 polvorinho</li> <li>. 2 par de charlateiras</li> <li>. 16 cinturão</li> <li>. 2 pares de dragonas</li> <li>. 3 medalhas e símbolos</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>. 1 fita, 1 faixa, 1 cordão</li><li>. 1 par de botas</li></ul>
<b>Móvel 2</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>. 2 fardas e 2 coletes</li><li>. 1 lanterna inglesa</li><li>. 1 par de charlateiras</li><li>. 4 caixas com medalhas e condecorações</li><li>. 10 pistolas, revolveres e coldres</li><li>. 5 pares de charlateiras</li><li>. 8 capacete, 2 quépis, 2 chapéus armados</li><li>. 1 mascara de gás</li><li>. 1 sacola de cabedal</li><li>. 2 pares de binóculos</li><li>. caixa com diversos acessórios militares</li><li>. 1 cama de campanha</li><li>. 2 sacos com bandeiras e galhardetes</li><li>. 1 sacola com corneta</li><li>. 4 pares de calças</li><li>. 1 caixa com acessórios militares</li><li>. 1 armadura completa, 1 peitoral isolado</li><li>. 2 sacos com acessórios para arreios</li><li>. 1 mochila militar</li><li>. 1 caixa com invólucros de balas e granadas</li><li>. equipamento individual de engenharia</li><li>. 3 clarins militares e 1 tambor</li><li>. 2 cantis</li><li>. 1 pano de tenda</li><li>. 2 cintos de cabedal</li><li>. 5 pares de dragonas</li></ul> <p><b>Caixa com dragonas</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>. 17 dragonas</li><li>. 13 chapéus</li></ul> <p><b>Armas de lâmina</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>. 68 espadas e sabres</li></ul>



## Sistema de classificação de coleções no Museu de Angra do Heroísmo (1966 - 1982)

1966 e 1967	1968 e 1969	1970 a 1973	1974 a 1979	1980 e 1981	1982
<p><b>Secções</b></p> <p>I. Belas Artes                      II. Etnografia                      III. Mobiliário Artístico e Outros móveis                      IV. Arte Sacra e artes ornamentais                      V. Cerâmica artística                      VI. Viaturas e arreios                      VII. História</p>	<p><b>Secções</b></p> <p>I. Belas Artes                      II. Etnografia                      III. História</p>	<p><b>Secções</b></p> <p>I. Belas Artes                      II. Etnografia                      III. História</p>	<p><b>Secções</b></p> <p>I. Belas Artes                      II. Etnografia                      III. História</p>	<p><b>Secções</b></p> <p>I. Belas Artes e Artes Ornamentais                      II. Militar                      III. História                      IV. Etnografia e folclore                      V. Biblioteca, Fonoteca, Fototeca e Filmoteca</p>	Idem
<p><b>Subsecções</b></p> <p><b>I.</b></p> <p>1. Pintura                      2. Escultura                      3. Desenho                      4. Gravura</p> <p><b>VII.</b></p> <p>1. Militar                      2. Lapidar e azulejaria                      3. Marinha                      4. Cartografia</p>	<p><b>Subsecções</b></p> <p><b>I.</b></p> <p>1. Pintura                      2. Escultura                      3. Desenho                      4. Gravura                      5. Mobiliário artístico                      6. Relógios                      7. Inst. Musicais                      8. Arte Sacra e Artes Ornam.                      9. Cerâmica artística e azulejaria</p> <p><b>III.</b></p> <p>1. Lapidar                      2. Viaturas e Arreios                      3. Militar                      4. Marinha                      5. Cartografia</p>	<p><b>Subsecções</b></p> <p><b>I.</b></p> <p>1. Pintura                      2. Escultura                      3. Desenho                      4. Gravura                      5. Mobiliário artístico                      6. Relógios                      7. Inst. Musicais                      8. Arte Sacra e Artes Ornam.                      9. Cerâmica artística e Azulejaria</p> <p><b>III.</b></p> <p>1. Lapidar                      2. Transportes                      3. Militar                      4. Navegação                      5. Cartografia</p>	<p><b>Subsecções</b></p> <p><b>I.</b></p> <p>1. Pintura                      2. Escultura                      3. Desenho                      4. Gravura                      5. Tapeçaria                      6. Mobiliário artístico                      7. Relógios                      8. Inst. Musicais                      9. Arte sacra e Artes Ornamentais                      10. Cerâmica artística e azulejaria</p> <p><b>III.</b></p> <p>1. Lapidar                      2. Transportes                      3 Militar                      4. Navegação                      5 Cartografia</p>	<p><b>Subsecções</b></p> <p><b>I.</b></p> <p>(pintura, escultura, desenho, azulejos, ourivesaria religiosa, mobiliário, paramentos)</p> <p><b>II.</b></p> <p>1. Arreios e acessórios</p> <p><b>III.</b></p> <p>1. História da Ciência                      2. História dos Transportes                      3. História da Navegação                      4. História dos Correios e Telecomunicações                      5. História de Técnicas diversas                      6. História do Traje                      7. Bandeiras, estandartes e insígnias</p>	<p><b>I</b></p> <p>Não menciona</p> <p><b>II</b></p> <p>Não menciona</p> <p><b>III</b></p> <p>1. História da Ciência                      2. História dos Transportes                      4. História da Navegação                      5. História de Técnicas diversas                      6. História do traje                      7. Bandeiras, Estandartes e Insígnias</p>

### Apêndice 6 - Quadro de bens doados pelo Dr. Baptista de Lima ao MAH

Data / Fonte	Bens
1966 <i>Relatório MAH / pp. 15</i>	. Capote antigo de oficial do exército pertencente ao pai
1967 <i>Relatório MAH / pp.15</i>	. 3 Dolmens de cotim cinzento do fardamento de oficial de Infantaria modelo 1920
1969 <i>Relatório MAH / pp. 17</i>	. 1 Marmita para mochila de equipamento militar do século XIX
1971 <i>Relatório MAH / pp. 16</i>	. Moinho de café francês de manivela vertical em ferro fundido . Chaleira inglesa de ferro fundido . Chaleira de ferro fundido do tipo francês . Panela de ferro fundido de tipo inglês
1972 <i>Relatório MAH / pp. 16</i>	. 1 Baioneta triangular primitiva . 1 Lança de piqueiro . 1 Podoa regional . Máquina de barbear primitiva pertencente ao pai . Tesoura antiga de tolete pertencente ao pai
1973 <i>Relatório MAH / pp. 18 e 19</i>	. 1 Capa de oficial e diversos artigos correspondentes a diferentes modelos de uniformes do exército português do primeiro terço do século XX . 2 Cadeiras de mogno com assento em palhinha, da primeira metade do século XIX . Cadeira de madeira regional de tipo americano da primeira metade do século XIX . 1 Cadeira de estilo americano em faia e palhinha da segunda metade do século XVIII . 1 Caneca de barbeiro do século XIX . 2 Fechaduras antigas do século XVIII . Diversas ferragens utilizadas na construção civil nos séculos XVII, XVIII e XIX . 2 Martelos de carpinteiro do século XIX . 1 Martelo e diversas ferramentas de sapateiro do século XIX . 2 Machados do século XIX . 1 Serra de 2 mãos do século XIX
1974 <i>Relatório MAH / pp. 15</i>	. Ferro a carvão de engomadeira . Telefonía da marca "Pilot" . 3 Bengalas militares de diferentes modelos e épocas . Diversas ferramentas antigas de diferentes ofícios
1983 <i>Relatório MAH /</i>	. 7 cilhas de couro com fivela de metal . 4 cilhas de couro com fivela de ferro . 2 cinturões de Cavalaria

pp. 15	<ul style="list-style-type: none"><li>. 15 fivelas de metal para cinturões de 3,5 ; 4,5 e 5cm</li><li>. 1 bolsa de couro</li><li>. 2 cantis de alumínio</li><li>. 4 capas de feltro para cantis</li><li>. 1 patrona</li><li>. 4 pares de rédeas de Cavalaria</li><li>. 1 bornal grande dos serviços de saúde</li><li>. 10 palas de couro para sabre baioneta</li><li>. 2 equipamentos de lona obsoletos</li><li>. 2 pares de bolsas de roupa m/914</li><li>. 1 par de bolsas de roupa m/914-34</li><li>. 2 marmitas m/943 com as respetivas capas de lona</li><li>. 1 lanterna para sala de operações de campanha</li><li>. 1 canga antiga trabalhada</li><li>. 1 lanterna de acetilene da Iª Guerra Mundial</li><li>. 1 equipamento dos EUA constituído por bornal, cantil, porta cartas, mochila e saco para material diverso</li><li>. 1 barreta de fabrico inglês decorada ao gosto oriental</li><li>. 1 sabre para espingarda Mauser</li><li>. 1 revolver Webley “Bull-Dog” dos finais do século XIX distribuído à polícia de Lisboa e usado por Albino Forjaz de Sampaio na Revolução de 1910</li><li>. 2 reproduções do século XIX de espadas de peão do século XIV/XV</li><li>. 1 uniforme de campanha de Oficial do Exército português mod.932 pertencente ao pai</li><li>. 1 par de cordões de membro da casa militar de EI-Rei D. Carlos</li><li>. 4 medalhas</li><li>. 6 lanças do século XVIII-XIX</li><li>. 1 bacamarte</li><li>. 1 espingarda de caça</li></ul>
1984 <i>Relatório</i> MAH / pp. 16	<ul style="list-style-type: none"><li>. 1 casaco de gala de alto dignitário civil e/ ou militar de súbdito inglês</li></ul>

*Fonte:* Relatórios de Actividades do Museu de Angra do Heroísmo dos anos assinalados



## Apêndice 7 - Quadro de bens depositados pelo Dr. Baptista de Lima no MAH

Data	Bens	Obs.
<p><b>1957</b> (10 Maio)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 7 lanças de cavalaria</li> <li>. 1 carabina de pederneira</li> <li>. 1 carabina de chaminé</li> <li>. 2 espingardas inglesas</li> <li>. 1 piano vertical da marca <i>Boisselot</i></li> <li>. 4 mochilas do Exército português, mod.1902</li> <li>. 4 bornais do Exército português, mod. 1902</li> <li>. 2 cantis do Exército português, mod. 1902</li> <li>. 223 moedas portuguesas de vários metais</li> <li>. 59 peças de ferragens antigas “usadas em móveis e imóveis, recolhidas pessoalmente pelo depositante nesta ilha”</li> <li>. 2 reproduções de espadas do século XV feitas no século XIX</li> <li>. 3 colchas para cama de praça do Exército português do tempo da monarquia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 devolvida a 08.03.1983</li> <li>. devolvida a 08.03.1983</li>   <li>. piano devolvido a 08.03.1983</li>   <li>. moedas devolvidas a 05.09.1983</li> </ul>
<p><b>1983</b> (Julho)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. 1 alabarda com ponta flamejante, do século XVII</li> <li>. 1 alabarda de sargento do século XVIII</li> <li>. 1 carabina de pederneira da arma de Cavalaria da segunda metade do século XVIII</li> <li>. 1 carabina de chaminé da arma de Cavalaria, mod./839</li> <li>. 1 cinturão e talim para sargento mod. 1911</li> <li>. 2 baionetas para espingarda Schneider mod. 1872 e carabina de Cavalaria mod. 1873</li> <li>. 1 peito de aço</li> <li>. 1 capacete de peão de copa baixa do século XVI</li> </ul>	

Fonte: *Autos de Doação e Depósito*. In: MAH. Espólio BL: Pasta “Autos de doação e depósito de diversas espécies que entreguei ao Museu de Angra em diversas datas”



## **Apêndice 8 – Guião de entrevista 1 - Colecionadores na Terceira no século XX (1900-1970)**

Colecionadores conhecidos / lembrados (identificação – genealogia; morada e/ou local onde mantinha a coleção, período de constituição da coleção)

Tipo de objectos colecionados

Forma de obtenção de bens

Relação com outros colecionadores

Outras formas de obtenção de informação / conhecimento

Forma(s) de exposição / disponibilização

Destino da coleção

## **Apêndice 8 – Guião de entrevista 2 – Baptista de Lima colecionador**

### Os sentimentos do colecionador perante o processo colecionístico e o seu produto

Que sentimento manifestava pelos gastos que causava ao orçamento familiar, e pelo tempo que lhe dedicava?

Que estado psicológico dominava o processo de obtenção de espécies? (Aditividade, compulsão, obsessão, pessimismo, frustração, interesse moderado)

Que sentimentos manifestava / transpareciam ao falar da sua coleção / objetos?

Que intenção manifestava relativamente ao uso / destino da sua coleção?

### O processo colecionístico

Como detetava novas espécies de interesse? Tinha fornecedores / informantes?

Como estabelecia/mantinha os contactos/rede de fornecedores/informantes e como os operacionalizava?

Que relações estabelecia, e com quem, nas áreas de especialidade que colecionava?

Que tipo de objetos/ bens interessavam / colecionava?

Ao longo do tempo foi-se interessando por mais/outros tipos de objectos/bens?

Que modalidades predominavam na incorporação de espécies (compra, doação, permuta...)?

Que verbas / tempo investia na coleção?

#### A gestão da coleção e a relação do colecionador com os objetos

Ao longo do tempo, procedeu a alguma desincorporação na coleção? (quando, de quê e porquê)

Como organizava/dispunha a coleção e em que espaços?

A quem permitia acesso/fruição da coleção? Em que modalidades? (no espaço onde estava guardada, por cedências temporárias, por depósito em instituições...)

Como olhava / tocava / manipulava os objetos e que ações exercia sobre eles? (alterava/ adaptava, restaurava)

Que atitude manifestava perante os objetos? (sacralizadora, de companheirismo, utilitária ...)

Que parceiros / colaboradores participavam na gestão da coleção e do seu espaço?

Que interesses/ objetivos associava à sua coleção?

Como dispunha, ou pensava, dispor a sua coleção?

#### A divulgação e comunicação da coleção

Como falava/mencionava a coleção e a sua atitude colecionista?

Como é que, alguma vez, a coleção foi exposta e/ou mencionada, total ou parcialmente? Por iniciativa de quem?

Que relações mantinha com outros colecionadores?



## Apêndice 9 - Ficha de identificação de informante

### Dados pessoais

Nome:

---

Local / data de nascimento

---

Morada / contactos atuais

---

Ocupação atual

---

Formação académica

---

Trajectoria profissional

---

---

---

### Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

Tipo de relação: Profissional  ; Académico  ;

Familiar  ; Amizade

Período de relacionamento e contexto

---

---

---

### Ponderação da memória / testemunho

Postura perante a(s) memória(s): Emotiva  Racional

Posição relativamente ao biografado:

Valorizadora  ; Crítica  ; Analítica

Dados da entrevista

Modalidade da entrevista

- Presencial: com gravação  ; sem gravação
- Telefónica
- Escrita

Material associado \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Local e data \_\_\_\_\_



## Ficha de identificação de informante

1

### Dados pessoais

**Nome :** Francisco dos Reis Maduro-Dias

**Local / data de nascimento:** Angra do Heroísmo,

**Morada / contactos atuais:** Rua da Garoupinha, n.º Angra d Heroísmo

**Ocupação atual:** Técnico Superior Conservador do Museu de Angra do Heroísmo

**Formação académica:** Licenciatura em História, Pós-Graduação em Museologia

**Trajectoria profissional:** Técnico Superior do Museu de Angra ( 1976-

Director do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo (

Director do Museu de Angra do heroísmo (2002-2005)

### Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade

### **Período de relacionamento e contexto**

Desde criança que conheceu o Dr. BL através do pai, artista plástico e etnógrafo local muito próximo das realizações de âmbito cultural da então Junta Geral do distrito, Governo Civil e Câmara Municipal de Angra

### Ponderação da memória / testemunho

**Postura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional

**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora  Crítica  Analítica

### Dados da entrevista

**Modalidade da entrevista:** Entrevista presencial.

Acrescentou como possíveis informantes a contactar os Srs. Luís de Melo

### **Material**

**associado** \_\_\_\_\_

**Local e data:** Museu de Angra, 20 de Junho de 2012

## Ficha de identificação de informante

2

### Dados pessoais

**Nome :** Luís Pacheco de Melo

**Local / data de nascimento:** 12 Ribeiras (Ilha Terceira); 20 jan. 1938

**Morada / contactos atuais:** Rua do Pau São, n.º 24 – Angra

**Ocupação atual:** Reformado

**Formação académica:** Curso dos Liceus

**Trajectoria profissional:** Biblioteca Pública e Arquivo de Angra (3 Dez. 1956 a 13 Jun. 1957);

Câmara Municipal de Angra (14 Jun. 1957 a 30 Jun. 1975);

Governo Civil (1 Jul. 1975 a 30 Set.1977);

Gabinete do Ministro da República (1 Out. 1977 a 30 Nov. 1999).

### Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade

### **Período de relacionamento e contexto**

Desde que entrou para a Biblioteca Pública (seu primeiro emprego) e onde o Dr. Baptista de Lima era já diretor. Estreitaram relação durante a permanência de ambos na Câmara Municipal.

### Ponderação da memória / testemunho

**Postura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional

**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora  Crítica  Analítica

### Dados da entrevista

**Modalidade da entrevista:** Entrevista presencial.

Acrescentou como possíveis informantes a contactar os Srs. Carlos Alberto Oliveira (antigo motorista da Câmara), D. Maria do Carmo Fraga (S. Bartolomeu, antiga colega do Dr. BL); Dr. Machado Pires (antigo Reitor da UAç), Eng. Marcelo Bettencourt., Sr. Dimas Sousa Matos (sogro do Dr. Aurélio)

### **Material**

**associado** \_\_\_\_\_

**Local e data:** Museu de Angra, 3 de Julho de 2012

## Ficha de identificação de informante

3

### Dados pessoais

**Nome :** Norberto Bettencourt

**Local / data de nascimento:** Rosais (S. Jorge); 20 jan. 1938

**Morada / contactos atuais:** Terra Chã

**Ocupação atual:** Guarda

**Formação académica:** 2º Ciclo

**Trajectoria profissional:** Desde 2 de Dez. de 1977 até à atualidade que exerce funções de guarda no MAH. Foi contratado pelo Dr. Baptista de Lima.

### Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade

### **Período de relacionamento e contexto**

Desde 1977 até ao falecimento do Dr. Baptista de Lima

### Ponderação da memória / testemunho

**XPostura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional

**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora  Crítica  Analítica

### Dados da entrevista

**Modalidade da entrevista:** Entrevista presencial.

Acrescentou como possíveis informantes a contactar os Srs. Manuel Gregório da Silva Melo,

**Local e data:** Museu de Angra, 26 de janeiro de 2013

**Ficha de identificação de informante**

4

**Dados pessoais**

**Nome :** Álvaro Monjardino

**Local / data de nascimento:** Angra do Heroísmo, 06 /10 /1930

**Morada / contactos atuais:** Av. Jacinto Cândido, n.º 21 A – Angra do Heroísmo

**Ocupação atual:** Advogado

**Formação académica:** licenciado em Direito

**Trajectoria profissional:** Deputado à Assembleia Nacional nas listas do A.N.P. pelo círculo do distrito de Angra do Heroísmo entre 1973-1974;

Vogal da Junta Governativa dos Açores em 1975, com o cargo de vogal para a Economia e Finanças;

Membro da Comissão Instaladora do Instituto Universitário dos Açores.

Deputado à Assembleia Regional dos Açores (1976-1980 e 1980-1984);

Presidente da Assembleia Regional entre 1976 e 1984;

Coordenador do processo de classificação de Angra do Heroísmo como bem inscrito na lista do Património Mundial pela UNESCO (1983);

Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira (1984-1999);

Diretor do jornal *A União* (1994-?).

**Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima**

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade

**Período de relacionamento e contexto**

Desde os anos 60 até ao falecimento do Dr. Baptista de Lima, especialmente os anos em que foi presidente do IHIT

**Ponderação da memória / testemunho**

**Postura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional

**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora  Crítica  Analítica

**Dados da entrevista**

**Modalidade da entrevista:** Entrevista presencial.

Acrescentou como possíveis informantes a contactar o Sr. João Afonso

**Material associado** - nenhum

**Local e data:** Angra do heroísmo, 5 de março de 2013

**Ficha de identificação de informante**

5

Dados pessoais

**Nome :** Maria José Dutra da Silva Costa

**Local / data de nascimento:** Conceição (Ilha Terceira); 24.09.1960

**Morada / contactos atuais:** Terra Chã – Angra

**Ocupação atual:** Assistente operacional do MAH

**Formação académica:** 2º Ciclo

**Trajectoria profissional:** Operária fabril na UNICOL

Funcionária do MAH desde 1981 contratada pelo Dr. Baptista de Lima

Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade

**Período de relacionamento e contexto**

Desde que entrou para o Museu de Angra .

Ponderação da memória / testemunho

**Postura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional

**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora  Crítica  Analítica

Dados da entrevista

**Modalidade da entrevista:** Entrevista presencial

**Material**

**associado** \_\_\_\_\_

**Local e data:** Museu de Angra, 3 de Julho de 2012

**Ficha de identificação de informante**

6

Dados pessoais

**Nome :** José Manuel Bettencourt Machado Pires  
**Local / data de nascimento:** Sé (Ilha Terceira); 17.11.1942  
**Morada / contactos atuais:** Ponta Delgada  
**Ocupação atual:** Reformado  
**Formação académica:** 2º Ciclo  
**Trajectoria profissional:** Professor universitário

Dados de relacionamento com o Dr. Baptista de Lima

**Tipo de relação:** Profissional  Académico  Familiar  Amizade X

**Período de relacionamento e contexto**

Desde a infância

Ponderação da memória / testemunho

**Postura perante a(s) memória(s):** Emotiva  Racional X  
**Posição relativamente ao biografado:** Valorizadora X Crítica  Analítica

Dados da entrevista

**Modalidade da entrevista:** Entrevista telefonica

**Material**

**associado** \_\_\_\_\_

**Local e data:** Museu de Angra, 3 de Julho de 2012

## Apêndice 10 – Autorização para uso de dados

### Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado “*Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)*” apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Morada / Telf. \_\_\_\_\_

B.I./C.C \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, Arquivo \_\_\_\_\_



Colecionar na periferia.  
Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)

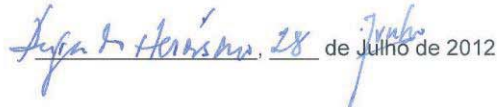
**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.



 de Julho de 2012

Nome:	FRANCISCO DIAS REIS MAURO-DIAS	
Morada:	RUA DA GAROU PINHA, 31	Telf. 962524445
B.P.C.C.	2322461	de _____, Arquivo _____
CC:		

Colecionar na periferia.  
Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)


**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.



 , 26 de Janeiro de 2013

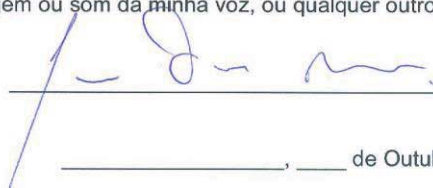
Nome:	NOBERTO SETENCOJKT				
Morada	FERRA-ÇA	Telf.			
B. I. / C.C.		de		Arquivo	

**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista  
em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "*Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)*" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

  
\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de Outubro de 2012

Nome: <u>JOSÉ OLÍVIO MATEUS DA ROCHA</u>
Morada / Telf. <u>Rua da Moura, 111A</u>
B.I./C.C. _____, de _____, Arquivo

Colecionar na periferia.  
Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)

**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "*Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)*" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

*Manuel José Duarte da Silva Costa*

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de Janeiro de 2013

Nome: _____
Morada _____ Telf. _____
B. I. / C.C. _____, de _____, Arquivo _____

Colecionar na periferia.  
Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)

**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.



 , 4 de Julho de 2012

Colecionar na periferia.  
Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)

**Autorização para uso de imagem, som de voz e dados de entrevista em trabalhos de investigação histórica**

Eu, abaixo assinado, autorizo o uso da minha imagem, o som da minha voz e as informações de dados por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, para imagem, no seu todo ou em parte, na dissertação de mestrado "*Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)*" apresentada pela licenciada Maria Manuel Velasquez Ribeiro, ou em obras de investigação / divulgação histórica dela decorrentes e que venham a ser produzidas.

A presente autorização abrange os usos indicados tanto em suportes impressos (livros, catálogos, jornais entre outros) como também em suporte digital (tais como vídeos, filmes, CD-Rom, e Internet). Esta cedência de direitos é feita com a garantia de que os fins para que vierem a ser usados garantem, inequivocamente, a preservação da memória histórica e a honorabilidade dos intervenientes e das memórias por eles relatadas.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

\_\_\_\_\_, 11 de Julho de 2012 Manu & 2017

Nome: <u>ALVITO TORALDO</u>	_____
Morada <u>do jacino cãuido, n. 23-a</u>	Telf. _____
B. I. / C.C _____, de _____, Arquivo _____	_____

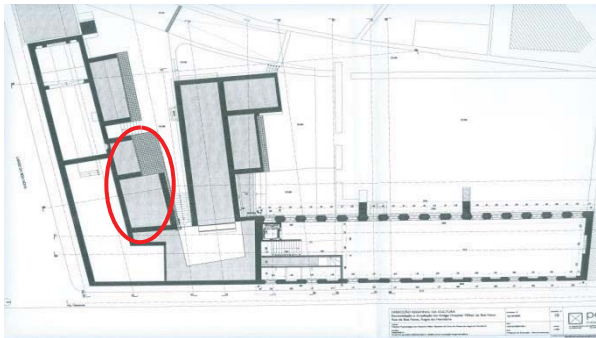
## **Apendice 11**

**CD**

## Apendice 12

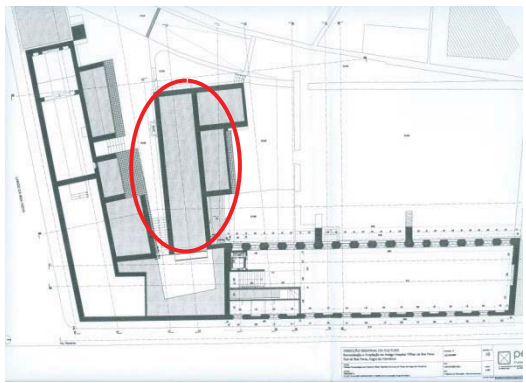
# Proposta de Programa Museológico para o núcleo de História Militar Dr. Baptista de Lima



<b>I - Proposta de Plano de montagem do centro de documentação e arquivo</b>	
<b>Missão</b>	Disponibilizar informação global e articulada sobre a história militar nos Açores e das suas intersecções com a história mundial, o domínio do Atlântico e a evolução técnica que sofreu, bem como refletir sobre a construção de uma representação das ilhas com base na sua história militar e o papel do colecionismo nessa construção
<b>Público-alvo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Público em geral, local, nacional e estrangeiro, em grupo ou isoladamente, integrado em visitas turísticas à cidade e aos seus monumentos;</li> <li>• Público escolar em visitas organizadas sobre as temáticas: história e património local, história militar</li> <li>• Ex-combatentes e militares no ativo, alunos de escolas e academias militares e de cursos de defesa, nacionais e estrangeiros;</li> <li>• Colecionadores de temáticas militares</li> <li>• Estudantes e estudiosos das áreas do património</li> <li>• Arquitetos, arquitetos paisagistas e engenheiros ligados ao património construído;</li> </ul>
<b>Tipologias de bens a integrar</b>	Biblioteca especializada, documentação de bens da coleção e dossiers de peça, documentação de arquivo, imagens (fotográficas, em movimento), cartografia militar
<b>O Espaço</b>	 <p>Nível da entrada: Salas em planta n.º0.05</p>
<b>Estruturação da documentação bibliográfica e arquivística do espólio Baptista de Lima</b>	<p><u>A. Documentação de arquivo</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fundo João Baptista de Lima             <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1. Documentação Pessoal</li> <li>1.2. Correspondência</li> <li>1.3. Documentação e fotografias do Castelo de S. João Baptista</li> <li>1.4. Documentação e fotografias da Escola Prática de Artilharia</li> </ol> </li> </ol>


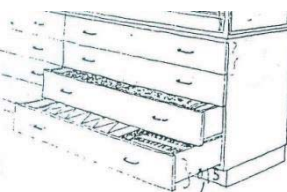
	<ul style="list-style-type: none"><li>2. Fundo Albino Forjaz de Sampaio<ul style="list-style-type: none"><li>2.1. Álbuns de recortes</li><li>2.2. Álbuns de ex-Libris e estampilhas diversas</li><li>2.3. Fotografias</li></ul></li> <li>3. Fundos de entidades diversas<ul style="list-style-type: none"><li>3.1. BAD - Associação dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas</li><li>3.2. Sociedade de Geografia de Lisboa</li><li>3.3. Academia das Ciências de Lisboa</li><li>3.4. APOM - Associação Portuguesa de Museologia</li><li>3.5. UNESCO</li><li>3.6. ICOM - International Comites for the Museum<ul style="list-style-type: none"><li>3.6.1. Correspondência geral e boletins periódicos</li><li>3.6.2. Documentação<ul style="list-style-type: none"><li>2.1. de Conferencias Gerais</li><li>2.2. de Comités e Grupos de Trabalho</li></ul></li><li>3.6.3. Comissão Nacional Portuguesa</li></ul></li><li>3.7. ICOMOS</li><li>3.8. IAC - Instituto Açoriano de Cultura</li><li>3.9. IHIT - Instituto Histórico da Ilha Terceira</li><li>3.10. Casa dos Açores</li><li>3.11. Academia Portuguesa de História</li><li>3.12. Fundação Calouste Gulbenkian</li><li>3.13. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (1959-1965)</li></ul></li> <li>4. Documentação pessoal manuscrita<ul style="list-style-type: none"><li>4.1. Cadernos e materiais escolares</li><li>4.2. Rascunhos manuscritos e/ou dactilografados com correções manuscritas de discursos e de artigos para publicação</li><li>4.3. Correspondência enviada, por destinatário</li><li>4.4. Correspondência recebida, por remetente</li><li>4.5. Agendas, cadernos de notas e apontamentos soltos, notas e memórias de viagens</li><li>4.6. Cadernos e pastas de recortes, por temas</li></ul></li> <li>5. Documentação de pesquisas e investigações, em curso e/ou projetadas, por tema indexáveis aos termos de pesquisa na base de inventário de bens museológicos</li> <li>6. Documentação de Congressos, Colóquios, Simpósios e Encontros</li></ul>
--	--

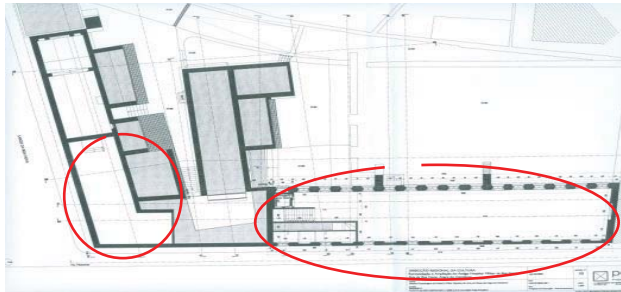
	<p>7. Desdobráveis, catálogos e programas de</p> <p>7.1. de museus e exposições</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- nacionais</li> <li>- estrangeiros</li> </ul> <p>7.2. de livreiros, leiloeiros e antiquários</p> <p>7.3. de concertos, saraus e temporadas musicais</p> <p>7.4. de empresas e agentes de viagens</p> <p><u>B. Documentação bibliográfica</u></p> <p>1. Publicações periódicas e monografias (temas indexáveis aos termos de pesquisa na base de inventário de bens museológicos)</p> <p>1.1. Periódicos encadernados</p> <p>1.2. Periódicos em nºs soltos</p> <p>1.3. Monografias em português</p> <p>1.4. Monografias em língua estrangeira</p> <p>3.5. Monografias editadas anteriormente a 1900</p> <p>2. Cartografia</p> <p>2.1. Açoriana</p> <p>2. 2. Outras proveniências</p> <p>3. Imagens</p> <p>3.1. provas em papel</p> <p>3.2. diapositivos</p> <p>3.3. negativos</p> <p>3.4. recortes</p> <p>3.5. gravuras</p>
<p><b>Termos de indexação normalizados</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. espólio Baptista de Lima</li> <li>. equipamento militar operacional</li> <li>. equipamento militar de aparato</li> <li>. Grande Guerra</li> <li>. II Guerra Mundial</li> <li>. Deportados</li> <li>. Museologia (História, Entidades e Associações)</li> <li>. Património construído</li> </ul>

<b>II - Proposta de Plano de montagem da reserva de uniformes militares</b>	
<b>Tipologias de bens a integrar</b>	Reserva de <u>uniformes, acessórios e equipamentos militares individuais</u> em suporte de material orgânico - têxtil e/ou cabedal - <u>Falerística</u> e <u>Vexilologia</u> militar.
<b>O Espaço</b>	 <p>Nível da entrada: Salas em planta n.º0.06, 0.07</p>
<b>Dimensões e particularidades</b>	<p>Pé-direito útil das salas 0.06, 0.07 e 0.08 – 2,80m Pé-direito útil das salas 1.02 e -1.03 – a verificar</p>
<b>Condições de conservação preventiva a adotar</b>	<p>Tendo em conta a fragilidade das coleções de têxteis o seu local de reserva deverá ter em conta que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- deve garantir o mínimo de variações climáticas (temperatura e humidade relativa), estabilizadas nos 12 a 15º de temperatura e nos 60 a 65% de humidade relativa, valores a garantir através da utilização de desumidificador regulável já que as oscilações nos valores de humidade favorecem a contração e expansão das fibras dando origem a fraturas. Os índices elevados de humidade relativa associados à falta de ventilação contribuem para o aparecimento de bolores, enquanto as temperaturas elevadas aceleram a degradação das fibras celulósicas;</li> <li>- o espaço deverá garantir a boa circulação de ar e condições de redução da luz natural (portadas, estores) e os vidros das janelas devem estar protegidos, razão pela qual as janelas existentes não deverão ser tapadas;</li> <li>- o espaço e os equipamentos que nele forem instalados não devem comprometer a facilidade de circulação de pessoas, o fácil acesso, visualização e mobilidade dos bens em reserva;</li> <li>- o acondicionamento de bens será efetuado em suspensão ou na horizontal, método escolhido peça-a-peça de forma a diminuir ao máximo as tensões e as dobras desnecessárias e que se traduz no mobiliário indicado.</li> </ul>

<p><b>Classificação de bens a integrar</b></p>	<p><b>Peças de indumentária</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- camisas, casacos/dolmans/peliças/ capas</li><li>- calças e calções</li><li>- roupa interior</li><li>- coberturas de cabeça (chapéus armados, boné, boinas, barretinas, bivaques e quépis)</li><li>- calçado (botas, sapatos e polainas)</li></ul> <p><b>Acessórios de indumentária</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- luvas</li><li>- cintos, cinturões, faixas e fivelas</li><li>- suspensórios</li><li>- botões de punho e alfinetes de gravata</li><li>- boldriés</li><li>- gravatas e laços</li><li>- botões militares diversos</li><li>- dragonas, charlateiras e respectivas caixas</li></ul> <p><b>Objectos de auxílio / conforto pessoal</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- cobertores e mantas</li><li>- calçadeiras</li><li>- pingalins e bengalas</li><li>- escovas e lenços</li></ul> <p><b>Falerística</b></p> <p>ordens honoríficas, condecorações, medalhas, insígnias e distintivos militares</p> <p><b>Vexilologia</b></p> <p>Estandartes, bandeiras, flamulas, galhardetes, bandeirolas, boldriés e jacks militares</p>
<p><b>Sistemas de documentação e salvaguarda de bens</b></p>	<p><u>Gestão e documentação de coleções:</u></p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. plano de distribuição de peças – a elaborar e afixar na sala 3 e a manter num <i>Dossier da Reserva</i></li><li>2. identificação de estruturas e contentores, e descrição de conteúdos - a elaborar e afixar em cada equipamento</li><li>3. livro de movimento de bens – a elaborar</li><li>4. plano de prioridades de evacuação – a elaborar em consonância com o <i>Plano de Segurança</i> a adotar</li></ol> <p><u>Investigação e estudo de coleções:</u></p> <p>. constituição de dossiers de peça/coleções em</p>

	<p>articulação com biblioteca especializada e arquivo administrativo;</p> <p>. elaboração de catálogos</p>
--	--

<b>Mobiliário de reserva</b>		
<b>Tipo</b>	<b>Características / quantidade</b>	<b>Localização prevista</b>
 <p><b>Armário para <u>fardamentos e coberturas de cabeça portuguesas: Exército</u></b></p>	<p>1 armário em madeira com varão amovível e prateleiras com as medidas exteriores à face da parede A/B</p> <p>4 prateleiras com face em acrílico montadas em calha corredora e altura de 25cm;</p> <p>1 calha de cortinado com o comprimento adequado</p> <p>1 varão em madeira com o comprimento adequado e várias alturas de colocação</p>	<p>Sala 1 (sala em planta n.º0.06): todas as pare</p>
 <p><b>Módulo de gavetas para <u>coberturas de cabeça e acessórios de fardamentos portugueses: Exército</u></b></p>	<p>1 módulo de gavetas em madeira com as medidas exteriores à face da parede C / D e altura, até à janela, a distribuir por 4 gavetas . gavetas montadas em calha corredora</p>	<p>Sala 1 (sala em planta n.º0.06): parede C / D</p>

<p><b>III - Proposta de Programa de Exposições</b> <i>Memória e novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o património açoriano</i></p>	
<p><b>O Espaço</b></p>	 <p>Edifício da Boa Nova: Nível da entrada, sala em planta n.º0.03</p> <p><b>Dimensões</b> Pé-direito útil: 2,80m</p> <p><b>Características e condicionantes</b>  <u>4 janelas</u> na parede virada a Sul com portadas em madeira que não deverão ficar com obstáculos nos batentes permitindo a sua abertura e fecho;  <u>3 janelas</u> tipo gateiras na parede virada a Nascente com portadas em madeira que não deverão ficar com obstáculos nos batentes permitindo a sua abertura e fecho;  <u>Porta no pano de parede A/B</u> que dará acesso à sala e delimita o início da exposição  <u>Porta no pano de parede B/C</u> descrita em planta mas, entretanto, anulada;  <u>Porta no pano de parede C/D</u> cujo encerramento é possível;  <u>Porta no pano de parede D/E</u> com rebaixamento na zona de abertura e fecho e que dá acesso à sala seguinte. Impossibilitada qualquer forma de obstrução à sua abertura e fecho;  <u>Tomadas</u> de eletricidade, comunicação de dados e voz assinaladas em planta e cujo acesso não deverá ser obstruído.</p>
<p><b>Museologia</b></p>	
<p><b>Missão</b></p>	<p>Documentar a vida de Manuel Coelho Baptista de Lima, historiar os aspetos que, na sua vida, se cruzaram com a defesa e valorização do património açoriano e realçar o seu papel (quer numa vertente privada, quer pública) na construção de um discurso identitário e de uma memória regional, dissonante do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX</p>
<p><b>Público-alvo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Público em geral, local, nacional e estrangeiro, em grupo ou isoladamente, integrado em visitas turísticas à cidade e aos seus monumentos;</li> <li>• Público escolar em visitas organizadas sobre as temáticas: história e património local, história militar</li> <li>• Ex-combatentes e militares no ativo, alunos de escolas e</li> </ul>

	<p>academias militares e de cursos de defesa, nacionais e estrangeiros;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Colecionadores de temáticas militares</li><li>• Estudantes e estudiosos das áreas do património</li><li>• Arquitetos, arquitetos paisagistas e engenheiros ligados ao património construído;</li></ul>
<b>Programa científico</b>	<p><b><i>Memória e novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o património açoriano</i></b> pretende ser uma exposição biográfica que documente a vida de Manuel Coelho Baptista de Lima (1920-1996) e, através dele, apresente as condições e as ações de defesa patrimonial desenvolvidas nos Açores, e particularmente na Terceira, durante o século XX, e propor a reflexão sobre o papel atual do seu legado.</p> <p>A exposição aborda as várias áreas do património que se cruzaram na vida de Baptista de Lima e o seu fascínio pela <i>novidade</i>, quer na recolha quer na disponibilização dos bens suscetíveis de construção da memória histórica, percebida fora do limitado mundo regional e nacional. A divulgação de conceitos e o estabelecimento de práticas significativas aproximaram as práticas de gestão e defesa patrimonial interpretadas no arquipélago de outros meios europeus e da sua relevância para o entendimento da génese da ação patrimonial pública regional.</p> <p>O título faz referência ao binómio matricial do desempenho de uma vida que decorreu entre a intenção de recolha, proteção e “construção” de uma memória, e a intuição da necessidade de utilização de modelos das novidades para a sua divulgação.</p> <p>Então, a exposição estará organizada em torno de quatro núcleos temáticos:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1 <u>Um espírito cosmopolita nas ilhas: Documentar uma vida</u> – em que, de um ponto de vista cronológico, se resume uma biografia com saliência para os momentos formativos, o envolvimento em diferentes instituições e organizações, o projeto cultural que o animou e o papel dos objectos e dos documentos nesse projeto;</li><li>2 <u>Em torno do património</u><ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O património arquivístico e bibliográfico – em que se alude ao panorama dos arquivos e das bibliotecas públicas regionais na primeira metade do século XX e se contextualiza a criação do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo;</li><li>2.2. O património construído – em que se reflete sobre as ações de inventariação e classificação de imóveis, e o acompanhamento de intervenções de salvaguarda desenvolvidas por BL na região, e o seu papel como delegado da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e vogal da Junta Nacional de Educação;</li><li>2.3. O património móvel - em que se alude ao panorama dos</li></ol></li></ol>

	<p>museus regionais na primeira metade do século XX e se contextualiza a criação do Museu de Angra do Heroísmo; se questiona a intenção de construção de um projeto cultural por BL e do papel do colecionismo pessoal nesse projeto;</p> <p><b>3</b> <u>O legado BL e a contemporaneidade</u> – em que se problematiza a pertinência e a modernidade dos projetos e dos organismos devidos a BL e o seu papel no atual contexto de defesa patrimonial</p> <p><b>4.</b> <u>Uma coleção e a construção de uma memória da ilha Terceira</u> – em que se mostra a coleção militar reunida e se discutem os avanços técnicos na produção de equipamentos e estratégias em situação de conflito bélico, e do papel dos Açores e da Terceira nas dinâmicas do domínio do Atlântico.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>LEITE, José Guilherme. “Manuel Coelho Baptista de Lima” in <i>Enciclopédia açoriana</i>. [on line], disponível em <a href="http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/">http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/</a></p> <p>MEDEIROS, Pedro Pacheco. s/d. “Os Arquivos da Região Autónoma dos Açores” [on line], disponível em <a href="http://www.madeira-edu.pt/ceha/tabid/1534/Default.aspx">http://www.madeira-edu.pt/ceha/tabid/1534/Default.aspx</a></p> <p>PORTUGAL. Leis, decretos, etc. - Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto. <i>Diário da República</i>. n.º 195, Iª série –A, de 19 de Agosto</p> <p>POUPIN, Benjamin. 2001. “Les expositions biographiques dans les musées” in <i>La lettre de l’ICOM</i>, Paris, n.77</p> <p>RIBEIRO, Maria M.V., 2012. “Uma questão de memória” in <i>Diário Insular</i>,</p> <p>IDEM. 2012. <i>Colecionar na periferia</i>. Ponta Delgada, Universidade dos Açores</p>
<p><b>Museografia</b></p>	
<p><b>Título e ficha técnica</b></p>	<p><b><i>Novidade e memória: Manuel Coelho Baptista de Lima e a defesa do património açoriano</i></b></p> <p><b>Ficha Técnica</b></p> <p><b>Produção</b></p> <p><b>Conceção, Museologia e textos</b></p> <p><b>Museografia</b></p> <p><b>Execução</b></p> <p><b>Montagem</b></p> <p><b>Conservação e Restauro</b></p>
<p><b>Núcleos:</b> subtítulos</p>	<p><b>1º núcleo</b></p> <p><b>Subtítulo</b> Um espírito cosmopolita nas ilhas</p>

<p>indicações museográficas</p>	<p><b>Indicações museográficas</b></p> <p>O conjunto dos textos deverão formar uma unidade em que se transmita o impulso internacional de BL e a ansia por um conhecimento tecnicamente especializado bebido em contextos europeus. Serão de salientar os périplos, as viagens e os organismos visitados, e os seus interlocutores que poderão ser ilustrados com lista de organismos visitados (mencionados nos <i>Relatórios do MAH</i>), lista de correspondentes (arquivo pessoal e cartas de Frederic Mauro, por ex.), catálogos e desdobráveis de museus, folhetos e bilhetes de viagens.</p> <p>De salientar que das fotografias a incluir serão utilizadas reproduções (em formato adequado/ampliado) enquanto os documentos gráficos deverão ser expostos em vitrina.</p> <p>Os textos e legendas deverão ter versões em Português e Inglês.</p>
	<p><b>2º núcleo – subnúcleo 2.1</b></p> <p><b>Subtítulo</b> Em torno do património: património arquivístico e bibliográfico</p> <p><b>Indicações museográficas</b></p> <p>O conjunto dos textos deverão formar uma unidade em que se transmita o interesse de BL em recolher e disponibilizar bens arquivístico e em dotar Angra do Heroísmo de um organismo com dimensão à escala nacional.</p> <p>Serão de salientar as inovações técnicas e espaciais implementadas nos organismos ilustrados por imagens fotográficas, plantas, publicações periódicas etc.</p> <p>De salientar que das fotografias a incluir serão utilizadas reproduções (em formato adequado/ampliado) enquanto os documentos gráficos deverão ser expostos em vitrina e/ou reproduzidos.</p> <p>Os textos e legendas deverão ter versões em Português e Inglês</p>

## **2º núcleo – subnúcleo 2.2**

**Subtítulo** Em torno do património: O património construído

### **Indicações museográficas**

O conjunto dos textos deverão formar uma unidade em que se transmita o papel fundamental de BL na patrimonialização de imóveis e o carácter regional da sua ação, o pioneirismo na deteção e levantamento de bens e a exaustividade dos seus levantamentos.

Serão de salientar todos os imóveis que propôs para classificação e a sua situação atual, através de painel fotográfico enriquecido com elementos/fragmentos de construções como os merlões da Igreja de S. Sebastião.

Das fotografias a incluir serão utilizadas reproduções (em formato adequado/ampliado) enquanto os documentos gráficos deverão ser expostos em vitrina.

Os textos e legendas deverão ter versões em Português e Inglês

## **2º núcleo – subnúcleo 2.3.**

**Subtítulo** Em torno do património: O património móvel

### **Indicações museográficas**

O conjunto dos textos deverão formar uma unidade em que se transmita a relação de BL com os objectos, em particular com os de temática militar; a obsessão das incorporação e aquisições e a visão estratégica explicativa que lhes conferia. Por isso, deverão ser de privilegiar as grandes concentrações claustrofóbicas de objectos, as relações entre eles e as museografias tipo “*serial*” e “*em panóplia*” característica de BL. Das fotografias a incluir serão utilizadas reproduções (em formato adequado/ampliado) enquanto os documentos gráficos deverão ser expostos em vitrina.

As peças de vestuário deverão ser expostas em manequim (as selecionadas) e em malas e arcas. Poderá prever-se uma mimetização de interior doméstico em que seja dominante o

	<p>preenchimento caótico do espaço. Os textos e legendas deverão ter versões em Português e Inglês</p> <hr/> <p><b>3º núcleo</b> <b>Subtítulo</b> O legado de Baptista de Lima e a contemporaneidade</p> <p><b>Indicações museográficas</b> O conjunto dos textos deverão formar uma unidade em que se transmita a relação de BL com os objectos, em particular com os de temática militar; a obsessão das incorporação e aquisições e a visão estratégica explicativa que lhes conferia. Por isso, deverão ser de privilegiar as grandes concentrações claustrofóbicas de objectos, as relações entre eles e as museografias tipo “<i>serial</i>” e “<i>em panóplia</i>” característica de BL. Das fotografias a incluir serão utilizadas reproduções (em formato adequado/ampliado) enquanto os documentos gráficos deverão ser expostos em vitrina.</p> <p>As peças de vestuário deverão ser expostas em manequim (as seleccionadas) e em malas e arcas. Poderá prever-se uma mimetização de interior doméstico em que seja dominante o preenchimento caótico do espaço.</p> <p>Os textos e legendas deverão ter versões em Português e Inglês</p> <p><b>4º núcleo</b> <b>Subtítulo</b> O conflito e as armas na História</p> <p><b>Indicações museográficas</b> O conjunto de peças deverá transmitir a evolução das armas e das técnicas de confronto e remeter, sempre que possível, para a informação do centro de documentação.</p>
--	---

<b>Guião sequencial de peças, materiais gráficos e audiovisuais</b>		
	<b>Designação</b>	<b>Local atual</b>
<b>1º núcleo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Caderneta escolar, cadernos de apontamentos e cartões de estudante e diplomas</li> <li>▪ Fotografias dos períodos de formação e de marcos de vida</li> <li>▪ Correspondência diversa</li> <li>▪ Catálogos e desdobráveis de museus e exposições</li> <li>▪ Documentação de viagens (bilhetes, roteiros)</li> <li>▪ Fotografia (?) emoldurada de BL (s/ inventário)</li> <li>▪ Retrato da autoria de Vitor Câmara mencionado no catálogo da exposição de 1952</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL e Reserva de Documentos Gráficos</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Reserva de Pintura</li> <li>▪ Desconhecido</li> </ul>
<b>2º núcleo</b> —subnúcleo 2.1	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Manuscritos: a) <i>A riqueza documental da Nação</i>; b) provas do <i>Boletim do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo</i>; c) <i>Relatório da Comissão de Serviços na Horta</i></li> <li>▪ <i>Diário Insular</i> de 24 de Outubro de 1948</li> <li>▪ <i>Diário Insular</i> de 1 de Abril de 1953</li> <li>▪ Fotografias da Biblioteca de Évora, Assembleia Nacional e Arquivo Distrital de Angra</li> <li>▪ <i>Projeto das obras de reparação, modificação e ampliação do edifício destinado a museu e arquivo distrital</i>. Angra do Heroísmo, Abril de 1950</li> <li>▪ Maço de correspondência das Bibliotecas Fixas e Itinerantes da FCG</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Reserva de Documentos Gráficos</li> <li>▪ ???????</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> </ul>
<b>2º núcleo</b> —subnúcleo 2.2	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Merlões da Igreja de S. Sebastião</li> <li>▪ Manuscritos a) <i>A igreja de S. Sebastião da ilha Terceira</i></li> <li>▪ Exemplar do <i>Diário Insular</i> de 4 de Novembro de 1948</li> <li>▪ Dossier de processos de classificação de imóveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reserva de espécies em pedra</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fotografias e levantamentos de imóveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Arquivo Morto</li> <li>▪ Arquivo Morto e Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪</li> </ul>
<p><b>2º núcleo</b> —subnúcleo 2.3</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Plantas do MAH (Palácio Bettencourt e Edifício de S. Francisco)</li> <li>▪ Fotografias do edifício e das áreas expositivas do MAH</li> <li>▪ Relatórios do MAH</li> <li>▪ Conjunto de fardamentos e acessórios militares da coleção BL (não inventariados)</li> <li>▪ Cartazes, miniaturas e bibelots diversos de temática militar (não inventariados)</li> <li>▪ Malas de viagem, caixas, arcas e guarda-fatos da coleção BL</li> <li>▪ 3 dossiers de recortes de imprensa (Fevereiro a Dezembro de 1955)</li> <li>▪ Gravuras emolduradas (s/ inventário) - a) <i>Soldados Armados da legião de tropas ligeiras, 1795</i>; b) <i>Manoeuvres d'artillerie</i>; c) <i>2nd Foot Gards</i>; d) <i>Estampa do Livro de Arte de Cavalaria</i></li> <li>▪ Conjunto de moedas diversas</li> <li>▪ Coleção das <i>Ordens do Exército</i></li> <li>▪ Conjunto de bandeiras (coleção BL não incorporadas ao acervo)</li> <li>▪ Fardamento do General Pedro de Paula Machado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Biblioteca/Arquivo BL e Centro de Documentação do MAH (?)</li> <li>▪ Reserva de Documentos Gráficos</li> <li>▪ Centro de Documentação do MAH</li> <li>▪ Reserva de Têxteis I e II</li> <li>▪ Reserva Militar II e Reserva de Documentos Gráficos</li> <li>▪ Armazém da Canada de Belém</li> <li>▪ ???????</li> <li>▪ Reserva de pintura</li> <li>▪ Reserva de Pintura / Cofre</li> <li>▪ Centro de Documentação do MAH e/ou Biblioteca/Arquivo BL</li> <li>▪ Reserva de Têxteis I</li> <li>▪ Reserva de Têxteis I</li> </ul>
<p><b>3º núcleo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Imagens fotográficas atuais dos organismos criados por BL</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A realizar</li> </ul>
<p><b>4º núcleo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Armas ligeiras e pesadas (a designar)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reserva Militar</li> </ul>



## Anexo 1 – Transcrição do Inquérito do IHIT

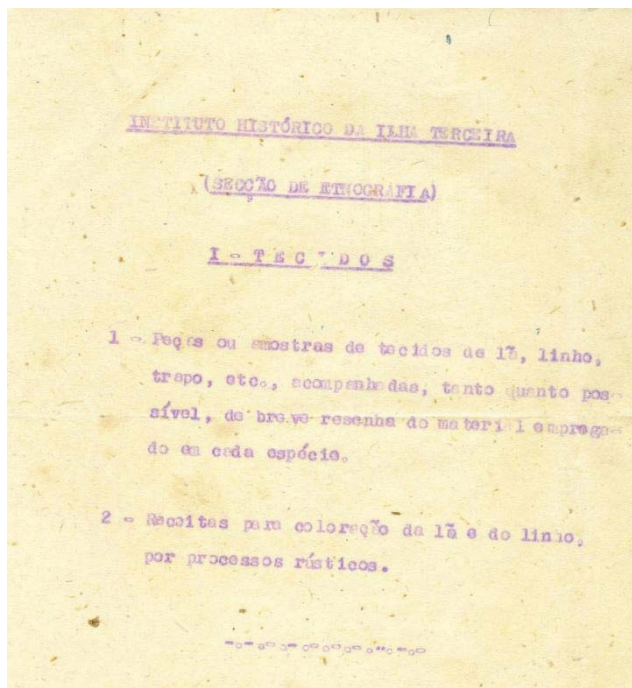


Fig. – 1ª Página do inquérito do IHIT

### Instituto Histórico da Ilha Terceira (Secção de Etnografia)

#### I – Tecidos

1. Peças ou amostras de tecido de lã, linho, trapo, etc., acompanhadas, tanto quanto possível, de breve resenha do material empregado em cada espécie.
2. Receitas para coloração da lã e do linho, por processos rústicos.

#### II – Bordados

1. Amostras de bordado caseiro, antigo.
  2. Lenços bordados (marôtos).
  3. Entremeios e rendas de ilhós.
  4. Indicação das peças do bragal em que são empregados.
- N.B. – Não interessa o bordado industrial.

#### III – Trajo popular

Trajos antigos em desuso, sua descrição tanto quanto possível acompanhada de desenhos, moldes, fotografias de peças de vestuário ainda que muito deterioradas pelo tempo de (*ilegível*)

#### **IV – Arte popular**

1. Flores (de papel, de penas, de escamas, de pano, de miolo de figueira, hortense, sabugueiro etc.) em papel recortado ou frisado.
2. Mosqueiros, franjas etc. em papel recortado ou frisado.
3. Cestos, cabazes, cestas, tabuleiros (em vimes, canas etc.)
4. Isqueiros (de cana, de bucho, de sabugueiro de osso de baleia etc.)
5. Bolsas de crochet para relógios e dinheiro.
6. Registos de santos.
7. Bonecos com trajes regionais.
8. Objectos decorativos em osso de baleia.

#### **V – Jogos**

- 1- Descrição e regras, ainda que muito resumidas, dos seguintes jogos:
  - a) Bilro;
  - b) Bilharda;
  - c) Emboca;
  - d) Eixo rebaldeixo;
  - e) Garalha;
  - f) Jogo do Pau.
2. Jogos de cartas:
  - a) Bisca lambida;
  - b) Truc.

#### **VI – Brinquedos**

Bonecos de trapo  
Juntas de bois feitas com socos de milho  
Carros de 1 roda (de cana)  
Carros de 2 rodas  
Carros de ladeira  
Marradeiras  
Satil (de cana)  
Gaiolas (de cana)  
Armadilhas para pássaros  
Espingardas (de cana)  
Espadas (de cana, de madeira etc.)  
Moinhos de vento e de água  
Arados, grades, utensílios diversos  
Rocas, fusos etc.  
Piorras, e berimbaus

Gaitas (de cana, de faia etc.)  
Cataventos  
Barcos (de madeira, decana, de casca de pinho)  
Carrinhos, touris e aljavas para grilos  
Estalos (de cana, de sabugueiro etc.)  
Matracas (de madeira, de cana etc.)  
Fundas e flechas  
Arco (livre e conduzido)

## **VII – Superstições**

1. Amuletos (sinos-saimões, galhaduras, unicórnios, figas etc.).
2. Rezas contra quebrantos e maus-olhados.

## **VIII – O “Espírito Santo” na linguagem popular**

Frases, ditos, cantigas em que se faça referência às festas do Espírito Santo ou a factos, pessoas ou entidades com eles relacionados.

## Anexo 2 - Documentação do Curso de História de Arte

BIBLIOGRAPHIE POUR LE COURS  
D'HISTOIRE GENERALE DE L'ART DE 1<sup>re</sup> ANNEE

COURS DE Mr. JOFFROY

- H. RUBIN, L'Eveil de l'Humanité - Corrèze - Paris 1956
- ✗ - BREUIL, 400 siècles d'Art Parisétal.
- LEROI-GOURHAN, Préhistoire de l'Art occidental- Mazenod.
- GOURY, Origine et Evolution de l'Homme.
- ✗ - PAOLO GRAZIOSI, L'Arte dell'Antica eta della pittura
- ✗ - PEYRONI, Eléments de Préhistoire.

COURS DE Mr. AMIET

- ✗ - RENE HUYGHE, L'Art et l'Homme.
- ✗ - ANDRE PARROT, Sumer Assur Archéologie Mésopotamienne; Tomes 1 et 2
- ✗ - GEORGES COHENAU, Manuel d'Archéologie Orientale ; 4 tomes.
- FRANKFORT, Art and Architecture of Ancient Orient.

COURS DE Mrs MOLLARD-BESQUES

- ✗ - P. DEMARCHE, Les commencements de l'Art grec-Coll. L'Univers des Formes - 1964
- J. CHARBONNEAU, L'Art égéen, 1929.
- R. GIMONDES, L'Art Grec, 1964- Coll. Les Neuf muses. P.U.F.
- ✗ - F. CHAMOUX, La Civilisation grecque, 1963 - Les grandes civilisations - chez Arthaud.
- ✗ - G. Ch. PICARD, L'Art romain, 1963 - Les neuf Muses, P.U.F.
- ✗ - P. GRIMAL, la Civilisation romaine; 1950 - Chez Arthaud.

BIBLIOGRAPHIE POUR LE COURS  
D'HISTOIRE GENERALE DE L'ART, 2<sup>e</sup> ANNEE

COURS DE Mlle AUSOYER

- ✗ - Jeannine AUSOYER, Les arts de l'Asie orientale et de l'Extrême-Orient; coll. "Que sais-je ?", n° 77, nouvelle édition ; 1964 P.U.F.
- L'Art et l'Homme, direction René HUYGHE, 3 volumes, Paris, Larousse, 1957-1960. - Les chapitres concernant l'Asie.
- Roman GERSHMAN, L'Iron, des origines à l'Inlan, Paris, Payot 1951.
- Jeannine AUSOYER, Arts et Styles de l'Inde, coll. "Arts, styles et techniques", Paris, Larousse, 1951.
- Bernard GROSlier, Indochina, carrefour des arts, collection "L'art dans le monde", Paris, Albin Michel, 1951.
- Madeleine PAUL-DAVID, Arts et Styles de la Chine, collection "Arts, styles et techniques" Paris, Larousse, 1951.
- Aspects de la Chine, vol. II, "Bibliothèque de diffusion" Musée Guimet, Paris, P.U.F., 1950.
- Pétar SHAMI, L'art de la Chine, de la Corée et du Japon, collection "Le Louche de l'Art", Paris, Larousse, 1964.

COURS DE Mlle BEAULIEU

ART PRÉ-ROMAN

- ✗ - L. BREHIER, L'art en France, des invasions barbares à l'époque romane, 1930.
- ✗ - Jean HUBERT, L'art pré-roman, 1938.
- ✗ - PUGI CADAFALCH, L'art visigothique et ses survivances. Recherches sur les origines et le développement de l'art en France et en Espagne du IV<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle, 1961.
- ✗ - J. BAUM, La sculpture figurale en Europe à l'époque mérovingienne, 1937.
- Françoise HENRY, L'art irlandais, Zodiaque, 1963-64.
- R. HINKS, Carolingian Art, Londres, 1935.
- HASLOFF, Proromanesque sculpture in Italy, Florence, 1932.

ART ROMAN

- ✗ - L'Art roman en France présenté par Marcel Aubert, Flammarion, 1961.
- LASTEYRIE, L'architecture religieuse en France à l'époque romane, 2<sup>e</sup> édition, 1936-37.
- M. AUBERT et J. VERRIER, L'architecture en France des origines à la fin de l'époque romane (coll. des précis d'histoire de l'art) 1941.
- ✗ - H. FOUILLOU, L'art des sculpteurs romans, nouvelle édition 1964.
- ✗ - M. AUBERT, La sculpture française du Moyen Âge, 1946.

Et pour les planches tout le collection "Zodiaque" Bouffonisme Gothique etc...etc... et les volumes de la coll. "Art et Paysage" Arthaud : CH. COURSI, L'art de Bourgogne ANDRÉ VILLARD, L'art de Provence HENRY NAUDET, L'art breton HANS SAU, L'art d'Alsace, etc... qui pourront également être utilisés pour les périodes gothique et Renaissance.

- T.S.R. BOASE, English Art, 1100-1216, Oxford, 1953.
- HAROLD HUGHES, L'art roman du Saint-Empire, Paris, 1963.
- DURLIAT, L'art roman en Espagne, Braun, 1962.
- BRITRICH DECKER, L'art roman en Italie, Paris, 1958.

ART-GOTHIQUE

- ✗ - M. AUBERT, Cathédrales et trésors gothiques de France, 1956.
- ✗ - F. GALET, L'art gothique (Les neuf muses) 1963
- M. AUBERT, Le gothique à son apogée, 1964, "L'art dans le Monde", A. Michel.
- LASTEYRIE, L'architecture religieuse en France à l'époque gothique, 1934-1937.
- ✗ - M. AUBERT et J. VERRIER, L'architecture française à l'époque gothique, 1953 (coll. des précis d'histoire de l'art).
- ✗ - M. AUBERT, La sculpture française au Moyen Âge, 1946
- A. LAFAYRE, Des façades occidentales de St Denis et de Chartres aux portails de Leon, 1960.
- P. VITRY, La sculpture française sous le règne de St Louis (1226-1270), 1939.

- 3 -

- M. de SEVOTTE, La sculpture... dans la région de Toulouse, Albi et Rodez, 1935.
- H. DAVID, Claus Sluter, 1961.
- P. PRADÉL, Michel Colombe, le dernier imagier gothique, 1963.
- F. BOND, Gothic architecture in England, 1913.
- A. GARDNER, English medieval sculpture, 1961.
- E. LANBERT, L'art gothique en Espagne aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles, 1931.
- H. DECKER, L'Italie gothique, Paris, 1964.
- W. FINDER, Die deutsche Plastik, 1938.
- LAURENT, L'architecture et la sculpture en Belgique, 1928.

ART DE LA RENAISSANCE

- F. GIBELIN, Le style Renaissance, Arts, styles et Techniques, 1942.
- H. BRION, Maître de la Renaissance, 1948.
- L. RAUTECOEUR, Histoire de l'architecture classique en France, t.I, 1943.
- KOECHLIN et MARQUET de VASSELOT, La sculpture à Troyes et dans la Champagne méridionale au XVI<sup>e</sup> siècle, 1900.
- H. DAVID, De Sluter à Sansón, 3 vol. 1933. et de nombreuses monographies d'artistes : - P. RUIS, Kluge Rödiger, 1911. - L. DEHNE, Le Primitivo, 1926. - J. SABELON, H. Pilon, 1928. - P. de COLOMBIER, Jean Goujon, 1953 etc...
- ✗ - V. GROMONT, Histoire abrégée de l'architecture de la Renaissance en Italie, 1916.
- C. RICCI, L'Architettura del Cinquecento in Italia, 1929 (traduction Jouvette).
- CH. M. BRYLOND, La sculpture florentine, 4 vol.
- E. de TOLMAY, Michel-Ange, 1961.
- ✗ - Elie LAIBERT, L'art en Espagne et au Portugal, 1946.
- DIEZELAPOY, Le statuaire polychrome en Espagne, 1908.
- ✗ - P. VITRY, Essai sur l'œuvre des sculpteurs français au Portugal, 1933.
- A. FEUILLIER, Die deutsche Plastik des XVI. Jahrhunderts, Munich, 1927.

## **Fontes e Bibliografia**

### Fontes manuscritas

LIMA, Manuel Coelho Baptista de. 1949. *O Museu Regional de Angra do Heroísmo. Organização. Instalação. Problemas a considerar no plano de actividades para o próximo ano.*

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO. Espólio Baptista de Lima: Correspondência recebida e enviada (1938-1996)

RIBEIRO, Luís da Silva. 1940. *Museu Distrital Almeida Garrett de Angra do Heroísmo: Plano Geral do Museu e Projecto de Regulamento Interno. Relatório apresentado à Junta Geral Autónoma do distrito em Novembro de 1940*

### Fontes impressas

ANDRADE, Ernesto Beleza de (Coord.). 1940. *Anuário da Universidade de Lisboa. Ano Escolar de 1938-39.* Lisboa, Tip. António d'Almeida

ANUÁRIO DA JUNTA GERAL AUTÓNOMA DE ANGRA DO HEROÍSMO. ANO ECONÓMICO DE 1930-31. 1931, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade

ANUÁRIO DA JUNTA GERAL. DISTRITO AUTÓNOMO DE ANGRA DO HEROÍSMO. GERÊNCIA DE 1949. 1950, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade

ANUÁRIO DA JUNTA GERAL. DISTRITO AUTÓNOMO DE ANGRA DO HEROÍSMO. 1950. 1951, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade

ANUÁRIO DA JUNTA GERAL. DISTRITO AUTÓNOMO DE ANGRA DO HEROÍSMO. GERÊNCIA DE 1951. 1952, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade

ANUÁRIO DA JUNTA GERAL. DISTRITO AUTÓNOMO DE ANGRA DO HEROÍSMO. 1952-53. 1954, Angra do Heroísmo, Tipografia do *Diário Insular*

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de. 1921. "Organização de Museus em Ponta Delgada"; in *Revista Michaelense*, 3. Ponta Delgada: 1238-1259.

\_\_\_\_\_ 1921. *Catálogo da Secção de Arte do Museu Municipal de Ponta Delgada.* Ponta Delgada, Museu Carlos Machado. Tipografia Ruy Moraes.

\_\_\_\_\_. 1944. *As secções de arte e etnografia do Museu de Ponta Delgada* Dr. Carlos Machado. Ponta Delgada, Edição do Autor.

\_\_\_\_\_. 1955. "A secção de arte do Museu de Ponta Delgada e a sua missão educativa"; in *Livro do Primeiro Congresso Açoriano que se reuniu em Lisboa de 8 a 15 de Março de 1938*. Ponta Delgada, Jornal de Cultura: 204-208.

\_\_\_\_\_. 1974. *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ANGRA DO HEROÍSMO. Relatórios de Atividades. Anos de 19 a 1976

CAMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO. *Relatório da gerência dos Serviços Municipalizados*. Anos de 1959 a 1964. Angra do Heroísmo, Tipografia Moderna

LIMA, Manuel Coelho Baptista de. 1979. *The military section of the Angra do Heroísmo Museum*. Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO. *Lista das espécies de maior interesse que se guardam neste museu, elaborada nos termos do despacho de Sua Excelência o Ministro da educação nacional de 11 de Outubro de 1968*. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO. RELATÓRIOS DE ACTIVIDADES. Anos de 1965 a 1985.

\_\_\_\_\_. 1969. *Roteiro*. Angra do Heroísmo

\_\_\_\_\_. 1989. *Roteiro*. Angra do Heroísmo

## Legislação

Lei 107/2001. *Diário da República*, Iª Série - A, n.º 209 de 8 de Setembro (Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural)

Lei n.º 46/2007. *Diário da República*, Iª Série, n.º163 de 24 de Agosto (Lei de acesso aos documentos administrativos e sua reutilização)

Decreto-Lei n.º 30214. *Diário do Governo*, Iª Série, n.º 298 de 22 de Dezembro de 1939 (Estatuto dos Distritos Autónomo das ilhas adjacentes e orgânica das respectivas Juntas Gerais)

Decreto-Lei n.º 46349. *Diário do Governo*, Iª Série, n.º 144 de 22 Maio de 1965 (Regimento da Junta Nacional de Educação e define as atribuições das suas secção)

Decreto-Lei n.º 408/78. *Diário da República*, Iª Série, n.º 290 de 19 de Dezembro (Transfere para os órgãos regionais as competências em matéria de cultura)

Decreto-Lei n.º 16/93. *Diário da República*, Iª Série - A, n.º19 de 23 de Janeiro (Estabelece o regime geral dos arquivos e do património arquivístico)

Decreto-Lei n.º 37358. *Diário do Governo*, Iª Série, n.º 65 de 30 de Março de 1949 (Cria o Museu Regional de Angra do Heroísmo)

### Legislação regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 21/77. *Jornal Oficial*, Iª Série, n.º 7 de 18 de Julho de 1977 (Criação do Museu da Horta)

Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77. *Jornal Oficial*, Iª Série, n.º 12 de 14 de Outubro de 1977 (Criação nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, S. Jorge, Flores e Corvo de instituições culturais denominadas "Casa de Etnografia")

Decreto Regulamentar Regional n.º 40/91/A. *Jornal Oficial*, Iª Série, de 25 de Novembro (Regime Geral dos Museus da Região Autónoma dos Açores)

## **Bibliografia**

### 1. Metodologia e conceitos

#### 1.1. Coleccionismo, coleções e colecionadores

AKIN, Marjorie. 1995. "Passionate Possession. The Formation of Private Collections" in KINGERY, David (ed.) *Learning From Things. Method and Theory of Material Culture Studies*, Washington / London, Smithsonian Institute Press, 1995, pp.102-128

BELK, Russel W. 1994. "Collectors and collecting" in PEARCE, Susan (ed.) *Interpreting objects and collections*. London/New York: Routledge, pp.317-326

\_\_\_\_\_. 1995. *Collecting in a consumer society*. Londres, Routledge

BENJAMIN, Walter. 2007. “Unpacking my library: a talk about book collecting” in *Illuminations: essays and reflections*. New York, Schocken Books

BRILLIANT, Virginia. 2011. “A museum of one’s own: private collection, public brift” in *Journal of the History of the Collections*, Oxford, Oxford University, vol. 23, n.º 1, pp. 201-202

CASE, Mary. 1993. “GS1016 museum specialist” in *Museum Internacional*. Paris, UNESCO, vol. XLV:4, pp.22-26

COSTA, Paulo de Freitas. 2007. *Sinfonia de objetos: a coleção de Ema Gordon Klabin*. São Paulo: Ed. Iluminuras

DESVALLÉ, André (dir.). 2010. *Concepts clés de museologie*. ICOM. [on line] Disponível em <http://icom.museum/professional-standards/key-concepts-of-museology/>. [Acedido em 18 de Dezembro de 2011]

FERNANDEZ, Luis Alonso. 1999. *Introducción a la nueva museologia*. Madrid: Alianza Editorial

FORMANEK, Ruth. 1994. “Why they collect: collectors reveal their motivations” in PEARCE, Susan (ed.) *Interpreting objects and collections*. London/New York: Routledge, pp.327-335

HAINARD, Jacques.1983. “Collections Passion” in *Museum Internacional*. Paris, UNESCO, vol. XXXV:3, pp.157-158

JANEIRA, Ana Luísa. 2005. “A configuração epistemológica do colecionismo” in *Episteme*. Porto Alegre, Jan. – Jun. 2005, n.º 20, pp. 25-36

\_\_\_\_\_. “Primórdios do colecionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto” in *Memorandum 10* [on line]. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/janeira01.pdf>. [Acedido em 23 de Maio de 2011]

MATEO, Soledad Pérez. 2010. “El interior doméstico: retrato del coleccionista del siglo XIX” in *Actas do Iº Seminário de Investigação em museologia dos Países de língua Portuguesa e Espanhola*, Porto; Fundação António Cupertino de Miranda em Outubro de 2009, vol. I, pp.353-363

O'REILY, P. 2006. "As coleções privadas", in Jean Poirier (Coord). *Historia dos Costumes*, vol. 10, Lisboa, Editorial Estampa, 2006

PEARCE, Susan Mary (ed.). 1989. *Museum studies in material culture*. London, Leicester University Press

\_\_\_\_\_.1991. "Collecting reconsidered" in Kavanagh. G.(ed.) *Museum Languages*. Leicester, Leicester University Press, pp. 135-153 (também publicado in *Interpreting Objects ad collections*. 1994. Pearce, Susan (ed.)

\_\_\_\_\_.1992. "Collecting: body and soul" in *Museums, objects and collections: a cultural study*. Leicester, Leicester University Press, pp. 37-67

\_\_\_\_\_.1994."The urge to collect" in PEARCE, Susan (ed.) *Interpreting objects and collections*. London/New York: Routledge, pp. 157-159

\_\_\_\_\_.1995. *On collecting: an investigation into collecting in the European tradition*. Londres, Routledge

\_\_\_\_\_. 1999. "Collections and collecting" in KNELL, Simon (ed.) *Museums and the future of collecting*. Aldershot (GB) / Vermont (USA): Ashgate Publishing Limited, pp.17-21

PIGUET, Philippe. 1995. "De la Collection en Général, et de L'œil du Collectionneur en Particulier". — L'Œil. — N° 68 (janv./févr. 1995). — Entrevue avec Krzysztof Pomian. — P. 50-51

POMIAN, Krzysztof. 1984. "Coleção" in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol., pp.51-86

\_\_\_\_\_. 1994. "The collection: between the visible and the invisible" in PEARCE, Susan (ed.) *Interpreting objects and collections*. London/New York: Routledge, pp. 160-174

STEWART, Susan. 1994. "Objects of desire" in PEARCE, Susan (ed.) *Interpreting objects and collections*. London/New York: Routledge, pp. 254-257

WESSEL, R. 2009. "Collecting for posterity; two dutch art collectors in the nineteens century and their bequest to the nation." In *Journal of the History of the Collections*, Oxford, Oxford University, vol. 21, n.º 2, pp.163-171

## 1.2. Sistemas de gestão da informação

BORGES, Leonor Calvão. 1993. “Fontes de História Local: os espólios e arquivos pessoais nos Arquivos Municipais” in *Atas do IIIº Encontro Nacional de Arquivos* [on line]. Disponível em <http://bad.pt/publicacoes/index.php/arquivosmunicipais/article/view/104/82> [Acedido em 23 de Maio de 2012]

CAMARGO, ANA Maria de Almeida. 1988. “Arquivos pessoais: uma proposta de descrição” in *Boletim Histórico e Informativo*. S. Paulo, vol. 9, n.º1, pp. 21-24

CORTÊS, Cristina e RAPOSO, Rui. 2012. “A harmonização normativa em Instituições de Memória: os desafios e dificuldades na interoperabilidade” in *Actas do 11º Congresso Nacional de Bibliotecários, arquivistas e Documentalistas* [on line]. Disponível em <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/435>. [Acedido em 23 de maio de 2012]

LOUREIRO, José Mauro Matheus. 2005. “O objecto de estudo da museologia” in *Museus: instituição de pesquisa* (GRANATO, Marcus e SANTOS, Claudia Penha de. Org.). Rio de Janeiro, MASP Colloquia, n.º 7, pp. 25-36

MARQUES, Isabel da Costa. 2010. *O museu como sistema de informação*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado [on line]. Disponível em [http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/FTESEMESISABELM ARQUES000124492.pdf&ei=JYBIUZqgM8SYhQfzkICgBw&usg=AFQjCNGAFt54bEL-LcBDHz5HfJPuDp66IQ&sig2=Bj1sl2SUpj99JIOF4NRqZg](http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/FTESEMESISABELM%20ARQUES000124492.pdf&ei=JYBIUZqgM8SYhQfzkICgBw&usg=AFQjCNGAFt54bEL-LcBDHz5HfJPuDp66IQ&sig2=Bj1sl2SUpj99JIOF4NRqZg) . [Acedido em 29 de julho de 2012]

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. 2007. *Os sistemas de informação na gestão de colecções museológicas. Contribuições para a certificação de museus*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado [on line]. Disponível em [http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/FTESEMESISABELM ARQUES000124492.pdf&ei=JYBIUZqgM8SYhQfzkICgBw&usg=AFQjCNGAFt54bEL-LcBDHz5HfJPuDp66IQ&sig2=Bj1sl2SUpj99JIOF4NRqZg](http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55282/2/FTESEMESISABELM%20ARQUES000124492.pdf&ei=JYBIUZqgM8SYhQfzkICgBw&usg=AFQjCNGAFt54bEL-LcBDHz5HfJPuDp66IQ&sig2=Bj1sl2SUpj99JIOF4NRqZg) . [Acedido em 29 de julho de 2012]

MEDEIROS, Alia Lígia Silva, COSTA, Célia M. L. e LAHMEYER, Lúcia L. (Coords). 1986. *Procedimentos técnicos em arquivos privados*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas

ROSA, Clara Costa. 2007. “Aspectos legais associados aos arquivos privados: acesso e enquadramento legal”. *Comunicações ao VIIIº Encontro Nacional de Arquivos Municipais*. [on line] Disponível em [www.apbad.pt/Downloads/GT\\_Downloads/documentos.pdf](http://www.apbad.pt/Downloads/GT_Downloads/documentos.pdf). [Acedido em 5 de Agosto de 2012]

ROSA, Clara Costa. “Divulgação de documentos referentes à intimidade da vida privada e familiar de outrem: responsabilidade civil” [on line]. Disponível em [www.apbad.pt/Downloads/GT\\_Downloads/documentos.pdf](http://www.apbad.pt/Downloads/GT_Downloads/documentos.pdf). [Acedido em 5 de Agosto de 2012]

SANTOS, Maria João. 2005. *Radiografia documental dos museus portugueses: inquérito de avaliação da documentação enquanto processo*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Dissertação de mestrado

SILVA, Armando B. Malheiro da. 2002. “Arquivística, biblioteconomia e museologia. Do empirismo patrimonialista ao paradigma imergente da ciência da informação”. In *Separata dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

\_\_\_\_\_. 2004. “ Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo” in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. 3, série 1, pp. 55-84

SILVEIRA, Luís. 2002. “Os dados pessoais e os arquivos” in *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. Cadernos BAD, Lisboa, n.º 001, pp.47-56

VINCENT, Suzanne. 1996. “Gestion, traitement, conservation et diffusion des documents dans les musées: la place de l’archiviste” in *Archives* , vol. 27, n.º 3

#### 4. Estudos de museologia, património e colecionismo em Portugal

BAETA, Ricardo Manuel Mendes. 2010. *Colecionismo privado no Porto. Coleções e colecionadores de arte na revista Ilustração Moderna (1926-1932)*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado [on line] Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/browse?type=author&value=Baeta%2C+Ricardo+Manuel+Mendes> [Acedido em 10 de janeiro de 2012]

BRIGOLA, João Carlos Pires. 2000. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Universidade de Évora. Tese de doutoramento [doc. policopiado]

COSTA, Maria Madalena G.F. Cardoso da. 2011. “Museus e educação no período do “Estado Novo”: o papel de João Couto (1928-1964)” in *Idearte* –

*Revista de Teorias e Ciências da Arte*, Ano VII, n.º 7. [on line] Disponível em [www.idearte.org/revista-idearte](http://www.idearte.org/revista-idearte). [Acedido em Abril de 2012]

GOUVEIA, Henrique Coutinho. 1985. “Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo” in *Separata de Bibliotecas, Arquivos e Museus*, Lisboa, IPPC, vol. 1, tomo II, pp.485-520

NETO, Maria João Baptista. 2007. “Colecionadores e Connaisseurs de Obras de Arte” in *Separata da Revista ARTIS*, Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, N.º 6 / Dezembro

PEREIRA, Helena. 2012. *Biografia(s) da coleção ed vidro do museu acional Machado de castro ou Sobre o claro-escuro das coisas*. Porto, faculdade de letras da Universidade do porto. Dissertação de mestrado [Doc. policopiado].

PINHAL, Teresa. 2011. *O colecionismo em José Régio*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado [on line]. Disponível [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Faleph20.letras.up.pt%2Fexlibris%2Faleph%2Fa20\\_1%2Fapache\\_media%2F67JY8N7VDFLVVQIMG5N2B1MM54VQSL.pdf&ei=MIVIUfroFNHy7AbGx4HoBA&usg=AFQjCNFhAD20KVybok0EO-TR4MnXf\\_2EQ&sig2=4nYYf\\_jNRZG\\_-ypSKVU20Q](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Faleph20.letras.up.pt%2Fexlibris%2Faleph%2Fa20_1%2Fapache_media%2F67JY8N7VDFLVVQIMG5N2B1MM54VQSL.pdf&ei=MIVIUfroFNHy7AbGx4HoBA&usg=AFQjCNFhAD20KVybok0EO-TR4MnXf_2EQ&sig2=4nYYf_jNRZG_-ypSKVU20Q). [Acedida em 17 de Julho de 2012]

SANTOS, Paula Maria Mesquita Leite. 1996. *João Allen (1781- 1848). Colecionador e fundador de um museu*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado [on line]. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/.../2/agostinhoaraujopintura000121162.pdf> [Acedida em 17 de Julho de 2012]

SEMEDO, Alice. 2010. “Estudos e Gestão de Coleções: Práticas de Formação e Investigação” in GRANATO, Marcus (Coord.) *Coleções Científicas e de Ensino*, Rio de Janeiro: MAST – Ministério Ciência e Tecnologia, pp. 291-312. [on line] Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/48093458/Semedo-Alice-2010-estudos-e-gestao-de-colecoes-praticas-de-formacao-e-investigacao>. [Acedido em 20 de Julho de 2012]

\_\_\_\_\_. 2005. “Políticas de gestão de colecções” in *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, 1ª série, Vol. IV. pp. 305-322. [on line] Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/13290948/SEMEDO2005Politicade-gestao-de-colecoes>. [Acedido em 20 de Julho de 2012]

\_\_\_\_\_. 2011. “Cuestiones sobre democracia y otros hechizos:(Des)armonía en los museos, in RICO, Juan Carlos (Coord.). *Museos: del templo al laboratorio*, Madrid: SILEX Ediciones, pp. 267-284. [on line] Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/59867820/Semedo-Rico-Isbn>. [Acedido em 20 de Julho de 2012]

\_\_\_\_\_. 2003. “ O panorama profissional museológico português. Algumas considerações.” In *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 1ª série, Vol. 2. pp. 165-181. [on line] Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2913.pdf>. [Acedido em 20 de Julho de 2012]

\_\_\_\_\_. 2004. “Da invenção do museu público” in *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 1ª série, Vol. 3. pp. 129-136. [on line] Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4087.pdf>. [Acedido em 20 de Julho de 2012]

SERRÃO, Victor. 2001. “As coleções artísticas Sousa e Holstein / Palmela: notas sobre um recheio coleccionístico de exceção” in *Uma família de colecionadores: poder e cultura*. Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação / Casa-Museu Anastácio Gonçalves

SILVA, Raquel Henriques da. 2003. “Colecionismo de arte no Portugal de oitocentos”, in *Henri Burnay. De banqueiro a colecionador: catálogo*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp.11-21

#### 4.2 Estudos de identidade, património e colecionismo nos Açores

ALMEIDA, Manuel Ângelo G. A. Marques de. 2007. *Precedentes Históricos dos Regionalismos dos Açores e da Galiza*. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela. Tese de doutoramento [on line]. Disponível em [dspace.usc.es/bitstream/10347/2399/1/9788471914651\\_content.pdf](dspace.usc.es/bitstream/10347/2399/1/9788471914651_content.pdf) [Acedido em 1 de Setembro de 2012]

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de. 1974. *Etnografia, arte e vida antiga nos Açores, Vol. II*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BETTENCOURT, Jácome B.(17 Jun. 1984) “Pioneiro da Numismática nos Açores: Coronel Francisco Augusto da Costa Martins”. *Diário Insular*. Ano 1984, 17 de Junho, p. 3

\_\_\_\_\_. 2002. “Dois Colecionadores numa Família Faialense, Francisco Augusto da Costa Martins e Francisco Joaquim Martins de Bettencourt” in *Livro de Atas do IIIº Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana*

nos Séculos XV a XX. Horta, Núcleo Cultural da Horta, pp. 539-568

\_\_\_\_\_. 2006. “A Coleção de Esculturas Religiosas de Francisco de Bettencourt” in *Livro de Actas do IVº Colóquio “O Faial e a Periferia Açoriana do século XV ao século XX*. Horta, Núcleo Cultural da Horta, pp.

\_\_\_\_\_. 2010. “Móveis da Coleção Francisco de Bettencourt” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 19 - 2010, pp. 387- 441

CORDEIRO, Carlos. 1995. “Regionalismo e Identidade Açoriana. O debate nos anos 20” in *A Autonomia no Plano Histórico. Actas do Congresso do 1º Centenário da Autonomia dos Açores*. Ponta Delgada, Jornal de Cultura, pp. 277-287

\_\_\_\_\_. 1999. *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a 1ª República*. Lisboa, Edições Salamandra

DANTAS, Júlio. 1984. “Uma brilhante carreira que termina” in *A União*, Ano XCIII, de 18 de Agosto

“Exposição no Museu de Angra e imposição de insígnias de comendador ao Dr. Baptista de Lima” in *A União*, Ano LXXXIX, n.º 25721, de 3 de Dezembro de 1981

LEAL, João. 1997 “Açorianidade: Literatura, política, etnografia (1880-1940)” in *Etnográfica*. Vol.1 (2), pp. 191-211

LEITE, José Guilherme Reis. 1982. “Cartas de Luís Ribeiro a Frederico Lopes (1936-1955)” in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Vol. 40, pp. 261-358

\_\_\_\_\_. 2001. “A historiografia açoriana na 1ª metade do século XX: uma tentativa de compreensão” in *Arquipélago - História*, 2ª série, vol. V, pp.527-542

\_\_\_\_\_. 2007. *Centenário comemorativo do nascimento do Conde da Praia da Vitória*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura

\_\_\_\_\_. 2009. “Uma coleção açoriana de medalhas” in *Atlântida – revista de cultura*, vol. LIV, Angra do Heroísmo

LIMA, Manuel Coelho Baptista de. 1982. “Instituições culturais devidas à acção do Instituto Histórico da Ilha Terceira (Projeção do Pensamento do Dr. Luís da

Silva Ribeiro)” in *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*. Angra do Heroísmo: SREC, pp. 7- 93

\_\_\_\_\_. 1983. “O Museu de Angra do Heroísmo e o terramoto de 1-1-1980” in *Actas da VI Semana de Estudos*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 7-59

MARTINS, Rui de Sousa. 2000. “Artes e ofícios, exposições industriais, projectos museológicos e desenvolvimento no arquipélago dos Açores”, in *1º simpósio Artes e Ofícios dos Açores*. Ponta Delgada, Centro Regional de Apoio ao Artesanato:25-36

\_\_\_\_\_. 2003. “O Museu Terceirense. Benemerência brasileira e cultura insular no século XIX” in *Ernesto do Canto. Retratos do Homem e do Tempo: Actas do Colóquio*. Ponta Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso/ Universidade dos Açores – Câmara Municipal de Ponta Delgada

\_\_\_\_\_. 2007. “Imagens antropológicas de oitocentos: objectivas subjectivas nos Açores” in *Actas do IV colóquio O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX*, pp.655-698

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. 1980. *Subsídios para o inventário artístico dos Açores*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura /Direcção Regional dos Assuntos Culturais

ORMONDE, Maria Helena de Meneses. 2000 “O Museu de Angra do Heroísmo: memórias e identidades de um museu regional” in *Sob o signo da Etnografia. As origens de um museu regional*. Catálogo da exposição. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, pp. 7 - 33

RIBEIRO, Maria Manuel Velásquez. 2012. “Francisco Ernesto de Oliveira Martins: a invenção de uma coleção” in *História da Arte nos Açores*. Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura

\_\_\_\_\_. (04 Set. 2012) “Uma questão de memória” in *Diário Insular* , p.4

\_\_\_\_\_. 2010. *Gerir uma rede insular de museus: o caso açoriano*. Texto da comunicação no seminário “Museus em Debate” Universidade dos Açores / Direcção Regional da Cultura. 11 de Novembro de 2010

SERPA, Élio Catalício. 2000. “Açores em Lisboa – O Livro do Congresso Açoriano de 1938 e a Escrita da História: poder, raça, cultura” in *Arquipélago – História In Memoriam Ernesto do Canto*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2ª série, vol. IV (n.º 2), pp. 481-507

SOUSA, Sílvia Fonseca e. 2010. *Museologia em S. Miguel. 1978-2000*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Dissertação de mestrado [on line] Disponível em [repositorio.uac.pt/...3/.../DissertMestradoSilviaFonsecaSousa2010.pdf](http://repositorio.uac.pt/...3/.../DissertMestradoSilviaFonsecaSousa2010.pdf). [Acedida em 10 de Agosto de 2012]

VIEIRA, João Gomes. 2003. *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos – Açores e Madeira – vidas e obras*. Lisboa, Intermezzo- Audiovisuais, Lda



A presente dissertação foi redigida em caracteres de formato Arial e corpo 12, e em consonância com os critérios metodológicos para os elementos formais dos trabalhos de mestrado constantes da Circular n.º 16, de 5 de Abril de 2012, da coordenação do Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento/ Universidade dos Açores

Aplicou as normas do Acordo Ortográfico aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º 26/91, de 23 de agosto e o disposto no Aviso n.º 255/2010 do *Diário da República*, 1.ª série, n.º 182, de 17 de setembro de 2010

No âmbito da proteção da vida privada foi respeitado o disposto na Lei n.º 67/98, de 26 de Outubro (Lei de Proteção de Dados Pessoais), e na Lei n.º 46/2007, de 24 de Agosto (Lei de acesso aos documentos administrativos e sua utilização).

